

*DEPARTAMENTO DE PASTORAL E CATEQUESE
DA UNIVERSIDADE DE NAVARRA*

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

ELEMENTOS METODOLÓGICOS E DIDACTICOS

VOLUME II

Edições CAS

© Departamento de Pastoral y Catequesis. Universidad de Navarra.
Curso Elemental de Catequesis, Pamplona, 1977.

Traduzido por: Abílio Cardoso

Propriedade de
Editorial Prumo, Limitada
Rua Bernardo Lima, 45-2.º
1100 Lisboa

Com licença eclesiástica



Acabo de folhear o «dossier» de correspondência procedente de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Macau, que se refere ao «Manual de Doutrina Católica», em boa hora editado pelo CAS e que, na sua segunda edição, já atingiu trinta milhares de exemplares.

É impressionante, não só o número de exemplares requisitados por estes jovens e tão queridos Países de expressão portuguesa, mas sobretudo a ânsia de bons livros de formação doutrinal religiosa, detectada ao longo dessas cartas.

Nesse mesmo «dossier» encontram-se pedidos de um «Curso Elementar de Catequese», cuja publicação já havia sido pensada, segundo julgo, mas como hipótese longínqua. Graças a Deus, as Edições CAS, correspondendo a tal necessidade e com o desejo de servirem a Igreja também nessas para mim tão saudosas Terras africanas, decidiram reunir em dois volumes as lições já publicadas na conhecida e prestigiosa Revista «Celebração Litúrgica».

Conforme se diz na apresentação deste Curso, *não se trata de um livro de texto para o ensino de religião nas escolas*, mas tão só de um valioso e seguro subsídio para a formação doutrinal pedagógica dos primeiros educadores da Fé, que são os pais.

É de esperar que este oportuno trabalho possa também servir muitas famílias em Portugal e Brasil.

Faço votos ao Céu por que, nas vésperas do Sínodo dos Bispos sobre a Família, este livro seja um modesto mas válido contributo para esse objectivo e traduza uma clara afirmação de unidade e de sintonização com as necessidades do Povo de Deus, a Santa Igreja.

Braga, 8 de Setembro de 1980

+ Eurico, Arcebispo Primaz

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 31

Tema 31 — Adoramos a Deus na oração.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Falamos com Deus na oração

O homem é um ser privilegiado. Preside à criação visível porque está dotado de inteligência e de vontade, com as quais pode conhecer e amar a Deus, dando-Lhe glória em seu próprio nome e em nome de todas as outras criaturas. Em virtude da sua liberdade, pode orientar a sua vida para Deus ou pode afastar-se d'Ele. Mas não pode esquecer que recebeu tudo do seu Criador, que depende d'Ele, que a sua liberdade está submetida à vontade divina, que «foi criado para conhecer, amar e servir a Deus nesta vida e ser feliz para sempre com Ele no Céu». Porque, além de todos os dons naturais, foi elevado a um fim sobrenatural, participando pela graça da natureza divina, participação que o faz filho de Deus e herdeiro do Céu. A regra da criatura é, pois, a humildade e o agradecimento.

Esta dependência que tem de Deus é contínua, pois que não só nos deu o ser mas no-lo conserva e mantém, de modo que, sem a acção conservadora de Deus, deixaríamos de existir.

Por conseguinte, o homem deve reconhecer o domínio supremo de Deus sobre todas as coisas — e também sobre si mesmo — adorando-O, louvando-O, dando-Lhe graças, pedindo a

Sua assistência e ajuda, como fonte de todo o bem, e implorando o perdão das suas faltas quando se desvia d'Ele. Tudo isto é um dever e uma necessidade, o primeiro dever e a primeira necessidade, de uma criatura que recebeu singulares provas de amor.

Tal é o valor da oração na qual falamos com Deus, convivemos com Ele e queremos exprimir-Lhe os nossos sentimentos, reconhecendo que Ele é para nós e o que somos perante Ele e para Ele.

A oração é um diálogo amoroso e confiado do homem com Deus. É a comunicação da criatura com o seu Criador, do filho com o Pai, abrindo o coração na mais nobre relação que podemos viver e exprimir. Não há manifestação mais íntima e mais elevada da vida humana que a oração.

Sendo isto assim, ao falarmos da oração não podemos entender que reduzamos a nossa relação com Deus a umas quantas práticas de piedade, mas deve, isso sim, abarcar a nossa vida inteira, principalmente o cumprimento da Sua vontade, identificando-nos com ela, visto que Ele é o Senhor. A oração tem uma dimensão vital, plena e, ao menos como atitude, deve encher todo o nosso tempo, todas as nossas ocupações, reconhecendo com palavras e obras, que exprimem esta atitude, que Deus é o Ser Supremo a quem devemos tudo e a quem devemos adorar. Entende-se bem aquilo que diz S. Paulo: *Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus* (1 Cor. 10, 31).

Este é o fundamento e o sentido da oração que deve encher toda a nossa vida. Por isso o Concílio Vaticano II diz dos pastores de almas que cumprem bem a sua missão para com os fiéis, quando «os guiam a exercer durante a vida toda o espírito de oração cada vez mais perfeito»¹. Toda a verdadeira oração é reconhecimento da grandeza e bondade de Deus, e da pequenez de nós mesmos; da gratidão que Lhe devemos por tantos benefícios e da expiação pelas nossas faltas e pelas dos outros; da necessidade que temos de recorrer a Ele solicitando a Sua ajuda, e da confiança que nos inspira a Sua misericórdia. Fica assim estabelecida como uma hierarquia, de mais a menos, dos diferentes tipos de oração: a adoração, acção de graças, expiação e reparação, petição.

Em qualquer das suas formas, a oração deve ser sempre um diálogo confiado e filial com o Senhor, vivido na Sua presença e para Lhe agradar, não para que sejamos vistos pelos homens: *Tu, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a*

¹ VATICANO II, *Presbiterorum Ordinis*, n. 5.

porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, recompensar-te-á (Mt. 6, 6). Este «entra no teu quarto» não exclui de modo algum a oração pública de toda a Igreja unida com Jesus Cristo no Seu Sacrifício, adorando a Deus, louvando-O, dando-Lhe graças, pedindo perdão pelos pecados dos homens e pedindo pelas suas necessidades. E também é oração pública a que os sacerdotes fazem em nome de toda a Igreja, quando recitam diariamente a Liturgia das Horas.

2. O Pai Nosso, modelo de oração

Jesus é não só modelo de oração, mas Mestre que ensina a orar, deixando à Sua Igreja a oração mais própria e genuína, porque é a oração do Senhor. Os discípulos tinham observado como Jesus fazia oração e um deles pede-Lhe em nome de todos: *Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou aos seus discípulos* (Lc. 11, 1). E o Senhor ensinou-lhes o Pai Nosso. *Quando orardes, dizei: Pai Nosso, que estais no Céu...* (Mt. 6, 9-13).

O Pai Nosso dirige-se a Deus, nosso Pai, ligando-se assim com a filiação divina. Somos filhos que falam com o seu pai Deus. Consta de sete petições, nas três primeiras das quais pedimos a glória da Deus, e nas restantes pelas nossas necessidades espirituais e materiais.

Ao pedirmos *faça-se a Vossa Vontade, assim na terra como no Céu* (Mt. 6, 10) estamos a querer identificar-nos com o querer divino, conforme o comentário de Clemente de Alexandria «Torna-se Deus aquele homem que quer o mesmo que Deus quer»²; estamos abandonados plenamente nas mãos de Deus. Esta petição encontra eco especial na oração feita por Jesus Cristo no Horto de Getsémani, na véspera da Sua paixão: *Meu pai, se é possível passa de Mim este cálice; todavia, não seja como Eu quero, mas como Tu queres* (Mt. 26, 39). Antes de mais temos de procurar na oração identificar-nos com o querer divino. Isto, que é já pressuposto da oração, deve ser também seu fruto.

3. A oração busca a glória de Deus

Se na oração buscamos o querer divino, é porque, em última instância, o que importa é glorificar a Deus, que seja «santificado o Vosso nome».

A vontade de Deus Pai, a Sua glória, é o móbil que guiou os passos do Senhor na terra e esse caminho é o que nós devemos percorrer. Queixou-se quando, tendo curado dez leprosos,

² CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Paedagogus*, 3,1,1,5 PG. 8,556.

só um regressou a dar glória a Deus (cfr. Lc. 17, 18). Contra os judeus, que Lhe chamavam endemoninhado, afirmou: *Eu não estou possesso do demónio; honro o Meu pai, ao passo que vós me afrontais. Eu não procuro a Minha glória* (Jo. 8, 48-50), e na última semana em que ia morrer, quando chegou «a Sua hora», exclamou em oração: *Pai, glorifica o Teu nome* (Jo. 12, 28).

Ensinou-nos deste modo que temos de procurar, acima de tudo, a glória de Deus, fazendo com que a oração presida à nossa vida e que a nossa vida seja embebida de oração. Isto consegue-se se nos esquecermos de nós mesmos e procurarmos a Deus em tudo e sempre; se pedirmos com humildade, como o publicano (cfr. Lc. 11, 1-13); se recorrermos a Ele com confiança: *Tudo o que pedirdes na oração, crede que o recebereis e assim se fará* (Mt. 11, 24).

Convivemos, pois, com o Senhor na oração com a confiada segurança dos filhos, que reconhecem, por um lado, a Sua grandeza, o Seu poder, a Sua soberania sobre todos os seres criados, e também o Seu amor especial para connosco. Então a oração torna-se tão simples como a nossa própria vida. Porque a oração é falar com Deus. Mas, «falar, de quê? Do que há-de ser, senão de coisas de Deus e das que enchem o nosso dia? Do nascimento de Jesus, do Seu caminhar por este mundo, da Sua vida oculta e da Sua pregação, dos Seus milagres, da Sua Paixão Redentora, da Sua Cruz e da Sua Rerrurreição... E falaremos também, do nosso trabalho de todos os dias, da família, das relações de amizade, dos grandes projectos e das pequenas coisas sem importância»³.

Esta é a grandeza do homem, que pode falar com Deus a todas as horas e de qualquer coisa, e a misericórdia imensa de Deus que Se aproxima de nós, que nos escuta e nos associa à Sua inalienável glória esperando o nosso amor e o nosso louvor.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Descobrir o sentido de adoração, acção de graças, expiação e petição que a oração exprime.
- Compreender a necessidade e a importância da oração tanto vocal como mental.

³ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 174.

- Habitua-los a recorrer a Deus a todo o momento: nas alegrias e tristezas, nas necessidades e abundâncias, etc.

De Liturgia e vida cristã

- Ensinar-lhes a fazer oração, tanto vocal, como oração mental.
- Aproveitar este tema para ver que orações vocais sabem; em concreto: Pai Nosso, Ave Maria, Glória ao Pai, Acto de Contrição. Podem usar-se também outras orações que estão no final do Catecismo.
- Conseguir que dediquem todos os dias uns momentos para falar com Deus: oferecimento das obras do dia ao levantar, visita ao Santíssimo, oferecimento do trabalho, orações da noite, ao começar e acabar de comer, etc.
- Habitua-los a recorrer a Deus para O louvar, dar-Lhe graças, pedir-Lhe perdão, e solicitar-Lhe bens naturais e sobrenaturais. Que recorram com confiança para Lhe contar as coisas que lhes acontecem: alegrias, preocupações etc., pedindo pelas necessidades próprias e pelas dos outros.
- Que vejam o sentido da oração que se reza ao começar e terminar a catequese. Examinar como se vive este ponto: ordem, recolhimento, etc.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

- a) Pode-se começar a sessão centrando-se na oração de Jesus no Jardim das Oliveiras (Lc. 22, 41-44).

Depois da Última Ceia, em que instituiu a Eucaristia, Jesus saiu, como de costume, para o Jardim das Oliveiras com os discípulos. Ali esteve em intensa e prolongada oração, manifestando tal desejo de cumprir a vontade de Seu Pai, que Lhe fez suar *grossas gotas de sangue que escorriam para a terra*. Jesus dizia ao Pai: *que não se faça a Minha vontade mas a Tua*. Procurava, acima de tudo a glória do Pai, que se cumprisse a Sua amabilíssima vontade. Os Apóstolos estavam a dormir.

Iniciar o diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Para onde foi Jesus com os discípulos depois da Última Ceia?: Para o Jardim das Oliveiras.
- Para que foi lá Jesus?: Para falar com Seu Pai.
- Que Lhe pedia?: Que fizesse a Sua vontade.
- Qual foi a atitude dos Apóstolos?: Ficaram a dormir.

b) Embora o Pai-Nosso seja tratado directamente na próxima sessão, pode-se começar também este tema com um breve comentário à primeira parte, por estas ou outras semelhantes palavras:

Sabemos que a oração mais bem feita de quantas temos aprendido é o Pai Nosso, porque é uma oração feita e ensinada pelo próprio Jesus Cristo. E, que dizemos na primeira parte — a mais importante — dessa oração?

— Adoramos o nome de Deus, adoramos a Deus.

— Pedimos que o Seu Reino, a Sua graça, penetre na nossa alma.

— Desejamos cumprir a Sua vontade.

Na segunda parte pedimos pelas nossas necessidades espirituais e materiais.

Fixando-nos no Pai-Nosso, damos-nos conta de que a oração não é principalmente pedir coisas a Deus. A oração é para adorar, dar graças, e também para pedir.

Como é a nossa oração? Que coisas costumamos pedir? (estabelecer um diálogo com os alunos fazendo-lhes ver como a nossa oração é muitas vezes egoísta, esquecendo-nos de louvar e dar graças a Deus).

Ao terminar, e como ponte para o desenvolvimento do tema, dizer-lhes: nesta sessão vamos aprender como tem de ser a oração.

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Que é a oração e as suas formas* [usar algum exemplo indicado na introdução].

Orar é elevar o pensamento e o coração para Deus para O adorar, dar-Lhe graças, implorar perdão e pedir o que necessitamos. Do mesmo modo que falamos com os nossos pais, amigos, etc., devemos nós, cristãos, pensar e falar com Deus que é o nosso Criador, Senhor e Pai.

Esta conversa com Deus pode ser *mental*, quando nos dirigimos a Ele unicamente com a mente, e *vocal*, quando exprimimos os nossos sentimentos interiores com palavras.

b) *Jesus ensina-nos, com o Seu exemplo, a fazer oração* [explicar, em pormenor, esta ideia].

A oração de Jesus ao Pai do Céu é sempre o exemplo da nossa oração:

Jesus louva o Pai: *Eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da terra porque ocultaste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos humildes* (Mt. 11, 25).

Eu sei que sempre Me escutas, mas disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que Tu Me enviaste (Jo. 11, 41-42).

Jesus agradece ao Pai Celeste: *Pai dou-Te graças porque Me escutaste.*

Jesus identifica a Sua vontade com a do Seu Pai: *Meu Pai, se é possível, passa de Mim este cálice; todavia não seja como Eu quero, mas como Tu queres (Mt. 26, 39).*

Jesus pede ao Pai, ensinando-nos também a pedir: *Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno (...) santifica-os na verdade (Jo. 17, 15-17).*

c) *Jesus convida-nos a orar continuamente [animá-los a fazer propósitos concretos].*

Jesus vai sempre adiante; primeiro faz e depois convida a fazer. Os Apóstolos viam-n'Os com frequência fazer oração (cfr. Lc. 5, 15; Mt. 14, 23); mas, além disso, ensina a orar, e convida os homens a ser almas de oração contínua. *Disse-lhes uma parábola, conta S. Lucas, sobre a obrigação de orar sempre sem desfalecer (Lc. 18, 1).*

Com exemplos e palavras quer-nos fazer ver a necessidade da oração (cfr. Lc. 9, 11; 11, 5-10).

d) *Deus escuta a nossa oração; temos de recorrer a Ele com frequência por meio da oração [fazer ver como com Deus não há «sala de espera»; concretizar bem quando podemos falar com Ele].*

Na terra, quando se vai ver uma pessoa importante ou que está ocupada, temos de aguardar na sala de espera. Ao contrário, quando nos pomos a rezar, Deus, que é o Criador e Senhor de todas as coisas, escuta-nos imediatamente, não nos faz esperar. É uma grande honra que possamos dirigir-nos a Deus por meio da oração. Por isso, temos de rezar com frequência.

Talvez nos perguntemos: quando podemos falar com Deus? Sempre, como dissemos, mas é bom que tenhamos alguns momentos determinados ao longo do dia para fazê-lo. Assim, ao levantar (oferecimento das obras do dia) e ao deitar (pedir perdão); ao fazer uma visita ao Santíssimo; depois de comungar; ao começar um trabalho (...). Do mesmo modo, nos momentos de alegria ou quando estamos preocupados ou em perigo, etc., devemos recorrer a Deus nosso Pai, para Lhe dar graças e pedir ajuda. É bom concretizar alguns momentos diários para falar com Deus de

todas estas coisas. Não podemos esquecer que a Santa Missa é a oração fundamental: nela louvamos, damos graças, pedimos perdão pelos nossos pecados e pomos nas mãos de Deus as nossas necessidades.

e) *Como deve ser a nossa oração* [conseguir que se examinem da maneira como rezam].

Quando falamos com alguém importante procuramos que nos entenda e até preparamos antes o que lhe vamos dizer, e estamos diante dele com uma compostura digna. Com muita mais razão, quando falamos com Deus devemos cuidar do modo como o fazemos. A nossa oração deve ter estas *condições*:

- *Piedade*: temos de nos sentir filhos de Deus e falar com Ele filialmente, procurando evitar as distrações.
- *Humildade*: sentirmo-nos necessitados de Deus, e pecadores.
- *Confiança*: confiança em que Deus nos concederá o que pedimos.
- *Perseverança*: pedir uma e outra vez, sem nos cansarmos.

As vezes podemos pensar que Deus não nos concede o que pedimos. Isto deve-se a que Lhe pedimos coisas que não nos convém para a nossa salvação, ou porque falta alguma das condições expostas.

f) *A oração deve ser uma necessidade para o cristão* [usar a seguinte comparação].

Todos gostamos de falar e de estar com uma pessoa que fez grandes coisas por nós e que é poderosa, e assim conhecê-la mais, agradecer-lhe os favores, pedir-lhe mais coisas. Da mesma maneira, nós, os cristãos devemos dar-nos conta da necessidade da oração para contactar e conhecer mais a Deus. Deste modo expressamos a nossa adoração e a nossa gratidão a Deus, pedimos-Lhe perdão quando O ofendemos, e pedimos os bens naturais e sobrenaturais de que precisamos para alcançar a salvação.

g) *Se rezarmos, ajudaremos Cristo a salvar o mundo* [reafirmar os propósitos de nunca deixar a oração].

Se orarmos bem, estamos mais intimamente unidos a Deus e aprendemos a amá-l'O. Compreendemos melhor os Seus planos e aprendemos a dar o devido valor às coisas terrenas. Seremos fortalecidos contra o mal e tomaremos gosto por fazer o bem. Seremos consolados na tribulação e socorridos na necessidade. Mas, sobretudo, a oração alcança-nos a graça de permanecer, até

ao fim, fiéis a Cristo cooperando com Ele na redenção do mundo e na salvação dos homens.

3. Perguntas-resumo

Que é orar? Quantas espécies de oração há? Temos obrigação de orar? Como devemos orar? Deus ouve sempre as nossas orações? Para que serve a oração?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

Na Santa Missa encontramos a melhor oportunidade de falar com o nosso Pai Deus, porque mediante o Sacrifício da Santa Missa podemos:

- Adorar a Deus. Por exemplo, ao rezar ou cantar o «Glória...», «Santo, Santo, Santo...».
- Pedir perdão a Deus pelos nossos pecados e pelos pecados dos outros. Por exemplo, ao rezar o «Confesso a Deus todo poderoso...».
- Pedir-Lhe coisas. Assim, «Pedimo-Vos...».
- Dar-Lhe graças por todos os benefícios, quando o sacerdote diz: «Damo-Vos graças...».

Convém fazer-lhes ver todos estes pontos, para que participem na Santa Missa de uma maneira mais consciente.

2. A visita a Jesus no Sacrário é outro momento em que podemos adorar, falar e contar as nossas coisas a Deus, realmente presente no Sacrário sob as espécies de pão. Pode-se ensiná-los a fazer a Visita. Por exemplo, rezando as seguintes orações: «Graças e louvores se dêem a todo o momento. Ao Santíssimo e Diviníssimo Sacramento», rezando a seguir o Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai... (três vezes). Ao terminar, pode-se dizer esta oração:

«Eu quisera, Senhor, receber-Vos com aquela pureza, humildade e devoção com que Vos recebeu Vossa Santíssima Mãe, com o espírito e o fervor dos Santos.»

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer no caderno um breve resumo das idéias mais importantes da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias ou desenhos.
- Mencionar aquelas orações mais correntes, nas quais pedimos perdão a Deus pelos nossos pecados.

- Deixar que os alunos exponham em que lugares ou ocasiões dentro da Santa Missa pedimos perdão, adoramos, expiamos os nossos pecados, ou solicitamos de Deus alguma ajuda.
- Fazer um pequeno comentário da seguinte frase do Evangelho:
É preciso orar em todo o tempo sem desfalecer.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 276-283.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 32

*Tema 32 — Deus ensina-nos a rezar,
com o Pai-Nosso e a Ave-Maria.*

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. O Senhor ensina-nos a orar

«A filiação divina é uma feliz verdade, um mistério consolador. A filiação divina enche a nossa vida espiritual, porque nos ensina a conviver intimamente com o nosso Pai do Céu, a conhecê-l'O, a amá-l'O, e assim enche de esperança a nossa luta interior e dá-nos a simplicidade confiante de filhos pequenos»¹. Neste contexto de confiança e simplicidade, se entende a naturalidade das relações dos homens com o seu Pai Deus. E o modelo destas relações temo-la no Pai-Nosso e na Ave-Maria.

Se algum homem tivesse recebido o glorioso encargo de elaborar uma oração digna de Deus, dedicaria possivelmente, muito tempo a pensá-la, teria valorizado a grandeza da dignidade divina e o peso esmagador das necessidades humanas e, finalmente teria apresentado uma fórmula muito respeitosa e bastante extensa. No entanto, os Apóstolos foram mais audazes e simples. Conheciam bem a história da misericórdia de Deus com o Povo eleito e tratavam Jesus com fé e amor. Por isso, nada mais natural que, encontrando-Se Ele a rezar em determinado lugar, logo que acabou

¹ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 65.

disse-Lhe um dos discípulos: *Senhor ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos. Disse-lhes Ele: Quando orardes dizei: Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal* (cfr. Mt. 6, 9-13; Lc. 11, 1-4).

Os Santos muito viveram e meditaram o Pai-Nosso e concluíram, sempre o mesmo: «Examinai as orações mais formosas; não encontrareis uma que não esteja contida no Pai Nosso»². Porque nela se contém verdadeiramente o fundamental do nosso conhecimento e relação com Deus que é a filiação divina, e tudo o que temos de pedir.

2. As sete petições do Pai Nosso

Podemos considerar o Pai Nosso dividido em duas partes: a primeira é um reconhecimento de Deus e da glória que Lhe é devida; a segunda é uma exposição das principais necessidades que pomos nas Suas mãos. Tradicionalmente também se dividiu o Pai-Nosso em sete petições.

As sete petições que o Pai-Nosso compreende concentram-se, pois, na filiação divina e no desejo de fazer a vontade de Deus. Na *primeira parte*, a confiança abre passo, chamando ao nosso Criador e Senhor com o título familiar de «Pai», sabendo que Ele tudo pode e quer a felicidade dos Seus filhos.

Jesus Cristo quer que se cumpra, antes de tudo, a Vontade do Pai, porque essa é a Sua Glória e a felicidade dos homens. E que, ainda que nos custe, sigamos aquela Sua exortação: *Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais ser-vos-á dado por acréscimo* (Mt. 6, 33). Deste modo, o nosso coração, as nossas aspirações, os nossos desejos e pensamentos estarão nas coisas do nosso Pai, e seremos felizes, pois junto d'Ele estão as verdadeiras alegrias. Compreendemos que estas palavras são difíceis de cumprir, mas são-no porque a nossa natureza está ferida pelo pecado original e não por falta do auxílio da graça divina. Repetimo-la uma e outra vez — talvez distraídos — mas com o desejo sincero de as fazer vida nossa. Todos esses sentimentos são os que estão nas três primeiras petições: 1.º — Santificado seja o Vosso nome; 2.º — Venha a nós o Vosso reino; 3.º — Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu.

² SANTO AGOSTINHO, *Epístola*, 121, C. 12.

A *segunda parte* do Pai Nosso manifesta a atitude que corresponde ao homem: a de esperar tudo da Providência divina que, no entanto, conta com a nossa colaboração. Porque essas petições que fazemos sintonizam plenamente com o abandono que nos pedia Jesus no Sermão da Montanha: *Não vos inquieteis, quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou de beber, nem, quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir ...* (Mt. 6, 25). Há necessidades materiais entre os homens, tais como o alimento, vestido, lar, etc., que o cristão procura remediar com a confiança posta em Deus e com o trabalho das suas mãos. Está consciente, além disso, das mais profundas exigências sociais da fé. Com efeito, sabe que as mais profundas necessidades do homem se referem ao sentido da sua vida, à sua felicidade pessoal como filho de Deus; são as que surgem da inteligência e do coração; os anseios de perfeição, de se sentir amado, de dar fruto ³.

E como o pecado é ofensa pessoal a Deus e o pior dos males, as quatro petições finais do Pai-Nosso recolhem a súplica para que nos conceda os bens do corpo, na medida em que for conveniente, e os da alma com a graça de não O ofender. Assim concluiu a segunda parte: 1.º — O pão nosso de cada dia nos dai hoje; 2.º — Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; 3.º — E não nos deixeis cair em tentação; 4.º — Mas livrai-nos do mal. Amen.

3. A Ave-Maria

Nada passou despercebido ao nosso amantíssimo Pai do Céu que até nos deu uma Mãe a quem amar intimamente: «O Pai das misericórdias quis que a aceitação por parte da que Ele predeterminara para mãe, precedesse a encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida. É o que se verifica de modo sublime na Mãe de Jesus, dando ao mundo a própria Vida» ⁴.

A Ave-Maria recolhe palavras divinas para louvar Santa Maria, e repetimo-las sabendo que não nos é possível encontrar outras

³ «A Igreja sabe perfeitamente que, ao defender a dignidade da vocação do homem, restituindo a esperança àqueles que já desesperam do seu destino sublime, a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano. Longe de diminuir o homem, a sua mensagem contribui para o seu bem, difundindo luz, vida e liberdade; e, fora dela, nada pode satisfazer o coração humano: 'Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti' (S. Agostinho, *Confissões*, I, 1)». VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 21.

⁴ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 56. Dedicou o capítulo 8.º à Santíssima Virgem Maria no mistério de Cristo e da Igreja.

melhores. Nessa oração recordamos que Santa Maria, é a Filha predilecta do Pai, pela Sua correspondência fiel à exclusiva vocação de ser Mãe de Deus e nossa Mãe; Mãe de Deus Filho, que recebe d'Ela a vida e o amor de uma verdadeira mãe; a Esposa de Deus Espírito Santo, que sendo a própria santidade escolhe uma morada digna do Deus três vezes Santo.

A esses louvores, que exprimem a admiração angélica pela Mãe de Deus acrescentam-se as palavras que Santa Isabel pronunciou inspirada também pelo Espírito Santo (Lc. 1, 42), e finalmente a petição da Igreja. Na verdade, é muito breve a única petição que fazemos na Ave-Maria, mas, não será o melhor sinal de que confiamos em que Ela sabe o que mais convém aos Seus filhos? Ela é a «Omnipotência Suplicante» pois que a Sua intercessão junto do Seu Divino Filho obtém os mesmos resultados que em Caná. Verdadeiros milagres em favor dos Seus filhos pecadores para que façam o que Ele lhes diz (cfr. Jo. 2, 5). Daí que, com palavras de Paulo VI, Maria é considerada como o «espelho das esperanças dos homens do nosso tempo»⁵.

Essas invocações à Santíssima Virgem, que redundam em glória a Deus são as que a Ave-Maria recolhe: 1.^a — Ave Maria cheia de graça; 2.^a — O Senhor é convosco; 3.^a — Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do Vosso Ventre, Jesus; 4.^a — Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amen⁶.

4. Temos de pedir com fé e humildade

Os homens não se podem queixar da distância de Deus, porque não é verdade. Talvez que alguns se possam sentir sós por se terem distanciado de Deus pela indiferença e pelo pecado, e não quererem rectificar a sua conduta.

Jesus Cristo ensinou como nos devemos dirigir ao Pai com simplicidade para expor os nossos desejos de cumprir a Sua vontade e as nossas necessidades. Além disso, e remediando a dureza

⁵ PAULO VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (sobre o culto à Virgem Maria), 1974.

⁶ Esses mesmos pensamentos exprimem-se em tantas devoções marianas, entre as quais o Magistério recomendou especialmente a reza do *Angelus* e do Terço do Rosário. «A nossa palavra sobre o *Angelus* quer ser somente uma simples e viva exortação a que se mantenha a sua reza tradicional, onde e quando for possível (...). Ao Terço dedicaram os nossos predecessores vigilante atenção e primorosa solícitude (...). Também nós, desde a primeira Audiência geral do nosso pontificado, no dia 19 de Julho de 1963, temos manifestado o nosso interesse pela piedosa prática do Terço». PAULO VI, *ibidem*.

do nosso coração, pôs à nossa consideração o brilho das virtudes de Santa Maria, *Stella matutina*, para que recorressemos a Ela quando não soubessemos fazer outra coisa, para nos comportarmos como filhos de Deus: «Tornar-nos meninos... Renunciar à soberba, à autosuficiência; reconhecer que, sozinhos, nada podemos, porque necessitamos da graça, do poder do nosso Pai, Deus, para aprender a caminhar e para perseverar no caminho. Ser pequeno exige abandonar-se como se abandonam as crianças, crer como crêem as crianças, pedir como pedem as crianças.

«Tudo isto, aprendemos na intimidade com Maria»⁷.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que saibam e entendam o conteúdo do Pai-Nosso e da Ave-Maria.
- Que advirtam que, ao rezarmos o Pai-Nosso, estamos a repetir a oração que o próprio Cristo nos ensinou.
- Alcançar que não se rezem maquinalmente as orações vocais mas com atenção e devoção, especialmente no Pai-Nosso e na Ave-Maria.
- Saber que a oração vocal tem sempre valor ainda que, involuntariamente, tenhamos alguma distração, como aquele que canta uma canção com amor, embora se distraia.

De Liturgia e vida cristã

- Aprender ou rever o Pai-Nosso e Ave-Maria.
- Insistir nas orações da manhã ao levantar, e da noite ao deitar.
- Fazer ver as ocasiões em que rezamos o Pai-Nosso e a Ave-Maria: Santa Missa, três Ave-Marias antes de deitar e ao levantar, Terço, Angelus, etc.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se narrar o seguinte texto:

Um dia Jesus orou ao Pai celestial. Então um dos Seus discípulos aproximou-se e disse-Lhe: *Senhor ensina-nos a orar tal como João ensinou os seus discípulos. Jesus disse-lhe: Rezai assim: Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome,*

⁷ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 143.

venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa Vontade, assim na terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amen (cfr. Lc. 11, 1-4; Mt. 6, 9-13).

Abrir um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Quem nos ensinou o Pai-Nosso?: O próprio Jesus Cristo.
- Porque no-lo ensinou?: Porque um dos discípulos Lho pediu.
- Qual a outra oração de que Deus e a Virgem Maria gostam muito?: A Ave-Maria.
- Sabeis o Pai-Nosso? Em que ocasiões rezamos o Pai-Nosso e a Ave-Maria?: Deixar que respondam.
- Como rezamos o Pai-Nosso e a Ave-Maria?
- Como devemos rezar todas as orações vocais e especialmente o Pai-Nosso e a Ave-Maria?: Deixar que em silêncio examinem estes pontos.

b) Também se podia começar com uma recitação pausada do Pai-Nosso e da Ave-Maria, e, em seguida, fazer-lhes as perguntas do ponto anterior.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *O próprio Jesus Cristo foi quem nos ensinou o Pai-Nosso [usar o texto da introdução].*

Como vimos, foi o próprio Jesus Cristo quem nos ensinou as palavras com que nos podemos dirigir ao nosso Pai, Deus. Somos, pela graça, filhos desse Pai e sabemos que nos ama e nos dará tudo o que pedimos em nome do Seu Filho Jesus Cristo.

O Pai Nosso é, sem dúvida, a oração que mais agrada a Deus. Devemos rezá-lo com muita atenção — dando-nos conta do que dizemos — e com devoção, conseguindo que o nosso coração se identifique com esses pedidos que fazemos oralmente. Por isso, é importante que conheçamos muito bem o que dizemos no Pai-Nosso.

- b) *Conteúdo do Pai-Nosso [explicar pormenorizadamente cada uma das petições contidas no Pai-Nosso].*

O Pai-Nosso consta de uma invocação inicial e de sete petições. As três primeiras referem-se à glória de Deus, e nas quatro seguintes pedimos o remédio para as nossas necessidades.

Invocação inicial. Pai Nosso que estais no Céu. Dirigimo-nos a Deus Nosso Senhor e Nosso Pai, reconhecendo-nos criaturas e filhos Seus.

1.ª petição: Santificado seja o Vosso nome. Pedimos que o Santo nome de Deus seja reconhecido e honrado por todo o mundo, porque só Ele é infinitamente Santo.

2.ª petição: Venha a nós o Vosso reino. Pedimos a Deus que reine nas almas pela graça, que o Seu reino se estenda por toda a terra, e que, depois, nos dê o reino da glória.

3.ª petição: Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu. Pedimos que quantos vivem neste mundo cumpram sempre a vontade de Deus, como a cumprem os bem-aventurados no céu.

4.ª petição: O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Pedimos a Deus tudo o que precisamos para o sustento e conservação da nossa vida corporal e espiritual.

5.ª petição: Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Pedimos a Deus que perdoe os nossos pecados, enquanto nós prometemos perdoar também aos que nos ofenderam ou fizeram algum mal.

6.ª petição: E não nos deixeis cair em tentação. Pedimos-Lhe auxílio para vencer as tentações e nos conservarmos na Sua graça.

7.ª petição: Mas livrai-nos do mal. Pedimos a Deus que nos livre de todos os males, principalmente do pecado e da morte eterna.

No fim, dizemos: Amen, para confirmar estas petições; como dizendo: Assim o peço ao Senhor e assim o espero da Sua divina misericórdia.

- c) *A Ave Maria é a oração mais bela que podemos dirigir à Virgem Maria* [fazer ver como a gente gosta que lhe recordem as coisas agradáveis da sua vida: explicar bem as diversas partes da Ave-Maria].

O amor à Santíssima Virgem tem que estar muito arreigado na nossa vida. Ela, por ser Mãe de Deus e nossa Mãe, intercede continuamente junto do Seu Filho Jesus Cristo por cada um de nós. Podemos recorrer a Ela de muitas maneiras, mas a oração mais excelente é, sem dúvida, a Ave-Maria.

Com a Ave Maria recordamos a Nossa Senhora aquelas palavras com que o Arcanjo S. Gabriel A saudou, quando Lhe anunciou o grande mistério da Encarnação: *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo*. Santa Isabel, sua prima, acrescentou este outro louvor: *Bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do Vosso ventre*. A Igreja acrescentou, depois, uma prece, pedindo a Maria; *rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte*.

- d) *Temos de rezar com muita devoção o Pai-Nosso e a Ave-Maria* [perguntar em que momentos rezamos estas orações].

Sendo o Pai-Nosso e a Ave-Maria umas orações tão belas e que tanto agradam a Deus, é lógico que, ao rezá-las, procuremos pôr nelas uma atenção especial. Não podemos fazê-lo maquinalmente, repetindo apenas palavras com a boca, mas temos de rezá-las pondo a inteligência e o coração, isto é, com atenção e devoção.

Na Santa Missa rezamos todos juntos o Pai-Nosso. Ao rezar o Terço vamos repetindo Pai-Nossos e Ave-Marias. Também ao rezar o Angelus dizemos Ave-Marias. Além destes momentos, podemos dirigir-nos a Deus e a Nossa Senhora rezando ou meditando o Pai-Nosso e a Ave-Maria, que tanta glória dão a Deus e tantos benefícios nos atraem.

3. Perguntas-resumo

Sabeis recitar o Pai-Nosso e a Ave-Maria? Qual é a melhor de todas as orações? Quais são as principais orações dirigidas à Santíssima Virgem? É conveniente dirigir orações aos Anjos e Santos? Que pedimos nas primeiras três petições do Pai-Nosso? E nas quatro últimas?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. As três coisas mais importantes que pedimos no Pai-Nosso são: a glória de Deus, a nossa própria salvação e a salvação de todos os homens. Poder-se-ia concretizar com os alunos por quem vão eles pedir, de modo especial, quando rezarem com devoção o Pai-Nosso da Missa do próximo Domingo.

2. Tradicionalmente a Igreja dedicou o Sábado a Nossa Senhora para A honrar e fomentar a Sua devoção. Nesse dia devemos lembrar-nos d'Ela, dum modo especial, rezando a Ave-Maria, rezando ou cantando a Salve-Rainha e rezando o Terço, para manifestar o nosso carinho à Mãe de Deus.

3. Também nos podemos dirigir a Deus, à Santíssima Virgem, aos Anjos e aos Santos, por meio de breves frases chamadas *jaculatórias*, que são como uma «seta», como um «galanteio» impregnado de amor. Ou, simplesmente, com um olhar ao ver um quadro ou imagem Sua.

4. Seria muito bom aproveitar esta sessão para os alunos captarem a importância da oração em comum na sua casa antes e depois de comer, a reza do Terço, etc., e também na Igreja (Santa Missa, etc.).

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias expostas na sessão.
- Escrever uma oração pessoal para rezar pela manhã e outra para rezar ao deitar.
- Aprender a cantar o Pai-Nosso e a Ave-Maria.
- Estabelecer um diálogo com os alunos para que indiquem que jaculatórias se podem dizer quando se começa uma coisa, quando o Sacerdote eleva o Corpo e o Sangue de Cristo depois da Consagração, se se ouve alguma blasfêmia, etc.
- Inventar uma oração dirigida à Virgem Maria.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 276-283.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 33

Tema 33 — Deus concede-nos a graça.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. A renovação interior

A Sagrada Escritura narra-nos a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos (Act. 2, 1 ss). Receberam, nessa altura, dons singulares que se fazem sentir em maravilhosos efeitos exteriores; no entanto, a verdadeira transformação opera-se na alma, porque, com a graça, o homem inicia uma forma de vida completamente nova e gratuita, que o torna participante da natureza divina e o une intimamente a Deus.

Esse novo tipo de vida pela qual o homem é renovado interiormente deve-se à acção santificadora do Espírito Santo e compreende: 1.º — Morrer para o pecado; 2.º — Participar na vida sobrenatural, que é união de vida com a Santíssima Trindade; 3.º — Adquirir a condição de filhos adoptivos de Deus¹. É uma acção que santifica verdadeiramente o homem e que o Espírito Santo realiza por meio da graça, das virtudes e dons. Vejamos, em primeiro lugar, o que se refere à graça.

¹ «O homem da história da salvação é o homem ordenado para a graça da adopção filial e para a vida eterna. A antropologia cristã encontra o seu carácter próprio na graça de Cristo Salvador». SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório Catequístico Geral*, Roma, 11-IV-1971, n. 60.

2. A graça é um dom interno e sobrenatural

A graça é um dom sobrenatural infundido por Deus directamente na alma. É um *dom interno e sobrenatural, que Deus nos dá gratuitamente pelos méritos de Jesus Cristo, em ordem à vida eterna.*

Ao dizer que é um dom queremos significar que a graça é algo real produzido em nós por um Deus que nos ama com um amor especial². Em virtude da graça renovamo-nos interiormente, participando da natureza divina, e graça e pecado são incompatíveis como duas realidades opostas.

Contrária é a doutrina protestante que diz que a graça não afecta intrinsecamente a alma, mas que é, antes, uma denominação extrínseca, já que Deus não apaga o pecado mas o dissimula, ao imputar-nos externamente a justiça de Cristo.

A graça eleva a nossa natureza a uma dignidade superior, a uma ordem mais alta. Pela graça participamos da natureza divina e somos filhos de Deus.

É verdade que o âmbito das realidades sobrenaturais só pode ser captado pela fé; mas quando, com a ajuda da fé, paramos a reflectir nas maravilhas que Deus realiza em nós pela graça, acontece-nos o mesmo que ao negociante da parábola que Cristo contou: descobriu uma pérola de grande preço e foi vender tudo quanto possuía para a adquirir (cfr. Mt. 13, 45-46). Vender tudo quanto se possui significa ter a sabedoria de preterir tudo para conseguir a graça, de estar disposto a arriscar tudo antes de se pôr em perigo de perder a graça, de fazer todo o esforço que for necessário para aumentar este tesouro divino. E significa, além

² «A graça é a justificação do pecado e a inabitação de Deus na alma. Quando dizemos que o homem pecador é justificado por Deus, vivificado pelo Espírito de Deus, que possui em si a vida de Cristo, ou que tem a graça, servimo-nos de expressões que, com diferentes palavras, significam uma única e mesma realidade, isto é: morrer para o pecado, tornar-se participante da divindade do Filho pelo Espírito de adopção, entrar em íntima comunhão de vida com a Santíssima Trindade». (*Ibidem*). Como o amor de Deus coloca o bem nas criaturas e não o pressupõe como acontece com o nosso amor, a diferença de bens criados corresponde ao diferente amor divino. O amor comum outorga às coisas criadas o ser natural; o amor especial eleva a criatura racional acima da sua condição natural até à participação do bem divino. Este é o raciocínio de S. Tomás para demonstrar que a graça é algo real na alma, efeito de um amor especial de Deus. Deus, quando ama a criatura, dá-lhe sempre algo: ou um dom natural, se se trata do amor comum ou um dom sobrenatural, se se trata de um amor especial. O amor de Deus é criador (cfr. *Suma Teológica*, I-II, q. 110, a. 1).

disso, possuir a audácia de nos aproximarmos dos outros com amor e compreensão para lhes comunicar o fogo que Cristo veio trazer à terra (Lc. 12, 49).

É um dom *interno* porque Deus o infunde directa e imediatamente na alma. Aos diversos influxos externos que nos afectam, por exemplo, uma pregação, a reflexão de um educador, do pai ou da mãe, ou a morte repentina de um amigo ... chamamos-lhes graças «externas» para as distinguir nitidamente da *graça*. Graça, nestes casos, é algo externo ao homem de que Deus Se serve para atraí-lo à fé ou à conversão.

Diz-se finalmente, *em ordem à vida eterna* porque Deus a concede para a salvação e consecução do céu. Por isso se distingue a graça de outros dons que Deus pode conceder a alguns — a quem quer — para bem dos outros. Estes dons chamam-se, tecnicamente, graças *gratis datae* ou carismas, e são o dom das línguas, de fazer milagres, de profetizar, etc. (cfr. 1 Cor. 12, 4-11).

3. Graça actual e graça habitual

A graça que definimos e explicamos no número anterior é a *graça habitual*. Mas, dado que o homem nada pode sem Deus (cfr. Jo. 15, 5), tanto se vive em graça santificante como, em caso negativo, precisa do impulso divina que ilumine a sua inteligência e mova a sua vontade para operar sobrenaturalmente. Essas iluminações na inteligência e essas moções que a vontade recebe de Deus, é o que se designa por *graças actuais* que são sobrenaturais mas transitórias, ao contrário da graça habitual ou graça santificante que, de si, é permanente.

Deus nunca deixa de nos iluminar e nos mover suavemente, de nos inclinar para Ele cada vez mais; tanto quando estamos em pecado como quando estamos em graça. De a graça actual estão também penetradas todas as nossas boas obras; os nossos actos de fé, de esperança, de amor a Deus e ao próximo, de lealdade, de justiça, de honradez, valentia e generosidade. A todos atinge a graça de Deus, porque a graça divina é fruto do amor de Deus ao homem e o amor de Deus a ninguém exclui, se não for o homem a rejeitá-lo. Só o abuso da nossa liberdade pode tornar estéril a graça de Deus.

4. Os efeitos da graça santificante

O primeiro efeito da graça habitual é fazer-nos *participantes da natureza divina*. A graça é uma semelhança participada da natureza divina, como nos diz S. Pedro: por Jesus Cristo *entramos na posse das maiores e mais preciosas promessas a fim de que vós participeis da natureza divina* (2 Ped. 1, 4).

Se participamos da natureza divina, o homem torna-se *filho adoptivo de Deus*. O próprio Espírito atesta em união com o nosso espírito que somos filhos de Deus; filhos e igualmente herdeiros — herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rom. 8, 16). Outra maneira de exprimir os efeitos da graça na alma é a amizade. A amizade com Deus estabelece uma comunidade de vida e de interesses entre Deus e o homem. Jesus disse aos Seus Apóstolos: *Vós sereis meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamei-vos amigos porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer* (Jo. 15, 14-15). Amizade que é efeito do amor de Deus ao homem e que o faz amar a Deus com amor sobrenatural da caridade.

Com a graça tem lugar a *inabitação do Espírito Santo* na alma do justo que se converte em templo de Deus: *Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?* (1 Cor. 3,16). Deus vem morar na nossa alma com carácter permanente: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. E, na alma, esperam o nosso diálogo e cooperação generosa. Consequência da filiação divina é que a graça torna o homem *herdeiro do Céu*. Assim como o nascimento numa família dá à criança o direito de herdar do que é propriedade dos pais, de modo semelhante o renascimento pela graça dá ao homem direito à glória, se, na hora da morte, estivermos em graça.

Estes efeitos da graça fazem-nos compreender o seu incomparável valor, que supera em muito toda a criação natural. Como afirma S. Tomás «o bem da graça de um só é mais que todo o bem natural do mundo»³. Que é o mesmo que diz o *Caminho*: «Não há nada melhor no mundo do que estar em graça de Deus»⁴.

5. As virtudes sobrenaturais

e os dons que acompanham a graça santificante

Com a graça santificante, o Espírito Santo infunde na alma as virtudes ou hábitos sobrenaturais que tornam o justo capaz de realizar acções em ordem à salvação. Das *virtudes teológicas* ensina, explicitamente e como verdade de fé, o Concílio de Trento: «Na justificação, juntamente com a remissão dos pecados recebe o homem as seguintes virtudes, que neles são infundidas por Jesus Cristo, em Quem é enxertado: a fé, a esperança e a caridade»⁵. E é doutrina comum dos teólogos, que, além das virtudes morais adqui-

³ S. TOMÁS, *Suma Teológica*, I-II, q. 113, a. 9, ad 2.

⁴ J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 286.

⁵ CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. VI, Decr. *De iustificatione*, cap. 7, Dz 800 (1530).

ridas naturalmente pela repetição de actos, existem as virtudes morais propriamente infusas (prudência, justiça, fortaleza e temperança).

As virtudes teologais têm a Deus por objecto e a maior de todas é a caridade, que está unida inseparavelmente à graça santificante. A graça e a caridade infundem-se conjuntamente e as duas perdem-se pelo pecado mortal. Ao contrário a fé e a esperança só se perdem por aqueles pecados que vão contra a sua natureza: a fé pelo pecado da incredulidade e a esperança pelo desespero. Se se perde a fé que é o princípio e o fundamento do organismo sobrenatural, desaparecem a esperança e a caridade.

Finalmente, juntamente com a graça e as virtudes, o Espírito Santo infunde na alma os Seus Dons que são sete: sapiência, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus, que nos são dados para secundar com prontidão e facilidade as inspirações especiais do Espírito Santo.

Estes dons são também hábitos sobrenaturais distintos das virtudes infusas. Se o princípio motor das virtudes sobrenaturais são as potências de alma elevadas, o princípio motor dos dons é o Espírito Santo; as virtudes capacitam-nos para os actos ordinários da vida cristã, enquanto que os dons o fazem também para actos extraordinários e heróicos. Além disso, no exercício das virtudes infusas, a alma acha-se em pleno estado activo, enquanto que nos dons se acha passivamente porque actua directamente o Espírito Santo.

6. A nossa correspondência à graça

O cristão tem necessidade de crescer na vida sobrenatural para se identificar com Jesus Cristo. Isto exige esforço humano para afastar os obstáculos à graça de Deus: «O poder de Deus manifesta-se na nossa fraqueza e incita-nos a lutar, a combater os nossos defeitos, mesmo sabendo que nunca obteremos completamente a vitória durante este caminhar terreno. A vida cristã é um constante começar e recomeçar, uma renovação em cada dia»⁶.

É necessário entender a vida cristã como um *afã de buscar a santidade* através da correspondência fiel à graça divina, mais que como um modo de evitar o pecado mortal. Este último indicaria uma posição negativa e o cristão que se contentasse com isso acabaria por apagar o impulso sobrenatural da graça recebido no Baptismo que lhe pede generosidade para alcançar a santidade.

⁶ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 114.

Como num desporto sobrenatural, da nossa parte está a correspondência às graças actuais para recebermos outras, até à identificação com Jesus Cristo. Correspondência que é necessária por que a graça divina não actua à margem da natureza mas em harmonia com ela. São muitíssimas as inspirações e moções que o Espírito Santo põe na nossa alma: umas aproveitamo-las e concede-nos mais; outras inutilizamo-las por falta de generosidade. Com efeito, ninguém fica à margem da vontade salvífica universal de Deus, que dá a cada um as graças suficientes para sua salvação eterna.

7. O mérito sobrenatural

Os actos humanos que realizamos em estado de graça são meritórios. Merecem o aumento da graça e a vida eterna, se estivermos em estado de graça à hora da morte. São necessárias seis condições: que sejam obras boas, livres, ordenadas para Deus, aceites por Ele, realizadas em estado de graça, e nesta vida, porque só na terra se pode merecer.

É importante fazer notar que o mérito é possível somente para os que estão em graça de Deus. Se recordamos os efeitos da graça santificante, compreenderemos que só quem vive em graça Lhe pode agradar. Por isso, o homem prudente esforça-se por não a perder depois de a ter recebido. E mais ainda, como dissemos, esse homem procura aumentá-la mediante as boas obras, cumprindo acima de tudo a vontade de Deus.

Pelo contrário, a graça em si mesma não se pode merecer — é um dom sobrenatural — nem sequer a perseverança final, que é um dom especialíssimo de Deus. Por isos devemos pedi-la constantemente, com humildade e confiança, visto que podemos pecar e perdê-la. Com a oração pode-se merecer, comenta S.^{to} Agostinho, de modo a alcançarmos a graça de morrer em estado de graça e conseguirmos o Céu. Isto é a perseverança final. Este é o grande negócio da nossa vida na terra e, para isso, fomos criados.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Mostrar que Deus vive em nós quando estamos em graça: é o tesouro mais importante que podemos ter nesta vida.
- Que compreendam a natureza e os efeitos da graça em nós.
- Explicar como podemos conseguir a graça, aumentá-la, e recuperá-la se a perdermos.

De Liturgia e vida cristã

- Fazer um firme propósito de viver sempre em graça. A partir deste requisito indispensável, delinear a vida cristã como um crescimento contínuo na graça e não só para evitar o inferno.
- Confessar-se logo que se cometa um pecado mortal, ou fazer um acto de contrição com o propósito de se confessar quanto antes, para estar de novo em graça.
- Receber com frequência os Sacramentos da Eucaristia e Penitência para crescer em graça.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se tomar a seguinte passagem da Sagrada Escritura:

Os actos dos Apóstolos contam-nos algo muito belo. Trata-se dos começos da pregação de S. Paulo em Filipos, cidade situada na Macedónia (Grécia), e a primeira que evangelizou na Europa ao fazer a sua segunda viagem apostólica. Quem o narra é S. Lucas que foi testemunha presencial daquele acontecimento:

Embarcámos em Tróade e fomos directamente a Samotrácia; no dia seguinte, fomos a Neápoles, e, de lá, a Filipos, cidade de primeira categoria deste distrito da Macedónia, colónia romana. Estivemos aí durante alguns dias. No sábado, saímos às portas, em direcção à margem do rio, onde era costume haver oração. Depois de nos sentarmos, começámos a falar às mulheres que lá se encontravam reunidas. Uma das mulheres chamada Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira e temente a Deus, pôs-se a escutar. O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia. Depois de ter sido baptizada, bem como os de sua casa ... (Act. 16, 11-15).

Deus concedeu a essa mulher a graça de acreditar na doutrina que pregava S. Paulo. Correspondeu a essa graça e acreditou baptizando-se e fazendo-se cristã. Parece que foi a primeira pessoa que se converteu ao cristianismo na Europa.

Pode-se abrir um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Qual foi a primeira cidade da Europa onde S. Paulo pregou? Em qual das suas viagens?: Filipos, na segunda viagem.
- Porque se converteu essa mulher chamada Lídia?: Porque correspondeu à graça de Deus.
- Sabeis o que é a graça? Quantas espécies de graça há? Como se adquire e aumenta a graça? Como se perde? E como se recupera? (Ver se sabem responder).

b) Também se poderia começar a sessão comparando a vida do corpo com a vida da alma. Se estamos sãos corporalmente, podemos estudar, trabalhar, jogar, ajudar os outros, torná-los felizes; se temos a vida da graça na nossa alma, podemos conhecer melhor a Deus, amá-l'O e esperar que um dia viveremos eternamente com Ele no Céu. A graça como a seiva de uma árvore, faz com que a nossa alma não esteja morta.

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *A graça é um dom interno, sobrenatural e gratuito, que Deus nos concede para alcançar a vida eterna [comparar a graça a um grande tesouro].*

Os homens, pelo pecado original de Adão e Eva que se transmite a todos os seus descendentes, nascem sem os dons que Deus tinha concedido gratuitamente aos nossos primeiros pais. Nascermos sem poder entrar no Céu. A nossa natureza ficou debilitada e não podemos, somente com as nossas forças, cumprir por muito tempo nem sequer a lei natural. Mas Deus, compadecido de nós, concedeu-nos pelos méritos de Jesus Cristo, um dom maravilhoso, um grande tesouro *que chamamos graça*. Chama-se assim porque Deus no-la concede gratuitamente sem que nós a mereçamos. Deus dá-no-la para alcançarmos a vida eterna, o Céu.

b) *A graça opera maravilhas na nossa alma [usar o exemplo do ferro ou do carvão ao rubro].*

A graça é algo maravilhoso, é uma participação da natureza divina. De maneira semelhante ao ferro ou o carvão que se põem ao rubro, brilhando como uma pedra preciosa, assim se passa com a alma que recebe a graça de Deus. A alma em graça é uma pedra preciosa diante de Deus. Os nossos pecados ficam apagados, como desaparece a negrura do carvão, e a nossa debilidade fica fortalecida por esse dom de Deus.

c) *Deus concede-nos duas espécies de graça: a santificante ou habitual e a graça actual [conseguir que compreendam bem a distinção, e o que significa estar em graça habitual].*

1. *A graça santificante.* É aquela que nos torna justos, filhos adoptivos de Deus e herdeiros do Céu. Torna-nos templos do Espírito Santo e Deus habita na nossa alma.

Recebemo-la com o Baptismo, e perdemo-la quando cometemos um pecado mortal. Mas podemos recuperá-la, mercê da misericórdia de Deus, pelo Sacramento da Penitência.

Quando estamos em graça — sem pecado mortal —, todas as coisas que fazemos, grandes ou pequenas, agradáveis ou desagradáveis, têm mérito sobrenatural perante Deus e ajudam-nos a conquistar o céu e a amar mais os outros.

2. *A graça actual.* É a graça que Deus nos dá, iluminando o nosso entendimento e movendo a nossa vontade, para nos ajudar a fazer o bem, ainda que custe, e para evitar o mal. O que narramos dos Actos dos Apóstolos ensina-nos que Deus concedeu a Lídia uma graça actual para se converter à fé de Jesus Cristo. Uma graça actual é o arrependimento depois de pecar, ou o propósito de ser melhor.

d) *Deus concede a todos os homens as graças necessárias para se salvarem* [deixar claras essas ideias, sem entrar em pormenores].

Deus concede-nos a todos as graças necessárias para nos salvarmos, porque é o nosso Pai e quer que todos os homens se salvem. Os que se condenam, condenam-se porque não corresponderam às graças que Deus lhe deu.

Mas Deus concede a uns mais graças que a outros. Isso depende em parte de nós. Deus concede-nos mais graça, se a pedirmos, se recebermos os sacramentos, e se nos deixarmos conduzir pela Sua graça. Acontece como numa família onde os pais querem muitíssimo aos seus filhos — dariam por eles a sua vida —, mas tratam-nos de maneira diferente conforme o que convém para a sua boa educação e o seu comportamento perante as ordens e conselhos dos seus pais. Por isso é tão importante a correspondência à graça de Deus, a cada graça de Deus, e temos de temer não ser generosos para com Ele.

e) *Que podemos fazer para crescer em graça* [fazer ver que para se crescer é necessário tomar alimentos].

Para crescer em graça temos de ter o coração bem disposto, de modo semelhante ao que acontece no corpo com o alimento. E não nos podemos contentar unicamente com não a perder, mas devemos esforçar-nos por aumentá-la. Podemos crescer em graça, sobretudo, por meio da oração e dos sacramentos. Já vimos que por meio da oração Deus nos concede a Sua graça; nos próximos temas vamos ver como, através dos sacramentos, Deus nos concede e aumenta a graça, especialmente por meio da Confissão e Comunhão.

- f) *Um firme propósito: viver sempre em graça de Deus e aumentá-la* [fazer ver como no céu só entram os que estão em graça de Deus e totalmente purificados].

A coisa mais preciosa que os homens têm na terra é a vida da graça. A coisa mais importante de todas é viver como filhos de Deus; e uma coisa terrível é separar-se de Deus, morrer sem a Sua graça e perder-se eternamente no inferno.

Como dizia um poeta: «E no final da jornada, aquele que se salva, sabe e quem não, não sabe nada». Por isso, temos de fazer um propósito muito firme: Viver sempre em graça de Deus e aumentá-la cada vez mais. Se algum dia tivermos a terrível desgraça de perder a graça por um pecado mortal, devemos confessar-nos imediatamente ou fazer um acto de contrição com o propósito de nos confessarmos, quanto antes, para estarmos de novo em graça de Deus.

3. Perguntas-resumo

Que é a graça? Quantas espécies há de graça? A que chamamos graça santificante ou habitual? Que é a graça actual? Para que serve a graça santificante? Quais são os meios principais para alcançar e aumentar a graça?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A graça — dom gratuito — é-nos concedida por Deus porque quer. No entanto, nós podemos e devemos pedi-la para que a Sua vida encha sempre a nossa alma. Como nos ensina a Igreja:

«Senhor, que prometestes estar presente nos corações rectos e sinceros, ajudai-nos com a Vossa graça a viver de tal modo que mereçamos ser Vossa morada. Por Nosso Senhor...»

(Oração do VI Domingo do Tempo Comum)

2. Quando comungamos e nos confessamos bem, Jesus dá-nos a Sua própria vida (a graça). Convém receber estes dois sacramentos com muita frequência.

3. Deus ajuda-nos continuamente para que não perçamos a graça que nos concedeu no dia do Baptismo; mas também nós temos de nos esforçar para não a perder. Como? Fazendo pequenos sacrifícios e pequenas mortificações, por meio das práticas de piedade, etc. Assim faremos com que aumente e se robusteça a graça na nossa alma.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias expostas na sessão, podendo ilustrá-lo com fotografias ou desenhos alusivos.
- Fazer um desenho inspirando-se na parábola do tesouro escondido ou da pérola preciosa que o negociante encontrou.
- Copiar com letras artísticas a seguinte frase de Jesus: *Sem Mim nada podeis fazer.*
- Fazer uma redacção comparando a vida do corpo e a vida da alma: de quem as recebemos, como crescem, como adoecem, como morrem, etc.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 126-133

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

G C - 34

*Tema 34 — Os sacramentos cristãos
significam e conferem a graça.*

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Introdução

Pelo pecado original e pelos pecados pessoais, o homem estava afastado de Deus, sem poder recuperar por si mesmo a graça perdida. Por conseguinte a iniciativa da salvação tinha de partir do próprio Deus. E para que a Redenção fosse perfeita, como o são as obras divinas (cfr. Deut. 32, 4), o Filho de Deus — Segunda Pessoa da Santíssima Trindade — fez-Se homem e redimiou-nos pela Sua morte na Cruz. Redimiou-nos do pecado, restituindo-nos a paz com Deus e a graça divina.

Cristo pode distribuir esta graça aos homens de muitas maneiras, mas fá-lo de modo ordinário através dos Sacramentos que ele instituiu e confiou a Sua Igreja. Os sete sacramentos da Igreja, são, pois, os instrumentos divinos «pelos quais toda a verdadeira justiça ou começa, ou se desenvolve uma vez começada, ou se recupera depois de perda»¹.

¹ CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. VII, *Decretum de sacramentis*, Proemio, Dz 843 (1600).

2. Noção de Sacramento

Como afirma o *Directório Catequístico Geral*, «o mistério de Cristo continua na Igreja, que goza sempre da Sua presença e serve-O, especialmente mediante aqueles sinais instituídos por Cristo, que significam e produzem o dom da graça, e são designados propriamente com o nome de sacramento (ver Concílio Tridentino, *Decretum De Sacramentis*, Dz 1601)»². Sacramentos são, pois, os sinais sensíveis e eficazes da graça, instituídos por Jesus Cristo para santificar as nossas almas.

Três coisas inclui a noção de Sacramento: que seja sinal sensível da graça, tenha sido instituído por Jesus Cristo e que tenha eficácia sobrenatural para produzir a graça na alma daquele que o recebe.

3. O Sacramento é um sinal sensível e eficaz da graça

A pedagogia divina quis comunicar ao homem a graça sobrenatural através das próprias realidades materiais que usamos na nossa vida ordinária, dando-lhes um significado mais elevado e uma eficácia que de si não têm nem podem ter. Mas não escolheu uma realidade material qualquer, mas aquela que já no plano natural serve para um fim similar ao que Deus quer produzir sobrenaturalmente: a água ... para lavar; o azeite ... para tonificar os músculos do corpo; o pão ... para alimentar, etc. Também determinou que mediante umas palavras que se hão-de pronunciar com a Sua autoridade tais realidades significassem um efeito santificador: a água lava a mancha do pecado na alma; o azeite ... fortifica-a; etc.

O elemento material denomina-se *matéria* do sacramento e as palavras que o completam e determinam o significado e eficácia santificante, chamam-se *forma*. Quando essas palavras são pronunciadas com a intenção de fazer o que faz a Igreja, Deus dá a sua graça através do Sacramento, que é o instrumento de que se serve para santificar-nos. Temos aí, o sinal exterior da graça (*matéria e forma*) e a graça conferida. O sinal sensível o compõem conjuntamente a *matéria* e a *forma*, e isso é o que a Igreja denomina Sacramentos³.

² SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório Catequístico Geral*, Roma, 11-IV-1971, n. 55.

³ Cfr. LEÃO XIII, *Epis. Apostolicae Curae*, 13-IX-1896, Dz 1963 (3315).

4. Os sete sacramentos foram instituídos por Jesus Cristo

A Igreja definiu como dogma de fé que todos os Sacramentos foram instituídos por Jesus Cristo e que são sete: Baptismo, Confirmação, Penitência, Eucaristia, Unção dos Doentes, Ordem e Matrimónio. Uns são necessários por necessidade de meio e outros de preceito, e todos, muito convenientes, de modo que é temerário prescindir deles.

A Sagrada Escritura mostra com toda a clareza a instituição por Jesus Cristo de alguns Sacramentos, tais como o Baptismo (cfr. Mt. 28, 19), a Eucaristia (cfr. Mt. 26, 26-29; Mc. 14, 22-25; 11, 23-25) e a Penitência (cfr. Jo. 20, 23).

Os restantes Sacramentos, instituídos também por Jesus Cristo, estão comprovados na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja, onde se nos fala da sua administração aos fiéis cristãos por parte dos bispos e presbíteros. Nenhum Sacramento é instituído pela Igreja, nem ela tem poder sobre a *substância* dos Sacramentos, só pode mudar «aquilo que, segundo a variedade das circunstâncias, tempos e lugares, julgar conveniente para maior utilidade dos que os recebem ou para maior veneração dos mesmos Sacramentos»⁴.

Foi Ele quem instituiu os Sacramentos com o Seu poder supremo já que brotaram do lado aberto de Cristo morto na Cruz, como diz S.^{to} Agostinho.

Desde os primeiros momentos, os Apóstolos baptizam os que aceitam o Evangelho (cfr. Act. 2, 41) conforme o mandato do Senhor, e confirmam os baptizados (cfr. Act. 8, 17).

S. Tiago o Menor fala da Unção dos Doentes como de algo perfeitamente sabido por todos (cfr. Tiago 5, 14-15). Também aparece a Ordem sacerdotal na Última Ceia quando Jesus diz: *Fazei isto em memória de Mim* (Lc. 22, 19); e o Matrimónio fica elevado à condição de sacramento pela presença de Jesus nas bodas de Caná (cfr. Jo. 2, 1-11) e quando reafirma a unidade e indissolubilidade da sua instituição primitiva (cfr. Mt. 19, 1-9), com o qual significa a união de Cristo com a Igreja (cfr. Ef. 5, 25-32), segundo a doutrina de S. Paulo.

⁴ CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XXI, *Doctrina de communione*, cap. 2, Dz 931.

5. Todos os sacramentos conferem a graça santificante e graça sacramental; o Baptismo, Confirmação e Ordem conferem ainda o carácter

Recorda o Concílio Vaticano II que os Sacramentos têm a virtude de nos identificar com Jesus Cristo por meio da graça que conferem. Pelos sacramentos «somos assumidos nos mistérios da Sua vida, configurados com Ele, morto e ressuscitado, até que reinemos com Ele»⁵.

Embora o Baptismo e a Penitência tenham sido instituídos para perdoar o pecado — o Baptismo para a remissão do pecado original e, se os houver, dos pecados pessoais cometidos antes de recebê-lo; a Penitência para a remissão dos pecados pessoais cometidos depois do Baptismo —, todos os Sacramentos santificam e conferem a graça. Esta diferença institucional está significada na terminologia que qualifica o Baptismo e a Penitência como «Sacramentos de mortos» ou Sacramentos destinados a perdoar o pecado mortal que mata a alma e os outros cinco como «Sacramentos de vivos», porque se devem receber em estado de graça ou vida sobrenatural, que se enriquece e desenvolve na recepção de cada novo Sacramento.

Em todos os Sacramentos, portanto, na medida em que dependem do próprio rito instituído por Cristo, produz-se a graça que brota eficazmente sem lugar para dúvidas. Esta virtualidade dos Sacramentos exprime-se dizendo que conferem a graça *ex opere operato* (pela própria acção realizada). Quer dizer que os Sacramentos conferem sempre a graça, pela virtude que receberam de Jesus Cristo⁶, sem que a sua eficácia dependa das disposições do ministro.

Além desta graça comum a todos os Sacramentos, os teólogos falam de uma graça *sacramental*, que é própria de cada um deles. Segundo os autores, cada Sacramento confere uma *graça sacramental* específica, distinta em cada um deles, que proporciona ao cristão nas diversas situações da sua vida espiritual e no tempo oportuno, as graças actuais necessárias para cumprir as obrigações impostas. Assim, os pais, pelo sacramento do Matrimónio, sabem que terão graça para receber e educar cristãmente os seus filhos.

⁵ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 7.

⁶ Os Sacramentos distinguem-se dos *Sacramentais*, que são sinais sensíveis instituídos pela Igreja para produzir certos efeitos espirituais ou materiais, não pela sua própria virtude mas pela súplica da Igreja e segundo as disposições do sujeito que os usa, por exemplo, a água benta. Os *Sacramentais* são muito abundantes: sagração de um altar ou igreja, rogações, pão benzido, acto penitencial, esmola, bênçãos diversas, etc.

O *carácter* é um certo sinal espiritual e indelével (que não se pode apagar) que imprimem somente três sacramentos: o Baptismo, a Confirmação e a Ordem. Este carácter sacramental faz-nos participar do Sacerdócio real de Cristo no Baptismo e Confirmação e, de modo essencialmente distinto, no Sacramento da Ordem. Além disso, distingue interiormente os que receberam esse sacramento dos que não o receberam. O carácter baptismal distingue um baptizado de quem não está baptizado. O carácter sacramental da Ordem distingue um Sacerdote de um simples fiel.

6. Ministro e sujeito dos Sacramentos

Ministro dos sacramentos é aquele que os confecciona e administra em nome de Cristo e em nome de toda a Igreja. Porque como afirma o *Directório Catequístico Geral*, «a acção sacramental é, em primeiro lugar, acção de Cristo, da qual os ministros da Igreja são como os instrumentos»⁷. Por isso, dado que os sacramentos foram instituídos por Cristo com o Seu poder supremo e que o ministro humano actua em nome de Jesus Cristo — como ministro Seu —, necessita de ter os requisitos que foram estabelecidos pelo Autor dos sacramentos, e observar também as disposições da Igreja. Assim, é necessário que o ministro tenha intenção de fazer o que faz a Igreja, e que realize correctamente o rito instituído por Cristo e observado pela Igreja.

É preciso distinguir, contudo, entre administração *válida* e administração *lícita*. Administração *válida* é quando se cumprem todos os requisitos essenciais, de modo que se realiza verdadeiramente o Sacramento. Administração *lícita* é quando além de administrar o sacramento, o ministro actua de maneira digna e congruente com o seu ministério. Para administração *válida* é necessário o poder, a intenção de fazer o que faz a Igreja, e realizar correctamente o rito tal como Cristo o instituiu e o faz a Igreja. Para a administração *lícita*, é preciso, além disso, que o ministro confeccione o sacramento em estado de graça e observe as disposições da Igreja.

O sujeito é a pessoa que recebe o sacramento. Toda a pessoa não baptizada, pode receber o Baptismo, mas só o baptizado pode receber validamente os outros sacramentos. Porque só com o Baptismo válido se recebe o carácter de cristão e se fica a ser membro da Igreja, em cujo seio se dão os sacramentos. Também no sujeito se deve distinguir entre recepção *válida* e recepção

⁷ SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório ...*, o. c., n. 55.

lícita. Para receber validamente um sacramento é preciso ter capacidade e intenção de o receber. Para o receber licitamente são necessárias as disposições que requer cada sacramento. Porque, embora os sacramentos confirmam a graça *ex opere operato*, a sua eficácia sobrenatural depende também das disposições interiores do sujeito, como causa material. Requerem-se nele disposições convenientes, com as quais remova os obstáculos que se opõem à recepção da graça, e cumpra assim a Vontade de Jesus Cristo manifestada nas disposições que a Igreja exige. Estas disposições mínimas são, em geral, o estado de graça para os sacramentos de vivos e a aversão ao pecado com o propósito de não voltar a cometê-lo para os sacramentos de mortos.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Aprender os sete sacramentos.
- Conhecer muito bem a doutrina da Igreja sobre os sacramentos.
- Fazer ver como, através dos sacramentos, crescemos ou recuperamos a graça, se a tivermos perdido.
- Agradecer a Jesus o facto de nos ter deixado os sete sacramentos.

De Liturgia e vida cristã

- Ter desejos de receber com frequência os sacramentos da Penitência e da Eucaristia.
- Fazer ver que o carácter de alguns sacramentos nos consagra para dar culto a Deus.
- Motivar a acção de graças por cada um dos sacramentos que temos recebido.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Desenvolver, mais ou menos amplamente, segundo a idade e o conhecimento dos alunos, a ideia seguinte:

Os Sacramentos são canais ou fontes por onde chega a graça de Deus:

- O homem foi criado por Deus e elevado à ordem sobrenatural; isto é, cumulado de perfeições. Mas Adão e Eva, pelo pecado

original que cometeram, perderam para si e para os seus descendentes todas essas perfeições. Jesus Cristo veio à terra para nos salvar: morrendo na Cruz alcançou-nos todas as graças de modo melhor e superabundante.

— Como nos chegam até nós estas graças?

Recordemos a cena do Calvário em que Cristo, pregado na árvore da Cruz é a fonte de todas as graças. Das chagas de Cristo crucificado dimana a graça que chega aos homens através de uns canais — para os chamar de alguma maneira — que são os Sacramentos.

b) Comparar a vida espiritual com a material.

Na vida humana Deus dispôs que os homens nascessem, se desenvolvessem, de uma maneira determinada; algo muito semelhante sucede na vida espiritual. E, assim, através dos sete sacramentos vemos que

- nascemos pelo Baptismo
- renascemos pela Penitência
- alimentamo-nos pela Eucaristia
- fortalecemo-nos pela Confirmação
- ajudamo-nos, no momento crítico da enfermidade grave, com a Unção dos Doentes
- a sociedade cristã está ordenada e regida pelo Matrimónio e pela Ordem. Um aumenta corporalmente e outro espiritualmente a família da Igreja.

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Que são os Sacramentos* [utilizar os exemplos indicados, a seguir, no texto].

Os Sacramentos são sinais sensíveis e eficazes da graça, instituídos por Jesus Cristo para santificar as nossas almas.

Sinal é uma coisa que remete a outra. Assim, se vejo fumo, significa que há fogo. Mas dizemos sinal *eficaz*, porque o sacramento não só significa mas também produz a graça (o fumo só significa o fogo, mas não o produz).

b) *Porque foi que Cristo quis instituir os Sacramentos deste modo* [utilizar as comparações e textos indicados no parágrafo seguinte].

Talvez nos possamos perguntar porque foi que Cristo quis proceder assim. Jesus podia ter-nos comunicado a graça directamente, sem recorrer a nenhum meio sensível e, de facto, fá-lo

algumas vezes. Mas quis acomodar-Se à nossa maneira humana de ser, dando-nos os dons divinos através das realidades materiais que usamos, para que nos resultasse mais fácil. No Baptismo por exemplo, do mesmo modo que a água lava e limpa, este sacramento lava-nos e limpa-nos a alma, tirando-lhe o pecado original e qualquer outro pecado se o houver. Deste modo, os homens sabem, com certeza moral, pelas luzes da fé, do momento em que os sacramentos lhes concedem as graças. Já o Senhor operava os Seus milagres servindo-Se de coisas materiais, de acções externas e de palavras. Tocou com a mão o leproso e disse-lhe: *Quero, fica limpo* (cfr. Mt. 8, 3). Untou com barro os olhos do cego de nascença; este lavou-se depois e recuperou a vista (cfr. Jo. 9, 6-7); para comunicar o Seu poder aos Apóstolos, soprou sobre eles e pronunciou umas palavras (cfr. Jo. 20-22). Outros milagres foram «à distância», sem contacto físico: por exemplo, a cura do servo do centurião.

c) *Jesus Cristo instituiu os sete sacramentos* [comparar a vida espiritual com a humana: ver a introdução].

O autor dos Sacramentos é Jesus Cristo, pois só Ele, que é o autor da graça, pode comunicá-la por meio de sinais sensíveis.

O Senhor instituiu sete Sacramentos, com os quais, provê às diversas necessidades que pode ter a nossa vida espiritual. Assim, nascemos pelo Baptismo, renascemos pela Penitência, etc. (ver Introdução).

d) *O que nos concedem os Sacramentos: efeitos* [explicar muito bem o que concede cada sacramento; ir fazendo perguntas para que assimilem bem as coisas].

1. *A graça santificante.* Os Sacramentos dão-nos ou aumentam-nos a graça santificante. O Baptismo e a Penitência dão-no-la; por isso se chamam sacramentos de *mortos*, pois, com eles, Jesus apaga os nossos pecados que matam a vida sobrenatural. Os outros cinco sacramentos (e a Penitência, se já se está em graça) aumentam-nos a graça santificante. Esses chamam-se Sacramentos de vivos, porque só se devem receber estando em graça de Deus, sem pecado mortal. Se se recebem em pecado mortal, comete-se um pecado gravíssimo, que se chama sacrilégio.

2. *A graça sacramental.* Além da graça santificante, cada sacramento concede-nos uma graça especial, que se chama graça sacramental. É uma graça que nos ajuda a cumprir as obrigações que se contraem, ou para vencer as nossas dificuldades

naquele campo. Assim, o Baptismo, dá-nos uma graça especial para viver como bons filhos de Deus; a Confirmação concede-nos força e coragem para viver como bons cristãos e defender e difundir a nossa fé, inclusive até à morte, se for preciso; o Matrimónio para que os cônjuges sejam bons esposos e eduquem cristãmente os seus filhos.

3. *O Carácter.* O Baptismo, Confirmação e Ordem concedem, além disso, o carácter, que é um sinal indelével, que nunca se apaga. Por isso, estes três sacramentos só se podem receber uma vez na vida.

e) *O que se requer num Sacramento* [pôr exemplos de matéria, forma e ministro dos Sacramentos].

Um Sacramento realiza-se com estas três coisas: a *matéria*, a *forma* e o *ministro* que tenha a intenção de fazer o que faz a Igreja.

A *matéria* é a coisa sensível que para ele se emprega, por exemplo a água natural no Baptismo, o óleo do Santo Crisma na Confirmação.

A *forma* são as palavras que se pronunciam ao realizá-lo.

O *ministro* é a pessoa que realiza ou administra o sacramento.

Ao estudar cada sacramento, veremos qual a sua matéria, forma e ministro.

f) *Necessidade de se preparar muito bem para receber os Sacramentos* [usar a comparação exposta no texto que se segue].

Damo-nos conta de que os Sacramentos são muitos importantes, se queremos crescer na vida cristã. Dissemos que os Sacramentos são como canais ou fontes donde dimana muita água. Depende das nossas disposições o colher muito ou pouco desta água, que é a graça. seria como ir com um vaso à fonte. Se alguma vez não se recebe a graça não é por culpa do Sacramento, mas por culpa das nossas más disposições. É preciso aproximar-se da recepção dos Sacramentos com muito boas disposições, para receber o máximo efeito.

3. Perguntas-resumo

Que é um Sacramento? Quais são os Sacramentos? Os Sacramentos produzem sempre a graça? Que pecado comete quem recebe um Sacramento sem as disposições necessárias? Que Sacramentos se recebem uma só vez?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. O fim dos Sacramentos é dar glória a Deus, e santificar os homens unindo-os mais a Ele. Mediante a recepção dos Sacramentos reafirma-se a posse de Deus sobre nós. Não podemos profanar o nosso corpo nem a nossa alma, que são de Deus. Por isso disse o Sacerdote no dia do nosso Baptismo:

*«Deus eterno e onnipotente ...
humildemente Vos rogamos que
purifiqueis do pecado original
esta criança e a torneis morada
do Espírito Santo e templo da Vossa glória.»*

2. A frequente recepção dos Sacramentos faz com que nos pareçamos mais com Jesus para podermos gozar um dia da Sua companhia no Céu:

«Saciados com os dons da salvação, imploramos, Senhor, a Vossa misericórdia: o mesmo sacramento que nos alimenta no tempo nos faça participantes da vida eterna.»

(Oração depois da Comunhão.
VIII Domingo do Tempo Comum).

3. A Igreja dá-nos a vida da graça por meio dos Sacramentos que o próprio Jesus instituiu. É por isto que damos graças ao Senhor: porque fundou uma grande família, a Igreja, que faz tudo o que Jesus fez, e assim nos pode levar para o Céu, onde Deus nos espera.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um resumo, ilustrado com fotografias ou desenhos, das ideias principais desenvolvidas nesta sessão.
- Copiar no caderno com letras artísticas a seguinte frase: «Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância».
- Desenhar uma grande fonte de água.
- Buscar em algum devocionário uma oração de acção de graças para depois da Comunhão.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 126-133.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 35 — O Baptismo torna-nos filhos
de Deus e membros vivos da Igreja.*

GC - 35

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. O Baptismo é o sacramento da regeneração cristã

As coisas adquirem novo valor aos nossos olhos quando descobrimos o seu verdadeiro sentido, o plano divino sobre elas. Isto é o que sucede ao estudar com fé o sacramento do Baptismo: estamos em condições de valorizar a vida do cristão em toda a sua grandeza divina. Deus transforma a alma, fazendo do homem um filho Seu, à semelhança de Cristo Jesus, o Filho Unigénito do Pai; e constitui-o simultaneamente em membro vivo da Igreja, desde o momento mesmo em que o ministro pronuncia sobre ele as palavras: *Eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

Como nascemos com o pecado original, essa transformação interior supõe, antes de mais, apagar o pecado original, que faz com que a alma esteja morta sobrenaturalmente e apaga as penas eternas e temporais que ele comporta. Só nessa altura Deus toma posse de nós, nos adorna com a Sua graça e nos faz filhos Seus. É o que afirma a Profissão de Fé de Paulo VI: «Cremos num só Baptismo, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para remissão dos pecados ... a fim de que, tendo nascido privados de graça

sobrenatural renasçam da água e do Espírito Santo para a vida divina em Jesus Cristo»¹.

O Baptismo realiza, pois, em primeiro lugar, a remissão do pecado original e de qualquer pecado pessoal se aquele que se baptiza é um adulto. Limpa completamente a alma. Não obstante, Deus permitiu que ficasse em nós a concupiscência ou inclinação para o mal. A concupiscência não é pecado, mas procede do pecado e inclina para o pecado. Serve-nos de luta, e com a ajuda divina podemos vencê-la alcançando méritos para o Céu.

Além de apagar o pecado, o sacramento santifica-nos com a graça de Deus e dá-nos a vida divina. São dois aspectos inseparáveis: São Paulo exprime-o fixando-se no mistério da Morte e Ressurreição de Cristo, que estão simbolizados no Baptismo, sobretudo quando se administra por imersão na água: *Pelo Baptismo sepultámo-nos juntamente com Ele, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos... considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo* (Rom. 6, 4 e 11).

Sendo o Sacramento do Baptismo o meio único para que nos seja apagado o pecado original, o começo da participação na vida divina, e a porta para entrar na Igreja, entende-se que Cristo o tenha instituído como *meio necessário* para conseguir a salvação. Disse-o claramente o Senhor o Nicodemos: *Quem não renascer da água e do Espírito Santo, não poderá entrar no Reino dos Céus* (Jo. 3, 5). E assim o ensina o Magistério da Igreja².

Contudo este Sacramento (que é baptismo de água, instituído por Jesus Cristo como meio necessário para a salvação) pode ser suprido em casos extraordinários e quando, sem culpa própria, não se pode receber o Baptismo de água, pelo *martírio* (chamado também baptismo de sangue), e pela *contrição ou caridade perfeita* (chamada também baptismo de desejo). Como é claro, esta última substituição só vale para os que têm uso da razão.

2. O Sacramento do Baptismo implica a chamada à santidade

O Concílio Vaticano II ensina que «os baptizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à Sua luz admirável»³.

¹ PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 18.

² Cfr. VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 14.

³ *Ibidem*, n. 10.

O baptizado está chamado à santidade porque «os seguidores de Cristo chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus Cristo, não por merecimento próprio mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Baptismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem, vivendo-a, esta santidade que receberam. (...) É, pois, claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade»⁴.

Se no Baptismo Deus toma posse de nós é porque nos infunde a Sua graça, as virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e todas as outras, juntamente com os dons do Espírito Santo, tornando-nos Seus filhos e templos do Espírito Santo — fazendo-nos santos. Compreende-se facilmente que esse facto inicial deve marcar toda a nossa vida. Os primeiros cristãos davam-se genericamente o nome de «Santos».

Do mesmo modo que pelo nascimento somos filhos dos nossos pais e levamos connosco o cunho da família para toda a vida, assim o Baptismo e a consciência de o ter recebido e daquilo que recebemos deve produzir em nós a convicção de que temos de lutar decididamente por viver fielmente a vontade de Deus, cumprir os Seus mandamentos, aborrecer o pecado e procurar comportar-nos de acordo com o que somos: como filhos de Deus, como Santos.

O nosso destino não é a terra, mas o céu, e para o conseguir temos de lutar. Mas aí está a grandeza do homem, vivendo de Amor e sabendo que tem um destino eterno feliz, depois das misérias deste mundo. Assim, o ensina S. Paulo: «Somos filhos e igualmente herdeiros — herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo — se sofremos com Ele, para sermos também glorificados com Ele (Rom. 8, 17).

A santidade exige um progresso contínuo, fruto do Espírito Santo e da nossa liberdade, para que no fim da vida possamos receber a herança prometida. Este progresso manifesta-se na fidelidade interior à vontade de Deus e no afã de atrair e iluminar a muitos com a luz que Deus colocou em nós. S. Basílio diz da alma em graça que, «do mesmo modo que os corpos transparentes e nítidos ao receberem os raios de luz se tornam resplandecentes e irradiam brilho, as almas que são elevadas e iluminadas pelo Espírito Santo tornam-se também espirituais e levam aos outros a luz da graça»⁵.

⁴ *Ibidem*, n. 40.

⁵ S. BASÍLIO, *De Spiritu Sancto*, n. 9, 23; PG 32, 110.

Essa meta tão elevada que é a santidade pode ser alcançada por todos desde que correspondam fielmente à graça divina que recebemos no Baptismo. Esforcemo-nos por consegui-la. Sabemos que «não estamos destinados a uma felicidade qualquer, porque fomos chamados à intimidade divina, a conhecer e amar Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo e, na Trindade e na Unidade de Deus, todos os Anjos e todos os homens.

«Esta é a grande ousadia da fé cristã: proclamar o valor e a dignidade da natureza humana e afirmar que, medinte a graça que nos eleva à ordem sobrenatural, fomos criados para alcançar a dignidade de filhos de Deus. Ousadia de certo incrível, se não se baseasse no desígnio Salvador de Deus Pai e não houvesse sido confirmada pelo Sangue de Cristo e reafirmada e tornada possível pela acção constante do Espírito Santo»⁶.

3. Pelo Baptismo somos incorporados na Igreja, recebendo o carácter de cristãos

O Baptismo confere também outro efeito que se chama carácter sacramental ou, mais propriamente, carácter baptismal, que nos obriga a dar glória a Deus e a professar com orgulho a nossa fé cristã, dando testemunho dela diante dos outros com o exemplo e com a palavra. Como ensina o Concílio Vaticano II, «os fiéis, incorporados na Igreja pelo Baptismo, são destinados pelo carácter baptismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja»⁷.

O carácter é um sinal espiritual e indelével impresso na alma, que distingue quem está baptizado de quem não o está, configura-nos com Cristo Sacerdote, faz-nos cristãos e membros da Igreja, e faz com que o sacramento não se possa repetir; o que não é um estorvo, pelo contrário, é indício da eficácia permanente da pertença a Cristo.

O cristão começa o seu caminho sendo ungido ou consagrado não só com a unção exterior do corpo, mas com a unção interior do carácter. Desde essa altura fica dedicado a Cristo, e especialmente destinado ao culto da Religião Cristã, para a viver e difundir entre os homens. Por isso, no cristão hão-de resplandecer os mesmos sentimentos e virtudes de Jesus Cristo.

Enfim o cristão repete — ou deve repetir — a vida de Jesus Cristo. E do mesmo modo que o Senhor veio para dar glória a

⁶ J. ESCRIVA, *Cristo que passa*, n. 133.

⁷ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 11.

Deus e salvar os homens, assim também o Seu discípulo deve continuar essa missão no mundo. Para isso se lhe dá o carácter do Baptismo.

4. Grave responsabilidade de baptizar as crianças quanto antes

Quem conhece a extraordinária riqueza que o Baptismo supõe e a sua transcendência para o destino eterno, compreende a falta que representa atrasar ou negar o Baptismo.

Por isso, é uma gravíssima obrigação dos pais e familiares, assim como dos párocos, baptizar quanto antes o recém-nascido. Se não recebe este Sacramento, não poderá gozar eternamente de Deus. Cristo morreu para dar a vida sobrenatural a todos os homens, e quer tomar posse das nossas almas quanto antes para as instruir com a graça. Por isso, deve fazer-se quanto antes, sem o adiar mais que o necessário.

Trata-se, pois, de os pais serem conscientes da riqueza do Baptismo e da sua gravíssima responsabilidade da qual darão contas a Deus. Com a decisão de baptizar quanto antes e obedecer à Igreja em matéria grave evita-se que as crianças mortas sem Baptismo vão para o *limbo*, onde gozam de Deus, mas sem participar da visão beatífica; não sofrem penas de sentido, mas a sua felicidade é meramente natural.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Agradecer a Deus ter-nos incorporado em Jesus Cristo pelo Baptismo e pertencermos à Igreja.
- Fazer ver as exigências pessoais que adquirimos desde que recebemos o Baptismo: conservar e crescer na vida da graça e cumprir fielmente todos os mandamentos.
- Conhecer muito bem a doutrina da Igreja sobre o baptismo.

De Liturgia e vida cristã

- Habituar os alunos, de forma prática, a fazer actos de fé, esperança e caridade.
- Ensiná-los a viver na presença de Deus, sabendo que Ele está ao nosso lado.
- Animá-los a participar activamente na Liturgia, porque são membros da Igreja.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Narrar a seguinte passagem relatada em Act. 8, 26-38:

Filipe, avisado por um anjo, dirige-se pelo caminho que vai de Jerusalém a Gaza, ao encontro de um Servo da rainha da Etiópia, que voltava de Jerusalém ao seu país. Este personagem ia a ler uma profecia de Isaías sobre Jesus, sem a entender. Perante a pergunta de Filipe convidou-o a subir para a sua carruagem. Filipe explicou-lhe a profecia, anunciando-lhe Jesus. Então esse homem pediu-lhe que o baptizasse dizendo-lhe: *Olha, aqui há água. Que impede que eu seja baptizado? Filipe disse-lhe: Se acreditas de todo o coração podes ser baptizado.* E, respondendo, disse ele: *Eu creio que Jesus Cristo é filho de Deus.* Mandou parar a carruagem, desceram ambos à água e Filipe baptizou-o. Esse homem ficou cheio de alegria.

Dialogar com os alunos sobre o texto anterior com estas ou semelhantes perguntas:

- Que fazia esse personagem?: Voltava de Jerusalém e ia a ler uma profecia de Isaías.
- Que faz Filipe?: Anuncia-lhe Jesus, explica-lhe a profecia.
- Que lhe exige Filipe para o baptizar?: Ter fé em Jesus Cristo.
- Quais os efeitos que produz o Baptismo? O Baptismo é necessário para se salvar? Como se administra o Baptismo? Que obrigações nos impõe o Baptismo?: Ver as respostas no desenvolvimento seguinte.

b) Pode-se começar narrando esta história:

Após oitenta anos de paganismo, um ancião encontrou a luz da fé, converteu-se e recebeu o Baptismo. Dois anos depois caiu gravemente doente; todos deram conta que era chegado o momento da morte. Alguém lhe perguntou quantos anos tinha, e ele respondeu: «Na verdade, só posso contar dois anos de vida». Ninguém encontrava explicação para esta resposta. O ancião acrescentou: «Não é coisa tão difícil de entender como pensais, pois comecei a viver quando recebi o Baptismo; a minha vida anterior é como se não existisse».

Este facto pode servir para estabelecer um diálogo com os alunos. Convém destacar neste diálogo: a gratuidade do dom da fé; a grandeza da vida sobrenatural em comparação com a física, e a missão do apostolado de todo o baptizado.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Introdução* [relacionar com o tema anterior dos Sacramentos].

Desde o pecado original cometido por Adão e Eva, todos os homens nascem com esse pecado, escravos do demónio e privados da graça divina. Mas Cristo veio para nos livrar dessa escravidão; com a Sua Paixão e Morte redimiu-nos e fez-nos filhos de Deus. Com efeito, essa graça que Cristo nos alcançou temos de receber através dos meios estabelecidos pelo próprio Jesus Cristo ao instituir os Sacramentos, que são como canais por onde nos chega a graça divina.

- b) *Que é o Baptismo* [comparar o nascimento para a graça com o nascimento corporal].

O Baptismo é o primeiro e o mais necessário de todos os Sacramentos. Por ele nos incorporamos a Jesus Cristo renascendo para a graça, e incorporamo-nos também à Igreja. O Senhor instituiu-o e mandou os Seus Apóstolos pregar e baptizar com estas palavras: *Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (Mt. 28, 19). O Baptismo dá-nos a *filiação divina*, e é como a «porta» para entrar na Igreja, onde encontramos os Sacramentos que nos dão ou aumentam a graça divina.

- c) *Efeitos que produz o Baptismo nos que o recebem* [procurar uma grande clareza a respeito dos dons que se recebem].

1. *Apaga o pecado original, e os pecados pessoais se os houver.* Pelo Baptismo é-nos apagado o pecado original com que todos nascemos, e, se quem se baptiza é adulto, são-lhe apagados também os pecados pessoais que tiver cometido, assim como a pena que lhes é devida. Se essa pessoa morresse iria directamente para o céu.

2. *Recebemos a graça santificante; com as três virtudes teologais e os dons do Espírito Santo.*

Ao recebermos o Baptismo é-nos dada a graça santificante, juntamente com as três virtudes teologais e os dons do Espírito Santo. Todos esses dons são como sementes que Deuse deposita na nossa alma; se somos bons filhos de Deus elas desenvolver-se-ão como convém. Desde então, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo estabelecem a Sua morada na nossa alma: torna-mo-nos Templos do Espírito Santo.

3. *Incorporamo-nos a Jesus Cristo, ao receber a graça santificante.*

A graça santificante é uma participação da natureza divina. Como nos incorporamos a Jesus Cristo, morrendo para o pecado, fazemo-nos irmãos Seus e, portanto, filhos adoptivos de Deus. Porém, Jesus é o Filho Unigénito e natural de Deus Pai. Enfim, com a graça santificante tornamo-nos filhos adoptivos de Deus, irmãos de Jesus Cristo, e herdeiros do Céu.

4. *Adquire-se o carácter sacramental do Baptismo.*

É como um selo ou marca indelével de que somos discípulos de Jesus Cristo; que Lhe pertencemos para sempre, e que devemos colaborar na Sua obra redentora. O Baptismo só se pode receber uma vez na vida.

5. *Torna-nos membros da Igreja.* Finalmente pelo Baptismo tornamo-nos membros da Igreja, adquirindo o direito de participar na Sagrada Eucaristia e receber os outros Sacramentos. Sem o Baptismo não se pode receber nenhum outro Sacramento. Ficamos incorporados ao Corpo Místico de Cristo por estarmos unidos à própria Cabeça que é Jesus Cristo. A Igreja é a nossa Mãe, de quem recebemos auxílios espirituais e a quem honramos e defendemos com o nosso amor.

Como se pode ver, são muitos e maravilhosos os efeitos que o Baptismo produz na nossa alma; temos de agradecer a Deus tê-lo recebido, e procurar que muitos outros o recebam.

d) *Necessidade do Baptismo* [desenvolver, segundo a idade, mais ou menos estas ideias].

O Baptismo é absolutamente necessário para a salvação, tendo o Senhor dito expressamente a Nicodemos: *Aquele que não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no Reino dos Céus* (Jo. 3, 5). Para além do *Baptismo de água*, que é o que nós recebemos, existe também o *Baptismo de desejo*. Quando uma pessoa faz um acto de amor a Deus tendo dor dos seus pecados e desejando fazer tudo quanto Deus dispôs para a salvação, é movida pela bondade divina que presta os auxílios convenientes, e faz portanto, um acto sobrenatural, em que vai incluído, ao menos implicitamente, o desejo de receber o Baptismo. Existe também o *Baptismo de sangue*, que é quando uma pessoa sem Baptismo recebe o martírio por amor de Jesus Cristo.

Como as crianças não são capazes do Baptismo de desejo, se não morrem mártires e não recebem o Baptismo de água, não verão Deus no Céu para sempre. Daí surge a necessidade de baptizar as crianças quanto antes. É a maior prenda que se lhe pode

dar, pois desde esse momento são para sempre membros «de Cristo, sacerdote, profeta e rei» (Ritual do Baptismo).

e) *Quem nos pode administrar o Baptismo* [deixar este ponto muito claro].

Normalmente é o pároco ou qualquer sacerdote autorizado por ele quem baptiza. Mas em caso de necessidade, pode fazê-lo qualquer pessoa, mesmo um não baptizado, Deus quis, dada a importância e necessidade do Baptismo, que qualquer pessoa, mesmo um não baptizado o pudesse administrar, contanto que tenha a *intenção* de fazer o que faz a Igreja e que o administre correctamente.

f) *Modo de administrar o Baptismo* [perguntar se sabem a matéria e a forma válida].

Para baptizar uma pessoa é preciso derramar água natural sobre a cabeça dizendo, com intenção de baptizar, as seguintes palavras: «*Eu te baptizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*».

A matéria é a água natural; a forma, as palavras anteriores. Na cerimónia do Baptismo há diversas partes, mas o essencial é o que dissemos: Derramar a água e, ao mesmo tempo, dizer a forma.

g) *Obrigaçãõ que o Baptismo impõe* [unir com os objectivos propostos no tema].

Quando nos baptizaram, outras pessoas — os pais e os padrinhos — responderam por nós.

Mas agora, que já conhecemos os efeitos que causou na nossa alma, devemos responder nós mesmos. E temos de responder fazendo actos de fé explícitos (recitando o Credo, por exemplo), guardando a lei de Jesus Cristo e da Sua Igreja, e renunciando para sempre ao demónio, às suas obras e às suas pompas como se faz na liturgia do Sábado Santo ao recordar o nosso nascimento para a vida da graça.

3. Perguntas-resumo

Que é o Baptismo? Que efeitos produz o Baptismo? Qual é a fórmula do Baptismo? Quem pode administrar o Baptismo?

c) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. No rito do Baptismo há um núcleo central.

O catequista pode ler pausadamente as orações e explicar o rito.

Celebrante (dirigindo-se aos pais e padrinhos):

«Quereis, portanto, que o vosso filho N. ... seja baptizado na fé da Igreja que todos juntos acabamos de professar?».

Pais e Padrinhos: «Sim, queremos».

Celebrante: «N. ... eu te baptizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo».

Celebrante: «Deus todo poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que vos libertou do pecado e vos regenerou pela água e pelo Espírito Santo, unge-vos com o crisma da salvação, para que, reunidos ao Seu povo, permaneçais, eternamente, membros de Cristo sacerdote, profeta e rei».

2. Na Vigília Pascal do Sábado Santo recorda-se a liturgia baptismal. O Baptismo é como uma ressurreição do cristão.

O sacerdote benze a água e, metendo nela o círio paschal, diz: «Sobre esta água, Senhor, desça, por Vosso Filho a virtude do Espírito Santo para que todos, sepultados pelo Baptismo na morte com Cristo, com Ele ressuscitem para a vida. Por Nosso Senhor Jesus Cristo ...».

Recordar-lhes que essa vida que brotou no Baptismo é necessário conservá-la e fazê-la crescer.

3. A liturgia baptismal é muito rica para extrair dela pormenores que formem e fomentem aspectos da vida interior do aluno. Por exemplo o significado da vela acesa, da veste branca, etc. Aproveitar estes aspectos do rito segundo convier aos alunos.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder de cor às perguntas respectivas do Catecismo.
- Que comentem algumas das orações da liturgia baptismal.
- Assistir com eles a alguma cerimónia baptismal e, depois, fazer que redijam o que viram.
- Que preparem um cartaz que explique esta frase: «O Baptismo é um novo nascimento».
- Que averiguem, perguntando aos pais ou ao pároco, o dia do seu Baptismo.
- Que façam, no seu caderno, um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias ou desenhos.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 134-139.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 36 — Na Confirmação
recebemos o Espírito Santo.*

GC - 36

1. Importância da Confirmação para todos os batizados

A vida sobrenatural começa com o sacramento do Baptismo, quando o homem é regenerado para a vida divina, renascendo pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo. 3, 5); mas chega à sua maturidade pela Confirmação, na qual recebe a plenitude do Espírito Santo. S. Tomás explica a função diversa dos sacramentos por comparação com a vida natural. E assim como na vida corporal não basta nascer mas é preciso crescer e fortalecer-se — é o processo ordinário e o contrário seria uma anormalidade — assim na vida da alma se entende a importância da Confirmação que é o sacramento do crescimento.

Não consta expressamente no Evangelho o momento preciso da instituição do Sacramento da Confirmação pelo Senhor. Instituiu-o não o realizando, mas prometendo-o, porque nele se dá a plenitude do Espírito Santo que não tinha de Se comunicar antes da Ascensão. Bem o compreenderam os Apóstolos depois de receber o Espírito Santo no Pentecostes, pois, ao saberem que os da Samaria tinham aceitado a palavra de Deus e se tinham batizado, enviaram Pedro e João, que lhes impuseram as mãos e oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (cfr. Act. 8, 14-17). O diácono Filipe, que lhes tinha pregado

Cristo, não lhes podia administrar o sacramento da Confirmação: só o podiam fazer os Apóstolos; estes apressaram-se a completar a obra de Filipe, e enviaram-lhes Pedro, que era o principal dos Apóstolos, e João que o acompanhava. O mesmo fez S. Paulo com aqueles discípulos de Éfeso a quem impôs as mãos para que recebessem o Espírito Santo, depois de já terem recebido o Baptismo de Cristo (cfr. Act. 19, 1-6).

Por essa razão, este Sacramento deve administrar-se a quantos foram baptizados. Ainda que alguém não chegue a viver muito tempo, a sua alma imortal deve estar madura para o último grau de plenitude espiritual, o definitivo, que será o Céu. Contudo, não é absolutamente necessário como o Baptismo. Pode-se entrar no Céu unicamente com a graça que dá o Baptismo. A Confirmação é um sacramento de perfeição sobrenatural.

O Concílio Vaticano II ensina-nos a importância do Sacramento da Confirmação dizendo que os baptizados, «pelo Sacramento da Confirmação, são mais perfeitamente vinculados à Igreja, enriquecidos com uma força especial do Espírito Santo e deste modo ficam obrigados a difundir a fé por palavras e obras como verdadeiras testemunhas de Cristo»¹.

2. A Confirmação produz frutos semelhantes aos do Pentecostes

Há uma relação íntima entre a vinda do Espírito Santo no dia do Pentecostes sobre os Apóstolos e a recepção do Sacramento da Confirmação pelos Baptizados. Os Apóstolos receberam a plenitude do Espírito Santo e houve sinais sensíveis: o vento impetuoso, as línguas de fogo, etc. Na Confirmação, nós recebemos também de modo especial os dons do Espírito Santo: não se repetem os sucessos extraordinários, mas sim a excepcional doação do Espírito Santo.

O livro sagrado dos Actos narra a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos (cfr. Act. 2, 1 ss) e os efeitos maravilhosos que produziu, destacando a fortaleza para confessar com valentia a fé em Jesus Cristo (cfr. Act. 4, 18-20). Produziu-se neles uma profunda transformação, pois de repente, os que tinham sido covardes na Paixão abandonando o Senhor, convertem-se em homens valentes, decididos a superar qualquer obstáculo, por maior que pudesse parecer. Pregam o nome de Jesus perante milhares de pessoas (cfr. Act. 2, 41), defendem a sua condição de discípulos ante os tribunais (cfr. Act. 4, 1 ss), fazem publica-

¹ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 11.

mente milagres em nome de Jesus (cfr. Act. 3, 1 ss), etc. Porque nesse dia foram confirmados em graça e fortalecidos de um modo especialíssimo, porque Deus os destinou a ser fundamento da Sua Igreja.

Sem sinais externos espectaculares, Deus continua verdadeiramente a conceder na Confirmação a plenitude dos Seus dons, em especial o dom da fortaleza. É importante que os fiéis recebam este sacramento no momento oportuno, ficando robustecidos para vencer as dificuldades que provêm do mundo, do demónio e da carne e que costumam surgir ao chegar o uso da razão. Os anos seguintes são decisivos para consolidar a vida cristã, daí a conveniência de o receber cedo uma vez atingida a idade da razão. E também o necessitam para confessar a fé com valentia, fazendo apostolado, visto que, como diz o Concílio Vaticano II, «inseridos pelo Baptismo no Corpo Místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao Apostolado»².

3. Os efeitos da Confirmação

Para entendermos os efeitos da Confirmação temos que recordar que nos efeitos das criaturas actuam as três Pessoas divinas. No Pentecostes manifestou-se, visualmente com fenómenos extraordinários, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que é o Espírito Santo, mas actuava toda a Trindade. Contudo, quem se mostrou de maneira visível foi o Espírito Santo conferindo aquela graça excepcional.

O mesmo acontece na Confirmação quando dizemos que «se dá o Espírito Santo para nos fortalecer, como se deu aos Apóstolos no dia de Pentecostes, de modo que o cristão possa confessar com audácia o nome de Cristo»³.

Por outro lado, em todos os sacramentos recebemos a graça, e, em consequência, recebemos o Espírito Santo. Porque se sublinha tanto que na Confirmação se nos dá, de modo especial, o Espírito Santo?

A Confirmação é um sacramento de vivos — é preciso recebê-lo em estado de graça — e o efeito próprio é aumentar e desenvolver a graça do Baptismo. Mas este aumento tem como característica especial a comunicação com maior intensidade dos dons do Espírito Santo que fortalecem a alma e a impelem com mais força para professar a fé perante os inimigos exteriores. O Baptismo dá-nos a graça para sermos fiéis à vocação cristã na vida pessoal,

² VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem*, n. 3.

³ CONCÍLIO DE FLORENÇA, Decreto *pro Armenis*, Dz 697 (1319).

enquanto que a Confirmação nos capacita para uma fidelidade pública. Por isso se diz que a Confirmação nos torna *militēs Christi*, soldados de Cristo. O que não significa que não tenhamos de corresponder com o nosso esforço à acção do Espírito Santo; antes pelo contrário, o que é próprio do soldado é lutar. Mas não há dúvida de que, dentro dessa colaboração com o Espírito Santo, Ele fortifica grandemente a nossa debilidade, facilitando-nos o compromisso de sermos verdadeiras testemunhas da fé diante dos outros.

Concretizando, os efeitos da Confirmação são: o carácter — por isso se recebe só uma vez —, que é diferente do do Baptismo, e o aumento da graça santificante.

Santo Ambrósio comenta os efeitos da Confirmação com estas palavras: «Recebeste o selo espiritual, o espírito de sabedoria e entendimento, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e de piedade, espírito de santo temor. Guarda o que recebeste. Selou-te Deus Pai, fortaleceu-te Cristo Senhor, deu-te o penhor do Espírito no teu coração»⁴.

4. Significado da matéria e forma da Confirmação

A graça da Confirmação encontra-se simbolizada na matéria e forma deste sacramento⁵. Aquele que o recebe unge-se-lhe a fronte com o crisma, que é uma mistura de azeite e bálsamo, benzido pelo Bispo no dia de Quinta-feira Santa, impondo-lhe, ao mesmo tempo, a mão sobre a cabeça. O azeite é símbolo de fortaleza; utilizavam-no os atletas ao preparar-se para as competições, e significa a plenitude espiritual, a maturidade cristã da Confirmação. O bálsamo é uma substância aromática que significa a graça interior que transcende para o exterior pelo bom odor de Cristo, o das boas obras e a constância na fé.

A forma são as palavras que o Ministro pronuncia ao aplicar a matéria dizendo: «N. ..., recebe por este sinal o dom do Espírito Santo». O confirmado responde: «Amen». E como ao soldado lhe dão as armas que há-de levar para a batalha, assim ao confirmado se lhe assinala com o sinal da Cruz na fronte para significar que a arma com que há-de lutar é a Cruz, levada

⁴ SANTO AMBRÓSIO, *Sobre os mistérios*, 7, 42.

⁵ PAULO VI, com data de 15-VIII-1971, tornou pública a Const. Apostólica *Divinae consortium naturae*, na qual estabeleceu que, no futuro, na Igreja latina a Confirmação se confira mediante a unção do Crisma sagrado sobre a fronte, enquanto se impõe a mão, e as palavras da fórmula. Posteriormente, em 4-VI-1973, a Sagrada Congregação para o Culto Divino estabelecia a seguinte fórmula para os países de língua portuguesa: «N. ..., recebe por este sinal, o dom do Espírito Santo».

não só na sua mão ou sobre o peito, mas sobretudo na sua própria vida e conduta.

Ao administrar hoje o Sacramento da Confirmação, a Igreja repete essencialmente a simples cerimónia que os Actos dos Apóstolos relatam, acrescentando alguns ritos para tornar mais compreensível o facto fundamental que é a recepção do Espírito Santo e os efeitos salutares que produz na alma do baptizado que, desde então, é constituído testemunha fiel e valente de Nosso Senhor Jesus Cristo no meio do mundo. Assim o exprime esta oração do rito em que se administra o Sacramento:

«Oremos, irmãos, a Deus Pai todo-poderoso, para que derame o Espírito Santo sobre estes Seus Filhos adoptivos que pelo Baptismo já renasceram para a vida eterna. O mesmo Espírito Santos os fortaleça com a abundância dos Seus dons, os consagre com a Sua unção espiritual e os faça imagem perfeita de Jesus Cristo»⁶.

5. Os padrinhos da Confirmação

Os padrinhos podem ser dois ou um e são as testemunhas da livre decisão do confirmando. A eles compete — mais ainda se são os mesmos do Baptismo — a obrigação de colaborar, primeiramente na preparação dos confirmandos para receber o sacramento e, em segundo lugar, contribuir com a sua palavra e com o seu testemunho, para a perseverança na fé e na vida cristã dos afilhados. O seu lugar é supletivo em relação à obrigação primordial dos pais, mas nem por isso a sua missão deixa de ter importância para a vida futura do confirmando.

Nas catequeses preparatórias é necessário deixar muito claro esta responsabilidade.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Desejar ardentemente receber o Sacramento da Confirmação, se ainda não o recebeu.
- Conhecer muito bem os efeitos deste Sacramento na nossa alma.

⁶ *Ritual dos Sacramentos*, Confirmação dentro da Missa. Invocação na Imposição das mãos.

- Dar-se conta que com este Sacramento recebemos a força necessária para sermos testemunhas valentes de Cristo, perante os outros, animando-os a viver como verdadeiros cristãos.

De Liturgia e vida cristã

- Invocar com frequência o Espírito Santo pedindo a ajuda dos seus dons.
- Transmitir e defender com audácia a fé recebida.
- Participar com seriedade nos actos litúrgicos, sem respeitos humanos.
- Receber com frequência os Sacramentos da Penitência e Eucaristia para manter e desenvolver a graça recebida no Baptismo e Confirmação.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se narrar a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos (Act. 1, 12-15; 2, 1-55), insistindo nos efeitos que neles produziu:

- *Dom de sabedoria*: antes não gostavam das coisas de Deus, agora sim;
- *Dom de entendimento*: antes não entendiam muitas coisas sobre o Senhor, agora compreendem-nas;
- *Dom do conselho*: antes não sabiam aconselhar bem, agora sabem dizer aos que os escutam como hão-de fazer para abandonar a sua má vida e orientar-se definitivamente para Deus;
- *Dom da fortaleza*: antes tinham medo, agora falam com audácia e sem temor;
- *Dom da ciência*: antes eram incultos e ignorantes, agora falam línguas estranhas;
- *Dom da piedade*: antes não eram piedosos — dormiam no Jardim das Oliveiras, não rezavam —, agora sim, fazem-no;
- *Dom de temor de Deus*: antes não cumpriam sempre a vontade de Deus, agora sim.

Em seguida pode-se narrar como os Apóstolos administravam o Sacramento da Confirmação (ver Act. 8, 14-18; 19, 5-6).

Para o diálogo podem servir algumas das perguntas seguintes:

- Como se comportavam os Apóstolos antes de receber o Espírito Santo?: Tinham medo, não entendiam muitas coisas, etc.
- Alguns dos efeitos que produziu neles o Espírito Santo: Transformou-os tornando-os fortes, falavam línguas estranhas, etc.

— Em que Sacramento nos é dado especialmente o Espírito Santo?:
No Sacramento da Confirmação.

— Para que instituiu Jesus Cristo este Sacramento?: Ver o texto.

b) Pode-se começar falando dos atletas e desportistas que se preparam fortalecendo os músculos para saírem vencedores nas provas. E como Jesus Cristo, que conhece a nossa debilidade e dificuldades, deu-nos este dom que é o Sacramento da Confirmação.

O diálogo pode girar à volta do tema dos respetos humanos, debilidade ou cobardia de alguns cristãos, dificuldades do ambiente, comparando-as com as dos tempos dos Apóstolos, etc.

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Os Apóstolos receberam a plenitude do Espírito Santo no dia de Pentecostes; nós, ao receber a Confirmação [unir com os textos da Introdução].*

Os Apóstolos já tinham recebido o Espírito Santo antes da Ascensão do Senhor aos céus. S. João diz-nos em 20, 22, que numa das aparições depois da Ressurreição, Jesus soprou sobre os Seus Apóstolos e disse-lhes: *Recebei o Espírito Santo*. Mas no Pentecostes receberam-n'O com mais plenitude.

Quando recebemos o Baptismo, recebemos também o Espírito Santo, pois temos já a vida da graça. Mas precisamos, como os Apóstolos, de fortalecer a nossa fé e crescer em graça, para lutar contra os inimigos da alma, e ser apóstolos de Jesus. O Senhor instituiu o Sacramento da Confirmação para fortalecer o cristão no seu esforço por se mostrar perante os outros como um verdadeiro discípulo de Cristo.

b) *Efeitos do Sacramento da Confirmação na nossa alma [fazer-lhes ver, com exemplos concretos, como precisamos dessas graças na nossa vida cristã].*

De maneira semelhante ao que sucedeu aos Apóstolos no dia de Pentecostes, este Sacramento, produz na nossa alma o seguinte:

— *Aumenta a graça do Espírito Santo.* A vida da graça que recebemos pela primeira vez no Baptismo, chega à sua plenitude com a Confirmação.

— *Fortalece a fé.* A palavra Confirmação significa fortalecimento. Com este Sacramento a nossa fé em Jesus Cristo fica fortalecida.

— *Faz-nos soldados e apóstolos de Cristo.* O bom soldado deve ser forte tanto na defesa como na conquista. A Confirmação

dá-nos forças para defender a fé e nos defendermos dos inimigos exteriores da nossa salvação: o demónio, as paixões, o mau exemplo e até as perseguições, abertas e veladas, que se desencadeiam contra os cristãos. Dá-nos vigor para confessar com firmeza a nossa fé sendo testemunhas de Jesus Cristo, colaborando na santificação do mundo e actuando como apóstolos no local onde vivemos e trabalhamos.

— *Imprime nas nossas almas um carácter ou selo que não se apaga.* Pela Confirmação somos marcados para sempre como soldados de Jesus Cristo, colaborando no Seu Reino. Por isso, só se pode receber uma vez na vida.

c) *Ministro, sujeito e forma do Sacramento da Confirmação* [pode-se-lhes perguntar se o sabem].

O *ministro ordinário* deste Sacramento é o Bispo, embora nos casos estabelecidos pela Igreja possa administrá-lo o Sacerdote.

O *sujeito* é toda a pessoa baptizada que não o tenha recebido. Para se receber deve-se estar na graça de Deus, conhecer os principais mistérios da fé, e aproximar-se dele com reverência e devoção.

A *matéria* é a unção feita na fronte com o Santo Crisma (mistura de azeite e bálsamo benzido pelo Bispo), enquanto impõe a mão. A unção significa um dos efeitos do Sacramento: robustecer a fé. Os atletas e soldados faziam massagens com azeite para estarem mais ágeis e vigorosos na hora do combate.

A *forma* são as palavras que pronuncia o Ministro: Chama-nos com o nosso nome e diz: «N. ..., recebe por este sinal o dom do Espírito Santo». Ao que respondemos: «Amen».

d) *Temos de desejar ardentemente receber este Sacramento ou crescer nas suas graças se já o recebemos* [conforme o tenham ou não recebido, insistir mais num aspecto ou noutro].

Deus vai-nos dando muitas graças, às quais nós devemos corresponder. A Confirmação fez-nos soldados e apóstolos de Jesus Cristo. Temos de manter e desenvolver as graças que, nesse dia, recebemos, e uma maneira muito boa é recebendo com frequência os Sacramentos da Penitência e Eucaristia, pois com eles recebemos também o Espírito Santo e crescemos na graça. Temos de ser fortes — como bons soldados — para confessar a doutrina cristã.

Geralmente, a vida do cristão desenvolve-se em circunstâncias vulgares e normais. Só em ocasiões extraordinárias pode pedir o Senhor o heroísmo do martírio, como aqueles que derra-

maram o seu sangue, por confessar a fé em Jesus Cristo; mas pede-nos a todos que sejamos fortes nas pequenas lutas da vida diária, no convívio com os pais e irmãos, no trabalho bem feito e oferecido a Deus, na ajuda generosa e desinteressada aos companheiros, na defesa da doutrina de Jesus Cristo quando é atacada, na sua difusão com o nosso bom exemplo, conselhos e palavras amigas.

3. Perguntas-resumo

Que é a Confirmação? Para que serve? Quem pode administrá-la? Qual é a matéria e a forma? Que efeitos produz em quem a recebe?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

O rito da Confirmação tem dois momentos de especial significado, e que podem ser motivo para fazer pensar os alunos:

1.º — *A imposição das mãos.* O Bispo e os presbíteros que com ele administram a Confirmação impõem as mãos sobre os confirmandos. O Bispo diz:

«Deus todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que, pela água e pelo Espírito Santo, regenerastes para a graça estes Vossos servos, e os libertastes do pecado, enviastes sobre eles e infundi em seus corações o Vosso Espírito Santo Paráclito; dai-lhes Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade e enchei-os do espírito do Vosso Santo temor. Por Nosso Senhor Jesus Cristo ...»

«Amen.»

Pode-se comentar-lhes brevemente o conteúdo dos dons que se pedem ao Espírito Santo.

2.º — *A Crismação.* É o momento culminante em que o Bispo lhes impõe a mão e os marca com o Crisma. O Bispo molha o dedo polegar da sua mão direita no Santo Crisma e faz com ele o sinal da Cruz sobre a fronte do confirmando dizendo:

«N. ..., recebe por este sinal o dom do Espírito Santo». Ao que o confirmado responde: «Amen».

Fazer ver aos alunos que ser crismado significa ser Cristo, ungido, e que, agora mais que nunca, as suas vidas devem assemelhar-se à de Cristo.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas respectivas do Catecismo.
- Os que não foram confirmados e têm idade para isso, que vão falar com o pároco, animando-os a que peçam para receber em breve este Sacramento.
- Por grupos, fazer um cartaz sobre o significado do «Crisma».
- Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias ou desenhos.
- Fazer uma redacção em que se comente alguma oração ou rito da Confirmação.
- Os que receberam o Sacramento, que se informem do dia em que foi para tomar nota e não se esquecerem.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 154-157.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

Tema 37 — Pecamos quando não cumprimos a vontade de Deus.

GC - 37

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Ao pecado original acrescentamos os nossos pecados pessoais

O enigma da vida humana desvenda-se em grande medida à luz da tremenda realidade do pecado original, que a fé nos descobre. O homem revoltou-se contra Deus, e daí surgiram todas as misérias que a nossa existência acarreta. O Concílio Vaticano II recorda-nos, como o fez tantas vezes o Magistério da Igreja, a realidade desse pecado original: «Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele»¹.

Quando, iluminados pela fé, consideramos este mistério, costumamos considerar em primeiro lugar as penas que trouxe consigo: o suor do trabalho, a dor, a enfermidade, a morte. Contudo, esta é uma consideração até certo ponto secundária. A verdadeira gravidade do pecado original é que o homem, ao desobedecer, ofendeu a Deus, perdeu a Sua graça e amizade, e aquela

¹ VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 13.

harmonia em que Deus o tinha criado ficou transformada, sentindo no seu interior a revolta das paixões, a inclinação para o mal, a concupiscência.

Esta é a condição em que todos nascemos. Nascemos em pecado e inclinados para o pecado. Como diz a Profissão de Fé de Paulo VI, «é a natureza humana assim decaída, despojada do dom da graça que antes a revestia, ferida nas suas próprias forças naturais e sujeita ao domínio da morte, que é transmitida a todos os homens; e é neste sentido que cada homem nasce em pecado»².

O Baptismo apaga o pecado original, perdoa as penas, restitui-nos a amizade com Deus, ao recebermos a graça santificante que Cristo alcançou para nós com a Sua morte na Cruz; mas não tira a concupiscência. Esta permanece para que o homem lute e alcance o Céu como prémio. Por isso não se pode esquecer que cada um tem dentro de si o aguilhão do pecado. Quando o esquecemos, e consentimos na incrível soberba de desprezar a Deus, como aconteceu com Adão e Eva, cometemos um pecado pessoal usando mal a nossa liberdade e enganando-nos a nós mesmos. O pecado é uma ofensa a Deus. Perante a possível opção entre o próprio gosto ou a vontade divina, se o homem se decide pelo primeiro, negando-se às solicitações da graça, a busca da própria satisfação é desordenada, implica revolta contra Deus, um desprezo da Sua sabedoria e bondade, endereçando as outras criaturas ao proveito próprio em vez da glória de Deus. O pecado é, portanto, um afastamento de Deus e uma entrega às criaturas (*aversio a Deo et conversio ad creaturas*).

Contudo, não se pense que o homem peca necessariamente ou que a liberdade é um invento diabólico, como Lutero afirmava. A liberdade é real e um dom magnífico de Deus ao homem. O que se passa é que Deus quis pôr à prova a nossa fidelidade e ordenou a nossa vida com uns mandamentos ou preceitos quer impressos na natureza (*lei natural*), quer manifestados na Revelação (*lei divino-positiva*). A nossa obrigação moral é obedecer e cumpri-los, reconhecendo o domínio supremo de Deus sobre todas as coisas e sobre nós. Se não obedecemos ou não cumprimos esses mandamentos pecamos, desprezando e ofendendo a Deus.

A Igreja, que governa os fiéis com a autoridade de Cristo, também pode impor obrigações mesmo graves, como o preceito de ouvir Missa aos Domingos e festas de guarda, ou a lei do jejum. Com isso não visa outra coisa senão determinar e facilitar o cumprimento das nossas obrigações para com Deus.

² PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 16.

Além da concupiscência ou agulhão interior do pecado, temos as tentações do demónio, que, como inimigo de Deus, nos quer afastar d'Ele. O demónio por sua vez, serve-se do mundo: dos maus exemplos dos outros, dos seus erros, para nos induzir ao mal. É o que dizem os Catecismos quando assinalam que os inimigos do homem (alma) são o mundo, o demónio e a carne.

Apesar de tudo, embora todos sejamos pecadores, segundo afirmou S. João: *Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e não há verdade em nós* (1 Jo. 1, 8), com a graça de Deus a nossa liberdade é mais forte e podemos vencer.

2. O demónio tenta a nossa concupiscência

Não podemos estranhar que estejamos submetidos às tentações, enquanto permanecermos na terra. Deus permite-o para nosso bem, pois assim como o bom oiro se prova no crisol, assim as verdadeiras virtudes se fortalecem na tentação: tornamo-nos mais fortes na luta diária para, um dia, alcançarmos maior recompensa, etc.

No entanto, nem todas as tentações são alheias a nós, porque às vezes as provocamos mediante concessões à concupiscência, por falta de espírito de luta, ou por afastamento progressivo de Deus. De modo que muitas tentações procedem do demónio, pois o seu ofício é tentar, mas outras vezes são provocadas livremente pela nossa concupiscência.

Deus nunca tenta ninguém, incitando-o ao mal (cfr. Tiago 1, 13), mas permite que sejamos tentados, para nos dar a ocasião de O amar com obras e de alcançar maiores méritos. Olhando a estes méritos, diz um dos padres gregos: «Nenhum atleta será premiado, se não lutar com afinco (2 Tim. 2, 5), e não seria autêntico combate, se faltasse o adversário com quem combater. Portanto, se não há adversário, não haverá coroa; pois não pode haver vencedor onde não há vencido»³.

Devemos resistir à tentação imediatamente e pedir a graça de Deus, que nunca nos falta. O melhor é não dialogar com a tentação. Há que fugir dela, ter o tempo ocupado, e recorrer ao Senhor como Ele nos recomendou: *Vigiai e orai para não cairdes na tentação* (Mt. 26, 41). Se consentimos na tentação, pecamos ... Por outro lado, actuamos com imprudência se aceitamos o diálogo com a tentação e não usamos os meios sobrenaturais para a rejeitar: por exemplo, invocar Nossa Senhora, recorrer ao Anjo da Guarda ...

³ S. GREGÓRIO DE NISA, *De Perfecta christiani forma*.

3. O pecado mortal é uma grave ofensa a Deus

O pecado mortal é uma ofensa grave contra Deus e uma grave desgraça para o homem. Com ele revolta-se contra o seu Criador e Senhor, ofende a infinita santidade de Deus, e despreza com suma ingratidão o amor que lhe manifestou. A desgraça para o homem provém da perda da vida sobrenatural da graça santificante, da amizade com Deus e dos méritos sobrenaturais que tinha até esse momento, de modo que se morre sem arrependimento, terá condenação eterna, e, já nesta vida, diversas penas temporais. Ao pecar gravemente, o homem lesa a sua própria natureza humana e pode ser causa de grandes desgraças para outros.

Quando consentimos livremente na tentação, ofendemos a Deus, faltamos contra a Sua santa vontade e contra a ordem estabelecida por Ele, e violamos consciente e voluntariamente a Lei divina. Comete-se pecado mortal quando se trata de matéria grave, isto é, de uma coisa de importância; por exemplo, renegar a fé, odiar a Deus ou o próximo, cair na impureza, etc. Mas também se requer conhecer com clareza que se trata de algo grave, que ofende a Deus, e, apesar disso, dar o pleno consentimento. Se não há clareza por ignorância inculpável ou falta o consentimento, o homem não peca formalmente embora haja pecado material. Por isso, devemos ter uma consciência delicada, que saiba o que é pecado e o que não é, para não ofender a Deus nem sequer por ignorância.

Acerca da importância do pecado — mortal e venial — diz o *Directório Catequístico Geral*: «As condições da história e da vida não devem ser consideradas como o principal obstáculo à libertação do homem; o homem, quando adere livremente à obra da salvação, encontra o maior obstáculo no pecado»⁴.

4. O pecado venial é uma ofensa leve a Deus

Há ocasiões em que nós não nos afastamos totalmente de Deus, mas somos negligentes no seu serviço, preferindo a satisfação dos próprios desejos. Estes pecados constituem uma ofensa leve a Deus, cuja dignidade é infinita, mas não acarretam a morte da alma. Desvia-nos, no entanto, pouco a pouco do fim último e vêm a ser como uma doença da alma que nos predispõe para o pecado mortal.

Chamam-se pecados veniais, porque alcançam vénia ou perdão de Deus com facilidade, dada a Sua grande misericórdia.

⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório Catequístico Geral*, Roma, 11-IV-1971, n. 62.

O pecado venial comete-se quando a matéria é leve, ou, sendo grave, falta a plena advertência ou o pleno consentimento.

Os pecados veniais são também uma séria injustiça contra Deus e causam-nos muito dano, porque constituem uma ingrati-dão para com o nosso Pai e nosso Redentor; pessoalmente, pri-vam-nos de muitas graças, debilitam a nossa vontade dando oca-sião à tibieza, e põem-nos em perigo de cometer pecados mortais. Além disso, os pecados veniais acarretam penas temporais nesta vida e, se não fazemos penitência, na outra.

Apesar da nossa facilidade para ofender a Deus, não pode-mos esquecer a Sua infinita misericórdia. Esta mostra-se especial-mente no Sacramento da Penitência, onde o Senhor oferece ao pecador a possibilidade de voltar à Sua amizade, fortalecendo-o com a Sua graça, para evitar novas quedas, enchendo-o de paz e alegria. «A alegria é um bem cristão. Só desaparece com a ofensa a Deus, porque o pecado é fruto do egoísmo e o egoísmo é a causa da tristeza. Mesmo então, essa alegria permanece no fundo da alma, pois sabemos que Deus e a Sua Mãe nunca se esquecem dos homens»⁵.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conhecer claramente o que é o pecado: ofensa a Deus.
- Saber distinguir entre o que é pecado mortal e o que é pecado venial.
- Fazer compreender que o pecado é o único e verdadeiro mal.

De Liturgia e vida cristã

- Habitua-los a ser sinceros no exame de consciência e a reconhe- cer as suas faltas.
- Ensiná-los a pedir perdão a Deus e aos outros quando come- temos uma falta.
- Fazer-lhes ver que, estando em pecado, somos membros mor- tos da Igreja e merecedores do inferno.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar narrando a seguinte história:

Conta-se que no século V, Arcádio, imperador de Constanti- noplá, instigado pela sua esposa, a imperatriz Euxódia, quis cas-

⁵ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 178.

tigar S. João Crisóstomo. Cinco cortesãos propuseram diversos meios: «Mandai-o para o desterro», disse um. «Confiscai-lhe os bens», acrescentou outro. «Metei-o no cárcere agravado com cadeias». «Matai-o». O último, por fim, disse ao imperador: «Se o mandardes para o desterro ficará contente, sabendo que, em todos os lugares, está com Deus; se o despojais dos seus bens, não lho tirais a ele mas aos seus pobres; se o encerrais num calaboiço, beijará as cadeias; se o condenais à morte, abris-lhe as portas do céu ... Fazei-o pecar. Ele só tem medo do pecado ...».

Pode-se abrir um diálogo com as crianças com estas ou semelhantes perguntas:

- Que queriam fazer a S. João Crisóstomo os seus inimigos?: Castigá-lo o mais possível.
- Que coisas propuseram para o castigar?: O desterro, confiscar-lhe os bens, o cárcere, a morte, fazê-lo pecar.
- De todos estes males, qual é o pior?: O pecado.
- Porquê?: Porque é uma ofensa a Deus e perde-se a graça.
- Temos nós também o pecado como o pior mal?: Deixar que eles pensem, em silêncio, uns segundos.

b) Comentar a passagem do livro do Génesis (3, 1-24), recolhendo as seguintes ideias:

- Adão e Eva pecaram seduzidos pelo demónio.
- Podiam não pecar, e foram responsáveis do seu pecado.
- O pecado ofende a Deus, que aborrece o mal.
- O pecado rompe a amizade com Deus e merece castigo.

Aproveitar a força das narrações para fazer ver aos alunos como o pecado é uma ofensa a Deus e rompe as relações com Ele.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Todos nascemos com inclinação para o pecado* [levá-los a recordar o tema sobre o pecado original].

Todos nascemos com o pecado original, privados da graça. Mas, embora este pecado nos seja apagado no Baptismo, fica em nós a inclinação desordenada da concupiscência, debilitada a vontade e obscurecida a inteligência. Além disso, o mundo seduz-nos com os seus bens enganadores e o demónio tenta-nos.

- b) *Podemos resistir às tentações* [usar o texto de Mateus 4].

Deus permite a tentação para nos pôr à prova. O próprio Jesus Cristo quis ser tentado pelo demónio, mas Ele disse ao demónio: *Afasta-te, Satanás ...* (cfr. Mt. 4, 8). Com a graça de Deus

podemos vencer sempre a tentação. Quando ela chega devemos resistir e orar. Resistir com valentia, fugindo da ocasião e rejeitando quem nos induz a pecar. E orar seguindo o conselho que Jesus Cristo nos dá: *Vigiai e orai para não cairdes em tentação* (Mt. 26, 41).

- c) *Quando caímos na tentação, ofendemos a Deus, pecamos* [mostrar como num combate, se alguém não luta, é vencido].

Muitas vezes não escutamos as advertências do Senhor e consentimos na tentação. Faltamos contra Deus, contra a Sua santa vontade e contra a Sua ordem. Violamos consciente e voluntariamente a lei de Deus. Pecamos, e, com isso, ofendemos a Deus.

Para cometer um pecado requerem-se três coisas: 1.º) Que uma coisa seja má ou se acredite que é má; pode ser pensamento, desejo, palavra, obra ou omissão; 2.º) Dar-se conta que aquilo é uma ofensa a Deus porque não cumprimos a Sua santa vontade; 3.º) Apesar de se ver que aquilo é mau, fazê-lo, pensá-lo ou desejá-lo.

- d) *O pecado mortal é uma grave ofensa a Deus* [fazer que dêem exemplos de pecados graves].

Quando se peca numa coisa importante (matéria grave), conhece-se com clareza que se trata de algo grave e dá-se, não entanto, o pleno consentimento, então produz-se o pecado mortal. Com ele ofendemos gravemente a Deus, e é uma grande desgraça para o homem, pois deixamos de ser filhos de Deus, perdemos a vida da graça e tornamo-nos réus do inferno. Deve sair-se imediatamente do pecado mortal, confessando-se ou fazendo um acto de contrição perfeita com o propósito de se confessar quanto antes.

- e) *O pecado venial é uma ofensa leve a Deus* [fazer que dêem exemplos de pecados leves].

As vezes, sem deixar de amar a Deus, deixamo-nos arrastar pelas paixões em coisas que não quebram de todo os seus divinos mandamentos, embora desagradem a Deus; ou, se se violam os mandamentos, faz-se sem o suficiente conhecimento ou sem a perfeita voluntariedade. Nestes casos, o pecado diz-se venial ou leve; não nos faz perder a graça e a amizade com Deus, mas debilita a nossa vida sobrenatural e põe-nos em perigo de chegar a cometer pecados graves; não nos torna réus do inferno, mas sim de outras penas temporais no Purgatório. Por ser ofensa a Deus e pelos danos que nos causam, devemos com todas as nossas forças

evitar também estes pecados veniais: há que ter horror ao pecado venial deliberado.

f) *Deus não nos abandona, e pelo Sacramento da Penitência perdoa-nos os nossos pecados.*

Concluir a sessão dizendo-lhes como Deus não nos abandona nem sequer quando O ofendemos. Espera-nos para nos perdoar no Sacramento da Penitência, que se verá no próximo dia.

3. Perguntas-resumo

Que é o pecado? Que diferença existe entre o pecado mortal e o venial? Podemos resistir às tentações? Que meios temos para resistir às tentações?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

A Igreja, como boa Mãe, conhece muito bem a nossa debilidade e as ocasiões que o demónio nos apresenta para que pequemos. Ela recorda-nos sempre, na Liturgia, que temos de estar atentos para não nos deixarmos enganar, e convida-nos à prática da penitência:

«Durante quarenta dias, Ele (Cristo) se absteve de alimentos corporais, consagrando, com o Seu jejum, a observância quaresmal; vencendo as tentações da antiga serpente, ensinou-nos também a vencê-las ...»

(Do Prefácio do primeiro domingo da Quaresma)

Aproveitar o comentário desta parte do Prefácio para insistir-lhes na necessidade da mortificação, ensinando-lhes a descobrir pequenas mortificações na sua vida.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Ensinar-lhes a fazer todos os dias o exame de consciência antes de se deitarem.
- Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias ou desenhos.
- Fazer uma redacção sobre a vida de algum personagem da história que tenha sobressaído pela sua austeridade e luta contra a comodidade.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 172-178.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 38

*Tema 38 — Na Confissão, Jesus perdoa-nos
por intermédio do Sacerdote.*

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Jesus instituiu o sacramento da Penitência

«A história da salvação — afirma o Directório de Catequese — é também a história da libertação do pecado. Todas as intervenções de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, têm em vista dirigir os homens na luta contra as forças do pecado; a missão confiada a Cristo na história da salvação ordena-se à destruição do pecado e chega à consumação pelo mistério da Cruz»¹.

É verdadeiramente prodigiosa — infinita — a misericórdia do Senhor, que não quer a morte do pecador mas que se converta e viva (cfr. Ez. 33, 11). Durante a Sua vida terrena perdoou aos pecadores arrependidos, e na Cruz expiou superabundantemente todas as culpas dos homens. Esses méritos infinitos da Paixão são-nos comunicados pelos Sacramentos, visto que o homem renasce pelo Baptismo, pela Confirmação alcança a maturidade espiritual, e pela Eucaristia alimenta-se com a graça que lhe

¹ SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório Catequístico Geral*, Roma, 11-IV-1971, n. 62.

outorga o mesmo Cristo, que está ali real e substancialmente presente. Mas, apesar desta abundância de meios para se salvar, o homem pode fazer mau uso da liberdade e pecar. Por isso, a misericórdia divina deu-lhe como remédio o Sacramento da Penitência. Na tarde do dia da Ressurreição, Jesus apareceu aos Apóstolos e disse-lhes: «*A paz esteja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós*». Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes «*Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ficarão perdoados, e àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos*» (Jo. 20, 19-23). Foi principalmente nesta altura que Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Penitência.

2. É o próprio Jesus Cristo que nos absolve, servindo-Se do Sacerdote

Desde os tempos da sua fundação divina, a Igreja ensinou que o poder de perdoar os pecados, próprio de Deus — *quem pode perdoar os pecados senão Deus somente?* (Mc. 2, 7) — foi confiado por Cristo aos Apóstolos e seus legítimos sucessores no sacerdócio; de tal modo que, sem a intervenção dos Sacerdotes, não é possível obter o perdão no Sacramento da Penitência.

O Sacramento da Penitência, por vontade de Deus, é um julgamento que o Sacerdote exerce em nome e com a autoridade de Jesus Cristo. Daí que seja o próprio Jesus Cristo quem — representado pelo Sacerdote — nos perdoa os pecados num julgamento cuja sentença é sempre de perdão, quando o penitente está com as devidas disposições.

Quando o Sacerdote pronuncia a fórmula da absolvição, não o faz «como se declarasse que os pecados estão perdoados, mas a modo de acto judicial, porque ele mesmo, como juiz, pronuncia a sentença»². Por esta razão, a fórmula pronuncia-se de modo indicativo, em primeira pessoa: *Eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*.

O próprio Jesus Cristo absolve e concede o perdão, servindo-Se do ministro como instrumento. Assim fica garantido que a graça, cujo canal ordinário são os Sacramentos, chegará com segurança a todas as almas desde que exista o Sacramento.

Visto que este Sacramento se faz à maneira de julgamento, requer-se no ministro, além do poder sacerdotal, o poder de jurisdição. Deve obter, por isso, as oportunas licenças do Ordinário correspondente. Por causa desse poder de jurisdição, o Romano

² CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XIV, Decreto *De Poenitentiae*, cap. 6, Dz 902 (1684).

Pontífice, e os Bispos nas suas dioceses, podem reservar-se o perdão de alguns pecados especialmente graves. Essa reserva cessa sempre em perigo de morte.

3. Necessidade da Penitência:

Segundo Mandamento da Santa Igreja

Os batizados que cometeram algum pecado mortal precisam de se aproximar do Sacramento da Penitência para obter o perdão de Deus ou, ao menos, arrepender-se com um acto de contrição perfeita e o propósito de se confessar quanto antes. É uma necessidade de direito divino imposta pelo próprio Deus: *Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados e àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos* (Jo. 20, 23).

A Igreja, que é Mãe e conhece as limitações da natureza humana, dispôs que a confissão dos pecados mortais se faça pelo menos uma vez por ano. «Todos os fiéis, de um e outro sexo, que tiverem chegado à idade da discreção, isto é, ao uso da razão — que é por volta dos sete anos — têm obrigação de confessar fielmente todos os seus pecados, ao menos uma vez por ano»³. Portanto, o segundo mandamento da Santa Mãe Igreja obriga a todos os cristãos que *têm uso da razão e estão em pecado mortal, a confessar os pecados mortais ao menos uma vez por ano*. É fácil entender que, se há obrigação de se confessar ao menos uma vez por ano, com maior razão obrigará a confissão em perigo de morte, quando está em jogo o destino eterno depois de prestar contas a Deus; e antes de comungar ou receber Cristo, que é a própria Santidade.

Seria um erro crer que, no início do uso da razão, não se podem cometer pecados mortais e que não faz falta a confissão. Como também o seria pensar que, estando em pecado mortal e em circunstâncias normais, bastaria um acto de contrição para se aproximar da comunhão: quem está em pecado mortal não pode aproximar-se da Sagrada Comunhão sem se confessar antes; se o fizer, comete um sacrilégio.

Este segundo mandamento refere-se só aos pecados mortais. Os pecados veniais podem ser perdoados de muitas maneiras e não é necessário confessá-los; mas podem confessar-se também e é útil confessá-los. O preceito não se cumpre com uma confissão sacrílega ou voluntariamente mal feita.

A Igreja não deixa de insistir no seu Magistério ordinário acerca da conveniência da *confissão frequente*, pela qual aumenta

³ *Código de Direito Canónico*, cânone 906.

o conhecimento próprio, cresce a humildade, desenraizam-se os maus costumes, faz-se frente à tibieza, purifica-se a consciência, robustece-se a vontade e aumenta a graça. O Papa Pio XII dizia na Encíclica *Mystici Corporis* que com a confissão frequente dos pecados veniais «se aperfeiçoa o conhecimento de cada um sobre si mesmo, cresce a humildade, arrancam-se até à raiz os maus costumes, resiste-se ao desleixo e inércia e preguiça espiritual, purifica-se a consciência, fortalece-se a vontade, procura-se uma salutar direcção espiritual e com a virtude do sacramento acrescenta-se a graça»⁴.

Os actos penitenciais colectivos, como os que o sacerdote e os fiéis recitam ao começar a Santa Missa, servem para fomentar a contrição, para perdoar os pecados veniais e para dispor a alma e participar com fruto na Santa Missa; não têm, no entanto, eficácia sacramental para perdoar os pecados mortais.

A Igreja permite, em alguns casos, a absolvição colectiva dos pecados. Consiste em dar a absolvição simultaneamente a muitos fiéis que, por impossibilidade física ou moral, não tiveram possibilidade de confessar os seus pecados individualmente ao sacerdote. Por exemplo, no caso de uma guerra ou naufrágio. Mas a Igreja insiste em que a absolvição individual é o único modo ordinário. Por isso, passada essa impossibilidade física ou moral, os pecados que se perdoaram pela absolvição colectiva têm de se confessar individualmente ao sacerdote⁵.

4. Efeitos da Penitência

A necessidade da Penitência e a utilidade da confissão frequente não são difíceis de ver, conhecendo os efeitos que este sacramento produz na alma do cristão:

a) *Reconcilia o homem com Deus.* Isto é, produz a graça santificante e lava a mancha que o pecado tinha deixado na alma. Perdoa todos os pecados mortais, a sua culpa e o castigo da pena eterna; mas não apaga as marcas que o pecado deixa na alma; isto é, o apego desordenado às criaturas. Contudo, a cura da graça sobre a vontade faz com que esta se torne mais firme e decidida na luta contra as tentações. A pena temporal, ao contrário, nem sempre se perdoa toda; depende da intensidade da contrição e das disposições pessoais do penitente.

⁴ PIO XII, Enc. *Mystici Corporis*, 29-VI-1943.

⁵ Cfr. COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA, *Ritual da Penitência, Praenotanda*, nn. 31 e 34. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Normas pastorais sobre a absolvição Sacramental geral*, 16-VI-1972.

b) *Perdoa os pecados veniais* dos quais se tenha contrição ao menos virtual⁶ e restitui todas as virtudes e méritos que, *in caritate facta* (feitos com caridade), se tinham perdido com o pecado.

c) *Produz um particular auxílio divino* para evitar os pecados, especialmente aqueles dos quais o penitente se confessou: é a graça sacramental própria deste sacramento.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que as crianças dêem muito valor ao Sacramento da Penitência.
- Fazer ver como a Confissão é o Sacramento da misericórdia de Deus: perdoa-nos sempre que nos aproximemos arrependidos.
- Fazer ver como a Igreja é a depositária do poder de perdoar os pecados.

De Liturgia e vida cristã

- Animá-los a que se aproximem com frequência do Sacramento da Confissão.
- Habitua-los a pedir perdão ao Senhor, quantas vezes cometeram faltas durante o dia.
- Fazer-lhes descrever, explicando-o, a força do amor de Deus na Confissão.
- Explicar-lhes o rito sacramental para que participem com dignidade.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Relatar de modo vivo a parábola do filho pródigo (Lucas 15, 11-24) destacando as seguintes ideias:

- A falta de amor daquele filho para com seu pai, pois decide abandoná-lo.
- Alheou-se dele e malgastou todos os seus bens num país distante.

⁶ Cfr. S. TOMAS, *Suma Teológica*, III, q. 87, a. 1.

- O filho pródigo longe do pai, sente-se desgraçado, triste, sem carinho e sem compreensão.
- Um dia em que guardava porcos, pensa no seu mau comportamento para com o pai, arrepende-se e decide voltar para a sua companhia.
- O pai estava seguro que ele voltaria. Todos os dias o esperava. Ao vê-lo, corre a abraçá-lo e a beijá-lo.
- O filho reconhece o seu pecado dizendo-lhe: *Pai, pequei contra o céu e para contigo.*
- O pai, cheio de alegria, celebra uma festa em honra do filho.

Abrir um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Que falta de amor teve o filho pródigo para com o pai?: Abandona-o e afasta-se dele.
- Nós, alguma vez, fazemos o mesmo com Deus?: Sim, quando O ofendemos com o pecado.
- Que sente o filho depois de esbanjar o dinheiro?: Tristeza, desamparo, falta de carinho e de compreensão, fome.
- Que faz o filho?: Arrepende-se e ir pedir perdão ao pai.
- Que faz o pai dele?: Perdoa-lhe, abraça-o transbordante de alegria e enche-o de presentes.
- Onde nos perdoa Deus os nossos pecados?: No Sacramento da Penitência, e de modo muito semelhante ao filho da parábola.

b) Também se pode começar com este episódio:

«S. Cirilo, Bispo de Jerusalém, viu o demónio, numa Semana Santa, entre muitas pessoas que esperavam a ocasião de se confessar.

Perguntou-lhe que fazia ali, e o demónio respondeu que fazia um acto de penitência.

— Tu, penitência? — replicou-lhe o Santo.

— Eu te explico — disse o demónio —: Não é acto de penitência satisfazer e restituir o que se roubou? Pois eu roubei a todos estes a vergonha para que pecassem, e agora venho restituí-la para que não se confessem.»

Destacar, no diálogo, o perigo da falta de sinceridade e de vergonha para se aproximar do Sacramento da Penitência, sob a acção positiva do demónio.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Pelo pecado, ofendemos a Deus, e afastamo-nos d'Ele* [relacioná-lo com o tema anterior e a parábola contada].

Trata-se de voltar a acentuar o que é o pecado: ofensa a Deus.

- b) *Para se salvar é preciso arrepender-se dos pecados* [fazer ver que, quando alguém ofende outra pessoa se se quer reconciliar com ela tem de se arrepender, pedir-lhe perdão].

O arrependimento ou penitência é *absolutamente necessário* para todo aquele que ofendeu a Deus, que pecou. Assim o disse Jesus Cristo: *Se não fizerdes penitência morrereis todos da mesma maneira* (Lucas 17, 5). Não há salvação possível.

Antes de Jesus Cristo, os homens que se arrepiavam dos seus pecados não tinham a certeza de ter obtido o perdão deles. Essa certeza trouxe-no-la Jesus Cristo. Só Ele podia dizer: *Os teus pecados são-te perdoados* (Mateus 9, 2).

- c) *Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Penitência para nos perdoar os pecados* [comparar entre o que se passa num julgamento humano e o julgamento divino que é a Confissão].

Jesus Cristo, na tarde de Domingo da Ressurreição, instituiu o Sacramento da Penitência, ao dizer aos Seus discípulos: *Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ficarão perdoados e àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos* (Jo. 20, 11). Instituiu este Sacramento à maneira de julgamento, mas julgamento de misericórdia, para que os Apóstolos e os seus legítimos sucessores pudessem perdoar os pecados.

«Repara que entranhas de misericórdia tem a justiça de Deus?

— Porque nos julgamentos humanos, castiga-se quem confessa a culpa; e, no divino, perdoa-se.

Bendito seja o Santo Sacramento da penitência!» (Caminho, n.º 309).

- d) *O próprio Jesus Cristo, através do Sacerdote, é quem nos absolve* [fazer ver como a pessoa ofendida é quem deve perdoar].

Só o sacerdote — com poder de ordem e de jurisdição — pode perdoar os pecados, pois Jesus Cristo deu esse poder somente a eles. Não vale, pois, dizer os pecados a um amigo ou directamente a Deus. Além disso, no momento da absolvição é o próprio Cristo quem nos absolve e perdoa os pecados por meio do sacerdote,

já que o pecado é ofensa a Deus e só Deus nós pode perdoar. O Sacerdote deve guardar, sob obrigação gravíssima, o sigilo sacramental.

(Desenvolver aqui, se for conveniente pela idade e circunstâncias dos assistentes, as ideias expostas nos aspectos doutrinários sobre a absolvição colectiva.)

e) *Efeitos que produz este Sacramento* [recordar a parábola do filho pródigo].

Os efeitos que produz este Sacramento são todos maravilhosos: perdoa os pecados mortais e a pena eterna por eles merecida; isto é, devolve-nos a graça santificante. Também perdoa os pecados veniais e aumenta em nós a graça santificante se não se tinha perdido. Além disso reduz-se a pena temporal do Purgatório devida pelos nossos pecados actuais ou passados: é como tomar banho ficando mais limpos, e no Céu só entram os que estão completamente limpos. Recebemos forças para amar mais a Deus e lutar contra as tentações, pois são-nos aplicados os méritos infinitos da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

f) *Necessidade da Penitência* [deixar muito claro o que é obrigação e o que é muito conveniente. Usar exemplos do texto].

A confissão é absolutamente necessária para todos aqueles que, depois do Baptismo, cometeram um pecado mortal. Há *obrigação* de confessar os pecados mortais ao menos uma vez por ano, e em perigo de morte, e se se vai comungar.

Mas, às vezes, não se entende bem este preceito: uma coisa é a obrigação e outra, muito diferente, o que convém fazer se se quer que aumente o nosso amor a Deus. Também não há obrigação de beijar a mãe, nem de saudar os amigos, nem de comer todos os dias ... mas qualquer pessoa normal o faz. Se queremos progredir no amor de Deus, devemos confessar-nos muitas vezes e confessar-nos bem.

g) *Conveniência da confissão frequente* [comparar com o cuidado do corpo: lavar-se, comer, etc.].

A Igreja recomendou vivamente a prática da confissão frequente, não só dos pecados mortais — que se devem confessar imediatamente — mas também dos pecados veniais. Devemos confessar-nos deles, já que deste modo aumenta-se o conhecimento próprio; cresce-se na humildade cristã; desenraizam-se os maus costumes; faz-se frente à tibieza e preguiça espiritual; purifica-se e

forma-se a consciência; ajudamo-nos na nossa vida interior e aumenta a graça em virtude do Sacramento. Para crescer no amor a Deus, é muito conveniente ter na devida consideração a confissão: confessar-me muitas vezes e confessar-se bem.

h) *Conclusão: E como confessar-se bem?*

Confessa-se bem quem cumpre certas condições e trata de melhorar nelas. Na próxima sessão estudar-se-ão essas condições e a maneira de melhorar na Confissão.

3. Perguntas-resumo

Quando instituiu Jesus Cristo o sacramento da Penitência? Quem é que perdoa os pecados na Confissão? Porque é que convém confessar-se com frequência?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Igreja, no ritual da Penitência, oferece abundante material para realizar uma preparação colectiva que preceda à confissão e absolvição individual. O catequista, de acordo com o sacerdote, pode preparar uma destas celebrações, procurando que resulte muito digna e que fomente efectivamente o arrependimento dos assistentes.

2. É importante que os alunos conheçam bem o rito da Confissão. Já se lhes pode começar a explicar em pormenor, embora na próxima sessão se trate deste tema.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um cartaz sobre a parábola do filho pródigo.
- Que procurem no Evangelho, por grupos, cenas em que Jesus perdoa os pecados.
- Aprender alguma melodia simples: «Senhor, tende piedade de nós», «Cordeiro de Deus» ...
- Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão; podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 179-184.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

G C - 39

Tema 39 — A nossa reconciliação com Deus.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

A Penitência é o Sacramento instituído por Jesus Cristo para o perdão dos pecados cometidos depois do Baptismo. O sinal sensível pelo qual se comunica ao homem a graça para o perdão dos pecados. O sinal sagrado consiste nas palavras e actos do penitente e nos actos do Sacerdote que perdoa em nome de Deus. A *matéria* deste Sacramento são os actos do penitente: a contrição ou dor dos pecados, a confissão dos mesmos ao sacerdote, e a satisfação dada por eles. A *forma* do Sacramento consiste na fórmula da absolvição que diz o sacerdote: «Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo».

1. Primeiro acto: exame, dor e propósito ¹

O primeiro acto do penitente é a contrição que consiste numa dor da alma e detestação do pecado cometido, com propósito de não pecar daí por diante. Isto é, o pecado conhecido implica exame

¹ Os actos do penitente ficam perfeitamente expostos ao falar de contrição, confissão e satisfação. Contudo, pensando na clareza da exposição fala-se de cinco actos: exame de consciência, dor dos pecados, propósito de emenda, acusação dos pecados ao confessor e satisfação ou cumprimento da penitência. Mas não há diferença real visto que, os três primeiros — exame, dor e propósito — estão já incluídos na noção de contrição.

de consciência, e este leva à dor e ao propósito. Ora bem, há duas espécies de dor: a contradição perfeita e a imperfeita ou atrição, conforme procede do amor a Deus ou do temor ao castigo.

A *contrição perfeita* fruto de uma ardente caridade para com Deus ofendido é tão grata a Deus que, quando existe a impossibilidade de se confessar, reconcilia o homem com Deus. Mas, em qualquer caso, supõe o desejo sincero da confissão oral. Outra razão, além disso, para ver a necessidade de confessar os pecados é que o pecador ofende a Deus e secundariamente a Igreja; daí a necessidade de se reconciliar com a Igreja.

Também a *contrição imperfeita* é suficiente para se receber o sacramento da Penitência, porque a sua motivação — a fealdade do pecado e o temor do inferno com as suas penas — inclui o amor a Deus. Mas certamente obtém menor fruto sobrenatural do Sacramento.

Se há amor a Deus, a consciência torna-se mais sensível perante o pecado, próprio ou alheio, e reage imediatamente. A alma volta sinceramente a Deus disposta a recomeçar a reparar os danos por maiores que tenham sido. Não há razão para o desânimo que só aproveita ao inimigo. O Senhor, nosso Pai, aguarda sempre que recomeçemos, passo a passo, o regresso. Por último, nenhuma queda — por grave que seja — impede para sempre o retorno a Deus, se pomos n'Ele a nossa confiança e Lhe pedimos perdão na Confissão. Reconhecer a realidade dos próprios pecados (exame) é o ponto de partida da contrição (dor) e do arrependimento (propósito).

2. Segundo acto: a confissão oral de todos os pecados mortais e veniais

O segundo acto que o penitente deve realizar é a confissão oral dos seus pecados. Esta confissão foi implicitamente estabelecida pelo próprio Jesus Cristo quando deu aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados, dizendo-lhes: *Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos* (Jo. 20, 22-23). Para isso, os Apóstolos e os sacerdotes, que recebem esse poder de Deus, pelo ministério da Igreja, devem conhecer o estado do penitente para poder emitir um juízo acertado. E isto não é possível se o penitente não lhe declara o estado da sua alma pela confissão oral de todos os seus pecados².

² Ao instituir os Sacramentos, Jesus Cristo entregou à Igreja o poder de determinar o modo de os administrar, mas sem modificar o essencial. Assim, embora no Evangelho não conste explicitamente que a confissão deve ser privada e secreta, a Igreja — pelo poder recebido de Jesus Cristo —

A acusação deve estender-se necessariamente a todos e a cada um dos pecados mortais cometidos depois do Baptismo e que não tenham sido perdoados anteriormente. Daí que se fale de *matéria necessária*, porque a sua omissão culpável torna inválido o Sacramento. Deve confessar-se com clareza e exactidão, explicando a espécie, o número e as circunstâncias que possam modificar a gravidade do pecado, tais como o lugar, o fim subjectivo que se pretendia, o modo ou momento, etc. Além de ser necessária a confissão completa em razão do julgamento é também meio praticamente insubstituível para a formação da consciência dos fiéis. Assim se evitam os escrúpulos pois a alma conta com a ajuda do sacerdote para distinguir o que é pecado do que não é. O penitente deve confessar-se tantas vezes quantas forem necessárias; e ainda que não seja por causa de pecados mortais, praticamente precisa da confissão frequente. Com ela recebe as graças específicas para vencer nesses pecados ou más inclinações, ficando robustecida a vontade. Nestes casos, para que haja *matéria suficiente* — pecados veniais pelo menos — é conveniente acusar-se também de algum pecado mortal da vida passada, já perdoado, ou de faltas cometidas contra determinada virtude ou preceito do Decálogo³.

3. Terceiro acto: cumprimento da penitência

Com a confissão oral dos pecados não acaba o acto sacramental da penitência. Pertence também à substância do Sacramento que o penitente aceite a satisfação imposta para reparar a justiça divina. Essas obras de penitência impostas adquirem

pode determinar esse modo como necessário. É preciso ter em conta, além disso, que a Sagrada Escritura não é a única fonte de Revelação: a Palavra de Deus está também contida na Tradição não escrita que procedente do próprio Jesus Cristo, chegou até nós. E a confissão oral e secreta dos pecados é prática imemorial da Igreja. Ninguém se pode alhear deste Sacramento por medo, já que o sacerdote faz as vezes de Deus e tem a gravíssima obrigação de não revelar a ninguém os pecados de outro nem directa nem indirectamente: é o *sigilo sacramental*.

³ «Aqueles que pelo pecado grave se separam da comunhão com o amor de Deus, o Sacramento da Penitência restitui-lhes a vida que perderam. Aos que caem em pecados veniais experimentando quotidianamente a sua debilidade, a repetida celebração da penitência, restaura-lhes as forças para que possam alcançar a plena liberdade dos filhos de Deus». COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA, *Ritual da Penitência, Praenotanda*, n. 7.

valor divino porque o penitente se identifica com Jesus Cristo na confissão ⁴.

Antigamente as penitências sacramentais eram bastante duras, actualmente são muito leves. A satisfação deverá ser proporcionada à gravidade dos pecados, mas, na prática, o confessor costuma acomodá-la à nossa fraqueza e às nossas disposições. Normalmente os principais meios de satisfação são a oração, a mortificação, e a esmola. Essas obras servem para aplacar a justiça divina, para rectificar a conduta e para diminuir as penas temporais dos pecados perdoados ⁵.

4. As indulgências diminuem a pena temporal devida pelos pecados

Ordinariamente a penitência imposta pelo confessor não é mais que uma parte, talvez mínima, da satisfação que devemos a Deus. Para expiar o resto da pena temporal que devemos, a Igreja provê por meio das indulgências.

Consiste na remissão da pena temporal devida pelos pecados, que a Igreja concede sobre certas condições aos que estão em graça. Fundamenta-se esta prática na doutrina da «Comunhão dos Santos» que consiste no laço de caridade que une e faz dos membros da Igreja, membros da mesma família. Como tais se podem ajudar entre si e, principalmente Jesus como Cabeça ajuda com os méritos superabundantes da Sua Morte na Cruz. A Igreja exerceu sempre este poder recebido de Jesus, utilizando para pagar a dívida o tesouro dos méritos de Jesus, de Maria e dos Santos. Segundo a disciplina actual da Igreja, que data de 1967, existem dois tipos de indulgência: a *plenária*, que perdoa toda a pena temporal devida pelos pecados, e a *parcial*, que só perdoa parte dessa pena. Com o benefício das indulgências, os fiéis entendem que, pelas suas próprias forças não podem expiar o mal, sentem-se unidos à Igreja, e compreendem a necessidade de colaborar com a graça de Deus.

⁴ S. João Crisóstomo põe nos lábios do Senhor estas palavras: «Vinde, não para prestar contas, mas para serdes livres dos vossos pecados; vinde, porque eu não tenho necessidade da glória que possais tributar-me. Tenho necessidade da vossa salvação... Não temais ao ouvirdes falar de jugo, porque é suave; não temais se vos falo de carga, porque é leve». S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaeum homiliae*, 37, 2; PG 57, 414.

⁵ COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA, *Ritual da Penitência*, n. 18.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

(Convirá ter em conta também os do tema anterior)

- Conhecer muito bem os cinco actos necessários para fazer uma boa Confissão.
- Desejar aprender a confessar-se muito bem e com frequência.
- Aprender a dar valor às indulgências.

De Liturgia e vida cristã

- Comprovar com cada aluno, que sabe confessar-se.
- Facilitar-lhes um guia para o exame de consciência que os ajude a preparar-se bem⁶. Explicar-lhes pormenorizadamente alguns temas.
- Ensiná-los a dar o devido valor ao arrependimento e à absolvição do sacerdote.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode ser conveniente que se comece esta sessão interrogando sobre o tema anterior. Algumas perguntas:

- Que se passa quando pecamos?: Ofendemos a Deus e afastamo-nos d'Ele.
- Pode salvar-se alguém que cometeu um pecado mortal?: Sim, mas deve arrepender-se e confessar-se.
- Para que instituiu Jesus Cristo o Sacramento da Penitência?: Para nos perdoar os pecados e nos dar a Sua graça.
- Que produz em nós este Sacramento? (Ver o tema anterior).
- É conveniente confessar-se muitas vezes (Ver o tema anterior).

b) Outra maneira de começar a sessão pode ser comentando a passagem da pecadora arrependida (Lucas 7, 36-50), destacando:

- Aquela mulher está arrependida dos seus pecados. Crê firmemente que Jesus é Deus e, por isso, se prostra a Seus pés para lhe pedir perdão, pois foi a Ele que ofendeu com os seus pecados.

⁶ Utilize, por exemplo, *Manual de Doutrina Católica*, p. 272, ou *Edições CAS: O Sacramento da Penitência, Exame de Consciência*, dos 9 aos 14 anos.

- Está profundamente arrependida: chora, beija os pés de Jesus, pede-lhe perdão.
- Jesus não a rejeita. Ao contrário, aceita de bom grado as provas de arrependimento daquela mulher.
- No fim, diz-lhe: *Vai em paz. Os teus pecados são-te perdoados. Foi a tua fé que te salvou.*
- Os fariseus, ao ouvi-l'O, começaram a murmurar baixinho, dizendo uns para os outros: *Quem é este para perdoar os pecados? Só Deus pode perdoar os pecados.*

Pode-se abrir um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Tinham razão os fariseus?: Não, pois Jesus é Deus e pode perdoar os pecados.
- Porque foi que Jesus perdoou a essa mulher?: Porque estava arrependida.
- Que temos nós de fazer para que nos sejam perdoados os pecados?: Ver se sabem quais as cinco coisas necessárias para uma confissão bem feita.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Condições para fazer uma boa confissão* [unir com a última pergunta].

Para fazer uma boa confissão são necessárias cinco coisas: exame de consciência, dor dos pecados, propósito de emenda, dizer os pecados ao confessor e cumprir a penitência. É preciso confessar-se muito bem, cumprindo estas condições, sem cair na rotina, pois que cada confissão é um encontro pessoal com Jesus Cristo na pessoa do sacerdote.

- b) *Exame de consciência* [perguntar-lhes como o fazem].

É preciso recordar, para depois se acusar, todos os pecados mortais cometidos depois da última confissão bem feita. Para fazer este exame é necessário ver detidamente cada um dos mandamentos da Lei de Deus, os mandamentos da Igreja e os deveres do próprio estado ou condição. Ao descobrir os pecados mortais cometidos desde a última confissão válida, é preciso saber a espécie de pecado, as circunstâncias que mudam a sua espécie e o número de vezes, na medida do possível (é suficiente indicar uma média aproximada do número de vezes). Depois é necessário ver os pecados veniais cometidos. Normalmente o exame deve ser breve. Para quem se confessa com frequência é mais fácil fazê-lo. É necessário lutar para não fazer um exame superficial.

- c) *Dor dos pecados* [perguntar-lhes os tipos de dor e também como a vivem eles antes da confissão].

A dor pode ser da *atrição* (medo ao castigo ou pela fealdade do pecado) ou de *contrição* (por ter ofendido a Deus sendo Ele quem é). É necessário pedir a Deus que nos conceda dor de contrição. Mas não é necessário que seja uma dor sensível (se existe, melhor). Pode haver dor e, ao mesmo tempo, estes pecados podem continuar a atrair-nos, mas o importante é a decisão com que a vontade os aborreça. Assim, é suficiente o arrependimento que supõe pensar: «quisera não tê-lo feito», «oxalá não o tivesse cometido ...».

A dor de contrição, que se chama dor perfeita, perdoa imediatamente os pecados, se vai unida ao propósito de se confessar tão depressa quanto possível. Só com essa dor, ninguém se pode aproximar da comunhão, tem de se confessar antes.

- d) *Propósito de emenda* [fixar-se nas palavras da narração. Fazer-lhes ver como no Acto de Contrição se faz o propósito de emenda].

É uma parte essencial da dor. Jesus Cristo disse à mulher pecadora: *Vai e não voltes a pecar*. Consiste na decisão da vontade de não voltar a pecar. Ainda que não seja possível ter a certeza absoluta que não se ofenderá mais a Deus, é preciso estar disposto a deixar as ocasiões próximas e voluntárias de pecado nas amizades, leituras, conversas, etc. É preciso estar disposto a usar todos os meios sobrenaturais e humanos para fortalecer a vontade e não voltar a pecar.

- e) *Confissão ou acusação dos pecados ainda não perdoados, ao confessor* [insistir em que nunca se pode calar nenhum pecado mortal].

É necessário acusar-se de todos os pecados ao confessor visto que a confissão é a modo de julgamento e nenhum juiz pode ajuizar se não conhece o delito, nem impor a penitência adequada. É preciso confessar todos os pecados mortais segundo o número e circunstâncias importantes: por exemplo, aquelas que mudam a espécie, ou quando a acção encerra mais de um pecado: furto, sacrilégio, etc. É muito conveniente também confessar-se dos pecados veniais. Cometer-se-ia sacrilégio e a confissão seria inválida se se calasse deliberadamente um pecado mortal. Se se esquece um pecado e se dá conta dele, depois fica perdoado também esse pecado, mas há a obrigação de o dizer na próxima confissão; entretanto, pode-se comungar.

- f) *Cumprir a penitência* [insistir em cumprir logo a seguir a penitência].

Com a penitência que o confessor nos impõe satisfazemos a dívida devida a Deus pelo pecado. É muito bom que, além de cumprir, logo a seguir, essa penitência, o penitente procure impor-se livremente, por sua conta, uma penitência maior e mais custosa. Se, tendo a intenção de cumprir logo, não se cumpre a penitência, a confissão é válida, embora esta falta de cumprimento possa ser pecado grave ou leve, conforme os casos.

- g) *Normas prática sobre o modo de receber a penitência* [convém ir perguntando como a vivem e corrigir possíveis erros ou omissões que cometam].

1. *Antes da confissão*

- É bom rezar alguma oração preparatória como, por exemplo, esta: «Vinde ó Espírito Santo, e iluminai-me para que eu possa conhecer bem todos os meus pecados. Ajudai-me para que tenha verdadeira dor deles, os confesse com plena sinceridade e me emende com seriedade. Amen».
- Depois fazemos o *exame de consciência*, arrependemo-nos de todos e de cada um dos nossos pecados (*dor*) e fazemos o propósito de nos esforçarmos para não cair nessas faltas (*propósito de emenda*). Enquanto esperamos, procuramos estar recolhidos interiormente falando com o Senhor, e rezando algumas orações.

2. *Durante a confissão*

No momento oportuno, dirigimo-nos ao confessor, ajoelhamo-nos e saudamos o sacerdote com a saudação habitual, por exemplo: «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo ...». O sacerdote acolhe-nos e convida-nos à confiança em Deus dizendo, por exemplo: «O Senhor esteja no teu coração, para que confesses os teus pecados com espírito arrependido». Depois, e se o sacerdote o julgar oportuno, lê ou recita de cor algum texto da Sagrada Escritura, no qual se manifesta a misericórdia de Deus. Seguidamente o penitente acusa os seus pecados podendo, antes, recitar uma forma de confissão, por exemplo: «Confesso a Deus todo poderoso ...». Expõem-se os pecados com brevidade, clareza e sinceridade. Ao terminar podemos dizer: «Não recordo nada mais». Escutamos, então, com atenção os conselhos do sacerdote e a penitência que nos impõe. Fazemos um acto de contrição dizendo, por exemplo: «Senhor, Filho de Deus, tende piedade de mim, que

sou pecador». O sacerdote absolve-nos, escutamos a forma de absolvição com o maior recolhimento e respondemos «Amen».

3. *Depois da confissão*

- Procuramos cumprir a penitência que nos foi imposta sem a deixar mais para diante. E pensamos alguma penitência que voluntariamente nos podemos impor a nós mesmos.
- Damos graças a Deus Nosso Pai pela Sua misericórdia, renovamos os nossos propósitos de emenda e pedimos ao Senhor e à Virgem Maria para os pormos em prática.

h) *As indulgências.*

Jesus deu à Sua Igreja poder para perdoar também, fora da confissão, as *penas* merecidas pelos nossos pecados e fá-lo por meio das indulgências. Assim, pois pelas indulgências são-nos perdoadas as penas temporais que merecemos pelos pecados cometidos que já estão perdoados quanto à culpa. Para as ganharmos é preciso estar em graça de Deus e fazer o que diz a Igreja. Ganham-se indulgências no Ano Santo e de outras maneiras, por exemplo: ao oferecer o trabalho ou estudo, ao rezar o Angelus, o Terço, a Comunhão espiritual, a oração pelo Papa, ao usar uma medalha ou um crucifixo benzido, etc.

3. Perguntas-resumo

Quais são as condições para se fazer uma boa confissão? Que é o exame de consciência? E a dor dos pecados? De quantas espécies pode ser a dor? Que é o propósito de emenda? Em que consiste a acusação dos pecados? Que é cumprir a penitência? De que modo nos devemos confessar?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

- Podem-se fazer as duas assinaladas no tema anterior.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

Além das assinaladas no tema anterior:

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Divididos em cinco grupos, realizar cada um um mural sobre uma das condições para se fazer bem a confissão.
- Ensiná-los, na prática, a preparar a confissão nessa semana.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 185-196.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

Tema 40 — A Eucaristia. Jesus está realmente presente na Eucaristia.

GC - 40

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Promessa e instituição da Eucaristia: Jesus permanece no Sacrário para nosso alimento espiritual

Nosso Senhor Jesus Cristo, aproveitando a ocasião do milagre da multiplicação dos pães que tinha realizado no dia anterior num lugar solitário do outro lado do lago de Tiberíades, prometeu em Cafarnaum que nos daria a comer o Seu Corpo e a beber o Seu Sangue, como verdadeira comida e verdadeira bebida. É o que se conhecesse como promessa da Eucaristia. Dizia-lhes o Senhor: *«Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a Minha Carne pela vida do mundo»*. Discutiam então os judeus uns com os outros, dizendo: *«Como pode Ele dar-nos a comer a Sua carne?»*. Disse-lhes Jesus: *«Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o Seu Sangue, não tereis a vida em vós»* (Jo. 6, 51-53). As palavras de Jesus não deixam lugar para dúvidas a respeito do sentido real da promessa e assim o entenderam os ouvintes dando-lhes a única interpretação possível.

A *instituição* efectiva do que havia prometido em Cafarnaum teve lugar enquanto comiam a última Ceia: tomando o pão, abençoou-o e partiu-o, dizendo: «*Tomai e comei. Isto é o Meu Corpo*». Tomou, em seguida, um cálice, deu graças e entregou-lho dizendo: «*Bebei dele todos. Porque este é o Meu Sangue, Sangue da aliança, que vai ser derramado por muitos para remissão dos pecados*» (Mt. 26, 26-28). «*Fazei isto em memória de Mim*» (Lc. 22, 19). Jesus adiantava já, de um modo sacramental, o sacrifício da Cruz que ia consumir no dia seguinte no Calvário.

Os primeiros cristãos tiveram uma fé viva na presença *real* de Jesus na Eucaristia. Nas cartas de S. Paulo lemos: «*O cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do Sangue de Cristo? E o pão que partimos não é a comunhão do Corpo de Cristo?*» (Cor. 10, 16). «*... Aquele que come e bebe, sem distinguir o Corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação*» (Cor. 11, 29); como se vê nestes textos não há a menor dúvida sobre a *presença real* de Jesus Cristo na Eucaristia. Depois da Consagração, o pão e o vinho são já o Corpo e o Sangue do Senhor e quem se aproximar para o receber deve dar-se conta, pela fé, do que recebe na Comunhão. Quando se começaram a escrever os primeiros Catecismos exprimia-se firmemente a fé na presença real. S. Cirilo escreve, pelo ano 350: «*Aquilo que parece pão não é pão mas o Corpo de Jesus Cristo; aquilo que parece vinho não é vinho, mas o Sangue de Jesus Cristo*». E à medida que os anos foram passando foi amadurecendo o aprofundamento teológico, sempre em harmonia perfeita com as palavras de Jesus e com a Tradição.

A Eucaristia é o mistério do Amor divino, visto que Jesus Se põe à nossa disposição, sabendo que Se expõe à solidão, à falta de delicadeza e à profanação. Mas fá-lo porque Ele veio *para que tivéssemos a vida e a tivéssemos em abundância* (Jo. 10, 10): Dá-nos a vida sobrenatural no Baptismo e fortalece-a na Confirmação. Mas, para a conservar e aumentar, requer-se o alimento diário que é a Eucaristia. É o Sacramento por excelência, pois os outros contêm a graça, mas este dá-nos o Autor da graça¹. A nossa atitude tem de ser também de fé e de amor; os mesmos sentimentos que vibram na admirável resposta de Pedro, ao perguntar Jesus aos Doze se também eles O queriam abandonar: *Senhor, a quem iremos nós? Só Tu tens palavras de vida eterna, e nós sabemos e acreditamos que és o Santo de Deus* (Jo. 6, 68-69).

¹ Assim afirma o Magistério: «*Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja*». VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 10.

2. Na Eucaristia está contido o verdadeiro Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo

Pela força das palavras da Consagração, o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está sob as espécies (aparências) de pão, e o Sangue sob as espécies (aparências) de vinho. Mas, Cristo torna-Se presente tal qual existe na realidade e, por conseguinte, dado que está vivo e glorioso nos Céus de modo natural, na Eucaristia torna-Se presente sacramentalmente, mas todo inteiro. Por isso se diz que, por concomitância, com o Corpo adorável de Jesus Cristo está também o Seu Sangue, Alma e Divindade; e pela mesma razão, onde está o Seu Sangue, está também o Seu Corpo, Alma e Divindade.

A fé na presença real, verdadeira e substancial de Cristo na Eucaristia assegura-nos, portanto, que ali está o próprio Jesus que nasceu da Virgem Santa Maria, que passou trinta anos no lar humilde de Nazaré, O que curou tantas pessoas, O que morreu na Cruz, e agora está sentado à direita de Deus Pai. Está, além disso, em todas as hóstias consagradas e em cada partícula delas, de modo que, terminada a Santa Missa, Jesus continua presente nas hóstias que se reservam no Sacrário, enquanto não se corrompem as espécies do pão, que são o sinal sensível que contém o Corpo de Cristo.

A singular e admirável conversão pela qual toda a substância do pão se muda no Corpo de Cristo e toda a substância de vinho se muda no Seu Sangue recebe o nome de *transubstanciação*, termo que exprime perfeitamente o que se passa; pois, ao repetir as palavras de Jesus Cristo, toda a substância do pão e do vinho se converte, ficando somente as aparências, que costumam denominar-se com a expressão «espécies consagradas». O milagre que ali se produz é que essas espécies consagradas de pão e de vinho permanecem de modo admirável sem a sua substância própria, por virtude da Omnipotência divina².

Esta presença de Jesus Cristo na Eucaristia denomina-se «real» frente à presença figurativa ou simbólica que afirmavam os protestantes, e para assinalar que é diferente de outros modos de presença. Pois Jesus Cristo está presente na Sua Igreja, que roga, que exerce as obras de misericórdia, que prega e oferece o

² «Efectivamente, na Eucaristia, pronunciadas as palavras da consagração, a realidade profunda (não a fenoménica) do pão e do vinho converte-se no corpo e sangue de Cristo; esta admirável conversão recebe na Igreja o nome de: 'transubstanciação'. SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório Catequístico Geral*, Roma, 11-IV-1971, n. 58. Cfr. PAULO VI, *Enc. *Mysterium Fidei** (1965), nn. 46-47; *Credo do Povo de Deus*, n. 25.

sacrifício da Missa. Mas aquela presença chama-se «real» não por exclusão, como se as outras não fossem «reais», mas por antonomásia, pois que é substancial e por ela se torna, com certeza, presente Cristo, Deus e Homem, inteiro e íntegro³. Portanto, entenderia falsamente esta maneira de presença quem a imaginasse de modo espiritual, como do Corpo glorioso de Cristo presente em todas as partes, ou a reduzisse aos limites de um simbolismo.

É muito importante manter a terminologia empregada pelo Magistério, visto que, ao variá-la, se incorre no perigo de alterar a verdade de fé. Por isso se empregam tradicionalmente expressões como «presença real do Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo», «está presente verdadeira, real e substancialmente sob as espécies de pão e de vinho», «essa admirável conversão chama-se transubstanciação», etc. A necessidade dessa terminologia recordou-a o Papa Paulo VI há poucos anos: «Salva a integridade da fé, é também necessário ater-se a uma maneira apropriada de falar, para não darmos origem a falsas opiniões — o que Deus não permita — acerca da fé nos excelsos mistérios, ao usar palavras inexactas (...). A norma, pois, de falar que a Igreja, com o seu prolongado trabalho de séculos, não sem a ajuda do Espírito Santo, estabeleceu, confirmando-o com a autoridade dos Concílios, e que com frequência se converteu em contrasenha e bandeira da fé ortodoxa, deve ser escrupulosamente observada e ninguém, por seu próprio arbítrio, a pretexto de ciência nova, presuma mudá-la»⁴.

3. Devoções eucarísticas que manifestam a fé e o amor

Depois do Sacrifício da Missa, Jesus Cristo permanece nas hóstias consagradas que se reservam no Sacrário, para que possamos recebê-l'O, visitá-l'O, venerá-l'O e adorá-l'O.

O Santíssimo Sacramento é tratado com a reverência singular que merece: as hóstias consagradas guardam-se em vasos consagrados e ricos e diante d'Ele dobramos o joelho. Junto do Sacrário arde constantemente uma lâmpada de azeite ou de cera que nos recorda a presença de Jesus Cristo.

É costume fazer a Exposição e Bênção com o Santíssimo Sacramento, na qual nos ajoelhamos em sinal de adoração, dando graças pelo Seu Amor e pedindo a Sua ajuda. Cantam-se o Pange Língua e o Tantum ergo ou outra melodia oportuna. No fim da Exposição o próprio Jesus Cristo nos abençoa quando o sacerdote traça a Cruz sobre nós com a Sagrada Hóstia.

³ Cfr. PAULO VI, Enc. *Mysterium Fidei*, 1965, n. 39.

⁴ *Ibidem*, nn. 23-24.

Em Quinta-feira Santa celebramos solenemente a instituição da Eucaristia⁵, com referência especial ao Sacrifício, enquanto que no dia do *Corpo de Deus* se acentua a homenagem de adoração a Cristo realmente presente no Sacramento. Nesse dia, o Santíssimo é levado solenemente em procissão pelas ruas de algumas cidades⁶.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que se tenha uma fé viva na *presença real* de Jesus Cristo na Eucaristia.
- Habituarse a fazer actos de agradecimento a Jesus porque ficou connosco na Sagrada Eucaristia.
- Conseguir que entendam e vivam muito bem as devoções e a piedade eucarística.

De Liturgia e vida cristã

- Conseguir que, ao entrar numa Igreja, a primeira coisa a fazer seja ajoelhar-se perante o Santíssimo, ou dirigirem para lá o olhar.
- Fazer muito bem a genuflexão ao passar diante do Sacrário. Ensinar a fazê-la.
- Habituarse a recorrer ao Sacrário — fisicamente ou com o pensamento e desejo — para dizer a Jesus que acreditamos que Ele está ali realmente presente; para Lhe contar as nossas coisas; para Lhe pedir o que precisamos, nós e os outros; para Lhe oferecer o nosso trabalho, jogos, etc.; para O desagravar pelos que não crêem ou O ofendem; para Lhe dar graças, etc.
- Fazer uma visita ao Santíssimo todos os dias.
- Explicar o significado da lamparina que arde junto do Sacrário.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Narrar, de forma viva, a promessa da Instituição da Eucaristia, tal como a conta S. João 6, 51-70.

⁵ Rezamos assim: «Senhor Jesus Cristo, que em admirável sacramento nos deixastes o memorial da Vossa Paixão, concedei-nos, Vos pedimos, venerar de tal modo os mistérios do Vosso Corpo e Sangue, que sempre tenhamos connosco o fruto da Vossa Redenção». *Missal Romano*, Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, Oração Colecta.

⁶ Cfr. *Ritual do Culto Eucarístico fora da Missa*, nn. 101-108.

Destacar:

- Como Jesus está com os Seus Apóstolos e uma grande multidão, no dia seguinte ao da multiplicação dos pães.
- Jesus diz-lhes algumas palavras muito claras (v. 51).
- Como alguns não entendiam (v. 52), Jesus insiste ainda mais (vv. 53-57).
- O Senhor exprimiu três ideias com toda a clareza: vai ficar connosco para sempre na Eucaristia; que o Seu Corpo será o alimento da alma, e penhor da vida eterna.
- A muitos que ali estavam pareceu dura esta doutrina: não acreditaram e retiraram-se (v. 60 e 66).
- Os Apóstolos não se foram embora, mas acreditaram no que Jesus lhes dizia (v. 68).

Em seguida, fazer ver como Jesus cumpriu a Sua promessa na Última Ceia. Pode ler-se o relato de S. Lucas 22, 15-21.

b) O mistério da Eucaristia é um mistério de amor e impossível de entender completamente, mas pode-nos ajudar algum exemplo:

«Um muçulmano perguntou a um bispo católico: é possível que o mesmo corpo de Cristo se ache em todas as vossas Igrejas? — Não é impossível a Deus, respondeu-lhe o bispo, e esta resposta deve bastar; mas para provar que isto não é impossível, quebremos um espelho e veremos que a mesma imagem se reproduz em todos os pedaços; e agora mesmo, não ouvem as minhas palavras inteiras cada uma das pessoas que se acham aqui reunidas? Explique-me o senhor como se faz isto.»

Se em coisas naturais nos admiramos e não entendemos muitas delas, como estranhamos de não entender completamente a Deus?

É interessante, a título de exemplo, estabelecer um diálogo, deixando claro que a explicação do bispo não soluciona o mistério mas justifica o facto de termos fé em coisas que não entendemos.

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Jesus veio para que tivéssemos a vida* [comparar a vida da alma com a do corpo].

Jesus veio à terra para que tivéssemos a vida: deu-nos a vida sobrenatural pelo Baptismo e fortalece-nos na Confirmação. Para conservar e aumentar a vida da nossa alma, Cristo instituiu um Sacramento diário, que é a Eucaristia mas este contém o próprio Autor da graça, Jesus Cristo.

- b) *A Eucaristia é o mistério do amor divino* [fazer ver que, quando as pessoas se amam, desejam estar sempre juntas].

Podemos entender algo deste grande mistério pelo Amor de Jesus para conosco: Tinha de ir mas queria ficar. O que para os homens é impossível não o é para Deus. E assim o Senhor ficou realmente presente na Eucaristia: Com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Na Eucaristia está presente o verdadeiro Corpo de Jesus Cristo, o mesmo que nasceu da Virgem Maria e que está sentado à direita de Deus Pai.

Desde o princípio, todos os cristãos acreditavam nesta verdade; e se alguém a negava era condenado e declarado hereje.

- c) *Doutrina da Igreja sobre a Santíssima Eucaristia* [perguntar-lhes que coisas podemos fazer ao visitar a Jesus no Sacrário: ver objectivos].

1. *O facto da presença real permanente: está o próprio Jesus Cristo.*

A doutrina da Igreja sobre este Sacramento pode-se resumir em três grandes pontos, nos quais temos de acreditar com todas as nossas forças.

Quando o Sacerdote diz as palavras da Consagração o pão de trigo converte-se no Corpo de Jesus Cristo e o vinho no Seu Sangue. Dizemos *permanente*, porque acabada a Santa Missa, o Senhor permanece nas hóstias consagradas, que se guardam no Sacrário. Assim, Jesus faz-nos companhia e nós podemos visitá-l'O. Junto do Sacrário há uma luz que arde de dia e noite para nos recordar que Jesus está ali realmente presente!

2. *A transubstanciação* (fazer ver que precisamos da fé, como os Apóstolos, para crer neste mistério).

Como se disse, pelas palavras da Consagração, o pão e o vinho *convertem-se* no Corpo e Sangue de Jesus Cristo. A essa conversão admirável *chama-se Transubstanciação* pois exprime perfeitamente o que se passa: muda-se toda a substância do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo, ficando somente as aparências, que costumam denominar-se com a expressão «espécies consagradas». É um milagre muito grande que a razão humana não chega a compreender, fruto da Omnipotência divina que pode tudo.

3. *Jesus Cristo está realmente presente em todas as hóstias consagradas e em cada parte delas* (fazer-lhes perguntas para que estes pontos fiquem muito claros e bem sabidos).

- d) *Os cristãos devem manifestar a sua fé e amor à Santíssima Eucaristia* [explicar pormenorizadamente todas as devoções eucarísticas e o seu sentido].

A crença nesta verdade de fé levou a Igreja a render culto de adoração ao Santíssimo Sacramento. Este culto à Santíssima Eucaristia viveu-o sempre o povo cristão, por meio de diversas devoções eucarísticas:

- *A Quinta-feira Santa*, em que celebramos a instituição da Eucaristia e especialmente do Sacrifício da Missa.
- *A festa do Corpo de Deus*, que celebra a presença real de Jesus Cristo, e o Santíssimo é levado em solene procissão pelas ruas de algumas cidades.
- *As Bênçãos do Santíssimo*, nas quais nos ajoelhamos em sinal de adoração e recebemos a bênção do próprio Cristo.
- *As Exposições e Veladas ao Santíssimo*, por exemplo, na noite anterior às primeiras Sextas-feiras, e no Sagrado Lausperene.
- *As visitas ao Sacrário* por parte dos fiéis.
- *As orações que recitamos*: comunhões espirituais, *Adoro Te devoto*, actos de fé na presença real, orações para antes e depois de comungar, etc.⁷.
- *O cuidado em oferecer o melhor a Jesus presente no Sacrário*: vasos sagrados e sacrários ricos; limpeza; no melhor lugar, bem visível, etc.; e sobretudo a atitude de respeito e adoração: ajoelhar-se ao passar diante de um Sacrário; recorrer com frequência — fisicamente ou com o pensamento e desejo — ao Sacrário; lembrar-se de Jesus Sacramentado ao passar diante duma igreja; etc.

3. Perguntas-resumo

Podemos entender o mistério da Eucaristia? Porque ficou Cristo na Eucaristia? Que significa transubstanciação? De que forma exprimimos a nossa adoração ao Santíssimo?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

É importante fazer-lhes ver como a transubstanciação não é fruto de um poder humano mas da força do próprio Deus, e, por isso, antes da consagração diz-se:

«Dignai-vos, Senhor, santificar esta oblação, e recebê-la como sacrifício espiritual perfeito, de modo que se converta para nós,

⁷ Ver o folheto CAS: *Textos Eucarísticos*.

com a Vossa bênção, no Corpo e Sangue do Vosso muito amado Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo» (Cânone I). «Humildemente Vos suplicamos, Senhor, Vos digneis consagrar estes dons que Vos apresentamos; santificai-os pelo Espírito Santo, para que se convertam no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho» (Cânone III).

Ajudá-los a permanecer muito atentos desde o momento em que o sacerdote, pondo as mãos sobre as oferendas, invoca a Deus, para que se realize a transubstanciação.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Procurar, em grupo, alguns textos do Evangelho nos quais Jesus fala da Eucaristia.
- Aprender algum cântico eucarístico.
- Assistir a alguma bênção do Santíssimo.
- Habituar-se a fazer a visita ao Santíssimo.
- Que façam, no seu caderno, um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 158-160.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 41

*Tema 41 — A Eucaristia: A Santa Missa
é o Sacrifício da Cruz.*

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. A Santa Missa

é o principal acto de adoração e culto a Deus

O sacrifício é o acto mais perfeito da religião, o acto no qual se exprime perfeitamente a adoração que a criatura tributa ao seu Criador. Já no Antigo Testamento Deus tinha manifestado os sacrifícios com que queria ser honrado pelo Seu povo; mas eram imperfeitos e muito deles sombra e figura do sacrifício perfeito que havia de oferecer Seu Filho ao vir ao mundo, morrendo na Cruz. Com a Sua morte, Jesus repara a glória divina lesada pelos pecados dos homens e redime-os. Este sacrifício é único e de valor infinito.

Deus quis deixar na Sua Igreja um sacrifício visível e verdadeiro pelo qual Jesus Cristo, mediante a Sua imolação incruenta, repetisse o que fez uma vez na Cruz, oferecendo-Se inteiramente ao Pai como vítima gratíssima (cfr. Pio XII, *Mediator Dei*, e Vaticano II, *Lumen Gentium*, 3), e também nos fosse aplicado. É importante sublinhar este duplo aspecto, pois o Sacrifício da Missa não é só uma pura e simples comemoração da Paixão e Morte de Jesus Cristo, mas um sacrifício real que repete o que Cristo fez uma vez na Cruz, e a sua finalidade não é só, portanto, a aplicação dos

méritos da Redenção. Foi na Última Ceia que o nosso Salvador instituiu a Eucaristia como sacrifício sacramental que perpetuaria o sacrifício realizado uma só vez na Cruz.

Ao dizer aos Apóstolos *fazei isto em memória de Mim* (Lc. 22, 14), Jesus deu-lhes o poder e o encargo de celebrar a Santíssima Eucaristia. Podiam converter o pão e o vinho no Seu Corpo e Sangue, realizando o Santo Sacrifício da Missa no qual Cristo Se oferece ao Pai pelo ministério dos sacerdotes e dando-O como alimento espiritual aos fiéis. Este poder foi transmitido aos Apóstolos e seus sucessores no sacerdócio, para que celebrassem continuamente o Sacrifício da Cruz até à segunda vinda de Jesus Cristo. Porque *desde o Oriente ao Ocidente a minha glória se difunde entre os povos e em toda a parte Me é oferecida uma vítima que é toda ela pura* (Mal. 1, 10-11)¹.

A Santa Missa é, portanto, o mesmo sacrifício da Cruz oferecido de modo incruento por meio dos sacerdotes, para tributar a Deus uma adoração infinita e aplicar aos homens os méritos da Redenção. Se reuníssemos todos os méritos da Santíssima Virgem, de todos os mártires e santos, jamais igualariam o valor de uma só Missa, dado que os méritos das criaturas são finitos, enquanto que os de Cristo são infinitos, porque é o Filho de Deus. Com o sacrifício de Cristo na Santa Missa devemos unir os nossos sacrifícios de modo que seja a Igreja inteira que se oferece com Ele para tributar a Deus o culto de adoração perfeita que nós não somos capazes de fazer.

Assim, pois, a Santa Missa é a fonte de todas as graças que recebemos na Igreja. Ao ser Corpo Místico de Cristo, recebe todo o influxo vital da Sua Cabeça, que Se oferece diariamente na Santa Missa. Esse fruto pode encontrar em nós diversos obstáculos pela nossa limitação, falta de preparação ou de atenção, por falta de amor de Deus, por apego às coisas da terra, etc. Daí que o fruto infinito do Sacrifício da Missa seja finito ou limitado quanto à sua aplicação em nós. Temos de nos esforçar para remover esses obstáculos quanto de nós dependa, para recebermos todo o fruto possível da Missa quando nela participamos.

Compreende-se facilmente o erro dos que tiram valor à Missa privada, que celebra só o sacerdote, com o ajudante, sem assistência de povo. Não existe a chamada Missa privada porque toda a Missa tem carácter público e o mesmo valor infinito. Como diz Paulo VI, «toda a Missa, mesmo que celebrada particularmente

¹ Cfr. CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XXII, *Doctrina de SS. Missae sacrificio*, c. 1 e 2, Dz 1739-1743.

por um sacerdote, não é privada, mas a acção de Cristo e da Igreja ... De onde se segue que, embora seja muito conveniente, pela sua própria natureza, que um grande número de fiéis tome parte activa na celebração da Missa, nem, por isso, se há-de rejeitar, antes pelo contrário, aprovar a Missa celebrada particularmente»². Esta é a razão pela qual se recomenda vivamente aos sacerdotes que celebrem todos os dias a Missa digna e devotamente: «No mistério do sacrifício eucarístico em que os sacerdotes realizam a sua função principal, exerce-se continuamente a obra da nossa Redenção. Por isso, com instância se recomenda a sua celebração quotidiana, porque, mesmo que não possa ter a presença dos fiéis, é acto de Cristo e da Igreja»³.

2. A Santa Missa é o verdadeiro e único sacrifício: a renovação incruenta do Sacrifício da Cruz

É dogma de fé que a Santa Missa é um verdadeiro Sacrifício. Nela se representa de modo incruento o Sacrifício cruento da Cruz. Não só o representa mas também o renova. A Santa Missa consiste na incruenta *imolação* da Vítima — que se manifesta misticamente pela separação das sagradas espécies — e pela oblação das mesmas ao Pai (cfr. Pio XII, *Mediator Dei*). Esta referência essencial da Missa à Cruz exprime-se sensivelmente na presença do crucifixo que a liturgia ordena seja um dos objectos a utilizar para celebrar o sacrifício de Jesus Cristo. Paulo VI recordava na Encíclica *Mysterium Fidei* que «é proveitoso recordar aquilo que é como a síntese e ponto central desta doutrina, isto é, que pelo Mistério Eucarístico se representa de maneira admirável o sacrifício da Cruz consumado, de uma vez para sempre, no Calvário, recorda-se continuamente e aplica-se a sua virtude salvadora para o perdão dos pecados que diariamente cometemos»⁴.

² PAULO VI, Enc. *Mysterium fidei*, 3-IX-1965.

³ VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, n. 13.

⁴ PAULO VI, Enc. *Mysterium fidei*, 3-IX-1965. Cfr. *Credo do Povo de Deus*, n. 24. Esta afirmação supõe o seguinte: que a Santa Missa remete directamente ao Sacrifício da Cruz, anunciado e sacramentalmente antecipado, mas ainda não consumado, na Última Ceia. A Santa Missa foi instituída na Última Ceia, não para a perpetuar mas para perpetuar o Sacrifício da Cruz. Por isso, a primeira Missa só pôde celebrar-se depois do Sacrifício da Cruz, embora se tenha podido fazer em virtude da instituição sacramental da noite anterior. Portanto, é impróprio dizer que a Última Ceia foi a primeira Missa. A Santa Missa é a perpetuação do sacrifício, tendo só diferenças accidentais.

3. Os fins da Missa:

adoração, acção de graças, propiciação e impetração

Se o Sacrifício da Missa é a renovação incruenta do Sacrifício da Cruz, compreende-se também que haja uma identidade de fins⁵: adoração, acção de graças, propiciação e impetração.

O primeiro fim chama-se *latrêutico ou adoração* pois, sendo a Missa o Sacrifício de Jesus Cristo, é o melhor modo de adorar a Deus. Qualquer outro acto seria simplesmente humano e desproporcionado, porque Deus está muito acima do nosso louvor; mas a Missa é a adoração que o Filho tributa em representação de toda a Humanidade.

O segundo fim diz-se *eucarístico ou de acção de graças*. As palavras humanas são insuficientes para exprimir o agradecimento de todos os benefícios conhecidos e desconhecidos, que recebemos da misericórdia divina. Mas na oração eucarística encontramos palavras divinas — por exemplo o Pai Nosso — para exprimir devidamente esse agradecimento de filhos.

O terceiro fim chama-se *propiciatório ou de petição de perdão* pelos nossos pecados. Também a Santa Missa é a via mais adequada para fazer chegar ao Céu a nossa necessidade e sincero pedido de indulgência pelos pecados que temos cometido, visto que se celebra para reparar a justiça divina pelos pecados de todos os homens de todos os tempos. Como no Calvário, Jesus volta a repetir todos os dias: *Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem* (Lc. 23, 24).

Finalmente, a Missa é *impetração ou petição de novas graças*. A experiência torna-nos patente a nossa profunda debilidade para entender e seguir os caminhos de Deus, e, por isso, recorreremos confiados à Sua misericórdia, especialmente no momento em que Jesus Cristo Se oferece por nós.

A eminente dignidade da Eucarista — Sacrifício e Sacramento — sublinhou-a o Papa Paulo VI com estas palavras: «Todos sabem que a Divina Eucaristia confere ao povo cristão uma dignidade incomparável. Pois que Cristo é verdadeiramente o Emmanuel, isto é, o Deus connosco, não só enquanto se oferece o Sacrifício e se realiza o Sacramento, mas também depois, enquanto a Eucaristia é conservada nas Igrejas e Oratórios»⁶.

Por isso, temos de conhecer e amar, cada vez mais a Missa, onde o Senhor Se entrega pelos homens. É o maior tesouro que a Igreja possui e deveríamos assistir a ela todos os dias para adorar a Deus, para Lhe dar graças, Lhe pedir perdão, pôr às nos-

⁵ Cfr. *Institutio Generalis Missalis Romani*, n. 2.

⁶ PAULO VI, *ibidem*.

sas necessidades nas Suas mãos unidos com Jesus Cristo, servindo-nos dos Seus méritos. Como afirmava o convertido Paul Claudel, o cristão não deveria ter outro espectáculo senão a Santa Missa.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Dar-se conta de que o principal acto de adoração e culto a Deus é a Santa Missa.
- Fazer ver como na Santa Missa participamos no próprio Sacrifício da Cruz.
- Conhecer muito bem os fins da Santa Missa.

De Liturgia e vida cristã

- Fazer com que se preparem muito bem para participar na Santa Missa: é a melhor coisa que podemos fazer nesta vida.
- Fazer pequenos sacrifícios e uni-los ao Sacrifício de Jesus.
- Conseguir que vão aumentando o recolhimento durante a Santa Missa e especialmente na Consagração.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Começar explicando que no Antigo Testamento os homens aparecem oferecendo sacrifícios a Deus com frequência. Podem-se narrar alguns dos seguintes:

- Caím e Abel oferecem a Deus para O honrar, frutos do campo e dos rebanhos (Génesis 4, 3 ss).
- Noé, ao sair da Arca, sacrifica alguns animais para dar graças a Deus (Génesis 8, 2).
- Melquisedec, sacerdote do Altíssimo, ofereceu a Deus pão e vinho.
- Abraão esteve a ponto de oferecer o seu filho Isaac (Génesis 22).
- Moisés e o povo de Israel ofereciam a Deus continuamente sacrifícios.

Abrir um diálogo com as crianças com as seguintes ou semelhantes perguntas:

- Que sacrifícios ofereciam os homens do Antigo Testamento? (ver texto anterior).
- Porquê?: Para honrar a Deus, dar-Lhe graças, etc.

- Porque não oferecemos hoje a Deus sacrifícios com animais e frutos?: Porque Lhe oferecemos um sacrifício que Lhe agrada mais: o Sacrifício que Jesus fez na Cruz.
- Qual é o maior acontecimento a que podemos assistir nesta terra? Porquê?: A Santa Missa, porque nela se renova o mesmo sacrifício da Cruz.
- Como assistimos à Santa Missa? — Deixar que respondam.

b) Poderá, também, servir, como ponto de partida, perguntar aos alunos sobre alguns casos que conheçam em que uma pessoa salve a outra com perigo da sua própria vida. Conviria fazer um comentário mostrando como essa acção exige sacrifício, vencer muitas dificuldades, etc.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Os homens oferecem sempre sacrifícios a Deus* [unir com os pontos anteriores].

Sempre e em todo o lugar os homens ofereceram sacrifícios a Deus. Um sacrifício é ainda oferta pública a Deus de uma coisa que se destrói, para confessar desta maneira que Ele é o nosso Criador e supremo Senhor. Em todo o sacrifício há uma *imolação* da Vítima e uma *oblação* desta a Deus (ver n.º 2 do guia doutrinal).

- b) *Jesus Cristo ofereceu-Se em Sacrifício a Deus Pai na Cruz para nos redimir* [pode-se usar o texto de Isaías 53].

Os sacrifícios do Antigo Testamento não podiam lavar os pecados dos homens. Jesus Cristo sim, pois era Deus e homem verdadeiro e ofereceu a Deus Pai o sacrifício da Sua própria vida, morrendo na Cruz. Foi um autêntico sacrifício com o qual nos redimiou dos nossos pecados. Sendo de valor infinito, supera todas as ofensas que fizeram e poderão vir a fazer os homens.

- c) *A Santa Missa é a renovação incruenta do Sacrifício da Cruz* [recordar a instituição da Santa Missa na Última Ceia].

Apesar do valor do Sacrifício de Cristo na Cruz ser infinito e único, o Senhor quis que fosse perpetuado e também se nos aplicassem os méritos da Sua Redenção. Por isso, antes de morrer, consagrou o pão e o vinho e disse: *Fazei isto em memória de Mim*. Deste modo, Jesus Cristo instituiu a Missa e ordenou os Apóstolos como sacerdotes para que a celebrassem.

Mas Jesus Cristo instituiu a Santa Missa não para perpetuar esta Última Ceia, mas para perpetuar o próprio Sacrifício da

Cruz. A Missa não é um sacrifício distinto, mas renovação do Sacrifício do Calvário.

d) *O Sacrifício da Missa e o da Cruz são essencialmente o mesmo Sacrifício* [destacar claramente a identidade].

Entre a Santa Missa e o Sacrifício da Cruz há identidade essencial e diferenças acidentais:

— O Sacerdote é o mesmo: Cristo que no Calvário Se ofereceu Ele só, enquanto que na Missa o faz por meio do sacerdote.

— A vítima é a mesma também, Cristo, que no sacrifício da Cruz Se imolou de maneira cruenta, enquanto que na Missa o faz de modo incruento. A presença de Cristo sob as espécies do pão e do vinho, que contêm o Seu Corpo e Sangue como espécies separadas, manifestam misticamente a separação do Corpo e do Sangue ocorrida na Cruz.

— Na Cruz, Cristo resgastou-nos do pecado e ganhou para nós os méritos da Salvação. Na Missa, são-nos aplicados os méritos que Jesus nos ganhou nessa altura.

e) *Os fins da Santa Missa* [fazer ver como a vida do cristão se resume em viver bem esses quatro fins da Santa Missa].

Os fins da Santa Missa são quatro, como os de qualquer sacrifício: adorar a Deus, dar-Lhe graças, pedir-Lhe benefícios e satisfazer pelos nossos pecados. Podemos unir todo o nosso dia à Santa Missa, e viver ao longo do dia com esses mesmos sentimentos que teve Cristo na Cruz.

f) *Temos de participar muito bem na Santa Missa.*

Pela sua própria natureza, em todas as Missas que se celebram — ainda que os fiéis não comunhem ou não haja nenhum fiel a participar nela — está-se a renovar aquele Sacrifício do Calvário e têm, portanto, um valor infinito. Os méritos deste Santo Sacrifício não têm limites e, estendem-se a todos os homens de qualquer lugar e tempo, tanto aos vivos como aos defuntos.

É, portanto, muito importante, se queremos levar uma vida cristã, que participemos muito bem na Santa Missa, na qual nos são concedidos tantos benefícios. Na próxima sessão se tratará de como podemos participar melhor na Santa Missa.

3. Perguntas-resumo

Que é oferecer um sacrifício a Deus? Qual é o sacrifício da Nova Lei de Jesus Cristo? Que é a Santa Missa? Porque dizemos que a Santa Missa é sacrifício? Quais são os fins da Santa Missa?

Qual é a essência do Sacrifício Eucarístico? Que significa a imolação e a oblação?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Há um momento na Missa em que o sacerdote apresenta a Deus Pai um pouco de pão e um pouco de vinho. O pão representa o trabalho do homem e o vinho significa a dor, as penas dos homens. Fazer ver aos alunos que somos nós os que oferecemos isso a Deus, mas fazemo-lo por meio do sacerdote.

2. O pão e o vinho são convertidos no Corpo e no Sangue de Jesus. O poder que tem o sacerdote para fazer isso é o próprio poder de Jesus Cristo, que actua através da pessoa do sacerdote. É bom sugerir aos alunos que durante a Consagração façam um acto de fé, dizendo interiormente: «Meu Senhor e meu Deus», e dizê-lo sempre que o sacerdote nos mostre o Corpo e o Sangue de Cristo.

3. Se não nos é possível ir à Missa todos os dias, unir-nos-emos a ela mediante uma oração, por exemplo:

«Ofereço-Vos, Senhor, todas as Missas que a esta mesma hora se estão a celebrar no mundo inteiro.»

4. Os cristãos, imitando Jesus, devem tomar parte no sacrifício da Santa Missa para louvar, glorificar e dar graças a Deus, e assim alcançar aquilo que pedem; por isso, o sacerdote que celebra a Missa diz-nos:

«Orai, irmãos, para que o meu e vosso sacrifício seja aceite por Deus Pai todo poderoso». E nós respondemos: «Receba O Senhor por tuas mãos ...».

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer no caderno um breve resumo com as principais ideias da sessão; pode ser ilustrado com recortes de fotografias, desenhos, etc.
- Copiar no caderno a seguinte frase: «A Santa Missa é o sacrifício do Corpo e Sangue de Jesus Cristo».
- Rezar todos juntos o «Glória a Deus nas alturas ...».

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 161-164.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 42

Tema 42 — A Eucaristia: devemos saber participar na Santa Missa.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Na Missa o sacerdote representa Jesus Cristo como Cabeça do Corpo Místico

O Sacrifício do Calvário foi de valor infinito e irrepitível como tal, mas Jesus quis que se oferecesse ininterruptamente para a glória de Deus e aplicação dos méritos da Sua Redenção aos homens. Para isso constituiu os Apóstolos sacerdotes do Novo Testamento. Ao pronunciar na Última Ceia as palavras *fazei isto em memória de Mim* (Lc. 22, 19), concedeu-lhes a eles e aos seus sucessores uma participação tal nos poderes sacerdotais que, ao celebraram a Missa, representam a Jesus Cristo, e consagram o pão e o vinho convertendo-os no Corpo e Sangue de Cristo. O sacerdote que representa realmente Jesus Cristo, renova incruentemente o Sacrifício do Calvário, dizendo as palavras da Consagração¹.

¹ A utilização do termo «in persona Christi» aparece em numerosos documentos do Magistério da Igreja; assim nos ensina Paulo VI no *Credo do Povo de Deus*, n. 24: «Cremos que a Missa, celebrada pelo sacerdote que representa a pessoa de Cristo em virtude do poder recebido no Sacramento da Ordem, e oferecida por ele em nome de Cristo e dos membros do Seu Corpo Místico, é verdadeiramente o sacrifício do Calvário tornado

É essa a razão pela qual na Santa Missa o sacerdote representa, de modo especial, Jesus Cristo em pessoa. Empresta-Lhe o seu corpo, inteligência, a língua e as mãos, exerce o ofício de mediador entre Deus e os homens como em nenhum outro momento; com uma mão toma os tesouros da misericórdia de Deus, e com a outra distribui-os aos homens; com uma mão toma na sua própria fonte o Sangue precioso de Jesus e com a outra estanca as feridas e cura as chagas da alma. Realmente, a ordenação sacerdotal confere ao sacerdote o mais elevado grau de dignidade a que podem chegar os homens e, realmente, é na Santa Missa que se realiza o mais sublime da sua missão podendo dizer-se que cada sacerdote é «sacerdote para a Missa»².

Quando celebra a Missa, o sacerdote representa Cristo, porque actua com os Seus mesmos poderes, recebidos no Sacramento da Ordem, para realizar o Sacrifício da Cruz. Esta capacidade diferencia essencialmente o *sacerdócio ministerial* do *sacerdócio comum* dos fiéis. O simples fiel não tem capacidade para fazer presente Jesus Cristo sobre o altar.

2. Os simples fiéis participam do Santo Sacrifício

Embora os simples fiéis não possam consagrar o Corpo de Cristo, podem, no entanto, e devem participar no Sacrifício. A Igreja exorta vivamente a que participem na Santa Missa, na função que lhes é própria. Na Encíclica *Mysterium fidei*, escreve Paulo VI que «todos os dias, como é de desejar, os fiéis, em grande número, participem activamente no Sacrifício da Missa, alimentem-se da Sagrada Comunhão com coração puro e santo e dêem graças a Cristo, Nosso Senhor, por tão grande dom»³.

Portanto, é distinto o poder do sacerdote e o dos fiéis, a actuação do sacerdote e a dos fiéis, sem que se possam confundir. O papel do sacerdote é representar a Cristo, e actuar em Seu nome, não representar os fiéis. Se alguma vez se diz que representa o povo, é só, como ensina Pio XII, na Encíclica *Mediator Dei* «porque representa a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Cabeça de todos os membros pelos quais Se oferece; por conseguinte, aproxima-se do altar como ministro de Jesus Cristo, inferior a Cristo, mas superior ao povo. O povo, pelo contrário, visto que não representa de modo algum a pessoa do Divino Reden-

sacramentalmente presente sobre os nossos altares». Podemos ver, igualmente, esta expressão na *Institutio Generalis Missalis Romani*, n. 7, e VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 33.

² Cfr. J. ESCRIVÁ, *Sacerdote para a eternidade*.

³ PAULO VI, Enc. *Mysterium fidei*, 3-IX-1965.

tor, nem é mediador, entre si mesmo e Deus, nem de nenhum modo pode gozar do direito sacerdotal»⁴.

Deste modo, os fiéis oferecem o Sacrifício e se oferecem a si mesmos, unidos com o sacerdote⁵, e fazendo chegar a Deus os seus desejos de louvor, de acção de graças, de expiação e impetração, por meio do sacerdote. O melhor modo de participar consiste em unir-se às intenções do sacerdote, de receber das suas mãos o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para conseguir isto com melhores disposições, convém seguir atentamente os gestos e posições, dialogar com o sacerdote as partes que correspondam aos fiéis, e participar no canto sagrado.

3. Conteúdo da Missa

Não é fácil descrever a grandeza sobrenatural da Missa. É um momento em que actua a Trindade inteira: o Filho oferece-Se ao Pai pelo Espírito Santo. Daí as constantes referências às três Pessoas Divinas: «Na Santa Missa, a oração ao Pai é constante. O sacerdote é um representante do Sacerdote eterno, Jesus Cristo, que é ao mesmo tempo a Vítima. E a acção do Espírito Santo não é menos infável nem menos certa. Pela virtude do Espírito Santo, escreve S. João Damasceno, dá-se a conversão do Pão no Corpo de Cristo»⁶.

Nem todas as partes da Missa têm a mesma relevância, mas umas são mais importantes que outras. Os fiéis devem conhecer bem a Santa Missa e especialmente as partes principais. Distinguem-se os Ritos Iniciais, a Liturgia da Palavra, a Liturgia Eucarística e o Rito de Conclusão. A Consagração é a parte essencial e a Comunhão do sacerdote a parte integrante, para as quais nos dispomos com a leitura da Sagrada Escritura e a preparação dos dons⁷.

A Consagração é o acto central da Missa. É o momento em que se realiza o Sacrifício renovando-se de modo incruento o Sacrifício da Cruz. Cristo volta a oferecer-Se pelos nossos pecados, penas, satisfações e necessidades, aplicando-nos os méritos da Redenção não só aos vivos, mas também aos fiéis defuntos, como ensina o Concílio de Trento⁸. Para sublinhar este momento,

⁴ PIO XII, Enc. *Mediator Dei*, 20-IX-1974.

⁵ Depois da Consagração, e unidos ao sacerdote, dizemos: «Dos próprios bens que nos destes, oferecemos à Vossa augusta Majestade a Vítima perfeita, santa e imaculada, o pão santo da vida eterna e o cálice da eterna salvação». *Missal Romano*, Ordinário da Missa. Oração Eucarística I.

⁶ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 85.

⁷ Cfr. *Institutio Generalis Missalis Romani*, nn. 24-57.

⁸ CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XXII, *Doctrina de SS. Missae sacrificio*, cap. 2, Dz 940.

o Sacerdote eleva o Corpo e o Sangue de Cristo, apresentando-O à adoração dos fiéis. A adoração em silêncio segue-se a proclamação do mistério realizado com um acto público de fé: «Eis o mistério da fé»; que os fiéis ratificam com uma das três fórmulas de aclamação.

A Comunhão do Sacerdote não é essencial, mas é parte integrante do sacrifício já realizado na Consagração. O sacerdote comunga necessariamente sob as duas espécies; a comunhão dos fiéis não é necessária, mas é o modo melhor, e devia ser o modo ordinário, de participação na Santa Missa. Antes da Sagrada Comunhão, o Sacerdote mostra o Cordeiro Imaculado, instando os fiéis a participar do sacrifício. E, juntamente com eles, repete o acto de fé e humildade do centurião em Cafarnaum (cfr. Lc. 7, 6): «Ecce Agnus Dei ... Domine, non sum dignus ... Vamos receber o Senhor. Quando na Terra se recebem pessoas muito importantes, há luzes, música, trajes de gala. Para albergar Cristo na nossa alma, como devemos preparar-nos? Já teremos, por acaso, pensado como nos comportaríamos se só se pudesse comungar uma vez na vida?»⁹.

A leitura da Sagrada Escritura prepara-nos e dispõe-nos, estimulando a nossa fé e provocando as atitudes interiores congruentes para participar no Santo Sacrifício que se vai celebrar. Ao ler o Evangelho, toda a gente se levanta em reverência à palavra de Deus, faz-se o sinal da Cruz sobre a fronte, a boca e o peito, pedindo o dom da fé e a valentia de a professar. Essa atitude exterior significa o desejo de nos identificarmos com o Evangelho, a firme disposição de o viver.

Na preparação dos dons, o sacerdote oferece o pão e o vinho que vai consagrar. É o momento de oferecer as nossas coisas e os nossos trabalhos, e a nós mesmos. A actividade do dia adquire assim um novo valor, ao unir-se ao sacrifício de Jesus Cristo; colaboramos na Redenção, ao juntar os pequenos sacrifícios à Cruz de Jesus. Além disso, o pão e o vinho, que depois se converterão no Corpo de Cristo, simbolizam a unidade do Corpo Místico: do mesmo modo que o pão se forma pelo trabalho do homem dos grãos de trigo unidos, e o vinho dos grãos da uva¹⁰.

4. O preceito dominical

A Eucaristia é o centro da vida da Igreja. Por isso, sabendo o valor que tem para a vida dos seus filhos, a Igreja convida-nos

⁹ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 91.

¹⁰ Jesus Cristo «na Sua Igreja instituiu o admirável Sacramento da Eucaristia pelo qual é tanto significadora como realizada a unidade da Igreja». VATICANO II, *Unitatis Redintegratio*, n. 2.

a assistir à Santa Missa sempre que seja possível, e a participar nela. Conhece também as nossas limitações e a nossa preguiça, mesmo num ponto tão transcendental como é dar culto a Deus, oferecendo-Lhe o sacrifício que Lhe agrada. Daí que tenha estabelecido a obrigação grave de assistir à Santa Missa todos os Domingos e festas de guarda.

Desde a época apostólica, o Domingo teve um relevo especial em memória da Ressurreição de Jesus Cristo e do Seu triunfo definitivo sobre o demónio, o pecado e a morte. Por isso a Igreja indicou o Domingo para cumprir este dever de dar culto a Deus, além de alguns outros dias especialmente solenes, nos quais se comemoram os principais mistérios da nossa fé, e os que dedica à Mãe de Deus. Actualmente permite-se antecipar para a véspera do dia festivo o cumprimento do preceito porque liturgicamente a véspera é como o princípio do dia festivo. Com essa concessão, a Igreja procura que todos os fiéis tenham maior facilidade para cumprir o preceito pois que o seu não cumprimento constitui pecado grave. Só uma causa grave, como pode ser uma doença, exime do cumprimento do preceito.

Devemos participar na Santa Missa nos dias de preceito com fervor e gratidão, conscientes dos benefícios que nos traz. S. Gregório Magno explica que «a hóstia do sagrado altar oferecida com lágrimas e mente piedosa em ordem à nossa absolvição, serve-nos de apoio num modo singular (...). Porque, quantas vezes Lhe oferecermos a hóstia da Sua Paixão, tantas refazemos a Sua paixão em nosso proveito em ordem à nossa absolvição»¹¹.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem o sentido das diferentes partes da Santa Missa, as respostas e posições.
- Aprender a participar melhor na Santa Missa: evitar distrações e falar com os companheiros, etc.
- Conseguir que se faça o firme propósito de nunca deixar de ir à Missa ao Domingo e dias de preceito. Ter desejos de participar com frequência na Santa Missa.

De Liturgia e vida cristã

- Ensinar as diversas respostas que os fiéis devem dar na Santa Missa e as posições determinadas pela Hierarquia.

¹¹ S. GREGÓRIO MAGNO, *Homilia in Evangelium*, 37, 7.

— Adoptar a atitude interior e exterior mais adequada em cada momento da Santa Missa.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) É muito conveniente unir este tema com o anterior. Pode-se começar a sessão fazendo um breve resumo ou perguntando às crianças os pontos centrais do tema anterior. Indicam-se só as perguntas; as respostas podem ver-se no guia anterior ou directamente no Catecismo:

- Que é um sacrifício?
- Para que é que se oferece a Deus um sacrifício?
- Que é a Santa Missa?
- O Sacrifício da Missa é o mesmo Sacrifício da Cruz?
- Que diferença e relação há entre o Sacrifício da Missa e o Sacrifício da Cruz?
- Quem instituiu o Santo Sacrifício da Missa?
- Quais são os fins da Santa Missa?
- Qual é a maior acção em que os cristãos podem participar na terra? Porquê?

b) Também se lhes pode fazer as seguintes perguntas, deixando que vão respondendo. Trata-se unicamente de os situar no tema, visto que estas perguntas se vão desenvolver durante a sessão.

- Que partes tem a Santa Missa? Quais são as mais importantes?
- Que devemos fazer nas diferentes partes, tanto interior como exteriormente?
- Que significa ouvir Missa inteira aos Domingos e festas de guarda?
- Como se ouve Missa inteira?
- Quem tem obrigação de ouvir Missa aos Domingos e festas de guarda? Que pecado se comete se não se assiste?

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Devemos querer participar na Santa Missa* [fazer ver que devem estar na Santa Missa do mesmo modo que estariam no Calvário].

Se a Missa é a coisa maior em que podemos participar na terra, é lógico que assistamos a ela querendo participar o mais

plenamente possível tirando o máximo de benefícios. Com a mesma atitude de adoração, acção de graças, petição e desagravo com que teríamos estado junto da Cruz, no Calvário, visto que na Missa se renova esse mesmo Sacrifício.

Por isso, é importante que conheçamos muito bem as distintas partes da Missa para poder assistir e participar nela de maneira mais consciente e piedosa.

- b) *Partes da Santa Missa* [em todo este longo capítulo trata-se de lhes ir descrevendo as diferentes partes e recordando como devem vivê-las].

A Santa Missa divide-se em duas partes principais: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística.

I. LITURGIA DA PALAVRA: Consta de:

1. *Rito introdutório-penitencial*

- A Santa Missa inicia-se com o canto ou reza do *cântico de entrada*, quando o sacerdote se dirige para o altar. Devemos recebê-lo de pé.
- O sacerdote *beija o altar* e invoca a Santíssima Trindade, reconhecendo que vai celebrar a Santa Missa para glória e honra de Deus Uno e Trino.
- Depois de *saudar* os fiéis, o sacerdote convida-os à penitência, reconhecendo os pecados. Todos juntos rezam o «Confesso a Deus todo-poderoso ...»; é preciso arrepender-se e ter dor dos pecados. Este acto penitencial não deve confundir-se com o Sacramento da Penitência a que é preciso recorrer antes de comungar, se não se está em graça.
- Finaliza este rito introdutório com a reza ou canto do *Kyrie*, e às vezes do *Glória*, seguidos de uma *oração* do sacerdote.

2. *Proclamação da Palavra de Deus*. Em seguida, Deus fala-nos para nos dizer o que espera de nós e como melhorar na nossa vida interior. Devemos escutar, portanto, com atenção e respeito.

- *Epístola*: O próprio Deus fala-nos através dos Apóstolos e dos Profetas. Escutamos sentados.
- *Evangelho*: Jesus fala-nos directamente. Em sinal de respeito pelo Senhor escutamos em pé.
- *Homilia*: o sacerdote explica-nos as verdades reveladas por Deus e ensinadas pela Igreja. Escutamos sentados.

— *Credo*: É o acto solene e público em que professamos os mistérios da nossa fé. Rezamos de pé, e inclinamos a cabeça em sinal de respeito ao dizer as palavras: «E incarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria ...».

3. *Oração dos fiéis*. Com esta oração termina a primeira parte. É preciso unir-se a essas petições que o sacerdote faz pelas necessidades da Igreja e do mundo.

II. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. *Preparação dos dons*. O sacerdote oferece a Deus o pão e o vinho, que são a matéria do Sacrifício. Neste momento, devemos unir-nos ao sacerdote oferecendo todas as nossas coisas.

2. O sacerdote *lava as mãos* como sinal da pureza de alma com que deve celebrar a Missa. Temos de ter também nós essas mesmas disposições.

3. O sacerdote convida a identificarmo-nos com o Sacrifício: «Orai, irmãos, para que o meu e vosso sacrifício ...», e respondemos: «Receba o Senhor por tuas mãos este Sacrifício ...».

4. *O Prefácio* é um canto de louvor e acção de graças a Deus. Respondemos com o «Santo, santo, santo ...» que é o mesmo canto de louvor dos anjos do céu. «Hossana nas alturas. Bendito O que vem em nome do Senhor ...», foram as palavras que dirigiram a Jesus quando entrava triunfalmente em Jerusalém. Rezamos de pé.

5. Começa logo o *Cânone*, cujo centro é a *Consagração*, em que o sacerdote pronuncia, em nome de Jesus Cristo, e com intenção de consagrar, as mesmas palavras que Ele disse na Última Ceia. Neste momento, Jesus Cristo torna-Se realmente presente sobre o altar, renovando o Sacrifício Redentor da Sua Paixão e Morte. Temos de aproveitar estes momentos para fazer um acto de fé e pedir a Jesus muitas coisas pelos vivos e defuntos. Estamos de joelhos.

6. *A Comunhão*. Inicia-se esta parte com a reza do *Pai Nosso*, a que se acrescentam outras orações. Antes da Comunhão, o sacerdote apresenta aos fiéis a Hóstia Sagrada: «Eis o Cordeiro de Deus ...», a que respondem, com as palavras do centurião: «Senhor, eu não sou digno ...» que são um acto de humildade e de fé no Senhor. Os fiéis, que estão na graça de Deus e devidamente preparados, aproximam-se com recolhimento para receber a Comunhão. Se não se vai comungar, pode fazer-se uma comunhão espiritual.

7. Com uma *oração de acção de graças* e a *bênção final*, termina a Santa Missa.

c) *Respostas que os fiéis devem dar na Santa Missa.*

Para facilitar a aprendizagem, recolhem-se, em seguida, as orações que devem saber todos os fiéis para poderem participar dignamente na Santa Missa. As orações mais longas, que só se iniciam, podem ver-se no Catecismo ou Missal.

I. LITURGIA DA PALAVRA

1. *Rito introdutório-penitencial*

S. Em nome do ... Espírito Santo.

P. Amen.

S. A graça ... estejam convosco.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

S. Irmãos, reconheçamos ... Confessemos os nossos pecados.

P. Confesso a Deus todo-poderoso.

S. Deus todo-poderoso ... à vida eterna.

P. Amen.

S. e P. *Kyries*. Senhor, tende piedade de nós.

S. e P. Glória a Deus nas alturas.

S. Oremos ... na unidade do Espírito Santo.

P. Amen.

2. *Proclamação da Palavra de Deus*

No fim da primeira e segunda leitura

Leitor. Palavra do Senhor

P. Graças a Deus.

Ao começar o Evangelho

S. O Senhor esteja convosco

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de N. S. J. C. segundo São ...

P. Glória a Vós, Senhor.

No final do Evangelho.

S. Palavra da Salvação

P. Glória a Vós, Senhor.

S. e P. Creio em um só Deus ...

II. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. *Apresentação das oferendas.* Depois da oração do sacerdote, ao oferecer o pão e o vinho: «Bendito sejas, Senhor ... pão da vida» (ou «vinho da salvação»).

P. Bendito seja Deus para sempre.

O sacerdote abre as mãos dizendo:

S. Orai, irmãos ... seja aceite por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este Sacrifício, para glória do Seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja.

2. *Prefácio*

S. O Senhor esteja convosco

P. Ele está no meio de nós.

S. Corações ao alto

P. O nosso coração está em Deus.

S. Dêmos graças ao Senhor, nosso Deus.

P. É nosso dever, é nossa salvação.

S. e P. Santo, Santo, Santo,
Senhor, Deus do Universo.

O céu e a terra proclamam a Vossa glória.

Hossana nas alturas.

Bendito o que vem em nome do Senhor.

Hossana nas alturas.

3. *Consagração*

S. Eis o mistério da fé:

P. Anunciamos, Senhor, a Vossa morte,
proclamamos a Vossa ressurreição:

Vinde, Senhor Jesus!

(ou outra aclamação aprovada)

4. *Rito da Comunhão*

S. e P. Pai Nosso que estais no céu, ...

S. Livrai-nos ... vinda de Cristo Salvador.

P. Vosso é o Reino e o Poder e a Glória para sempre.

S. A paz do Senhor esteja sempre convosco.

P. O amor de Cristo nos uniu.

S. e P. Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

S. Felizes os convidados... Eis... que tira o pecado do

P. Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo.

S. O Corpo de Cristo.

P. Amen.

5. *Ritos finais*

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos... e Espírito Santo.

P. Amen.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amen.

d) *Primeiro mandamento da Igreja: ouvir Missa inteira aos Domingos e festas de guarda* [explicar muito claramente o sentido do preceito e a gravidade do seu não cumprimento].

Para nos ensinar a importância da Santa Missa e para nos ajudar a cumprir o terceiro mandamento da Lei de Deus, a Igreja obriga, sob pecado mortal, a assistir à Missa nos domingos e festas de guarda. Esta obrigação começa aos sete anos feitos para aquelas pessoas que gozam habitualmente do uso da razão e não têm um impedimento grave.

É evidente que a Igreja deseja que participemos na Santa Missa nesses dias, não porque está mandado mas por iniciativa própria e com gosto. Aconselhou até repetidamente aos fiéis que *participassem diariamente na Santa Missa*. A razão é clara: a Santa Missa é o centro e a raiz da vida da Igreja e de cada um dos cristãos e é o acto de culto por excelência oferecido ao nosso Pai do Céu. Se tivéssemos plena consciência do que é e do que representa na nossa vida e na da Igreja, faríamos tudo o possível por assistir à Missa todos os dias.

3. Perguntas-resumo

Qual é o primeiro mandamento da Santa Madre Igreja? Quem ouviu Missa inteira? Quem está obrigado a ouvir Missa inteira aos Domingos e festas de guarda?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Missa é um «memorial» que renova o sacrifício de Cristo na Cruz. Em cada Missa celebramos o «memorial» da Paixão redentora de Jesus Cristo, da Sua admirável Ressurreição e da Sua Ascensão aos Céus... Será bom que os alunos se dêem conta de que não assistimos à Missa para nos sentirmos bem, mas para assistir, juntamente com a Virgem Maria e S. José, à Redenção que Cristo realiza em nós.

2. A Santa Missa é uma acção de graças — por isso se chama também «Eucaristia» — oferecida ao Pai. Em cada Domingo, os cristãos reúnem-se para participar nesta acção de graças «Por Cristo, com Cristo, em Cristo...». A nossa oração na Missa ou fora dela, vale sempre enquanto está unida ao Sacrifício de Jesus Cristo.

3. Convém que os alunos demonstrem a sua participação na Santa Missa mediante uma pequena oferta de dinheiro na Missa do domingo, etc. Para facilitar a participação dos alunos pode ser bom explicar-lhes porque é que o sacerdote se reveste de diversos paramentos. Também nós devemos assistir com roupa bem limpa e devidamente aseados.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das principais ideias expostas na sessão. Podem usar-se desenhos ou fotografias.
- Escrever no caderno os nomes daquelas pessoas por quem vamos pedir de um modo especial a Jesus na Santa Missa.
- Escrever as posições correctas que se devem ter quando se lê o Evangelho, durante a Consagração, imediatamente depois da Comunhão e quando o sacerdote nos dá a bênção.
- Aprender muito bem as diversas respostas que é preciso dizer na Santa Missa.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

As mesmas da lição anterior.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

Tema 43 — Sacramento da Eucaristia: Recebemos Jesus Cristo na Sagrada Comunhão.

GC - 43

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Na Sagrada Comunhão unimo-nos a Jesus Cristo

A Eucaristia é o maior dos sete sacramentos. São duas as notas que o distinguem: 1.^a, que é sacrifício e sacramento, isto é, que se oferece a Deus para O adorar, dar-Lhe graças, pedir-Lhe perdão e encomendar-Lhe as nossas necessidades, ao mesmo tempo que se dá aos homens como alimento da alma; 2.^a, que contém Jesus Cristo verdadeira, real e substancialmente presente e não só uma graça derivada da Paixão de Cristo, como sucede nos outros Sacramentos.

Portanto, quando recebemos a Sagrada Eucaristia, recebemos a Jesus Cristo em pessoa, oculto sob as espécies consagradas, e unimo-nos a Ele.

Os Apóstolos escutaram em Cafarnaum as palavras de Jesus Cristo, prometendo vida eterna a quem comesse o Seu Corpo e Sangue: *O que come a minha Carne e bebe o Meu Sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia* (Jo. 6, 54). É essa mesma vida sobrenatural que produz frutos de vida eterna, de que lhes falou na Última Ceia ao despedir-Se, servindo-Se da alegoria da videira e dos sarmentos: *Como a vara não pode dar fruto por si mesma, se não estiver na videira, assim acontecerá convosco se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós as varas, quem*

está em Mim e Eu nele esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer (Jo. 15, 4-5). Isto significa que o Senhor ficou na Eucaristia para O comermos, para estarmos unidos a Ele. Significa que precisamos de comungar, se queremos ter vida e frutos sobrenaturais.

Como os Sacramentos realizam o que significam, o primeiro efeito da Eucaristia quando comungamos será a nossa união com Cristo¹, expressa no sinal sacramental que são as espécies consagradas contendo realmente o Seu Corpo. Bem o exprime Santo Agostinho com palavras que o Catecismo Romano aplica à Eucaristia: «Sou manjar de corações grandes: cresce e comer-Me-ás. Tu não Me transformarás em ti como alimento da tua carne, mas tu é que te converterás em Mim»². Além disso, toda a tradição da Igreja viu no facto de o pão e o vinho serem compostos de muitos grãos unidos, um símbolo da unidade entre os cristãos. Resumindo esta tradição, diz o Concílio de Trento: «O Nosso Salvador deixou na Sua Igreja a Santíssima Eucaristia como um símbolo da Sua unidade e caridade, pela qual quis que todos os cristãos estivessem unidos entre si»³.

Por conseguinte, a Eucaristia é o Sacramento da unidade: união com Cristo e união com os cristãos. Por isso não pode reduzir-se a grandeza deste mistério inefável entendendo a Comunhão como um mero símbolo de união fraterna entre os membros do Corpo Místico de Cristo. A Eucaristia contém realmente a Cristo e une-nos com Cristo. E como exigência irrenunciável da união com o Senhor, une-nos com os nossos irmãos, os cristãos⁴.

2. Os efeitos da Sagrada Comunhão: aumento da graça, perdão dos pecados veniais e consolação espiritual

Da união íntima com Jesus Cristo, seguem-se logicamente os restantes efeitos da Sagrada Comunhão. Em primeiro lugar aumenta a graça: para comungar é preciso estar na graça de Deus. Pela Comunhão, essa graça sustenta-se, revitaliza-se, aumenta-se e abraça-nos no gozo da vida divina. A Comunhão faz-nos, pois, crescer na santidade e na união com Deus, impelindo-nos a que as nossas obras sejam mais sobrenaturais.

¹ O efeito que este Sacramento produz na alma do que o recebe é a união do homem com Cristo (CONC. FLORENTINO, *Decr. Pro Armeniis*, Dz 1322).

² S. AGOSTINHO, *Confissões*, 7, 10; Catecismo Romano, II, 4, 48.

³ CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XIII, *Proémio*, Dz 1635.

⁴ Cfr. PIO XII, *Enc. Mediator Dei*, 20-XI-1947; PAULO VI, *Enc. Mysterium Fidei*, 2-IX-1965.

Por meio da Comunhão *perdoam-se os pecados veniais* afastando a debilidade espiritual, à semelhança do alimento natural; esses pecados veniais constituem uma doença da alma, que se encontra debilitada para resistir ao pecado mortal. Na Sagrada Comunhão Jesus é o Médico celeste, que nos aplica o remédio das nossas doenças e fortalece a nossa debilidade, preservando-nos dos pecados futuros. «É Médico e cura o nosso egoísmo, se deixarmos que a Sua graça penetre até ao fundo da nossa alma. (...) Com o Médico é imprescindível, pela nossa parte, uma sinceridade absoluta, explicar-Lhe toda a verdade e dizer: 'Domine, si vis, potes me mundare' (Mt. 8, 2), 'Senhor, se quiseres — e Tu queres sempre — podes curar-me'»⁵.

Assim como o alimento não só conserva o corpo mas também produz diariamente novo atractivo e nova consolação, também a Sagrada Eucaristia não só mantém a alma mas também produz *consolação espiritual*. Dá ânimo novo para seguir o nosso caminho para o céu, sendo verdadeiramente penhor da glória futura, como diz esta estrofe da Liturgia: «Oh, Sagrado Banquete em que se recebe Cristo e se celebra o memorial da Sua Paixão, e a nossa alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória».

**3. Disposições para comungar:
estado de graça, jejum,
e outros requisitos convenientes**

Para se aproximar de tão augusto sacramento requerem-se certas condições, que são manifestações de fé e amor:

Estado de graça. A Igreja exigiu sempre o estado de graça, de modo que ninguém se deve aproximar da Sagrada Eucaristia com consciência de pecado mortal. É evidente que, assim como de nada aproveita a um cadáver o melhor dos alimentos também a Sagrada Eucaristia não aproveita à alma que está morta para a vida da graça pelo pecado mortal. O pecado venial não é obstáculo para comungar, mas é próprio da delicadeza e do amor termos dor nesse momento até das pequenas faltas, para que o Senhor encontre o nosso coração bem disposto. Pode-nos servir esta oração para nos preparar-mos: «Eu quisera, Senhor, receber-vos com aquela pureza, humildade e devoção com que Vos recebeu Vossa Santíssima Mãe, com o espírito e o fervor dos Santos».

Jejum. Após as últimas disposições da Igreja, a obrigação do jejum eucarístico implica abster-se de toda a espécie de ali-

⁵ J. ESCRIVA, *Cristo que passa*, n. 93.

mentos e bebidas, uma hora antes de comungar. Exceptua-se a água natural e o caso dos doentes que, por necessidade, devem tomar algum remédio ou alimento. Também se atenuou a lei do jejum para os doentes e velhos que estão nas suas casas, embora não de cama. Neste caso basta um quarto de hora de jejum de alimentos ou bebidas alcoólicas⁶. Parte das boas disposições manifestam-se, em primeiro lugar, no cumprimento fiel desta lei, não a infringindo por ligeireza fiando-nos no próprio critério.

Disposições interiores. A participação nos benefícios da Eucaristia depende também das disposições interiores, pois embora os sacramentos actuem com eficácia própria (ex opere operato), produzem, no entanto, um efeito tanto maior quanto mais perfeitas forem as condições dos que os recebem. Daí a conveniência de uma preparação esmerada na alma e no corpo: desejos de purificação, de tratar com delicadeza este Sacramento, de o receber com grande fé, etc. É o que corresponde à dignidade da presença real de Jesus Cristo oculto sob as espécies consagradas.

Também é prova de devoção dar graças uns minutos depois da Sagrada Comunhão, para bendizer ao Senhor em nome de todas as criaturas, e pedir as graças de que precisamos. Pode ajudar-nos a dar graças esta piedosa oração já tradicional: «Alma de Cristo, santificai-me / Corpo de Cristo, salvai-me / Sangue de Cristo, inebriai-me / Água do lado de Cristo, lavai-me / Paixão de Cristo, confortai-me / Ó bom Jesus, ouvi-me / Dentro das Vossas chagas, escondi-me / Não permitais que de Vós me separe / Do espírito maligno, defendei-me / Na hora da minha morte, chamai-me / E mandai-me ir para Vós, / para que Vos louve com os Vossos Santos / por todos os séculos dos séculos. Amen».

Disposições exteriores. Juntamente com as disposições interiores, e como manifestação lógica delas, estão as do corpo: o jejum prescrito pela Igreja, as posições, o modo de vestir, etc., que são sinais de respeito e reverência.

4. O preceito da Comunhão Pascal e a exortação à Comunhão frequente

A respeito da frequência na recepção da Sagrada Comunhão, há que recordar que, os que já tiverem uso da razão, devem comungar pelo menos uma vez por ano, pela Páscoa, com as devidas disposições. Do mesmo modo os fiéis que se encontram em perigo de morte, devem receber a «Sagrada Comunhão como Viático», isto é, como participação no mistério da morte do Senhor, que

⁶ Cfr. Inst. *Immensae Caritatis*, 29-I-1973.

se renova na Santa Missa, e da Sua passagem para o Pai; fortalecido pelo Corpo de Cristo, o fiel recebe o penhor da vida futura.

Sendo tantos e tão grandes os benefícios que se obtêm da Sagrada Comunhão, a Igreja não cessa de recomendar a *Comunhão frequente*, desde que se tem o uso da razão. Neste sentido recolhemos estas palavras de Paulo VI: «É de desejar que, todos os dias, os fiéis, em número elevado, participem activamente no Sacrifício da Missa, se alimentem com o coração puro e santo da Sagrada Comunhão e dêem graças a Cristo Nosso Senhor por tão grande dom»⁷.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que conheçam e vivam muito bem as disposições necessárias para se aproximarem da Comunhão.
- Conseguir que desejem receber com frequência a Jesus na Eucaristia.
- Alcançar que se preparem muito bem para a Comunhão e que dêem graças depois de a receberem.

De Liturgia e vida cristã

- Ensinar-lhes a comunhão espiritual: «Eu quisera, Senhor, receber-Vos com aquela pureza, humildade e devoção com que Vos recebeu Vossa Santíssima Mãe, com o espírito e o fervor dos Santos».
- Ensinar algumas orações que ajudem a preparar-se para comungar e dar graças.
- Habituar os alunos a dizer «Amen», quando o sacerdote lhes diz: «O Corpo de Cristo», no momento de comungar.
- Estimular os alunos a que façam frequentemente uma visita a Jesus Sacramentado.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Contar o seguinte facto histórico:

Os primeiros cristãos tiveram de sofrer muitíssimo por causa das perseguições, por defenderem a sua fé cristã. Esta é a história de um jovem chamado Tarcísio.

⁷ PAULO VI, Enc. *Mysterium Fidei*, 2-IX-1965.

Celebrava o Papa a Vigília Pascal num lugar oculto, em tempo de perseguição, quando chegou a notícia de que os cristãos encarcerados iam ser arrojados às feras na manhã seguinte. Precisavam da fortaleza de Cristo para serem fiéis. Quem lhes iria levar a Eucaristia à prisão? Talvez a uma criança deixassem passar. Tarcísio ofereceu-se para isso. O Papa confia-lhe a Sagrada Comunhão e quando vai a caminho encontra os seus companheiros de jogo. Não quer entreter-se com eles, mas é atacado, enquanto ele conserva a mão no peito em cima do Santíssimo Sacramento para O proteger. Descubrem que é cristão, dão-se conta de que esconde alguma coisa, e golpeiam-no. Um soldado intervém na luta e leva Tarcísio para a prisão. A criança, gravemente ferida, diz no cárcere aos seus companheiros que lhes vem trazer o Santíssimo. Um diácono, que também está preso, administra então a Sagrada Comunhão aos que se dispõem a morrer.

Todos os seres vivos precisam de alimento: as plantas, os animais e também os homens. Quem tem carências de alimento fica sem forças, cansado, débil, não pode fazer nada; mas o que se alimenta bem é forte e está são, tem forças para o trabalho, vence as dificuldades e está seguro da vitória. Pode-se estabelecer um diálogo com estas ou semelhantes perguntas:

- Porque é que os cristãos têm de comungar com frequência?: Para receberem Cristo e serem valentes.
- Porque devemos desejar comungar com frequência?: Porque Deus nos convida a comungar e porque assim teremos força e coragem para seguir Jesus Cristo e amar todos os homens.
- Que disposições se requerem para ir comungar? (Ver o texto).
- Que pecado comete quem se aproxima da Comunhão em pecado mortal?: Um sacrilégio.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Jesus Cristo instituiu a Eucaristia como alimento para as nossas almas* [usar o texto de S. João 6, 51-70, em que se promete a Eucaristia e o de S. Mateus 26, 26-29 em que é instituída].

Em Cafarnaum, Jesus Cristo disse aos Seus Apóstolos, com toda a clareza, que ficaria connosco na Eucaristia para alimento das nossas almas, e como sinal e promessa da vida eterna: *Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia. Porque a Minha carne é, em verdade, uma comida e o Meu sangue é, em verdade, uma bebida. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue fica em Mim e Eu nele* (Jo. 6, 54-56).

Na Última Ceia, cumpriu o Senhor a Sua promessa instituindo a Eucaristia: *Tomai e comei. Isto é o Meu Corpo* (Mt. 26, 26). Esta linguagem não é simbólica, mas sim a afirmação clara de que o Corpo do Senhor, após a Consagração, está realmente presente na Eucaristia e dá-*Se-nos* em alimento.

- b) *Efeitos que a Comunhão produz em nós* [comparar a vida da alma com a do corpo: ambas precisam de alimento para viver e crescer].

A Comunhão produz na vida espiritual os efeitos que o alimento produz na vida do corpo: fortalece a nossa alma e aumenta a vida da graça. Os efeitos que produz em nós este Sacramento podem-se resumir dizendo que:

- Une-nos mais intimamente a Jesus Cristo convertendo-nos em Sacrários vivos, porque Jesus está dentro de nós.
- Aumenta a vida da graça, pois quem comunga deve estar em graça de Deus.
- Concede novas forças para viver como filhos de Deus e imitar Jesus Cristo.
- Purifica dos pecados veniais, das faltas e negligências.
- É penhor para alcançar a vida eterna.

- c) *Disposições para comungar bem* [pode usar-se o texto de S. Paulo, 1 Cor. 11, 27-29].

Como é lógico, para receber a Comunhão temos de ter disposições muito boas, que são as seguintes:

1. *Saber o que se vai receber.* Recebemos a Cristo sacramentalmente, e não podemos comungar por mera rotina, ou para sermos vistos. É preciso que nos aproximemos da Comunhão para corresponder ao desejo de Jesus, e para encontrar na Comunhão um remédio para a nossa fraqueza.

2. *Estar em graça de Deus,* isto é, limpos do pecado mortal. Ninguém se pode aproximar da Comunhão, por muito arrependido que possa estar, se antes não confessou os pecados mortais. O pecado venial não impede a Comunhão, mas é lógico que queiramos receber Jesus com a alma muito limpa; daí que a Igreja aconselhe confessar-se com frequência, ainda que não tenhamos pecados mortais. Se alguém comungar em pecado mortal, comete um sacrilégio.

3. *Guardar o jejum eucarístico,* o que significa não ter comido nem bebido uma hora antes de comungar. A água não

quebra o jejum. Para os doentes e velhos que estão em casa, embora não de cama, basta um quarto de hora de jejum de alimentos e bebidas alcoólicas.

4. *Comungar com a máxima reverência.* Até na composição externa se deve manifestar a piedade e o respeito com que nos aproximamos para receber o Senhor. Comunga-se de joelhos ou de pé, conforme o que a Hierarquia da Igreja tiver determinado.

- d) *Temos de ser muito agradecidos com o Senhor* [fazer ver como se agradece que nos dêem pequenas provas de carinho. Usar se for oportuno, o relato de Lucas 17, 11-19].

Jesus ficou na Eucaristia por nosso amor. A melhor maneira de receber a Comunhão será fazer uma boa preparação antes de comungar e, conscientes do dom recebido, dar graças não só no momento de comungar mas ao longo de todo o dia. Depois de comungar devemos ficar uns momentos a dar-Lhe graças na igreja ou capela.

- e) *Obrigação de comungar e necessidade da Comunhão frequente* [perguntar-lhes o que acontece quando uma pessoa não se alimenta ou se alimenta mal].

Não é absolutamente necessário comungar para se salvar. Se uma criança recém-baptizada morre, salva-se. Mas Jesus Cristo disse: *Se não comerdes a Carne do Filho do Homem nem beberdes o Seu Sangue não tereis a vida em vós* (Jo. 6, 53). A Igreja, por seu lado, ordena no *terceiro mandamento* que, ao menos uma vez por ano e pela Páscoa da Ressurreição, todo o cristão com uso da razão deve receber a Eucaristia; também há obrigação de comungar quando se está em perigo de morte.

Isto é o mínimo e o preceito deve ser bem entendido. A Igreja anima-nos, ao mesmo tempo, a receber o Senhor com frequência, mesmo até diariamente. Se algum dia não podemos ir comungar, é muito bom fazer uma Comunhão espiritual, exprimindo o desejo que temos de receber o Senhor sacramentalmente.

3. Perguntas-resumo

Que é a Sagrada Comunhão? Para que recebemos Jesus na Sagrada Comunhão? Quantas coisas são necessárias para receber Jesus na Sagrada Comunhão? Que pecado comete o que comunga sem as disposições necessárias?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1.º — A Igreja deseja que recebamos Jesus com grande fé, esperança viva e amor sincero; por isso nos convida a que digamos com devoção antes de comungar:

«Senhor, eu não sou digno de que entreis na minha morada, mas dizei uma palavra e a minha alma será salva» (Do Ordinário da Missa).

2.º — O modo ordinário de nos prepararmos para receber Jesus na Comunhão — se estamos em graça de Deus — é participar no Santo Sacrifício da Missa: no início, pedimos perdão dos nossos pecados; escutamos com fé a palavra de Deus; oferecemos o nosso coração juntamente com os dons que o sacerdote apresenta; pedimos a graça de Deus; e, finalmente, recebemos Jesus na nossa alma como dom que Deus nos dá. Por isso é bom participar na Santa Missa com muita devoção.

3.º Na Bênção do Santíssimo, a Igreja adora a Jesus Sacramentado, como noutra altura fizeram os Reis Magos. Oferece-Lhe o ouro dos vasos sagrados e alfaias, símbolo de amor e oferece-Lhe incenso, símbolo de oração. Isso que a Igreja faz deve ser expressão do que nós sentimos interiormente. Seria conveniente convidar os alunos a uma Bênção com o Santíssimo.

4.º — Também se pode aproveitar esta sessão para fazer, todos juntos, principalmente entre os mais pequenos, a acção de graças depois da Comunhão rezando o «Alma de Cristo, santificai-me / Corpo de Cristo, salvai-me ...» e algumas outras orações. Assim se iriam habituando à acção de graças que depois farão pessoalmente.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das principais ideias expostas nesta sessão, ilustrando-as com fotografias, desenhos, etc.
- Aprender a cantar: «Cantai comigo, povos da terra ...».
- Aprender de cor a Comunhão espiritual que vem na alínea «De Liturgia e vida cristã».
- Desenhar a lâmpada que está acesa junto do Sacrário da Paróquia.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 165-171.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 44

Tema 44 — A Unção dos Doentes.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Para nós, a morte é Vida

Sem dúvida que a morte angustia o homem e o atemoriza. Não é só pela repugnância que sente da destruição da sua existência humana quando a alma se separa do corpo, coisa natural num ser composto, mas também porque a morte é castigo do pecado, o que lhe agrava a sua carga de sofrimento. Deus criou o homem imortal por privilégio, mas ele perdeu este dom preternatural ao revoltar-se contra o seu Criador, ficando sujeito à morte que agora é condição natural e castigo do pecado.

Tendo sido posto por Deus num Paraíso de delícias, para que trabalhasse e o conservasse, foi-lhe imposto um preceito para pôr à prova a sua fidelidade: *Podes comer frutos de todas as árvores do Paraíso, mas não comas da árvore da ciência do bem e do mal, pois, no dia em que comeres, morrerás* (Gén. 2, 15-17). S. Paulo recorda-nos que o pecado entrou no mundo por um só homem, Adão, e pelo pecado a morte, passando a morte a todos os homens, pois nele todos pecaram (cfr. Rom. 5, 12).

Mas há ainda uma coisa mais importante, que pesa sobre a morte: nesse momento está em jogo para o homem o seu destino definitivo. Ao prestar contas da Sua vida perante Deus, traça-se no Juízo particular o destino eterno da alma, que será acompa-

nhada pelo corpo após a ressurreição da carne e do Juízo universal. Após a morte esse destino é irrevogável eternamente, não se pode mudar: ou nos salvamos para sempre no Céu, ou nos condenamos para sempre no inferno. A situação do Purgatório é provisória; o que vai para o Purgatório salvou-se, embora tenha de se purificar totalmente dos vestígios dos seus pecados, visto que no Céu não pode entrar nada manchado. Quanto às crianças que morrem sem ter recebido o sacramento do Baptismo, porque não têm pecados pessoais, mas somente o pecado original que os priva do Céu, não se salvam, mas também não são condenados ao inferno, vão para o limbo.

Jesus Cristo modificou, de algum modo, esta condição da morte para os que crêem e vivem n'Ele: *Eu sou a Ressurreição e a vida; o que acredita em Mim, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim, não morrerá eternamente* (Jo. 11, 25-26). Ensinou-nos a viver e a morrer. Ele também morreu, e com Ele a morte já não é uma tragédia irreparável, mas um caminho de esperança. A morte abre-nos as portas da Vida: «Aos 'outros', a morte paralisa-os e espanta-os. — A nós, a morte — a Vida — dá-nos ânimo e impulso. Para eles, é o fim; para nós o princípio»¹.

Esta esperança apoia-se, para além da palavra de Cristo que é infalível, na infinita misericórdia de que os sacramentos são prova. Porque a morte continua a ser difícil, mas o Senhor vem socorrer-nos nesse momento com a Santa Unção dos enfermos. Do mesmo modo que instituiu o Baptismo para apagar o pecado original, e a Penitência para apagar os pecados cometidos depois do Baptismo, instituiu também o sacramento da Unção dos enfermos para nos confortar na hora suprema da nossa vida².

O estudo deste sacramento levar-nos-á a conhecer melhor a graça que proporciona como sacramento específico, recordando-nos, ao mesmo tempo, o pensamento da morte, coisa muito salutar, dado que ordinariamente aparece como afastada ou estranha a nós, e pode chegar sem nos encontrar preparados. S. Paulo previne-nos dizendo que o dia do Senhor virá *como um ladrão, de noite* (1 Tess. 5, 2), e não podemos deixar que nos surpreenda.

A Igreja sente-se unida dum modo especial com os seus filhos doentes ao chegar o transe da morte, que é a batalha final e aquela que mais interessa ganhar, pedindo por eles e oferecendo-lhes a sua ajuda. Como diz o Concílio Vaticano II, «pela Santa Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, toda a Igreja

¹ J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 738.

² Cfr. S. TOMAS, *Suma Teológica*, III, q. 65, a. 1.

encomenda os doentes ao Senhor padecente e glorificado, para que os salve (cfr. Tiago 5, 14-16); mais ainda, exorta-os a que, associando-se livremente à Paixão e Morte de Cristo (cfr. Rom. 8, 17; Col. 1, 24; 2 Tim. 2, 11-12; 1 Ped. 4, 13), concorram para o bem do Povo de Deus»³.

2. A Unção dos Enfermos foi instituída por Cristo

Não deve ser fácil no momento da morte dominar a repugnância ante a dor, sobretudo pela ânsia de viver que o homem sente. Alguns recebem a doença e o apagar-se da vida com desespero, pois consideram que nada mais há para além dela; outros reagem perante esta situação com resignação e abatimento; há também homens que vivem esses momentos em perfeita consonância com a sua fé de cristãos.

A morte chegará quando Deus dispor que abandonemos este vale de lágrimas. Unir-nos-emos então a Cristo, na companhia da Sua Bendita Mãe e de S. José, Patrono da boa morte, a quem dirigimos estas piedosas orações com que pedimos a graça da perseverança final: «Amado Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e a alma minha; Amado Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia; Amado Jesus, José e Maria, expire em paz entre Vós a alma minha».

Para alcançar felizmente esta passagem para Deus, no fim da vida contamos com as graças específicas do Sacramento da Santa Unção que fortalece a alma nessa circunstância especial. Deus vem em socorro daquele que precisa d'Ele agora mais que nunca.

O Evangelho de S. Marcos insinua já este sacramento. Numa breve missão pelas aldeias da Palestina, Jesus envia os Apóstolos a pregar: *expulsavam muitos demónios e ungiam com óleo muitos doentes e curavam-nos* (Mc. 6, 13).

No entanto, a instituição do sacramento por Jesus Cristo consta-nos através da Carta do Apóstolo S. Tiago que o recomenda aos fiéis e o promulga: *Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja e que este orem sobre ele, ungiendo-o com óleo no nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor recebê-lo-á; e, se cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados* (Tiago 5, 14-15).

3. Os frutos que se recebem neste sacramento

Entre os efeitos próprios da Unção dos enfermos — que antes se chamava Extrema Unção — é preciso contar, em primeiro

³ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 11.

lugar, o aumento da graça santificante. O sacramento deve receber-se em estado de graça. Por isso a Igreja dispõe que o enfermo confesse os seus pecados antes de o receber, se tem necessidade e pode fazê-lo. Quando está impossibilitado de fazer a confissão o sacramento perdoa-lhe os pecados, desde que tenha dor deles, embora este seja um efeito condicional.

O carácter próprio da graça que confere a Unção dos enfermos é aliviar e confortar, tirando os vestígios do pecado e a debilidade espiritual que deixaram na alma. Deste modo, o doente sente-se esperançado e com uma grande confiança na misericórdia divina, fica fortalecido espiritualmente para suportar melhor a doença aceitando a vontade de Deus e unindo os seus sofrimentos aos padecimentos de Jesus Cristo e pode resistir melhor às tentações do inimigo, que na hora extrema intensifica os seus ataques para lançar a alma no inferno.

Embora o efeito principal da Unção dos Enfermos seja de ordem espiritual, também pode ter o efeito secundário de devolver ao doente a saúde corporal, se isso for bom para a salvação da alma. Como só Deus que dirige a nossa vida conhece esta condição, ao mesmo tempo que confiamos na eficácia do Sacramento, devemos abandonar-nos nas Suas mãos, seguros de que nos dará o melhor. Pela nossa parte, queríamos sempre a saúde, dado que aborrecemos a morte por instinto natural. Neste sentido é muito importante não esperar pelo último momento para o receber.

A Liturgia da Unção dos doentes traz esta oração a pedir os efeitos do Sacramento:

«Cristo, Redentor do mundo, nós Vos pedimos: curai pela graça do Espírito Santo a fraqueza deste doente, sarai as suas feridas, perdoai os seus pecados, tirai-lhe todas as dores da alma e do corpo e restituí-lhe, por piedade, a plena saúde interior e exterior, para que, restabelecido graças à Vossa misericórdia, retome as anteriores ocupações»⁴.

4. Receber a tempo

essa amável preparação da viagem para o Céu

É muito importante receber este sacramento e recebê-lo no momento oportuno. Se temos em conta o seu sentido e os efeitos salutareos que produz, compreende-se o grave descuido que supõe não o receber quando realmente é necessário. Como foi instituído para confortar a alma nas suas angústias, curar os

⁴ *Ritual da Unção dos Doentes*, Santa Unção, Oração.

vestígios do pecado e proteger contra as investidas do demónio, explica-se que não se administre aos meninos pequenos que não têm uso da razão, nem sequer àqueles que se lhes equiparam. Ao contrário, todo o fiel que atingiu o uso da razão e está em perigo de morte por doença, acidente ou velhice, o deve receber. O descuido pode proceder, nalguns casos, de um carinho familiar mal entendido, que esquece o sentido cristão da morte e a magnífica providência de Deus que actua em cada sacramento.

A Santa Unção, que os Santos Padres denominaram «sacramento que consuma toda a vida cristã», prepara-nos para a viagem que termina no Céu. Confere-se depois da confissão sacramental e antes do Viático, podendo dar-se, em seguida, a Bênção Apostólica⁵. A palavra «Viático» significa «preparação de viagem»; por seu lado, a Bênção Apostólica confere indulgência plenária, com o fim de que, perdoadas as penas devidas pelos pecados já perdoados quanto à culpa e à pena eterna, o fiel se encontre disposto para entrar no Céu.

A vida do cristão na terra começou no Baptismo, com uma unção que nos consagra para sempre a Cristo, significando exteriormente a acção profunda de Deus na alma. No último momento, outra unção nos prepara para o Céu, consumando aquela primeira graça que é a Vida de Deus já na terra, e o será na bem-aventurança eterna.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem a doutrina da Igreja sobre este sacramento.
- Não ter medo da morte e oferecer com alegria as dores da nossa vida.
- Fazer ver a importância de receber este sacramento. Avisar o sacerdote quando algum familiar está gravemente doente.

De Liturgia e vida cristã

- Aprender a oração: «Amado Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e a alma minha; Amado Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia; Amado Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a alma minha». Rezar esta oração antes de deitar.

⁵ Cfr. *Ritual da Unção dos Doentes*.

- Aceitar com alegria os sofrimentos que tenhamos na nossa vida; ver as coisas que nos custem e que podemos oferecer a Jesus.
- Dar graças a Deus por ter instituído este sacramento e pedir pelos doentes e moribundos.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

A narração de qualquer dos episódios que sugerimos pode servir para começar esta sessão.

«Estava em casa. De repente soou o telefone. Um amigo diz-me que o seu pai está a morrer. Pedem-me que o vá ver. Durante a doença, como médico, tinha-o visitado com frequência. Peguei no que era preciso e fui a casa dele. Subi imediatamente ao andar. Ao entrar no quarto, dei-me conta que o doente não tinha solução; estava a morrer. Falei a sós com o meu amigo e contei-lhe tudo: 'É preciso chamar um sacerdote' — disse-lhe. O meu amigo, apesar de ser um homem que praticava a religião, não o achava oportuno. Tinha medo que, ao ver o sacerdote, o seu pai se assustasse: 'Vamos deixar isso para mais tarde', pediu-me ele. 'Olha que o teu pai morre. Não tem solução. É preciso prepará-lo para que possa morrer como bom cristão. Convém que se confesse, que receba a Comunhão e a Unção dos Doentes'. Por fim chamaram um sacerdote. O doente ficou tranquilo e alegre.»

«Um dia presenciei um acidente. Dois automóveis chocaram um contra o outro. Um dos condutores ficou sem sentidos; levaram-no ao hospital em estado grave. Para o identificarem abriram a sua carteira. Junto do seu nome e direcção encontraram a seguinte nota: 'Sou católico. Em caso de acidente, chamem um sacerdote: Quero receber a Unção dos Doentes'.»

Abriu um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Porque foi que aquele homem não achava oportuno que o seu pai, gravemente doente, recebesse a Unção dos Doentes?: Porque se podia assustar.
- Como ficou o doente depois de receber esse Sacramento?: Tranquilo e alegre.
- Quem instituiu o Sacramento da Unção dos Doentes?
- Que efeitos produz em quem o recebe? Como se administra? Pode administrar-se muitas vezes? (Ver respostas no texto que se segue).

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Jesus Cristo instituiu os Sacramentos para nos dar a Sua graça* [trata-se de fazer uma breve revisão de alguns sacramentos].

Jesus Cristo instituiu os Sacramentos e entregou-os à Sua Igreja para que nos fosse concedida a Sua graça. São ajudas poderosas e prova do amor misericordioso de Deus para nos levar ao Céu e nos unir a Ele. Pelo Baptismo, justifica-nos mediante a Sua graça e apaga o pecado original. A Confirmação fortalece-nos. Tendo em conta a nossa debilidade, deu-nos o Sacramento da Penitência para perdoar os pecados. Com a Eucaristia dá-nos o alimento para a nossa alma. Finalmente, para que ninguém perdesse o céu nos últimos momentos da sua vida, Jesus instituiu o Sacramento de Unção dos Doentes.

- b) *Que é o Sacramento da Unção dos Doentes* [fazer ver a ajuda que dá nesses momentos].

Jesus Cristo previu um remédio salutar para todas as épocas da nossa vida, sem descuidar a final. Nos últimos momentos da nossa vida, o demónio dirige a sua última batalha; a alma precisa de auxílios especiais. Estes auxílios foram vinculados por Jesus Cristo a um dos Seus Sacramentos: a Unção dos Doentes. É o sacramento que foi instituído para alívio espiritual e também corporal dos cristãos gravemente doentes. Por este sacramento o cristão une-se a Jesus Cristo, para ter os mesmos sentimentos que Ele teve perante a dor e a morte.

- c) *Jesus Cristo instituiu este Sacramento* [usar o texto de S. Tiago 5, 14 ss].

Foi o próprio Jesus Cristo que instituiu este Sacramento — como também os outros seis —, e o Apóstolo S. Tiago conta a tradição da Igreja quando diz:

«Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja e que estes orem sobre ele, ungiendo-o com o óleo no nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor restabelecê-lo-á; e, se cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados» (Tiago 5, 14-15).

- d) *Efeitos deste Sacramento* [ir explicando pormenorizadamente os seus efeitos].

1.º — *Alivia* a alma do doente, reavivando nele a confiança na misericórdia divina, dando-lhe forças para que possa suportar as incomodidades da doença e resistir às investidas do demónio.

2.º — A Unção dos Doentes é, de si, um sacramento de vivos (deve-se receber em estado de graça). Portanto, *aumenta a graça santificante* e apaga os vestígios do pecado.

3.º — Em caso de o enfermo não se poder confessar, a Unção dos Doentes *perdoa também os pecados mortais*, se o doente se arrepende das suas culpas ao menos com a dor de atrição.

4.º — Se for conveniente para a salvação da alma, restitui a *saúde do doente*.

Como vimos no episódio narrado ao princípio, não se deve esperar que uma pessoa chegue à última agonia para lhe administrar este sacramento: o ideal é que ela esteja plenamente lúcida. No entanto se uma pessoa já tiver perdido o conhecimento, tem direito a que se lhe administre este Sacramento e assim se deve fazer, sob condição.

Deve-se ter em conta também que a Igreja ajuda os doentes com o Viático. Os bons cristãos devem preocupar-se com que os doentes recebam com frequência a Comunhão e, se é doença grave, a modo de Viático.

e) *Modo de administrar este Sacramento* [se interessar, pode desenvolver-se mais amplamente].

Ao administrar o Sacramento da Unção dos Doentes há muitas cerimónias. O essencial de todo o rito — como nos outros Sacramentos — é a aplicação da matéria e da forma que o acompanha. O sacerdote unge com óleo benzido (azeite de oliveira benzido pelo Bispo em Quinta-feira Santa; daí o nome de «Santos Óleos») a fronte e as mãos do doente enquanto diz as seguintes palavras:

«Por esta santa unção e pela Sua piíssima misericórdia o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na Sua bondade, alivie os teus sofrimentos.»

f) *Temos de nos preparar para o momento da morte* [conseguir que façam um breve exame e propósitos concretos de vida cristã perante a realidade da morte].

Deus vem em nossa ajuda em todo o momento; é um Pai que nos quer felizes na terra e depois no Céu por toda a eternidade. O ter estudado este Sacramento deve fazer-nos pensar na realidade da morte. Isso leva à necessidade de viver sempre em graça de Deus, crescer na vida cristã, aceitar os sofrimentos que tenhamos nesta vida, e receber com alegria a morte, sabendo que

é o passo necessário para nos encontrarmos definitivamente com Deus no Céu.

3. Perguntas-resumo

Que é a Unção dos Doentes? Que efeitos produz? Quem deve receber a Unção dos Doentes? Que obrigação têm os familiares e os que assistem o doente?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. É uma boa ocasião o desenvolvimento desta sessão para explicar o significado do Santo Óleo. A Unção dos Doentes significa e produz na alma um alívio sobrenatural que a cura da doença do pecado e um robustecimento na luta contra os seus inimigos: algo semelhante ao que naturalmente produz nos desportistas o tratamento com azeite e massagens, que tonificam e dão vigor aos músculos do corpo. Por isso, o sacerdote unge o doente «com a graça do Espírito Santo para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na Sua bondade, alivie os teus sofrimentos» (Do Ritual dos Sacramentos).

2. Procurar que os alunos se habituem a oferecer a Deus as suas dores, doenças e contrariedades, para melhor preparar a sua morte.

3. A explicação deste Sacramento é boa oportunidade para que os alunos se interessem pelos doentes da paróquia, os recordem nas suas orações e possam visitá-los em qualquer ocasião. Convém que estas visitas sejam muito bem preparadas, para tirar o maior fruto apostólico e evitar ao doente ou aos seus familiares inúteis incómodos.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das principais ideias desta sessão; podem empregar fotografias, desenhos, etc.
- Desenhar um sacerdote a administrar este Sacramento.
- Preparar a oração que gostaríamos de rezar momentos antes de morrer.
- Explicar brevemente o que faria se estivesse doente, para receber o Sacramento da Penitência e da Eucaristia.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 197-199.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

G C - 45

Tema 45 — O Sacerdócio ministerial.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. O sacerdote, homem de Deus

O sacerdócio ministerial foi instituído por Jesus Cristo na Igreja como uma participação específica do Seu Sacerdócio eterno, para dar glória a Deus e continuar na terra a obra redentora que se realiza no Sacrifício do Altar, aplicando os Seus méritos, dando, mantendo e acrescentando a vida sobrenatural entre os homens. O Concílio de Trento ensina que o Senhor ao dizer na Última Ceia aos Apóstolos *fazei isto em memória de Mim*, fê-los sacerdotes, encarregando-os — a eles e aos seus sucessores no sacerdócio — de oferecerem o Sacrifício do Seu Corpo e do Seu Sangue sob as espécies de pão e de vinho¹. Nesse momento o sacerdote fala em nome de Cristo e representa Cristo, sendo particularmente «o homem de Deus», como chamava S. Paulo a Timóteo (1 Tim. 6, 11). No dia da Ressurreição concedeu-lhes expressamente o poder de perdoar ou reter os pecados ao dizer-lhes: *àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos* (Jo. 20, 23).

¹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. XXII, *Doctrina de SS. Missae sacrificio*, cap. 1 e 2, in Dz 1740, 1752.

Do sacerdote que, pela consagração recebida no Sacramento da Ordem se torna representante de Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, depende, em grande parte, a vida sobrenatural, pois só ele pode tornar Jesus Cristo presente sobre o altar e perdoar os pecados. Embora sejam estas as duas funções mais representativas do ministério sacerdotal, a sua missão não se esgota aí. Administra os outros sacramentos, prega o Evangelho e dirige os fiéis. Este tríplice ministério sacerdotal adquire o seu nível máximo no sacerdócio do Bispo, que possui a plenitude do sacerdócio participado de Jesus Cristo e pode realizar funções que não correspondem ao simples sacerdote². Mas num caso ou noutro, a acção mais importante que pode realizar é a Santa Missa, quando Cristo Se oferece ao Pai no Sacrifício de adoração e acção de graças, enquanto que satisfaz pelos pecados dos homens e pede pelas suas necessidades.

Compreende-se assim a missão transcendental que tem o sacerdote, por ser ministro e representante de Deus entre os homens. Como diz a Carta aos Hebreus, *todo o pontífice tomado de entre os homens, é constituído em favor dos homens, nas coisas que dizem respeito a Deus para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados* (Heb. 5, 1). Sem merecimento próprio — nenhum homem é digno disso —, mas foi chamado por Deus para O representar e é o homem de Deus.

2. A identidade do sacerdote é a de Cristo

A presença do sacerdote entre os homens é como um mistério, se não se vê com os olhos da fé, e com frequência se faz esta pergunta: quem é ou que é o sacerdote? Parece que se repete aquela pergunta do Senhor: *Quem dizem os homens que é o Filho de Deus?* (Mt. 16, 13).

A identidade do sacerdote não é — não pode ser — outra senão a de Cristo. Como dizia S. Paulo: *que os homens nos considerem como ministros de Cristo e dispensadores do mistério de Deus* (1 Cor. 4, 1).

Ensina o Concílio Vaticano II que «o Senhor Jesus, 'a quem o Pai santificou e enviou ao mundo' (Jo. 10, 36), tornou participante todo o seu Corpo místico da unção do Espírito com que Ele mesmo tinha sido ungido: n'Ele, com efeito, todos os fiéis se tornam sacerdócio santo e real, oferecem vítimas a Deus por meio de Jesus Cristo, e anunciam as virtudes d'Aquele que os chamou das trevas para a Sua luz admirável. Não há, portanto, nenhum membro que não tenha parte na missão de todo o corpo,

² VATICANO II, *Christus Dominus*, n. 15.

mas cada um deve santificar Jesus no seu coração, e dar testemunho de Jesus com espírito de profecia.

«O mesmo Senhor, porém, para que formassem um corpo, no qual 'nem todos os membros têm a mesma função' (Rom. 12, 4), constituiu, dentre os fiéis, alguns como ministros que, na sociedade dos crentes, possuíssem o sagrado poder da Ordem para oferecer o Sacrifício, perdoar os pecados e exercer oficialmente o ofício sacerdotal em nome de Cristo a favor dos homens. E assim, enviando os Apóstolos assim como Ele tinha sido enviado pelo Pai, Cristo, através dos mesmos Apóstolos, tornou participantes da sua consagração e missão os sucessores deles, os Bispos, cujo cargo ministerial, em grau subordinado, foi confiado aos presbíteros, para que, constituídos na Ordem do presbiterado, fossem cooperadores da Ordem do episcopado para o desempenho perfeito da missão apostólica confiada por Cristo.

«O ministério dos sacerdotes, enquanto unido à Ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o Seu corpo. Por isso, o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça»³.

O Sacerdote é, pois, um eleito de Deus, e tanto o seu ministério como a Sua vida devem reflectir Cristo imitando os Seus exemplos e comportamento (cfr. Jo. 3, 15). *Que não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto, e o vosso fruto permanecer* (Jo. 15, 16). Actuar de outro modo seria um contrasenso. Assim o entende S. Tomás que afirma do sacerdote quando confecciona os sacramentos: «requere-se a santidade no ministro, para que se conforme ao seu ministério»⁴; com efeito, o valor das acções sacerdotais, enquanto tais, não depende da santidade dos homens que as realizam, pois são ministros de Cristo que actua invisivelmente através de quem O representa. Do mesmo modo que um médico enfermo pode curar, um sacerdote pecador pode santificar; embora peque por exercer o ministério santo dos Sacramentos quando o faz sem as devidas disposições.

Tudo isto significa que, se de cada fiel se pode dizer que é outro Cristo e o próprio Cristo Se identifica com os membros do Seu Corpo Místico: *Saulo, Saulo, porque Me persegues?*...

³ VATICANO II, *Presbiterorum Ordinis*, n. 2.

⁴ S. TOMÁS, *Suma Teológica*, III, q. 64, a. 6 ad 1.

Eu sou Jesus a quem tu persegues (Act. 9, 4-5), com maior razão se deve afirmar o mesmo do sacerdote, cuja consagração e missão são especificamente uma identificação com Jesus Cristo a quem representa. A gente simples sabe, na sua fé elementar, que o sacerdote é representante de Cristo.

Entendem-se perfeitamente aquelas palavras que Santa Catarina de Sena recolheu no seu *Diálogo*, como ditas pelo Senhor: «Não quero que diminua a reverência que se deve professar aos sacerdotes, porque a reverência e o respeito que se lhes manifesta, não se dirige a eles, mas a Mim, em virtude do Sangue que Eu lhes dei para que o administrem ... Não se lhes há-de ofender: ofendendo-os, ofendem-Me a Mim, e não a eles. Por isso proibi e dispus que não admito que se toque nos meus Cristos»⁵.

3. O Sacramento da Ordem

Os sacramentos compõem-se de matéria e forma, que na Ordem são a imposição das mãos, juntamente com as palavras do prefácio consecratório. Este é o rito essencial.

De acordo com a Const. Apost. *Sacramentum Ordinis*, promulgada por Pio XII em 30-11-1947, «a *matéria* única das ordens sagradas do diaconado, presbiterado e episcopado é a *imposição das mãos*, e a *forma*, igualmente única, são as *palavras* que determinam a aplicação desta matéria. De modo que a entrega dos instrumentos não é necessária para a validade destas sagradas ordens. Mais concretamente, na ordenação do diácono, a matéria é unicamente a imposição das mãos do Bispo nesta cerimónia. A forma consta das palavras do Prefácio que são essenciais para a validade: *'Enviai sobre ele, Senhor, o Vosso Espírito Santo, que o fortaleça com todos os dons da Vossa graça, para desempenharem com fidelidade o ministério diaconal'*. Na ordenação do presbítero, a matéria é a primeira imposição das mãos do Bispo, que se faz em silêncio. A forma consta das palavras do Prefácio que são essenciais para a validade: *'dai a este Vosso servo a Ordem presbiteral, renovando-o em seu íntimo pelo Vosso Espírito Santo; receba de Vós o ministério da cooperação imediata com os Bispos; e o seu viver, Senhor, inspire aos homens o bem'*. Finalmente, a matéria da consagração episcopal é também a imposição das mãos que se faz pelo Bispo sagrante, enquanto que a forma consta das palavras do Prefácio que são essenciais para a validade: *'Enviai agora sobre este sacerdote, Vosso eleito, o poder que de Vós procede, o Espírito soberano que destes ao Vosso amado Filho Jesus Cristo, e que Ele mesmo transmitiu aos seus Após-*

⁵ SANTA CATARINA DE SENA, *O Diálogo*, c. 16.

tolos, os quais por toda a parte fundaram a Igreja, como Vosso santuário, para glória e louvor perene do Vosso nome'».

O ministro que administra o sacramento da Ordem é o Bispo sagrante; o sujeito para o receber é qualquer varão baptizado.

O sacramento consta de três graus: Episcopado, Presbiterado e Diaconado, que participam em diverso grau do Sacerdócio de Cristo como de um todo. O Bispo tem a plenitude do Sacerdócio, a participação plena; em grau subordinado e inferior, participa dele o presbítero, que também é sacerdote, mas de segundo grau; o diácono não é sacerdote nem tem poderes sacerdotais, mas ajuda o sacerdote, e os poderes que lhe confere o carácter da Ordem que recebe são ainda mais limitados. Estes três graus são de instituição divina, e constituem a Hierarquia da Ordem.

Por instituição da Igreja, existem actualmente os ministérios do leitorado e acolitado. Até ao Motu Proprio *Ministeria Quaedam* (15 de Agosto de 1972), de Paulo VI, pelo qual se modificaram os ministérios de instituição eclesiástica, recebiam-se escalonadamente a tonsura clerical e as chamadas ordens menores: ostiário, exorcista, leitor e acólito.

Outras denominações, como os cardeais, arcebispos, vigários, párocos, etc., são de pura instituição da Igreja na ordem administrativa e pastoral, para o melhor governo dos fiéis.

4. Efeitos do Sacramento da Ordem

Realmente, o poder de consagrar o Corpo de Cristo na Santa Missa e de perdoar os pecados no Sacramento da Confissão é tão grande que a primeira coisa, e quase única, que consideramos no sacramento da Ordem, é o poder Sacerdotal. E não é de estranhar porque é o que especificamente distingue este Sacramento. No entanto, não podemos esquecer que, como todo o Sacramento, o da Ordem santifica aquele que o recebe e dá-lhe graças oportunas para realizar dignamente o ministério que lhe foi confiado.

Não obstante e apesar de manejar constantemente coisas divinas e santas, o sacerdote, como está em jogo a liberdade humana, deve esforçar-se por corresponder à graça de Deus e pôr os meios que ajudam a consegui-lo.

Em concreto, pois, os efeitos do Sacramento da Ordem são: 1.º O carácter indelével impresso na alma; 2.º O poder espiritual recebido de Cristo para exercer os actos próprios do ministério; 3.º O aumento da graça santificante, com a graça sacramental específica que dá direito aos auxílios necessários para o fiel cumprimento do múnus recebido; 4.º A permanência da Hierarquia da Igreja.

5. Distinção essencial entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial dos sacerdotes

A Igreja é uma comunidade sacerdotal e todos os fiéis participam de alguma maneira do sacerdócio de Cristo. Todos participam a seu modo no múnus profético, sacerdotal e régio; todos participam da missão única da Igreja; todos estão chamados à santidade; todos devem buscar a glória de Deus e trabalhar no apostolado testemunhando a fé com a sua vida e difundindo-a entre os outros.

A participação no sacerdócio é dupla e diferem essencialmente. Há um sacerdócio comum, que o Baptismo e a Confirmação conferem, e um sacerdócio ministerial que procede do sacramento da Ordem. Assim o ensina o Concílio Vaticano II: «O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real, que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa»⁶.

Daí que seja próprio dos fiéis leigos actuar como cidadãos correntes no meio do mundo, tratando de ordenar segundo Deus os assuntos temporais, de acordo com a posição, idade e profissão de cada um, cooperando assim com Cristo na renovação do mundo⁷. É próprio do sacerdote, pelo contrário, celebrar o Santo Sacrifício da Missa e pregar a Doutrina de Cristo e da Igreja, administrar os Sacramentos e ajudar os homens a seguir Cristo a fim de conseguirem a salvação eterna.

6. A Santa Missa, centro do ministério sacerdotal

A Eucaristia é o Sacramento fontal e o mais elevado. Compreende-se que o centro e a raiz do ministério sacerdotal seja a celebração da Santa Missa. Em nenhum outro momento como na Santa Missa o sacerdote serve de ponte entre o Céu e a terra, ao emprestar a sua pessoa ao próprio Cristo.

⁶ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 10.

⁷ Cfr. VATICANO II, *ibidem*, nn. 31-38.

Aí encontra também a fortaleza necessária para superar as dificuldades que põem os homens e os inimigos de Deus, assim como a felicidade e plenitude pessoal de quem jamais está só. Unido com Jesus Cristo, o sacerdote sente-se, além disso, acolhido pelo respeito e carinho dos fiéis, ao dar-se em benefício dos outros; sente-se acompanhado por tantas almas que estão no Céu, graças às suas mãos; e está acompanhado pelos seus irmãos sacerdotes que, diariamente, renovam com alegria o serviço de Deus e dos homens.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Compreender muito bem a natureza e a missão sobrenatural dos **Sacerdotes**.
- Ensinar a ter grande respeito e veneração aos sacerdotes.
- Pedir para que haja sacerdotes santos, e receber com muita alegria a vocação ao sacerdócio, se essa for a vontade de Deus.

De Liturgia e vida cristã

- Habituar-se a rezar todos os dias, especialmente na Santa Missa, pelos sacerdotes, para que sejam santos e haja muitos na Igreja.
- Indicar manifestações concretas que demonstrem respeito e veneração para com os sacerdotes.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Explicar estas palavras do Papa Pio XI na Encíclica *Ad Catholici Sacerdotii* (20-12-1935) despertando nos alunos amor e gratidão para com os sacerdotes:

«Em qualquer momento importante da sua vida, o cristão encontra ao seu lado o sacerdote ... Logo que o homem nasce para a vida, o sacerdote recebe-o com o Baptismo, infunde nele uma vida mais nobre, preciosa, que é a vida sobrenatural, e torna-o filho de Deus e da Igreja.

Para o fortalecer e para que esteja melhor disposto para combater com generosidade nas lutas espirituais, um sacerdote revestido de dignidade especial — um Bispo — torna-o soldado de Cristo por meio da Confirmação. Quando se torna capaz de discernir e apreciar o Pão dos Anjos o sacerdote alimenta-o e recon-

forta-o com este manjar vivo e vivificante. Se caiu, o sacerdote levanta-o em nome de Deus e reconcilia-o por meio da Penitência. Se Deus o chama para formar uma família e para colaborar com Ele na transmissão da vida humana no mundo ..., o sacerdote aí está para abençoar o seu matrimónio e o seu amor puro. E quando o cristão, já nos umbrais da eternidade, precisa de força e coragem para se apresentar perante o Juiz divino, o Sacerdote inclina-se sobre os membros doridos do moribundo, perdoa-lhe e anima-o com o Óleo Santo.

Portanto, desde o berço à sepultura, e inclusive até ao Céu, o sacerdote está junto dos fiéis, como guia, alento, ministro de salvação, distribuidor de graças e bênçãos.»

Abrir um diálogo com os alunos por meio das seguintes perguntas:

- Sabeis dizer em que momento e de que maneira o sacerdote nos acompanha ao longo da nossa vida? (Ver o texto anterior).
- Que pormenores de veneração e respeito devemos ter com os sacerdotes? (Ver ideias a desenvolver).
- Para que instituiu Cristo o Sacramento da Ordem? Qual é a missão dos sacerdotes? (Idem).
- Já alguma vez pensastes que Deus vos pode escolher para O seguir no sacerdócio? Como é preciso corresponder a essa tão elevada vocação? (Deixar que, em silêncio, respondam).

b) Podia fazer-se a seguinte comparação entre o lavrador e o sacerdote: o lavrador abre os sulcos da terra, enquanto que o sacerdote abre os corações dos homens por meio da pregação da palavra de Deus; assim como o lavrador põe a semente nos sulcos, o sacerdote põe a graça de Deus no coração dos homens mediante a administração dos sacramentos; finalmente, assim como o dono do campo vigia a sua sementeira para que não sofra qualquer dano, também o sacerdote cuida de todos nós, como bom lavrador, rezando, para que os inimigos da nossa alma não saiam vitoriosos.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Em todos os povos encontramos pessoas dedicadas ao culto de Deus* [centrar-se especialmente no sacerdócio dos judeus].

É conatural ao homem religioso a ideia de que o exercício do culto de Deus não deve encomendar-se a qualquer pessoa, mas sim a homens escolhidos e convenientemente preparados.

Como todos os povos, também o povo judeu tinha uma classe sacerdotal, mas, neste caso, a sua instituição tinha sido revelada por Deus a Moisés: eram os sacerdotes do Antigo Testamento que ofereciam a Deus os sacrifícios e intercediam pelas necessidades do povo.

- b) *Jesus Cristo instituiu na Igreja o Sacramento da Ordem Sacerdotal* [explicar muito bem esta alínea apoiando-se nos textos do Evangelho].

Jesus Cristo quis também instituir na Santa Igreja a Ordem Sacerdotal. Ele é o verdadeiro e supremo sacerdote da Nova Lei, porque só Ele nos reconciliou com Deus por meio do Seu Sangue derramado na Cruz. Mas quis que alguns homens escolhidos por Ele participassem da Sua dignidade sacerdotal, com o objectivo de estender a todos os homens os benefícios da Redenção.

Para isso escolheu os Seus Apóstolos, e na Última Ceia instituiu o Sacerdócio, mandou-lhes que renovassem na Missa o Sacrifício da Cruz com estas palavras: *Fazei isto em memória de Mim* (Lc. 22, 49). No dia da Ressurreição conferiu-lhes também o poder de perdoar ou reter os pecados, outorgando-lhes o poder que Ele tinha.

O sacerdote, pois, Ministro de Cristo, instrumento de que o Divino Redentor Se serve para continuar connosco neste mundo.

- c) *Os Apóstolos transmitiram o Sacerdócio a outros* [usar os textos citados].

Os Apóstolos sabiam que o sacerdócio devia continuar na Igreja quando eles morressem e depois de evangelizar uma cidade, antes de a deixar, impunham as mãos a outros, comunicando-lhes o seu sacerdócio. (Por exemplo: 2 Tim. 1, 6; Act. 14, 21-22).

Este rito é o que se chama sacramento da Ordem, que consiste em vários graus subordinados um ao outro, dos quais resulta a Sagrada Hierarquia da Ordem: episcopado, presbiterado e diaconado.

- d) *O Sacerdote é um homem consagrado a Deus para sempre* [ressaltar a grandeza do sacerdócio].

Em virtude do Sacramento da Ordem, o sacerdote é Ministro de Cristo: é o *mediador* entre Deus e os homens para dar culto a Deus — de adoração, acção de graças e satisfação —, e para comunicar a graça aos homens.

Os poderes que recebe — que nem sequer os Anjos os têm — não são passageiros mas permanentes. Os homens que recebem

este Sacramento recebem um *carácter* indelével e são sacerdotes para sempre.

Juntamente com o carácter, recebem-se outras graças com a ordenação sacerdotal: assemelha-se o sacerdote com Cristo, de maneira que todo o sacerdote se pode dizer que é *outro Cristo*. Também distingue o que é ordenado dos outros fiéis; participa do Sacerdócio de Cristo de um modo essencialmente distinto.

Este Sacramento só o podem receber os varões baptizados que reúnam as condições devidas.

- e) *Ministério dos Sacerdotes* [indicar claramente esse ministério; infundir veneração pelos sacerdotes].

Vimos que o sacerdócio dá poder para exercer o Sagrado ministério, que diz respeito ao culto a Deus e à salvação das almas. As manifestações principais do ministério dos sacerdotes são:

1. *Administrar os Sacramentos e especialmente celebrar a Santa Missa*. Desde que o cristão nasce até que morre, está junto dele o sacerdote a ajudá-lo com os sacramentos. Mas o ministério principal dos sacerdotes é celebrar o Santo Sacrifício da Missa.

2. *Dirigir ao Senhor a oração oficial da Igreja*, com a reza da Liturgia das Horas. Se todos os homens devem rezar para honrar a Deus e Lhe pedir por tantas necessidades, com maior razão o deve fazer o sacerdote. Ele conhece como nenhuma outra pessoa as verdadeiras misérias e necessidades dos homens. Por isso, a Igreja manda que todos os sacerdotes rezem diariamente o Ofício divino. É um clamor que sobe continuamente da terra ao Céu, de tal modo que se pode dizer que durante as vinte e quatro horas do dia a Igreja está a rezar oficialmente, por meio dos seus ministros.

3. *Pregar a Palavra de Deus*. O Sacerdote exerce este ministério quando prega a Homilia na Santa Missa, ao dar Catequese, e em múltiplas ocasiões: Meditações, recolecções, retiros, palestras de formação doutrinal religiosa, etc.

4. *Guiar o povo cristão para a santidade*. Os Sacerdotes têm, por último, a missão e o dever de apascentar como bons pastores a grei que lhes foi confiada pelo Bispo: com oração, mortificação, ajudando-os nas suas necessidades, acompanhando-os nos momentos difíceis, etc., e com a insubstituível tarefa da direcção espiritual, para que os homens deixem os obstáculos que lhes impedem de receber as graças de Deus.

f) *A missão do Sacerdote é fundamentalmente espiritual* [sublinhar esta ideia].

De tudo o que vimos se deduz que a missão do Sacerdote no mundo é fundamentalmente espiritual: Conduzir os homens para Deus, educando-os na fé, e dando-lhes a graça de Cristo contida nos Sacramentos. O Sacerdote é servidor de toda a comunidade cristã e elemento de unidade. É lógico que se possa distinguir, inclusive no seu porte externo, como ordena a Igreja, e que tenha o dia completamente cheio com a sua actividade sacerdotal, sem tempo para se dedicar a outras coisas, e muito menos interferindo nas tarefas próprias dos fiéis leigos.

g) *Deveres dos fiéis para com os Sacerdotes* [falar-lhes da vocação sacerdotal].

Sendo tão grande a dignidade do Sacerdote e sendo tão essencial a sua função na Igreja, é lógico que os pais dêem aos filhos plena liberdade para seguir a vocação sacerdotal, se Deus os chamasse a tal. Os fiéis devem rezar para que Deus Se digne conceder à Sua Igreja bons pastores e ministros cheios de zelo. Devem professar um grande respeito, veneração e amor pelos sacerdotes considerando-os como aquilo que são: ministros de Cristo, pais e pastores das almas. Por isso, devem também, ajudá-los com generosidade nas suas necessidades materiais.

3. Perguntas-resumo

Que é a Ordem Sacerdotal? Quais são as principais funções do sacerdote? É muito grande a dignidade do sacerdote?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Devemos rezar para que haja muitos sacerdotes santos, como Jesus Cristo nos ensinou: *Pedi ao Senhor da messe que envie operários para a Sua messe* (Mt. 9, 38). Podia-se rezar, todos juntos, a seguinte oração:

«Ó Deus, que quiseste dar pastores ao Vosso povo, derramai sobre a Igreja o espírito de piedade e de fortaleza, que suscite dignos ministros do altar e os faça defensores ardorosos e humildes do Vosso Evangelho.»

(Oração Colecta da Missa pelas Vocações Sacerdotais)

2. A piedade tradicional dedica um dia da semana, a Quinta-feira, à Eucaristia e aos sacerdotes. Seria bom aproveitar esta sessão para fomentar nos alunos esta devoção.

3. O sacerdote prega a palavra de Deus; por isso há que motivar os alunos para que escutem com atenção o que o sacerdote diz depois da leitura do Santo Evangelho na Missa dos Domingos e dias festivos.

4. Ninguém na terra pode receber maior dignidade que aquela que têm os sacerdotes. Convém ensinar os alunos que reconhecemos essa dignidade quando lhes beijamos a mão, lhes cedemos a passagem, falamos bem deles, etc. Estas coisas fazêmo-las porque nos damos conta de que representam Jesus Cristo.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Aprender de cor as perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias principais expostas na sessão, ilustrando-as com fotografias e desenhos.
- Escrever uma carta a um seminarista.
- Inventar uma oração pedindo pelos sacerdotes.
- Escrever no caderno o nome dos sacerdotes que conhecem.
- Fazer um breve resumo de duas ou três linhas, sobre o que disse o sacerdote na homilia do domingo.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 200-202.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

G C - 46

Tema 46 — O Sacramento do Matrimónio.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. O matrimónio como instituição natural

O matrimónio existe desde o princípio da humanidade. Diz o Livro do Génesis que *Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou e abençoou-os dizendo: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra»* (Gén. 1, 27-28). Criou-os, portanto, sexualmente diferentes, destinando-os um ao outro com o encargo de se multiplicarem. Como nos diz a Revelação, Deus criou o primeiro par — os nossos primeiros pais —, Adão e Eva, confiando-lhes a propagação da espécie humana, como Seus colaboradores na nobilíssima missão de transmitir a vida.

A narração bíblica volta-se outra vez sobre o tema e conta-nos a criação do homem com outras palavras: *O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida e o homem transformou-se num ser vivo* (Gén 2, 7). Como o homem se sentisse só, apesar daquela esplêndida criação saída das mãos de Deus, o relato sagrado diz um pouco mais adiante, com simplicidade encantadora, que Deus determinou dar-lhe uma companheira, semelhante a ele: *O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma*

auxiliar semelhante a ele» (Gén. 2, 18). Então o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem; e enquanto ele dormia tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Ao vê-la, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher visto ter sido tirada do homem». Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne (Gén. 2, 21-24).

Mas se alguma dúvida houvesse na interpretação da passagem, o Evangelho de S. Mateus apresenta-nos um episódio em que Cristo manifesta o sentido claro da instituição original do matrimónio: *Aproximaram-se de Jesus alguns fariseus, para O experimentarem e disseram-Lhe: «É lícito ao homem repudiar a sua esposa por qualquer motivo?».*

Jesus respondeu: «Não lestes que o Criador no princípio, os fez homem e mulher, e disse: Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua esposa, e serão os dois uma só carne? Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu» (Mt. 19, 3-6).

Distinguem-se, pois, na Bíblia, estes traços fundamentais em relação com o matrimónio: a existência de sexos humanos diferentes que vem de Deus, Criador do homem; Deus cria-os homem e mulher, e associa-os um ao outro; esta sociedade do homem e da mulher é unitária e indissolúvel; o fim desta constituição do matrimónio é propagar a espécie humana e a ajuda mútua.

Por conseguinte, o matrimónio é de instituição natural como afirma Pio XI, «não é de instituição humana, mas divina; não dos homens, mas do próprio Deus, Autor da natureza»¹. Isto confere-lhe certo carácter sagrado, como a todo o Direito natural, e faz com que estes traços constitutivos do matrimónio transcendam a vontade dos que o formam, porque vêm de Deus.

2. Aspecto contratual do matrimónio

Conhecida a origem do matrimónio, interessa agora analisar a sua natureza. Partimos, para isso, também, da sua instituição. Deus dotou o homem de liberdade e não o conduz no seu comportamento e para o seu fim com determinismo inexorável, mas com imperativos morais que deve assumir responsabilmente. Daí

¹ PIO XI, Enc. *Casti Connubii*, em Dz 2225. Esta Encíclica é considerada a carta magna sobre o matrimónio e esta é a razão de o Concílio Vaticano II a citar, neste tema, tão abundantemente.

que o homem deva respeitar as leis que regulam a estrutura natural do matrimónio; é livre, todavia, para o contrair ou não, para unir a sua vida a esta pessoa ou a outra. Uma vez determinada livremente a escolha, a comunidade de vida que surge do matrimónio estabelece-se pelo mútuo consentimento que o ratifica, ou, como se diz na doutrina tradicional, pelo contrato. «No matrimónio estabelece-se um contrato entre um homem e uma mulher»² diz S. Tomás, de modo que o consentimento é a causa eficiente do matrimónio.

Com efeito, ninguém adquire poder sobre uma coisa de que outro dispõe livremente, a não ser pelo seu consentimento. Ora bem, no matrimónio, cada um dos cônjuges adquire direito sobre o corpo do outro, como adverte S. Paulo (cfr. 1 Cor. 7, 4), o que não acontecia antes, que cada um dispunha livremente do seu corpo. É, portanto, o consentimento que constitui o matrimónio³. Por outro lado, encontram-se no matrimónio os elementos que um contrato exige, a saber: as duas partes contratantes, homem e mulher; o objecto do contrato, neste caso, os corpos, que se entregam como direito recíproco para uma comunidade de vida matrimonial; o consentimento legítimo, expresso por ambos; e os fins, que são a procriação e educação da prole, a ajuda mútua e remédio da concupiscência, com a obrigação de fidelidade mútua.

O contrato realiza-se — origina-se — no momento em que se dá o consentimento entregando-se mutuamente como esposos (o que se chama matrimónio *in fieri*): dele resulta a sociedade ou comunidade conjugal que une o marido à mulher com o vínculo indissolúvel (o que se chama matrimónio *in facto esse*) pois a sua dissolução já não depende da vontade dos contraentes. Isto é, uma coisa é a causa do matrimónio (o consentimento dos contraentes, que tem de ser livre) e outra o matrimónio cuja essência consiste no vínculo indissolúvel que não fica à mercê dos contraentes. Por isso é um contrato especial, no qual os direitos a que dá origem são imutáveis, não dependendo da vontade ou capricho das partes como acontece noutros contratos que podem dissolver-se ou modificar-se por mútuo consentimento.

As definições do matrimónio procuram recolher estes elementos. O Catecismo Romano de S. Pio V dá-nos esta: Matrimónio é «a união marital de um homem e de uma mulher, contraída entre pessoas legítimas, constituindo uma unidade de vida indissolúvel»⁴.

² S. TOMAS, *Suma Teológica*, Supl. q. 45, a. 2, sed c. 2.

³ S. TOMAS, *ibidem*, a. 1, sed c. 2.

⁴ *Catecismo Romano*, parte II, cap. 8, nn. 3-4.

3. Fins do matrimónio

Se a noção de contrato é fundamental para explicar a natureza do matrimónio, também não o é menos o conhecimento dos seus fins, que o condicionam radicalmente. Distingue-se no matrimónio um fim primário e outro secundário. Um e outro aparecem com clareza na Sagrada Escritura ao instituir Deus o matrimónio e foram indicados pelo Magistério da Igreja ⁵.

O fim primário é a procriação e educação dos filhos; o fim secundário é a mútua ajuda e o remédio da concupiscência.

Quando se fala de fim primário e fim secundário quer-se dizer que há uma hierarquia entre eles, e que essa hierarquia é objectiva, natural, e não se pode mudar, pois vem de Deus. Por conseguinte, tudo aquilo que atentar voluntariamente contra o fim primário é antinatural e viola uma lei divina. É, portanto, pecado.

Suscitaram-se, modernamente, diversas teorias que coincidem em inverter os fins, e que não pretendem senão desnaturalizar a instituição natural do matrimónio, submetendo-a às paixões do egoísmo humano. Por aí se abre a porta ao controle caprichoso dos filhos, adornado com aparentes razões legítimas, ao divórcio e a tantos outros erros que destroiem o verdadeiro amor, a verdadeira liberdade e a verdadeira felicidade dos esposos, da família e da sociedade. Como reconhece o Concílio Vaticano II «a dignidade desta instituição não resplandece em toda a parte com igual brilho. Encontra-se obscurecida pela poligamia, pela epidemia do divórcio, pelo chamado amor livre e outras deformações. Além disso, o amor conjugal é muitas vezes profanado pelo egoísmo, amor do prazer e por práticas ilícitas contra a geração. E as actuais condições económicas, socio-psicológicas e civis introduzem ainda na família não pequenas perturbações. Finalmente, em certas partes do globo, verificam-se, com inquietação, os problemas postos pelo aumento demográfico. Com tudo isto, angustiam-se as consciências» ⁶.

Ao contrário, a família sã, abnegada e generosa, ambientada na piedade para com Deus e com todos os que a compõem, é um vivo testemunho de como se alcançam os verdadeiros valores do amor e da liberdade no lar, através da observância fiel das leis com que o Criador quis ordenar e defender a instituição natural do matrimónio.

⁵ Cfr. PIO XI, *Casti Connubii*, em Dz 2228 (3704) ss; SANTO OFÍCIO, Decr. 1 de Abril de 1944; VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nn. 48 e 50.

⁶ VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 47.

4. **Propriedades do matrimónio: unidade e indissolubilidade**

Para garantir plenamente os fins matrimoniais, Deus dotou-o de duas propriedades que lhe são essenciais: a unidade e a indissolubilidade. *Unidade* significa que a comunidade de vida matrimonial se estabelece entre um só homem e uma só mulher. A ela se opõe a poligamia. *Indissolubilidade* significa que o vínculo proveniente do contrato é inquebrável, enquanto os dois cônjuges forem vivos. A ela se opõe o divórcio.

Divórcio não é a mesma coisa que *separação matrimonial*. O Direito Canónico da Igreja admite esta quando, existindo dificuldades graves de convivência, depois de um exame atento em que se ponderam os motivos e as possíveis soluções, ratifica-se a lei de Deus sobre o matrimónio indissolúvel, mas atende-se também às dificuldades particulares daquele matrimónio. A Igreja permite que vivam separados, embora não possam contrair novo matrimónio, enquanto viverem os dois. E outra coisa diferente é também a *declaração de nulidade* matrimonial. Quando os Tribunais Eclesiásticos decidem sobre a nulidade de um matrimónio, não dissolvem o vínculo — que não existe — mas declaram que não houve tal matrimónio, embora tivesse aparência de tal, devido a algum impedimento que o tornava impossível ou à falta de algum requisito essencial para o contrato.

5. **Jesus Cristo elevou o matrimónio à dignidade de Sacramento**

Com a vinda de Cristo, que renovou todas as coisas, o matrimónio — na sua própria realidade natural — foi elevado à dignidade de Sacramento. Naturalmente esta condição sacramental do matrimónio realiza-se só nos que receberam o Baptismo válido e têm capacidade para os outros sacramentos. Desde então reveste-se, portanto, de dois aspectos: o de instituição natural, como antes, para os não baptizados, e o de sacramento, para os que receberam o Baptismo⁷.

O sacramento deixa intactos os elementos e propriedades da instituição natural, conferindo-lhes uma firmeza especial e ele-

⁷ Convém fazer notar que o sacramento não é algo acrescentado ao matrimónio, mas, entre baptizados, o matrimónio é sacramento em e por si mesmo — sempre em virtude da Vontade de Cristo — e não como algo sobreposto. Portanto, todo o matrimónio *válido* entre baptizados é sacramento, pois Cristo instituiu como sacramento todo o matrimónio válido entre baptizados. A sacramentalidade depende, pois, de Cristo, não da fé do ministro, nem da sua formação, nem da sua santidade.

vando-os. Em consequência, o sacramento é o mesmo contrato assumido como sinal sensível e eficaz da graça. S. Tomás explica-o comparando-o com a Penitência. Assim como no sacramento da Penitência os actos subjectivos do penitente (dor, confissão dos pecados e satisfação) compõem o sacramento, sendo a quase matéria sobre a qual o sacerdote actua para distribuir o perdão e a graça, assim também no matrimónio Cristo assumiu o contrato natural e elevou-o à dignidade de Sacramento⁸.

A conclusão é que os baptizados ou recebem o sacramento ou não contraem o matrimónio, segundo ensina Pio XI: «Visto que Cristo constituiu sinal de graça o mesmo consentimento conjugal válido entre os fiéis, a razão de sacramento une-se tão estreitamente com o matrimónio cristão que não pode haver matrimónio verdadeiro entre baptizados que não seja, por si mesmo, sacramento»⁹. Daí que, se um cristão pretendesse contrair o matrimónio meramente civil, não estaria casado, atentaria contra o matrimónio e viveria em concubinato.

O sacramento acrescenta à instituição natural uma coisa: o aumento da graça santificante — é sacramento de vivos —, e outros dons peculiares que aumentem e aperfeiçoem os bons impulsos da alma, os germes da graça, as forças da natureza para que os esposos possam levar a cabo tudo o que respeita ao estado conjugal, com os seus fins e deveres¹⁰.

No sacramento do matrimónio os ministros são os próprios contraentes; o sacerdote é apenas uma testemunha qualificada da Igreja, embora necessário, em circunstâncias normais, para que o sacramento seja válido. A *matéria* do sacramento do matrimónio consiste nas próprias palavras do contrato, enquanto exprimem a mútua doação dos direitos conjugais; a *forma*, são as mesmas palavras enquanto exprimem a mútua aceitação daqueles direitos.

6. O matrimónio é caminho de santidade

Se Cristo quis elevar o matrimónio à dignidade de Sacramento, devemos pensar que o matrimónio é também uma vocação cristã pela qual os esposos devem buscar a santidade. Pela fé, conhecem o sentido sobrenatural da sua união (cfr. Ef. 5, 22-23) e, por isso, tratam de cumprir a vontade de Deus vendo-a não como uma carga pesada mas como o caminho concreto que Deus quis para eles.

⁸ Cfr. S. TOMÁS, *Suma Teológica*, III, Supl. q. 42, a. 1 ad 2.

⁹ PIO XI, Enc. *Casti Connubii*, em Dz 2237 (3713).

¹⁰ Cfr. *ibidem*.

Com esta consciência de vocação divina, devem aceitar os filhos que Deus lhes der, educá-los humana e cristãmente, e ajudarem-se mutuamente, para formarem um lar cristão e alegre, sabendo que assim contribuem para o bem de muitas pessoas, da sociedade e da Igreja. Devem esforçar-se por imitar Jesus, Maria e José, que foram o modelo de vida familiar em Nazaré.

A santidade que Deus pede aos esposos é a da sua própria vida ordinária: o seu amor, o seu trabalho, os filhos, as pequenas dificuldades, tudo isso que constitui o dia-a-dia de uma família vulgar.

«Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união; cometeriam, por isso, um grave erro, se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar. A vida familiar, as relações conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o esforço por sustentar, manter e melhorar economicamente a família, as relações com as outras pessoas que constituem a comunidade social, tudo isso são situações humanas e correntes que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar»¹¹.

Mas, apesar de o matrimónio ser um caminho de santidade, não se pode esquecer que existe outra vocação de dedicação plena ao serviço de Deus e das almas, pelo caminho da virgindade e do celibato.

Pertence à Doutrina da fé que a virgindade por causa do reino dos céus é mais excelente que o matrimónio, pois tende à consecução de um fim mais elevado, e ajuda de maneira eficaz a dedicar-se inteiramente ao serviço de Deus e das almas¹². Como é óbvio o celibato e a virgindade hão-de viver-se por amor sobrenatural e não por outros motivos, pois a razão da sua maior excelência está na sua finalidade mais elevada e no vínculo de união com Deus que se mede pela caridade.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem a doutrina da Igreja sobre o Matrimónio.
- Pedir todos os dias pelos nossos pais.
- Agradecer aos nossos pais os pormenores de amor que têm conosco.

¹¹ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 23.

¹² Cfr. VATICANO II, *Optatam totius*, n. 10; PIO XII, Enc. *Sacra Virginitas*, 25-3-1954, cfr. CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XXIV, Dz 980.

De Liturgia e vida cristã

- Conseguir que façam propósitos concretos de tornar mais agradável a vida aos pais: obedecer, demonstrar-lhes carinho e respeito, ajudá-los, tirar boas notas estudando muito, não brigar com os irmãos, etc.
- Agradecer a Deus a instituição deste sacramento que uniu os nossos pais no amor e nos deu uma família.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar contando a seguinte história:

«Falava há dias com um amigo mais velho do que eu. Na nossa conversa apareceram coisas de quando éramos crianças. Um pouco emocionado disse-me: recordo ainda quando, sendo criança, a minha mãe me dava um beijo ao deitar. Eu ficava contente e feliz, ao sentir-me amado pela minha mãe. O meu pai, embora menos, também tinha atenções que me agradavam. Costumava no inverno junto à lareira sentar-me nos seus joelhos. Contava-me então muitas coisas: as suas viagens, de quando ele era jovem e teve que trabalhar muito para singrar na vida. Recordo aqueles momentos com verdadeira nostalgia. Estava sempre à espera do meu pai quando regressava do trabalho com interesse de que me contasse novas aventuras.

Recordo uma ocasião em que estava muito doente. A minha mãe, como de costume fazia-me companhia. Dava-me os medicamentos e a comida no tempo devido. Um dia, a febre subiu muito. Sentia-me muito mal. Procurei a mão da minha mãe e apertei-a com força. 'Não me deixe', disse-lhe eu. A minha mãe disse-me: 'Alberto, eu nunca te abandonarei'. Eu olhei-a com grande carinho e estava-lhe agradecido.

Como estão agora os teus pais?, perguntei-lhe. Estão muito velhos. A minha mãe está muito doente. Já não se levanta da cama. Vivem os dois comigo. O meu pai, enquanto estou no trabalho, cuida dela com todo o pormenor e carinho.»

Pode-se estabelecer um diálogo com os alunos.

- Que manifestações de amor descobristes nestes pais para com os seus filhos? (Ver texto anterior).
- Que outros pormenores de carinho têm os pais para com os seus filhos?: Vestem-nos, alimentam-nos, educam-nos ...

- Que pormenores de amor encontrais nestes esposos? Que outros pormenores de carinho notais que têm os esposos? (Deixar que vão respondendo).
- Sabemos agradecer o que os nossos pais fazem para connosco? Procuramos fazer-lhes a vida mais agradável? Que atenções concretas sugeríeis para que estejam mais contentes? Lembra-mo-nos de rezar todos os dias pelos nossos pais? (Deixar que, em silêncio, façam exame sobre estes pontos).

b) Podia-se comentar amplamente a passagem do Evangelho em que se descreve o episódio das Bodas de Caná (ver Jo. 2, 1-11).

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *O Matrimónio foi instituído por Deus no Paraíso terreal* [usar o texto do Génesis 1, 27-28; 2, 7.18 ss].

No livro do Génesis conta-se que Deus criou Adão e Eva como homem e mulher com o encargo de procriarem e de se multiplicarem: *Homem e mulher os criou e, abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra»* (Gén. 1, 28). Deus, pois, instituiu o matrimónio e deu-lhe como fim principal o encargo de ter e educar filhos; como fim secundário, para que os esposos se ajudem entre si, *porque não é bom que o homem esteja só, vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele* (Gén. 2, 18), conforme Deus disse ao criar a mulher.

Por conseguinte, o matrimónio é algo sagrado por sua própria natureza, e os esposos são colaboradores de Deus participando do poder divino de dar a vida, ao prepararem o corpo do novo ser em que Deus infunde a alma criada à Sua imagem e semelhança, destinado a dar-Lhe glória e a gozar d'Ele no Céu.

- b) *Jesus Cristo elevou o matrimónio à dignidade de Sacramento* [usar os textos de João 2, 1-11; 1 Cor. 7 e Ef. 5, 22 ss].

Jesus Cristo elevou à dignidade de Sacramento o matrimónio instituído no começo da humanidade. O matrimónio entre cristãos é a imagem da união entre Cristo e a Igreja, Sua esposa. A Tradição cristã viu a presença de Jesus nas bodas de Caná como uma confirmação do valor divino do matrimónio.

Portanto, entre cristãos só há um verdadeiro matrimónio: o que Jesus Cristo santificou e elevou à dignidade de sacramento. Por isso, nenhum católico pode contrair o chamado «matrimónio civil»; tal união não seria válida, pois não tem mais valor que o de uma simples cerimónia legal perante o Estado. Entre católicos só é válido o matrimónio sacramento contraído na Igreja.

- c) *As propriedades do matrimónio* [desenvolver estas ideias, segundo as idades].

O matrimónio, tanto na condição de instituição natural como na de sacramento cristão, está revestido de duas propriedades essenciais: a unidade e a indissolubilidade.

Unidade quer dizer que o matrimónio é a união de um só homem com uma só mulher: *O homem deixará pai e mãe e unir-se-á a sua esposa, e serão uma só carne* (Gén. 2, 24).

A *indissolubilidade* quer dizer que o vínculo conjugal jamais poderá ser quebrado, *o que Deus uniu não o separe o homem*, diz o Evangelho (Mt. 19, 6, 5, 31 e Lc. 16, 18). O divórcio está, pois, proibido. Deus quis que assim fosse por várias razões: pelo bem dos filhos, pelo bem, felicidade e segurança dos esposos, que desaparece quando o divórcio se introduz numa sociedade; pelo bem de toda a sociedade humana, pois a humanidade compõe-se de famílias, e quanto mais sólidas e estáveis forem estas, maior será a ordem e o bem-estar da sociedade e dos indivíduos.

- d) *Efeitos do sacramento do matrimónio* [deter-se, mais ou menos, conforme a idade, nestes pontos].

O sacramento do matrimónio, como todo o sacramento de vivos, aumenta a graça santificante nos que o recebem. É preciso recebê-lo, pois, em estado de graça; se não, comete-se um sacrilégio, apesar de o matrimónio ser válido.

Também comunica os auxílios especiais de que precisam os esposos para se santificarem dentro do matrimónio, para a educação dos seus filhos e o cumprimento dos deveres contraídos quando se casaram. Estes deveres são, para com eles mesmos: amar-se e respeitar-se; guardarem fidelidade e ajudarem-se mutuamente; para com os filhos: alimentá-los, vesti-los, educá-los, religiosa, moral e intelectualmente, e assegurar o seu futuro.

Os ministros do sacramento são os próprios contraentes; deve, no entanto, celebrar-se perante testemunhas diante do pároco ou seu delegado; se não, é inválido.

- e) *O matrimónio é caminho de salvação* [insistir nas atenções práticas que tornam agradável a vida dos pais].

O sacramento do matrimónio concede aos esposos as graças necessárias para que se santifiquem e santifiquem os outros. É dever de toda a família, inclusive dos filhos, facilitar esse clima humano e cristão que torna os lares sadios e alegres, sacrificando-se para conseguir viver as virtudes humanas e sobrenaturais de uma família que se iniciou santificada com um sacramento.

3. Perguntas-resumo

Que é o matrimónio? Que devem fazer os esposos para viverem santamente? Como devem os esposos amar-se entre si? Pode-se dissolver o matrimónio?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. É de grande utilidade prática que os alunos vejam o exemplo que a Sagrada Família de Nazaré dá a todas as famílias cristãs. Por isso, a Igreja nos convida a rezar:

«Senhor, que na Sagrada Família nos destes um modelo de vida, concedei que, imitando as suas virtudes familiares e o seu espírito de caridade, possamos um dia reunir-nos na nossa casa para gozarmos as alegrias eternas.»

(Missal Romano, Oração da Missa da Sagrada Família)

2. Jesus instituiu o sacramento do matrimónio para santificar o amor dos nossos pais. Nós nascemos e vivemos num lar cristão, onde nos foi ensinado, desde pequenos, o caminho do Céu. Como sinal de agradecimento, pode-se fazer uma visita a Jesus Sacramentado.

3. Os nossos pais amam-nos muito; desejam que sejamos sempre felizes, e, por isso, sacrificam-se e privam-se de muitas coisas de que gostam. Podemos mostrar o nosso agradecimento amando muito os nossos pais e obedecendo imediatamente em tudo o que nos mandarem, ainda que, às vezes, nos custe.

4. A Sagrada Eucaristia põe de relevo a união e o amor entre Cristo e a Igreja; por isso é bom aconselhar os alunos que, quando comungarem, se lembrem dos pais, pedindo a Jesus que os una e se amem cada vez mais.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Que façam no caderno um breve resumo das principais ideias que se expuseram, ilustrando-as com fotografias e desenhos.
- Que perguntem aos pais o significado da aliança que trazem no dedo.
- Aprender a cantar: «Nossa Senhora do Lar», de M. Faria (Cantemos todos n.º 462).

- Depois de lhes terem perguntado, escrever no caderno o nome dos pais, a data do seu casamento e o nome do sacerdote que actuou como testemunha autorizada da Igreja.
- Escrever no caderno, com letras artísticas, a seguinte frase: «Na Família cristã, todos se ajudam uns aos outros, para assim amarem mais a Deus».

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 203-208.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - A

Tema A — O templo é a casa de Deus.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Deus facilitou ao Seu Povo o cumprimento do primeiro mandamento constituindo o templo como lugar do sacrifício e da oração

O nosso Deus não é um ser distante mas um Pai amoroso que Se desvela pelos Seus filhos. Desde que os criou foi-lhes ensinando o modo de cumprir a Sua amabilíssima vontade, e pôs à sua disposição os meios para o conseguir. E tudo isto adquire a sua plenitude com a Encarnação e Redenção do Filho Unigénito.

Até somente com a luz natural da razão pode o homem conhecer a existência do Seu Criador e de uns vínculos inquebráveis que o ligam com Ele. É o que chamamos religião natural. Mas depois do pecado original que deixou ignorância na inteligência e malícia na vontade dos homens, seriam poucos os que chegariam ao conhecimento das verdades que fundamentam a ordem religiosa e moral, e só após muito tempo e com não poucos erros. Por outro lado — o mais importante —, o homem foi elevado a uma ordem sobrenatural que excede a razão humana, tendo sido necessário que Deus Se nos revelasse, para que pudéssemos ordenar a nossa vida, as nossas acções, para esse fim. Em relação às

verdades naturais, a necessidade da Revelação é *moral*; em relação ao fim sobrenatural, a necessidade é *total*.

Daí que, a partir da Aliança com Abraão (cfr. Gén. 17, 1 ss) e com Moisés (cfr. Ex. 19, 3-9), Israel ficasse constituído como «Povo de Deus», que Ele foi formando de modo particular entre todos os povos da terra, para lhe mostrar o Seu amor e o caminho que leva ao cumprimento da Sua vontade.

O povo de Israel irá conhecendo, por revelação sobrenatural, o modo concreto de se comportar com Deus, como Deus espera dos homens; irá aprendendo do próprio Deus, por meio dos Seus ministros, a viver a religião que é o conjunto de relações entre Deus e os homens. E como somos matéria e espírito, exprimimos os mais nobres sentimentos de amor — e por isso a religião — também por meio da matéria. Daí que para viver efectivamente a religião contemos com templos, paramentos, sacrifícios e orações, cantos, etc. Já Moisés, depois de transmitir ao povo as palavras de Deus, *levantou-se de manhã, construiu um altar ao pé do monte e ergueu doze pedras dedicadas às doze tribos de Israel. Mandou que alguns jovens israelitas oferecessem ao Senhor holocaustos e imolassem toiros em sacrifícios pacíficos* (Ex. 24, 4-5).

Deus ordenou a Moisés que construísse a tenda do Tabernáculo para O honrar e lhe oferecer sacrifícios e ali foi colocada a Arca da Aliança e o Altar dos holocaustos. O próprio Deus indicou a Moisés: Farás uma arca de madeira ... e revestila-ás de ouro puro no interior como no exterior ... Depositará na Arca o testemunho que te darei ... É ali que Me encontrarei contigo ... e te comunicarei todas as Minhas ordens para os filhos de Israel (Ex. 25, 10-22). E, com efeito, Moisés colocou três coisas que seriam o testemunho da presença de Deus: as tábuas da Lei gravadas no Sinai, uma porção de maná com que miraculosamente tinham sido alimentados no deserto, e a vara de Aarão com que Moisés tinha operado tantos milagres no deserto. Indicou ainda a Moisés diversos preceitos para o culto, estabelecendo os sacrifícios, as cerimónias, os tempos, as pessoas e as suas vestes, etc., de modo que *concluídas todas estas coisas uma nuvem cobriu a tenda da reunião e a majestado do Senhor encheu o Tabernáculo* (Ex. 40, 33-34).

2. O templo é um lugar santificado pela presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo

Este culto estabelecido por Deus para o Seu Povo foi ratificado com Salomão (cfr. 1 Re. 8, 1-30). Mas esse culto da Antiga Aliança foi só figura do culto com que O honramos por meio de Jesus Cristo, uma vez que Ele estabeleceu a Nova Aliança

selada com o Seu preciosíssimo Sangue derramado na Cruz. Com Cristo, efectivamente, afirma-se na Cruz uma Nova Aliança entre Deus e os homens, que é *universal, eterna e definitiva*, porque já não haverá mais pactos ou alianças entre Deus e a humanidade.

Assim como na Aliança estabelecida por meio de Abraão e Moisés o povo de Israel se constituiu em Povo de Deus, também agora ficam constituídos em Povo de Deus todos os que crêem em Jesus Cristo e recebem o Baptismo. A Igreja é o novo e definitivo Povo de Deus, ao qual são chamados a pertencer todos os homens. Esta Aliança é selada não com sangue de animais mas com o Sangue de Cristo, Deus e Homem verdadeiro; por isso, quando comungamos, fortifica-se *em nós a união com Deus, a aliança com Deus*¹.

Não basta, pois, honrar a Deus num plano de religião *natural*: o que os homens, segundo a sua perspectiva humana, vêem que é bom para honrar a Deus. Nem sequer são suficientes as práticas, cerimónias, etc., que o próprio Deus tinha mandado no Antigo Testamento.

É preciso ter muito presente que *Deus revelou como quer ser honrado pelos homens*. E isto é o que a Igreja nos transmite. Assim, pois, a Igreja ensina-nos a cumprir o primeiro mandamento de adorar e prestar culto a Deus, fundamentalmente por meio do sacrifício do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor que Se lhe oferece continuamente ao Pai nos altares dos nossos templos.

Podemos considerar o Cenáculo como o primeiro templo cristão visto que ali instituiu o Senhor a Santíssima Eucaristia antecipando sacramentalmente o sacrifício do Calvário que concluiria horas mais tarde. Aí deu a Sagrada Comunhão aos Apóstolos e os constituiu sacerdotes do Novo Testamento. Além disso, foi aí mesmo onde os Apóstolos, juntamente com a Santíssima Virgem Maria esperaram a vinda do Espírito Santo. De modo que se a tenda de Moisés e o Templo de Salomão foram dignos da veneração e respeito, muito mais há-de ser o templo cristão, já que nele está Jesus Cristo verdadeira, real e substancialmente, e não só em figura ou representação como naqueles templos.

3. Jesus Cristo ensina-nos o respeito e veneração que devemos à Casa de Deus

Embora os israelitas vivessem a sua piedade pessoal e familiar nas casas e se reunissem aos sábados nas Sinagogas, locais

¹ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 9.

para rezar e ler os Livros Santos — a Sagrada Escritura —, o Templo de Jerusalém era o centro da vida religiosa de Israel. Jesus quando tinha doze anos (cfr. Lc. 2, 4, 1-52) subiu lá com os seus pais, como faziam todos os anos os judeus, no dia solene da Páscoa, dando-nos exemplo de piedade e veneração pelo Templo.

A exemplo de Jesus, além de orarmos em todo o tempo e lugar (cfr. Lc. 18, 1), devemos frequentar o templo ou casa de Deus, demonstrando veneração e respeito quando estamos nas igrejas, nos oratórios, numa capela ou ermida, etc. Por isso o Senhor se indignou com os vendedores que profanavam a Casa de Deus e arrojou os que ali vendiam e compravam, e derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos vendedores de pombas, dizendo-lhes: *A Minha casa é a casa de oração mas vós transformaste-la em covil de ladrões* (Mt. 21, 12-13). Esse zelo, explica o Catecismo Romano, é «aquele amor e caridade divina com o qual Deus não consente que ninguém lhe seja infiel impunemente... Por isso Deus manifesta a infinidade do Seu amor por nós, quando, comparando-se a um esposo ou a um marido, se chama com frequência zeloso (ciumento)»². Neste sentido diz o Salmista: *O zelo da Tua casa me devorou* (Sal. 68, 10). Em relação com este zelo está o cuidado que devemos ter com as coisas que dedicamos ao culto divino, tanto o templo material, como as nossas atitudes e comportamentos com Deus, que são manifestações normais de provas de amor e respeito para com Ele.

Desde a Morte de Cristo, momento em que o véu do Templo se rasgou (cfr. Mt. 27-51), indicando que começava a Nova Aliança selada com o Seu Sangue, e depois de subir ao Céu, os discípulos continuaram a ir ao Templo, mas reuniam-se também nas casas: *Frequentavam diariamente o Templo e partiam o Pão em suas casas* (Act. 2, 46). Essas casas pertenciam a alguns discípulos ou pessoas importantes que as punham à disposição dos Apóstolos, para celebrar a nova liturgia cristã e para a pregação.

Por causa das perseguições os cristãos dispersaram-se e foram-se separando pouco a pouco das sinagogas judaicas. Os de Roma, refugiavam-se nas Catacumbas, que eram galerias subterrâneas onde celebravam o culto e enterravam os mártires e demais defuntos.

A partir do édito de Constantino (ano 313), que concedia a liberdade à Igreja, os Papas, bispos e fiéis usaram o melhor do seu engenho e dos seus bens para construir os seus templos, onde a liturgia pudesse desenvolver-se com o máximo decoro,

² S. PIO V, *Catecismo Romano*, III, 2, 29.

em homenagem ao Criador e Senhor do Universo, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.

4. O Altar e o Sacrário são as partes mais importantes do templo e a Santa Missa é o centro da Liturgia

Entre os elementos da liturgia cristã, há alguns que têm importância e significado particular, que desejamos destacar.

O *Altar* é o centro do templo porque nele se realiza o Santo Sacrifício da Missa. Ao altar sobe o sacerdote para exercer o seu ofício de mediador e actuar como representante de Jesus Cristo, Cabeça do Corpo Místico. Do mesmo modo que os antigos ofereciam sobre o altar as primícias da terra e as vítimas, assim o sacerdote cristão oferece a vítima perfeita que Se imolou de uma vez para sempre na ara da Cruz.

O *Sacrário* é o lugar mais importante do templo, já que ali está Jesus Cristo realmente presente. Por isso há-de estar continuamente iluminado com uma lâmpada que consome cera natural, fazendo-lhe companhia em silêncio durante tantas horas que permanece só. A lâmpada acesa indica a presença de Jesus Sacramentado e simboliza o amor dos cristãos. É natural que o Sacrário ou Tabernáculo ocupe um lugar destacado e na parte mais nobre do Templo.

A *Pia Baptismal*, que se encontra nas igrejas paroquiais foi onde renascemos para a vida da graça tornando-nos filhos adoptivos de Deus e membros do seu Corpo Místico, que é a Igreja.

Também são importantes para a pedagogia da fé e para excitar a devoção as imagens do Crucifixo, da Santíssima Virgem, de S. José e as de tantos Santos que são os nossos intercessores diante de Deus. A prece que a eles dirigimos e a veneração que lhes tributamos, contribui para a glória de Deus.

Agrada muito a Deus que cuidemos com esmero da Liturgia e dos objectos litúrgicos. A devoção levar-nos-á a cuidar de todas as acções e dos gestos, das genuflexões, inclinação da cabeça, persignar-se e benzer-se, ajoelhar-se, etc. Os sacerdotes têm o amável dever de tratar santamente as coisas santas, mantendo bem limpo o templo e particularmente o altar com as suas toalhas, cuidando dos paramentos e vasos sagrados, mantendo a dignidade e esplendor da Liturgia, conhecendo muito bem as cerimónias e vivendo-as com a pausa e ritmo necessários. Porque todo o esplendor do culto redundará, em primeiro lugar em honra e louvor de Deus, que é o que pretendemos; contribui, além disso, para fomentar a nossa fé e piedade, e é um sinal de que nos relacionamos com o único e verdadeiro Deus. Como reza a Igreja na

Missa da Dedicção: «Senhor, que nos fazeis reviver em cada ano o dia da consagração desta Igreja, ouvi as súplicas do vosso povo, e fazei que neste lugar Vos seja oferecido um culto divino digno e os vossos fiéis alcancem por ele os frutos da perfeita redenção»³.

Finalmente, o *Canto Sagrado* é outra manifestação de devoção; é a oração intensa que brota do fundo do coração e ressoa em sonoro louvor ao Criador. No Novo Testamento fala-se do Canto dos Anjos (cfr. Lc. 2, 13-14), no Nascimento de Cristo, e do louvor que entoavam os meninos no dia de Ramos dizendo *Hossana ao filho de David* (Mt. 21, 9). A Igreja utilizou tradicionalmente o *canto gregoriano* chamado assim porque foi *impulsionado e refundido por S. Gregório Magno*.

Esta música exprime-se em língua latina por ser o idioma oficial da Igreja. Seguindo as orientações da hierarquia eclesiástica, o povo cristão canta também na sua língua vernácula.

E assim, entre pedras centenárias e ricas obras de arte que são oferta de amor da criatura ao Seu Criador; entre gestos pausados e solenes; entre orações e cantos, sobe como incenso a adoração da Igreja a Deus, em nome de toda a Criação: «Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo. O Céu e a terra proclamam a Vossa glória. Hossana nas alturas. Bendito O que vem em nome do Senhor. Hossana nas alturas».

II. GUIA PEDAGÓGICO

Nota: Este tema pode-se desenvolver em alguma das sessões que as crianças tenham na igreja, capela ou oratório. Em caso de aí não se poder realizar, seria bom — antes ou depois da Catequese — passar por uma igreja e sublinhar as ideias mais importantes. Convém fixar-se bem nos objectivos pretendidos.

A) OBJECTIVOS

- Aprender a comportar-se com respeito no Templo, porque é um lugar sagrado.
- Descobrir que o Altar é o centro do Templo e nele, o mais importante é o Sacrário.
- Conhecer os elementos do Templo e os pormenores de urbanidade da piedade para com Deus, vendo-os como expressão de amor para com Ele.

³ *Oração Colecta*, no Aniversário da Dedicção de uma Igreja.

De Liturgia e vida cristã

- Ensinar a fazer e a valorizar os pormenores de carinho e respeito (urbanidade da piedade) que têm os cristãos quando estão no Templo: modo de usar a água benta, genuflexão diante do Sacrário; inclinação da cabeça diante dum Crucifixo ou imagem de Nossa Senhora; o Altar; sentido da lâmpada que arde junto do Sacrário, etc.
- Ensinar o modo de se comportar — posições, gestos, etc. — durante a Santa Missa, visita ao Santíssimo, enquanto se espera para se confessar, etc.
- Mostrar-lhe como o templo é o lugar principal onde se celebram os actos litúrgicos e o melhor lugar para a oração pessoal.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar por fazer ver o afã com que os noivos que pensam casar-se procuram casa, mostrando como:

- Se sacrificam, fazem horas extraordinárias, fazem um empréstimo, etc., para conseguir casa, pois é muito importante para eles.
- Depois de a encontrarem, preparam-na com o maior carinho: escolhem móveis, cor, decoração, etc. Tratam de comprar o melhor que podem e dedicam-lhe imenso tempo para que fique agradável.
- A casa é onde vivem os seres mais queridos, o lugar para descansar, celebrar os acontecimentos familiares: festas, aniversários, alegrias e tristezas.

A partir desta comparação, aplicá-la ao templo como a casa de Deus. Pode-se estabelecer o diálogo desta maneira:

- Sabeis onde vivem os vossos amigos? Já fostes alguma vez a sua casa? Como se preocupam com a casa os vossos pais? (Deixar que respondam).
- Sabemos que Deus está no céu; mas tem alguma casa na terra?: Sim. Como se chama a casa de Deus na terra?: O templo ou a igreja.
- Tendes visitado a casa de Deus que está mais perto da vossa? Como é? Que igrejas conheceis? (Deixar que respondam).

b) O Senhor queria que o povo de Israel Lhe edificasse um templo e Ele mesmo deu a Moisés as instruções de como tinha de ser e disse-lhe: *Construir-Me-ão um Santuário, para que resida*

no meio deles. Fareis o Santário e todas as suas peças de acordo com o modelo que vou mostrar-vos (Ex. 25, 8-9). O templo de Jerusalém era uma maravilha, fruto da fé do povo.

O diálogo pode versar sobre a diferença entre o de Jerusalém e os nossos templos: naquele não estava Deus como nos nossos; naquele ofereciam-se sacrifícios de animais, enquanto que no nosso se oferece o sacrifício do Filho de Deus.

c) Também pode servir como início o comentário à expulsão dos vendedores do templo (Jo. 2, 13-17), destacando:

- Como Jesus ia ao templo.
- Como alguns iam ao templo não para rezar mas para fazer o seu negócio.
- Jesus não pôde suportar a falta de respeito por um lugar sagrado.
- Expulsa violentamente aqueles traficantes.

O tema é muito apto para abrir um diálogo com os alunos acerca do templo como lugar de oração, e ao comportamento que devemos ter no templo: atenção, silêncio, postura, etc. Será uma ocasião para insistir com eles no respeito para com as coisas santas.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Deus quis que os homens edificassem templos em Sua honra* [usar o exemplo do templo que construiu Salomão: 1 Re. 5, 4-5].

Do mesmo modo que nós temos a nossa casa onde nos reunimos na família, também Deus quer ter uma casa onde reúna a Sua família, que é a Igreja, da qual todos os cristãos fazem parte. Essa casa é o Templo. No Antigo Testamento vemos como Salomão construiu o Templo de Jerusalém, usando as coisas mais ricas que encontrou.

- b) *O Templo é um lugar Sagrado* [usar o texto de Êx. 3, 1-6, ou Mt. 21, 12-13].

O Evangelho narra-nos que Jesus Cristo expulsou os vendedores do Templo de Jerusalém, porque tinham transformado esse lugar sagrado num mercado. Narra-nos, igualmente, o livro do Êxodo que Deus, quando chamou Moisés da sarça ardente, mandou-o descalçar-se, pois aquela terra era lugar sagrado, santificado pela presença de Deus. Os nossos templos são lugares sagrados porque estão dedicados a Deus. Temos que aprender a respeitar e ter devoção pela casa de Deus.

- c) *O mais importante do Templo é o Sacrário [mostrar-lhes o sentido da lâmpada].*

O Templo é um lugar sagrado porque está dedicado a Deus e nele se celebram acções sagradas. Administram-se os sacramentos — celebram-se especialmente o Santo Sacrifício da Missa e dá-se a Comunhão —, prega-se e escuta-se a Palavra de Deus, etc. Não satisfeitos com celebrar a Santa Missa, queremos ter connosco Jesus Cristo, que está verdadeira, real e substancialmente presente no Sacrário. Por isso o Sacrário é o mais importante do Templo.

- d) *O Templo é um lugar de oração e adoração [mostrar como se comporta a gente no Templo].*

Podemos falar com Deus em todos os lugares, porque Deus vê tudo, ouve tudo, e está em toda a parte. O Templo é, com efeito, o melhor lugar para orar e falar com Deus, porque aí está Ele presente duma maneira muito particular: no Sacrário está Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade; o mesmo que nasceu em Belém, viveu em Nazaré e morreu na Cruz.

Também podemos adorar a Deus num lugar qualquer reconhecendo-O como Nosso Senhor, Criador e Pai, mas no Templo é onde quis expressamente que fizéssemos o maior acto de adoração, participando no Santo Sacrifício da Missa, onde o próprio Cristo Se oferece em adoração, acção de graças, expiação e súplica.

- e) *O amor de Deus também se prova com as riquezas do Templo e dos objectos destinados ao culto de Deus [mostrar como as pessoas que se amam se oferecem prendas das melhores coisas que podem].*

Salomão e o Povo de Israel construíram um magnífico Templo, oferecendo a Deus o melhor que tinham; e era uma maneira de exprimir o seu amor a Deus. Nos capítulos 6, 7 e 8 do primeiro livro dos Reis relata-se como era esse templo de Jerusalém.

As pessoas oferecem-se de prenda o melhor. Se de verdade amamos a Deus, procuramos, dentro das nossas possibilidades, dar o melhor que temos para a magnificência da Sua casa. Assim o têm feito os cristãos de todos os séculos, deixando-nos essas maravilhosas catedrais, painéis, quadros, paramentos, vasos sagrados, etc., que demonstram delicadeza e amor a Deus. Recordar-lhes o relato de S. João 12, 1-8, onde Cristo aceita o gesto de

Maria Madalena e repreende a crítica de Judas. E que se lhes grave bem o que diz o Santo Evangelho: o que Judas dizia não era por amor aos pobres, mas porque era ladrão.

f) *Formas de manifestar o nosso amor e respeito a Deus no Templo* [explicar e ensinar a viver muito bem essas diferentes maneiras].

Água benta. Ao entrar no Templo fazemos o sinal da Cruz, depois de molhar ligeiramente os dedos indicador e médio da mão direita na água benta. Se vem alguém connosco oferecemos-lhe água benta para que também se benza.

Lâmpada do Santíssimo. Quando está Jesus no Sacrário há sempre uma lamparina acesa. É um sinal que nos diz que «Jesus Cristo está ali realmente presente», e um modo de simbolizar o amor dos cristãos a Jesus.

Genuflexão. Ao descobrir, pela lâmpada, o lugar do sacrário, fazemos uma genuflexão com dignidade, sem pressa, em sinal de oração e respeito. Podemos aproveitar esse momento para exprimir também a nossa fé com o coração dizendo, por exemplo: «Creio, Senhor, que estás aqui realmente presente», ou «Amo-te Jesus».

Inclinação da cabeça. Ao passar diante de um Altar, de um Crucifixo, ou de uma imagem de Nossa Senhora, devemos fazer uma inclinação com a cabeça para mostrar o nosso respeito e veneração.

Saudar o Senhor. Ainda que tenhamos de fazer outras coisas, ao passar por diante de uma igreja ou oratório, é bom que entremos para saudar brevemente o Senhor no Sacrário; podemos rezar a Estação ao Santíssimo Sacramento ou fazer uma Comunhão Espiritual ou uma simples genuflexão.

3. Perguntas-resumo

Que é o Templo? Deus quer que edifiquemos templos? Como demonstrar o amor e respeito a Deus no templo?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

O Templo é o centro de toda a paróquia ou comunidade; é a casa de Deus e a casa dos Cristãos, seus filhos. É um lugar santo e benze-se ou consagra-se solenemente a Deus, celebrando-se

anualmente o aniversário desta consagração. Nesta festa pede-se ao Senhor:

«Deus eterno e onnipotente, infundi a Vossa graça neste lugar de oração e socorrei todos aqueles que nele invocam o Vosso nome; a força da Vossa graça e a eficácia dos Vossos sacramentos fortaleçam a oração dos fiéis que neste lugar se congregarem.»

Estar com muito respeito no templo: é o lugar consagrado a Deus.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Fazer um resumo, no caderno, das ideias desta sessão.
- Fazer um mural — com desenhos — sobre tudo o que se usa para celebrar a Missa.
- Fazer uma visita ao Templo e ver os objectos sagrados, sabendo como se chamam.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Não há perguntas no Catecismo que temos vindo a usar. Pode aproveitar-se esta sessão para que tomem nota dos elementos do Templo e, sobretudo, para lhes ensinar a viver a urbanidade da piedade: modo de tomar a água benta, benzer-se, fazer bem a genuflexão e inclinação da cabeça, posições correctas ao sentar-se, ajoelhar-se ou estar de pé, etc.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema B — O Dia Mundial das Missões
recorda-nos que todos devemos
fazer apostolado.*

G C - B

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

O Dia Mundial das Missões é uma excelente ocasião que a Santa Mãe Igreja oferece ao povo cristão para que reflecta sobre o dom sobrenatural da fé, para que a agradeça vivamente a Deus e se abraze no anseio de a fazer chegar a todos os homens. O nome desta celebração encerra em si este conteúdo sobrenatural pois o Dia Mundial das Missões significa *Domingo Mundial da Propagação da Fé*.

1. Deus quer que todos os homens se salvem e manda pregar o Evangelho a todos

A infinita Bondade e Misericórdia de Deus dirige-se a todos os homens, pois *quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da Verdade* (1 Tim. 2, 4). Quer que tudo o que foi pregado pelo Senhor e quanto Ele operou para nossa salvação, chegue efectivamente ao coração de todos, para que a Sua doutrina e a Sua graça atinja a todos. «A Igreja, enriquecida com os dons do Seu fundador e guardando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus a todos os povos e constitui o germen e o princípio deste mesmo Reino na terra¹.

¹ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 5.

Ao receber o Baptismo e a Confirmação, todo o fiel cristão tem também a missão de difundir o reino de Deus.

Assim, «o apostolado dos leigos é participação na própria missão Salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor»².

Um aspecto concreto desse apostolado, que é a missão específica da Igreja, é a actividade missionária, que consiste na «evangelização e implantação da Igreja nos povos ou grupos em que ainda não está radicada»³.

Vinte séculos após a vinda de Jesus Cristo ao mundo, são ainda muitos os que não conhecem o Pai, nem o Seu Unigénito Filho Jesus Cristo, nem o Espírito Santo, nem a Sua Igreja, que tem de levar a cabo um trabalho missionário imenso e pede a colaboração dos Seus Filhos neste Dia Mundial das Missões. Como recorda o Concílio Vaticano II «dois biliões de homens, número que cresce de dia para dia (...) ainda não receberam a mensagem do Evangelho, ou mal ouviram falar dela; uns seguem alguma das grandes religiões, outros permanecem estranhos ao conhecimento de Deus, outros negam expressamente a Sua existência, ou até mesmo a atacam»⁴. Que podemos fazer habitualmente e, hoje em especial, perante este panorama?

2. A fé é um dom sobrenatural pelo qual acreditamos na verdade revelada que a Igreja possui na sua plenitude

A finalidade apostólica do Dia Mundial das Missões apoia-se na certeza de que só a Igreja Católica possui plenamente o dom sobrenatural da fé, pelo qual acreditamos em tudo o que Deus nos revelou e ela mesma nos ensina. Devemos agradecê-la, de um modo muito especial hoje, porque não a merecemos e vemos, ao perto e ao longe, tantos homens que ainda vivem nas trevas da ignorância e do erro. Daí que no Dia Mundial das Missões peçamos ao Senhor a verdadeira fé para os infiéis e para todos os homens.

O conhecimento sobrenatural da fé tem a certeza que procede do testemunho divino infalível. Foi o próprio Deus quem nos falou, e Deus é a Verdade que não pode enganar-Se nem enganar-nos. Assim o ensina o Concílio Vaticano I, ao definir a fé como «virtude sobrenatural pela qual, com a inspiração e a ajuda da graça de Deus, acreditamos ser verdadeiro o que

² *Ibidem*, n. 33.

³ VATICANO II, *Ad gentes*, n. 6.

⁴ *Ibidem*, n. 10.

por Ele foi revelado, não pela verdade intrínseca das coisas, alcançada pela luz natural da razão, mas pela autoridade do próprio Deus que revela, o Qual não pode enganar-Se nem enganar-nos»⁵.

Essas verdades de Salvação que Deus nos manifesta, encontram-se na Sagrada Escritura e na Tradição, e constituem o Depósito Sagrado da Palavra de Deus, que foi confiado à Igreja para que o guarde íntegro e o interprete autenticamente⁶. Assim, cada um dos fiéis, seguindo o Magistério da Igreja, tem a segurança de estar na verdade; sabe com certeza que presta o seu livre assentimento à Palavra de Deus⁷.

A convicção da verdade da nossa fé Católica há-de dar-nos uma imensa alegria e ser estímulo para que cada um leve a cabo um contínuo progresso espiritual ao mesmo tempo que cresce na compreensão de tão sublimes mistérios; a piedade leva à doutrina e, por sua vez, a doutrina fortalece a piedade.

3. No Dia Mundial das Missões

**pedimos a fé para todos os que ainda a não têm,
vivendo a verdade com a caridade**

Conhecemos por revelação que Deus quer que todos os homens se salvem (cfr. 1 Tim. 2, 4) e que a salvação é possível a todos, se correspondem à graça divina. Certamente que têm

⁵ VATICANO I, *Const. Dogmática sobre a fé Católica*, Dz 1789 (3008). Ao estudar a fé, podem-se considerar, de um lado, o aspecto objectivo, e, do outro, o subjectivo. Quanto ao primeiro, a fé exprime o conjunto de verdades que constituem o Depósito revelado por Deus, de modo que nele se contém toda a verdade de Salvação de que o homem necessita para conhecer a Deus, para se conhecer a si mesmo e para conhecer o caminho da sua Salvação; quanto ao aspecto subjectivo, a fé é uma virtude sobrenatural infundida por Deus. Estas verdades de Salvação, por virem do próprio Deus, ainda que o homem, pela sua debilidade, possa não as ver com toda a certeza que em si encerram, são mais certas que nenhuma outra verdade natural. «Mais do que se O visse com os próprios olhos e O tocasse com as próprias mãos», no dizer dos Catecismos.

⁶ Cfr. VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 10.

⁷ «Num mundo que parece medir a própria maturidade racional, no campo religioso especialmente, pelas insaciáveis subtilezas das próprias dúvidas e dos próprios sofismas, vós haveis de caminhar de frente erguida e com segurança, com uma mentalidade que, quem não conhece poderá qualificar como puramente elementar e popular, ela, no entanto, vai haurir a sua feição própria na simplicidade e na lucidez da divina sapiência. Caminhai, pois, com a lógica da fé, que se torne princípio de pensamento e de acção, conforme nos ensina S. Paulo: *o justo*—que o mesmo é dizer, o homem bom, o homem autêntico—*viverá em virtude da sua fé* (cfr. Rom. 1, 17; Gál. 3, 11); ou seja, vive deduzindo da fé os princípios orientadores da própria vida». PAULO VI, Homilia em 6-I-1975.

que acreditar num mínimo de verdades, segundo ensina S. Paulo (cfr. Heb. 11, 6); mas, como explica S. Tomás, «do facto de que todos os homens tenham de acreditar explicitamente em algumas coisas para se salvarem não se segue nenhum obstáculo para alguém que viveu na selva ou entre animais selvagens. Porque pertence à Providência Divina prover a cada um das coisas necessárias para a Salvação contanto que o interessado não ponha obstáculos. Assim pois, se alguém dessa maneira educado, levado pela razão natural, se conduz de tal modo que pratica o bem e se afasta do mal, há-de ter-se como coisa certíssima que Deus lhe revelará, por uma inspiração interna, as coisas em que há-de acreditar necessariamente ou lhe enviará algum pregador da fé, como enviou S. Pedro a Cornélio» (Act. 10) ⁸. Logo é possível que uma pessoa obtenha a Salvação se procura sinceramente a verdade, o que implica um verdadeiro empenho que é alheio a um menosprezo consciente da Igreja Católica.

Não obstante, o conhecimento da doutrina católica há-de levar-nos a viver a verdade com a caridade. De um lado está a grande força que possui a verdade revelada, que é própria da única religião verdadeira e subsiste na Igreja, como recordou o Vaticano II: «Em primeiro lugar, pois, afirma o sagrado Concílio que o próprio Deus deu a conhecer ao género humano o caminho pelo qual, servindo-O, os homens se podem salvar e alcançar a felicidade em Cristo.

Acreditamos que esta única religião verdadeira se encontra na Igreja Católica e Apostólica, à qual o Senhor Jesus confiou o encargo de a levar a todos os homens» ⁹.

Por outro lado, o católico há-de respeitar a liberdade religiosa, já que esta é inerente à dignidade da pessoa humana. «Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coacção, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana, e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites» ¹⁰.

Não se trata de que, como instituição, todas as religiões sejam igualmente válidas. O Concílio refere-se à dignidade pessoal, à pessoa concreta, a quem não se pode coagir para abraçar a fé; e ao mesmo tempo declara a liberdade de cada um para viver

⁸ S. TOMÁS, *De Veritate*, 14, 11, ad 1.

⁹ VATICANO II, *Dignitatis Humanae*, n. 1.

¹⁰ *Ibidem*, n. 2.

segundo a sua fé. Mas inculca também o grave dever de procurar a Verdade, que é Una e Única, o próprio Deus: «O Sagrado Concílio declara igualmente que tais deveres atingem e obrigam a consciência humana e que a verdade não se impõe de outro modo se não pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte. Ora, visto que a liberdade religiosa, que os homens exigem no exercício do seu dever de prestar culto a Deus, diz respeito à imunidade de coacção na sociedade civil, em nada afecta a doutrina Católica tradicional acerca do dever moral que os homens e as sociedades têm para com a verdadeira religião e a única Igreja de Cristo»¹¹. «Ao inculcar expressamente a necessidade da fé e do Baptismo (cfr. Mac. 16, 16; Jo. 3, 5), o Senhor confirmou simultaneamente a necessidade da Igreja, para a qual os homens entram pela porta do Baptismo. Pelo que, não se poderiam salvar aqueles que, não ignorando ter sido a Igreja Católica fundada por Deus, por meio de Jesus Cristo, como necessária, contudo, ou não querem entrar nela, ou nela não querem perseverar»¹². Daí que os católicos, por estarem firmes na verdade, devem difundi-la vivendo a caridade com os que pretendem chegar a ela.

Não podemos desconhecer que Deus pede o nosso assentimento à Sua palavra e a coerência pessoal com essas verdades que permitem conhecer o sentido divino do nosso caminhar na terra. Só assim compreenderemos a necessidade de a pedir para outros e de proporcionar generosamente os meios materiais para levar a cabo essa missão da Igreja, isto é, de todos, e não só da Hierarquia eclesiástica. *Juntamente com a convicção da necessidade de transmitir a fé, procuremos dar testemunho pessoal dela.*

**4. A missão da Igreja
consiste em anunciar Jesus Cristo
e proporcionar os meios sobrenaturais
para a salvação dos homens**

Em que consiste essa actividade missionária da Igreja e como se leva a cabo? É preciso recordar as palavras de Jesus Cristo aos Apóstolos, ao partir para os Céus: *Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra: Ide, pois, ensinai todas as nações baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E Eu estarei sempre convosco, até ao fim do Mundo* (Mt. 28, 18-20).

¹¹ *Ibidem*, n. 1.

¹² VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 14.

Em primeiro lugar, há que pregar o Evangelho, *há que anunciar Cristo*, que nos revelou os mistérios insondáveis de Deus Uno e Trino, e morreu pelos nossos pecados. Mas, além de aceitar o Evangelho, é necessário o Baptismo que nos regenera para a vida divina e nos incorpora a *Jesus Cristo e à Igreja*, depositária da doutrina revelada e dos meios de Salvação.

Tão necessário como a fé, são ainda a conversão a Deus, os sacramentos e a aceitação da Igreja tal como Jesus Cristo a instituiu, sobre o fundamento de Pedro e dos Apóstolos. Estas coisas não podem mudar substancialmente, embora a Igreja leve a mensagem cristã de Salvação a pessoas diversas e ambientes distintos.

Em síntese, poder-se-ia dizer que a actividade missionária, que provém de um mandato de Jesus Cristo, consiste em anunciar o mesmo Jesus Cristo e a Sua doutrina revelada, para nos incorporar à Sua Igreja pela fé e pelo Sacramento do Baptismo.

O mais importante é a fé e, por isso, precisamos de pedir o dom da fé.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que os alunos entendam o sentido apostólico do Dia Mundial das Missões.
- Compreender que a fé é um dom de Deus que devemos cuidar, fazer crescer e transmitir aos outros.
- Que se dêem conta de que todos os cristãos devem ser Apóstolos. Fazer apostolado no próprio ambiente, segundo as possibilidades que temos.

De Liturgia e vida cristã

- Habituar-los a fazer apostolado com os seus amigos, por exemplo, levando-os à catequese.
- Ensiná-los como podem cooperar com a Igreja no *Dia Mundial das Missões*: oração, sacrifícios e esmolas.
- A Igreja pede a Deus, na liturgia, por aqueles que ainda não têm fé.
- Mostrar-lhes como, para estender o reino de Deus, muitos homens e mulheres deixam a sua família e a sua terra e gastam a vida a propagar a fé católica.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

Narrar, de modo esquemático, os seguintes factos:

- Jesus escolheu os Apóstolos. Antes da Ascensão deu-lhes este mandamento: *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo; quem não acreditar, será condenado* (Mc. 16, 15-16). Graças ao seu esforço e à contínua assistência do Espírito Santo, transformaram o mundo de pagão em cristão. Graças a eles nós somos cristãos.
- Os sucessores dos Apóstolos, e todos os cristãos ao longo de vinte séculos que passaram desde então, transmitiram aos outros homens a doutrina cristã. Davam-se conta de que era um tesouro muito grande que Cristo lhes tinha dado, e não podiam guardá-lo só para eles.
- Todavia há ainda muita gente que não conhece a Jesus Cristo. A Igreja, desde os tempos apostólicos, trabalha para dar a conhecer a sua doutrina em todo o mundo.

Podem-se explicar todas ou algumas ideias. No diálogo interessa deixar claro: que o apostolado é obrigação de todos; que cada um pode e deve fazer apostolado no seu próprio ambiente.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Ser cristão é ter fé em Jesus Cristo* [comparar a fé a um tesouro: algo valioso, que não se pode desprezar, que se deseja comunicar aos outros ...].

Nós, cristãos, somos os seguidores de Jesus Cristo. Acreditamos, temos fé no que Ele pregou e a Igreja nos ensina. E vivemos de acordo com essa doutrina. A fé é um dom muito grande que Deus nos fez a nós, cristãos, um tesouro valiosíssimo. Temos de agradecer a Deus essa fé e de fazer que ela cresça em nós, para que se torna cada vez maior. Quando fazemos actos de fé — ao recitar o Credo, ao dizer que acreditamos, etc. — Deus aumenta-nos a fé.

- b) *Deus quer que todos os homens se salvem, e manda pregar o Evangelho a todos* [relacionar com os factos narrados ao princípio].

Deus quer que todos os homens se salvem: para isso enviou o Seu Filho Jesus Cristo, que nos indicou claramente o caminho

que leva ao Céu. Jesus fundou a Igreja, dando-lhe os meios para que todos se possam salvar. Esses são principalmente a Doutrina Cristã e os Sacramentos. Desde o princípio, os Apóstolos e os seus continuadores pregaram essa doutrina salvadora a todos os homens, sabendo que tinham um tesouro que não podiam guardar só para eles, mas que deviam dar a conhecer aos outros.

- c) *Há, todavia, muita gente que ainda não conhece a doutrina cristã* [falar dos países onde sejam poucos os que tenham ouvido falar de Cristo].

São, todavia, muitos os países que não conhecem a Doutrina Cristã. A Igreja envia os seus filhos aos países onde não se conhece a Cristo, para que preguem e ensinem a esses homens a sua doutrina. Também continua a pregar a sua doutrina àqueles que já a conhecem, mas podem vivê-la sempre melhor.

- d) *O significado do Dia Mundial das Missões* [explicar bem o significado deste dia].

A Igreja para nos ensinar a pensar no dom sobrenatural da fé e nos abrasar na ânsia apostólica de a fazer chegar a todos os homens, dedicou um Domingo por ano — costuma ser em fins de Outubro — para rezar e obter ajuda espiritual e material para todos aqueles que trabalham em propagar o Evangelho. Esta celebração chama-se *Dia Mundial das Missões* que significa *Domingo Mundial da Propagação da Fé*.

- e) *Todos temos de ajudar a Igreja nesta tarefa apostólica* [perguntar o que fizeram nos anos anteriores no Dia das Missões e concretizar o que poderiam fazer neste ano].

Todos devemos dar a nosas ajuda para que se cumpra o mandato de Jesus Cristo de pregar a Sua doutrina a todos os homens. Devemos recordar-nos desses cristãos que estão a dar a conhecer Cristo entre os pagãos ou gente descrente. Podemos ajudá-los com as nossas orações e sacrifícios, pois sem a graça nenhum homem pode ir até Cristo. Também podemos e devemos sustentar as missões contribuindo com dinheiro e outros donativos, recolhendo dinheiro para as Missões, etc. Isto podemos vivê-lo especialmente no Dia Mundial das Missões.

O dinheiro serve para a construção e manutenção de igrejas, escolas, hospitais, etc., e serve para a sustentação dos missionários.

- f) *Todos os cristãos devem fazer apostolado* [explicar os diversos modos de fazer apostolado, concretizando o que se pode fazer].

Quando fomos batizados, recebemos uma missão da parte de Deus: Ser Suas testemunhas onde quer que estejamos e fazendo o que devemos fazer. Além disso, ao recebermos principalmente o sacramento da Confirmação, fomos fortalecidos com a presença do Espírito Santo para sermos testemunhas valentes de Jesus Cristo: na escola, entre os nossos amigos, no desporto, em tudo o que fizermos; aí temos de fazer apostolado, procurando ser os melhores estudantes, os mais serviçais, recebendo com frequência os sacramentos, ajudando os outros, e tudo isso porque Deus assim no-lo pede, sendo portadores de uma mensagem divina.

Uma maneira muito boa de fazer apostolado é levar muitos dos seus amigos à catequese, para que também eles aprendam a doutrina cristã e depois a vivam.

3. Perguntas-resumo

Que é o Dia Mundial das Missões? Como podemos ajudar a Igreja nesta festa? *Que é fazer apostolado?* Quem está obrigado a fazer apostolado?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Igreja pede a Deus pelos que ainda não têm fé verdadeira com esta oração:

«Deus eterno e onnipotente, que criastes todos os homens para que Vos procurem, e encontrando-Vos, em Vós descansem; concedei-lhes que, no meio das dificuldades, percebendo os sinais do Vosso amor e o testemunho dos crentes, todos se alegrem de Vos reconhecer como único Deus verdadeiro e Pai de todos os homens.»

Todos temos obrigação, dum modo especial neste dia, de pedir pelos que não têm fé.

2. Para melhor motivar e mostrar a importância dos sacrifícios como ajuda às Missões, pode-se explicar a vida de Santa Teresa de Lisieux. Seria bom narrar o seguinte episódio: Santa Teresa estava doente e para se curar tinha de passear diariamente um quarto de hora, mas fazia-o com muito sofrimento. As suas colegas aconselhavam-na que descansasse um pouco ... mas ela respondia: «Dou o meu passeio por um missionário».

Pio XI proclamou Santa Teresa de Lisieux padroeira das missões. Tão importante como a acção são a oração e o sacrifício: «Primeiro, oração; depois, expiação; em terceiro lugar, muito em terceiro lugar, acção»¹³.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Fazer um resumo das principais ideias da sessão, ilustrando-o com fotografias e desenhos.
- Fazer em grupo um mapa-mundi em que se veja, em cor, as nações em que há cristãos e em que percentagem da sua população.
- Escrever uma carta a algum missionário dizendo-lhe que rezam por ele e pelo seu trabalho.
- Pedir aos pais que lhes paguem um trabalho extraordinário para dar o dinheiro às Missões.
- Elaborar uma breve redacção sobre as coisas que tu farias se estivesses num país de missão.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Não há perguntas para esta sessão. Pode aproveitar-se para rever e recordar orações e perguntas já sabidas.

¹³ J. ESCRIVA, *Caminho*, n. 82.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema C — Preparamo-nos para celebrar
a solenidade da Imaculada Concei-
ção da Virgem Maria.*

GC - C

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Deus preparou a Encarnação do Seu Filho escolhendo Maria para Mãe de Jesus Cristo

Todos os outros privilégios que conhecemos da Virgem Maria se baseiam num facto fundamental da Sua vida que é ser a Mãe de Deus. O Seu Filho Jesus Cristo é verdadeiro Deus, segunda Pessoa da Santíssima Trindade e verdadeiro Homem, nascido das puríssimas entranhas da sempre Virgem Maria. Jesus Cristo é, na verdade, o centro da História da Salvação; mas esse mistério inefável da vinda de Deus ao mundo pôde realizar-se, segundo o desígnio divino, pela cooperação de Nossa Senhora.

O papel singular da Mãe de Deus aparece anunciado já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura (cfr. Gén. 3, 15), quando Deus promete ao homem um Redentor que restaurará a amizade desfeita pelo pecado original. Anunciava-o também o profeta Isaías ao falar da Virgem Mãe do Emanuel, que significa Deus connosco:

O mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a Virgem concebeu e dá à luz um Filho, e o chama Emanuel (Is. 7, 14).

É, pois, nas páginas do Antigo Testamento que Deus revela a Sua intervenção especialíssima para salvar os homens do pecado e essa intervenção começa com a escolha de uma mulher, que

será Sua Mãe, como criatura adornada da Sua graça de modo singular. É natural que Jesus Cristo, Seu Filho, que nos vinha redimir do pecado, preservasse a Sua Mãe do pecado original e a enchesse de graça como convinha à Sua dignidade, que não foi nem será outorgada a nenhuma outra criatura.

Esta delicadeza de Deus para com Nossa Senhora para benefício do género humano é jubilosamente exaltada pelo Concílio Vaticano II ao recordar que, «não é de admirar que os Santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus 'toda Santa' e 'imune de toda a mancha de pecado' visto que o próprio Espírito Santo A modelou e d'Ela fez uma nova criatura. Enriquecida, desde o primeiro instante da Sua Conceição, com os esplendores duma Santidade singular, a Virgem de Nazaré é saudada pelo Anjo, da parte de Deus, como 'cheia de graça' (cfr. Lc. 1, 28); e responde ao mensageiro celeste: *Eis a escrava do Senhor, faça-Se em Mim segundo a tua palavra*'» (Lc. 1, 38)¹.

Por ser Mãe de Deus, Maria devia ser *cheia de graça*, acima de qualquer outra criatura. Por ser Mãe de Deus, Maria devia ser Imaculada, sem que o demónio tivesse tido domínio sobre Ela um único instante. Assim, a festa da Imaculada fala-nos do aspecto privativo de não ter mancha de pecado original, e do aspecto positivo de plenitude de graça.

Se quisermos ter uma ideia completa da santidade de Maria teremos de ver como fundamental a *plenitude* de graça. Desde o primeiro instante da concepção pelos Seus pais, a Virgem Maria viu-Se adornada de um imenso tesouro de graça que nunca deixou de aumentar com novos dons de Deus e com a Sua cooperação activa. Temos razões para pensar que essa formosura interna se manifestaria na Sua singular beleza externa.

Contudo, os maravilhosos e exclusivos dons com que Nossa Senhora foi enriquecida por Deus e que Ela soube conservar com a Sua delicadíssima entrega aos planos de Deus, não afastam a Sua excelsa pessoa de todos os homens pecadores. Antes pelo contrário, a Sua delicadeza de Mãe atrai-nos para encontrarmos n'Ela o caminho para Seu Filho.

2. Ao definir o dogma da Imaculada Conceição, a Igreja confirmou esta crença em todos os cristãos

É tradicional aplicar-se a Nossa Senhora, em sentido acomodatício, aquela visão do Apocalipse: *Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida de Sol, tendo a Lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas* (Ap. 12 1). A Mãe

¹ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 56.

de Deus triunfa sobre o pecado e sobre o poder do demônio. Se Maria, em algum instante, não tivesse tido a graça divina, então teria reinado o demônio sobre Ela como reina sobre todos os homens que nascem em pecado, que herdaram dos primeiros pais, e isso estaria em contradição com o sentido das palavras reveladas por Deus.

Embora o povo cristão já acreditasse que a Virgem Maria era Imaculada, o Papa Pio IX, assistido pelo Espírito Santo, considerou que era chegado o momento de O proclamar solenemente como dogma da nossa fé católica: «Declaramos, proclamamos e definimos que a doutrina que sustenta que a Bem-aventurada Virgem Maria foi preservada imune de toda a mancha da culpa original no primeiro instante da Sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus onnipotente, em atenção aos méritos de Cristo Jesus, salvador do gênero humano, está revelada por Deus e deve ser, portanto, firme e constantemente acreditada por todos os fiéis»².

Este privilégio singular foi concedido a Nossa Senhora em previsão dos méritos superabundantes do Seu divino Filho na Redenção.

Sendo a «cheia de graça» e estando imune do pecado original, jamais sentiu os vestígios das Suas feridas. Ao longo de toda a Sua vida viu-Se livre de todo o pecado e de toda a imperfeição.

Todos os anos, em 8 de Dezembro, elevamos as nossas orações de louvor a Jesus Cristo por ter dotado a Sua Mãe dessa beleza sobrenatural que aviva a nossa imaginação, atrai o nosso coração e alenta a nossa esperança. A Igreja na liturgia do dia 8 de Dezembro considera justo e necessário louvar a Deus:

«Vós preservastes a Bem-aventurada Virgem Maria de toda a mácula do pecado original; enriquecendo-A com a plenitude da vossa graça, fizestes d'Ela a digna Mãe de Vosso Filho e destes início à Santa Igreja, Esposa de Cristo sem mancha e sem ruga, resplandente de beleza»³.

Também nessa festa dizia o Papa Paulo VI:

«De entre eles (privilégios) celebramos hoje um e desejaríamos colocá-lo no vértice no nosso culto a Maria: a Sua Imaculada Conceição! Quer dizer, o pensamento preferencial que Deus teve por esta Sua criatura; a intenção de rever n'Ela a inocência primitiva de um ser ideado à *imagem e semelhança* Sua própria,

² PIO IX, Bula *Ineffabilis Deus*, 8-XII-1854.

³ Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, *Prefácio*.

de Deus, não perturbada, não contaminada por mancha ou imperfeição alguma, como excepto Cristo e excepto Ela, Nossa Senhora, o fomos todos os filhos de Eva, o foi todo o género humano»⁴.

Este privilégio singular de Nossa Senhora, Mãe de Deus e nossa Mãe, é motivo de louvores, de acções de graças, e de propósitos sinceros de nos assemelharmos a Ela. Ao procurar levar uma vida limpa de qualquer mancha de pecado, temos de considerar a importância que têm os pecados veniais que tanto sujam a alma e predispõem — se não se corrigem — para pecados maiores. E podemos preparar-nos para celebrar esta festa com delicadeza — nos nove dias anteriores —, fazendo o propósito de que impere no nosso coração e nas nossas obras o amor a Deus, que se torna mais fácil através do amor à Santíssima Virgem.

3. A Virgem Maria concebeu o Verbo por obra e graça do Espírito Santo

Quando o Arcanjo S. Gabriel anunciou a Maria que ia ser a Mãe de Deus, Ela perguntou: *Como poderá ser isso, se eu não conheço homem?* (Lc. 1, 34). E o arcanjo disse-lhe: *O Espírito Santo virá sobre Ti, a força do Altíssimo Te cobrirá com a Sua Sombra; por isso o Santo, que vai nascer de Ti, será chamado Filho de Deus ... porque a Deus nada é impossível. Maria disse então: Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em Mim, segundo a tua palavra* (Lc. 1, 35; 37-38).

O amor do Seu Filho e a Sua dignidade pediam que a Mãe fosse intacta, e a criatura mais formosa e santa de toda a criação. Por isso Maria, além de ser Imaculada, foi Mãe sempre Virgem: antes do parto, no parto e depois do parto, visto que a Encarnação é obra do Espírito Santo. As palavras do Anjo tornam claro o segredo de Deus e daquela maternidade privilegiada: Maria será Mãe, sem deixar de ser Virgem.

O Catecismo explica essa doutrina sobre a perpétua e perfeita virgindade de Nossa Senhora, que se exprime tradicionalmente com esta fórmula: antes do parto, no parto e depois do parto. *Antes do parto* porque «acreditamos e confessamos que o próprio Senhor Jesus Cristo único Senhor nosso, Filho de Deus, quando tomou por nós carne humana no ventre da Virgem, foi concebido, não por obra do homem, como os outros homens, mas por virtude do Espírito Santo, transcendendo toda a ordem da natureza»⁵. *No parto*, porque «assim como a concepção excede totalmente a ordem natural, assim no nascimento nada pode con-

⁴ PAULO VI, Homilia em 8-XII-1975.

⁵ S. PIO V, *Catecismo Romano*, I, 4, 1.

templar-se que não seja divino. Além disso, não é possível absolutamente dizer-se nem pensar-se nada mais admirável que isto, nasce da Mãe sem menosprezo algum da Virgindade materna; e do modo como depois saiu do sepulcro fechado e selado, assim, e por modo mais sublime, Jesus Cristo saiu do seio materno sem detrimento algum da Virgindade de Sua Mãe»⁶. *Depois do parto*, porque se o Evangelho nomeia os irmãos de Jesus (cfr. Mt. 12, 46-50; Mc. 3, 31-35; Lc. 8, 19-21), estes, atendendo ao uso bíblico da palavra irmão, são Seus primos ou parentes. Como chama também «pai» a S. José (cfr. Lc. 2, 48) porque desempenhou o ofício de pai, teve os direitos próprios do pai e foi pai perante a Lei, a fim de salvaguardar a honra de Maria e a situação jurídica de Jesus Cristo como descendente legítimo de David.

«Por outro lado, o nome de primogénito na Bíblia indica somente o primeiro filho, sem que implique a existência de outros (cfr. Êx. 13, 2) e de nenhuma maneira da ocasião para pensar que a Virgem Maria tivesse tido depois mais filhos»⁷.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Admirar a beleza da Santíssima Virgem sabendo que Deus A fez Imaculada.
- Esforçar-se por imitar a pureza imaculada de Nossa Senhora, confessando-nos com frequência para manter a alma sempre limpa.
- Habituar-se a recorrer a Nossa Senhora em todo o momento, e especialmente nas tentações.

De Liturgia e vida cristã

- Rezar com frequência o «Ó Senhora Minha ...».
- Inculcar o amor a Nossa Senhora, começando a viver desde já uma devoção concreta: três Ave-Marias à noite, o Angelus, as saudações às imagens da Santíssima Virgem, o Terço ...
- Viver a liturgia da festa alegrando-nos com este privilégio mariano.
- Habitua-los a rezar jaculatórias a Nossa Senhora principalmente perante as tentações.

⁶ *Ibidem*, I, 4, 8.

⁷ Bíblia Sagrada, Evangelho de S. Mateus, I, nota a Mt. 1, 25, ed. Eunsá Pamplona, 1976, p. 72.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar lendo a passagem de Lucas 1, 26-38 (A Anunciação) destacando:

- Como Maria foi eleita para Mãe de Deus.
- Como o Arcanjo A saúda dizendo-Lhe «cheia de graça».
- Como nesta narração aparecem as três Pessoas Divinas.

No diálogo é conveniente fixar-se no que significa «cheia de graça»: limpa desde o primeiro instante do Seu ser. Perguntar-lhes o nome do Arcanjo; onde aparecem as três pessoas Divinas, etc.

b) Numa manhã do ano 1854 o Papa Pio IX comunicava a toda a humanidade a seguinte mensagem:

«Para honra da Santíssima e indivisa Trindade, para glória e ornamento da Virgem Mãe de Deus ... *com a autoridade* de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados Apóstolos, Pedro e Paulo e com a nossa, *declaramos, proclamamos e definimos* que a doutrina que sustenta que a Bem-aventurada Virgem Maria *foi preservada imune de toda a mancha da culpa original* no primeiro instante da Sua concepção ... *está revelada* por Deus e deve ser, portanto, *firme e constantemente acreditada por todos os fiéis*».

No diálogo comentar ou perguntar o significado das palavras que sublinhámos na definição.

2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Explicar o sentido desta festa da Virgem Maria* [perguntar se o sabem].

A fé ensina-nos que a Virgem Maria por especial privilégio e pelos méritos de Jesus Cristo, foi preservada imune do pecado original e santificada com a graça desde o primeiro instante da Sua Conceição. Assim o acreditavam os cristãos e foi declarado Dogma de fé pelo Papa Pio IX, em 8 de Dezembro de 1854.

b) *Depois da Humanidade Santíssima do Senhor, a Virgem Maria é a obra mestra de Deus* [perguntar com que graças tinham adornado a sua Mãe se tivessem tido poder para tal].

Ao dispor Deus, desde de toda a eternidade, que o Seu Filho Se fizesse Homem, escolheu e preparou a Virgem Maria para que

fosse a Sua Mãe. Por Ser Mãe de Deus, Maria devia ser *cheia de graça* como nenhuma outra criatura. Por ser Mãe de Deus, Maria devia ser *Imaculada*, sem ser nem, por um instante sequer, escrava do demônio, apesar de todos os homens contraírem o pecado original.

c) *Jesus foi concebido por obra e graça do Espírito Santo* [perguntar que representa S. José na Sagrada Família].

Jesus Cristo não teve Pai terreno embora S. José cuidasse d'Ele e de Maria com todo o amor de um pai. A Encarnação realizou-se por obra e graça do Espírito Santo e assim Maria foi Mãe sem deixar de ser Virgem. Esta é a razão pela qual os cristãos chamam a Maria: *A Virgem*, a Virgem Santíssima.

d) *Oferecer à Virgem Maria o esforço de nos mantermos sempre limpos de corpo e alma* [mostrar-lhes que só se está com gosto numa habitação quando ela está luminosa, limpa e bem ordenada].

A Igreja celebra nesta festa a Imaculada Conceição da Mãe de Deus, e dá-nos a entender quanto estima e ama Deus a pureza e a santidade da alma. Por isso, com o desejo de imitar a Virgem Maria, devemos fugir das ocasiões de ofender a Deus. Temos que nos esforçar por viver a santa pureza nos nossos pensamentos, palavras e obras. Ajudar-nos-á muito o recorrer imediatamente a Nossa Senhora quando surgir uma tentação pedindo-Lhe que nos dê a graça de nos mantermos sempre limpos de corpo e alma.

3. Perguntas-resumo

Quem é a Virgem Maria? Herdou a Santíssima Virgem o pecado original? Que significa «Imaculada Conceição»? Como nos parecemos com a Virgem Maria?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Em muitos lugares celebra-se a novena ou vigília da Imaculada Conceição; pode-se aconselhar os alunos que assistam, descobrindo-lhes o seu sentido.

2. Mostrar aos alunos como a Missa dessa festa tem uma especial solenidade. Pode comentar-se a seguinte oração:

«Aceitai, Senhor, este sacrifício de salvação, que Vos oferecemos na solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria; e assim como acreditamos que, por Vossa graça,

Ela foi imune de toda a mácula, assim também, por Sua intercessão, sejamos livres de toda a culpa.»

(Oração sobre as Oblatas)

3. Explicar brevemente a história e significado das palavras que proferimos na Ave-Maria.

4. Ao meio-dia muitos cristãos rezam o «Angelus» invocando a Nossa Senhora e recordando o momento mais importante da história, quando Deus Se fez homem. O Papa Paulo VI voltou a recomendá-lo na Exortação Apostólica «*Mariælis Cultus*». Seria de desejar que os alunos o aprendessem e rezassem todos os dias.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas respectivas do Catecismo.
- Fazer uma breve síntese das ideias principais da sessão, ilustrando-a com fotografias e desenhos.
- Realizar em grupo um cartaz sob o título «*Maria Imaculada*».
- Fazer uma visita a algum santuário próximo ou a uma Igreja dedicada à Virgem Maria e rezar o Terço.
- Fazer uma redacção sobre o significado do dogma da Imaculada Conceição.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 122-125.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema D — Celebramos o Natal:
Jesus vem ao mundo.*

G C - D

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

A Virgem Maria e S. José vão de Nazaré a Belém para se recensearem, cumprindo um édito do Imperador César Augusto. *E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de Ela dar à luz e teve o Seu Filho primogénito que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver para Eles lugar na hospedaria (Lc. 2, 6-7).*

Com esta admirável simplicidade e inspirado pelo Espírito Santo o Evangelista S. Lucas narra o acontecimento mais maravilhoso da história. Deus, que Se fez homem no seio puríssimo da Virgem Maria, nasce para salvar o homem do pecado, para nos tornar filhos de Deus e dar sentido divino à existência humana, abrindo-nos as portas do céu. O mistério que celebramos na festa de Natal é o Nascimento de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

1. O Natal é a festa instituída para celebrar o nascimento temporal de Jesus Cristo

Na Sua bondade infinita, quando Deus impôs aos nossos primeiros pais o castigo do seu pecado, anunciou também a promessa de um Redentor (cfr. Gén. 3, 15). Esta promessa mantém a espe-

rança ao longo do Antigo Testamento. Javé anuncia a Abraão que o Redentor será da sua descendência. *Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas* (Gén. 12, 2-3). Esta bênção contempla profeticamente um personagem da sua descendência, que será o Messias. Quando Jacob abençoa Judá, diz-lhe: *O ceptro não escapará a Judá nem a autoridade à sua descendência, até à vinda do Pacífico, ao qual os povos obedecerão* (Gén. 49, 10). Isaías afirma que uma Virgem será a Mãe do Emanuel (cfr. Is. 7, 14); que nasceu para nós um Menino, que tem a sabedoria sobre os seus ombros e que Se chamará Deus forte (cfr. Is. 9, 6); que sobre Ele descansarão os dons do Senhor (cfr. Is. 11, 1-3); e que nos salvou com a Sua dor e a Sua morte (cfr. Is. 53, 2 ss), etc.

Mas eis que um dia se cumpre a esperança da vinda de um Redentor. Foi o primeiro Natal. Ao chegar *«a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que se encontravam sob o jugo da lei e para que recebêssemos a adopção de filhos»* (Gál. 4, 4-5). A Virgem Maria foi a mulher que trouxe ao mundo Jesus, Nosso Salvador.

O Nascimento de Cristo é o centro da história; é o momento em que Deus, sem deixar de o ser, Se aniquila e Se faz homem para nos resgatar do pecado e da morte. É um grande mistério, mas um mistério extremoso. S. João Crisóstomo comenta: *«Vemos que Jesus saiu de nós e da nossa substância humana, e que nasceu da Virgem Maria, mas não entendemos como se pôde realizar esse prodígio. Não nos cansemos a tentar descobri-lo: aceitemos com mais humildade o que Deus nos revelou, sem averiguar com curiosidade o que Deus nos tem escondido»*¹.

No Natal celebramos o Nascimento temporal de Jesus, e ressoam aos nossos ouvidos as palavras do Anjo: *Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor* (Lc. 2, 10-11).

2. A Igreja quer que nos alegremos ao recordar a noite de Belém em que teve início a nossa Salvação

O profeta Miqueias tinha anunciado que o Salvador nasceria em Belém: a Providência divina assim o tinha determinado.

¹ S. JOÃO CRISÓSTOMO, in *Matthaeum homiliae*, 4, 3; PG 57, 43.

Por isso, fez com que concorressem diversas circunstâncias, sendo uma delas a chegada de Maria e José a Belém para cumprir a ordem de recenseamento dada por César Augusto. Belém transbordava de forasteiros, e tiveram que encontrar abrigo numa gruta. Foi aqui que à meia-noite, nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo. Um anjo anunciou aos humildes pastores a notícia (Lc. 2, 12) e uma estrela aos Magos do Oriente (Mt. 2, 1 ss).

Depois do Nascimento de Jesus cumpriram-se duas disposições legais: a circuncisão e imposição ao menino do nome de Jesus — que significa Salvador — no oitavo dia (Lc. 2, 21); e a purificação da Virgem Maria e Apresentação de Jesus no Templo, como filho primogénito, aos quarenta dias. Nesta ocasião, o velho Simeão proclamou Jesus como o Redentor há tantos séculos esperado (Lc. 2, 25-35).

A Igreja quer que celebremos o Natal para renovar com viva gratidão a memória daquela noite em que o divino Salvador deu início com o Nascimento, à obra da Redenção, que iria consumir com a Sua morte na Cruz.

Como diz o Papa Paulo VI: «O Natal, o mistério admirável da Encarnação, a festa do Emanuel, do Deus conosco (cfr. Mt. 1, 23) assinala a regeneração da história. A nossa fé tem aí o seu fulcro (...). E eis então a resplandecer, como um estandarte erguido sobre a face da terra e para todos os tempos da vida humana, o nome de Jesus Cristo, Salvador do mundo (...) Jesus! Vós sois o Cristo, Vós sois a glória, Vós sois a vida do mundo!»². Por isso, a celebração do Natal não deve ficar apenas nas circunstâncias exteriores da festa, mas deve alcançar o sentido do sobrenatural que encerra. Que os fiéis acolham a voz que o Espírito Santo lhes dirige neste dia para que abandonem o homem velho e renasçam para a vida da graça. *O pecado já não há-de ter domínio sobre vós, pois não estais sob o domínio da Lei, mas sob o da graça* (Rom. 6, 14), exorta-nos S. Paulo.

É uma ocasião que a Providência nos oferece para recordar os benefícios da nossa Redenção operada por Jesus Cristo, que começa precisamente com o Seu Nascimento. Com a Sua Vida, Paixão e Morte, concedeu aos homens a possibilidade de serem filhos de Deus, quando ainda eram escravos do pecado, como afirma S. Paulo: *Vós não recebestes um espírito de escravidão, para cair de novo no temor — recebestes, pelo contrário, um espírito de adopção pelo qual chamamos: «Abba, Pai». O próprio Espírito atesta em união com o nosso espírito que somos filhos de Deus; filhos e igualmente herdeiros de Cristo* (Rom. 8, 15-16).

² PAULO VI, *Mensagem Natalícia*, 25-XII-1975.

E como Deus não nos tira a liberdade espera que sejamos nós a suprimir os obstáculos à graça santificante, que deve nascer na nossa alma durante esta festa. «Vós e eu, estamos seriamente a cumprir, em tudo, a vontade do nosso Pai, Deus? Demos ao Senhor o nosso coração inteiro ou continuamos apegados a nós mesmos, aos nossos interesses, à nossa comodidade, ao nosso amor próprio? Há em nós alguma coisa que não corresponde à nossa condição de Cristãos e que nos impeça de nos purificarmos? Hoje apresenta-se-nos a ocasião de rectificar»³.

3. A contemplação do Menino Jesus aumenta a nossa fé, a nossa esperança e a nossa caridade

A alegria destas festas fundamenta-se no motivo sobrenatural de que Cristo vem salvar-nos. Deus vem a nós para nos dizer que nos ama e que podemos amá-Lo. O cúmulo do amor consiste em que o Filho, sem deixar de ser Deus, faz-Se homem. Como qualquer outro, Jesus espera nove meses antes de nascer da Virgem Maria, nasce Menino e necessitado do nosso amor e depois vive como um de nós. Desde a noite de Natal, o Menino Jesus santifica-nos com os Seus gestos e as Suas palavras e alimenta a nossa esperança de um dia sermos felizes no céu, louvando o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a Virgem Santa Maria e S. José.

Todos os motivos humanos que os homens juntaram ao Natal, devem fazer referência a esse motivo sobrenatural. O cristão dá graças ao divino Redentor por Se ter feito homem para nossa salvação, reconhece-O com os pastores e adora-O como Filho de Deus, e segue os ensinamentos que silenciosamente vêm de Belém.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Aproveitar estas festas para recordar os pormenores cristãos que se devem viver nelas.
- Procurar que ninguém se sinta isolado nestas festas. Ter pequenos gestos de carinho com as pessoas que nos rodeiam: pais, irmãos, amigos ...

³ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 15.

De Liturgia e vida cristã

- Motivar para a participação na Missa da Meia-noite.
- Despertar o desejo da ajuda de Deus.
- Participar na realização do presépio e rezar alguma jaculatória ou cantar alguma canção de Natal diante dele.
- Pensar e fazer o adorno da casa para contribuir para a alegria destas festas.
- Descobrir nos alunos a importância de tornar felizes todos os que convivem com eles.
- Saber de cor o «Glória» da Santa Missa.
- Motivar a visita a uma família pobre ou a um doente, levando-lhe algum presente.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar por ler a passagem de Lucas 2, 1-20, e abrir diálogo com os alunos nestes ou semelhantes termos:

- Porque foram a Virgem Maria e S. José a Belém?: Porque o imperador César Augusto queria fazer um recenseamento. De Nazaré a Belém há uns 120 quilómetros; comentar as dificuldades e incómodos que isto supunha.
- Porque teve Jesus de nascer num curral?: Porque não havia para Ele lugar na hospedaria.
- Quem foram os que acompanharam Jesus no Seu Nascimento e O adoraram em primeiro lugar?: A Virgem e S. José, os Anjos e os pastores.

b) Também se pode começar esta sessão perguntando aos alunos o que é para eles o Natal, que vão fazer durante estes dias, como deve um cristão viver o Natal, etc. Deixar que os alunos relatem como prepararia Maria o nascimento de Jesus, como se prepararia S. José.

c) Pode começar-se também cantando uma canção de Natal já escolhida de antemão, comentando a letra e levar os alunos a intervir no comentário.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *O Natal é a recordação do Nascimento do Filho de Deus* [perguntar-lhes qual o facto que teve mais influência na vida dos homens].

O acontecimento mais importante da história dos homens foi o Nascimento de Jesus Cristo na pequena povoação de Belém,

há quase 2.000 anos. Nas festas de Natal celebra-se o nascimento temporal de Jesus e os acontecimentos com ele relacionados: Sagrada Família, Santos Inocentes, adoração dos Reis Magos, etc. A Igreja faz-nos considerar como esta Criança que vemos nascer de Maria Virgem no tempo é, desde de toda a eternidade, o Filho de Deus. Veio para nos redimir dos nossos pecados. «O Filho de Deus fez-Se homem para que o homem se fizesse Deus», diz Santo Agostinho.

- b) *Esforçar-se por viver estas festas com sentido cristão* [descobrir pormenores cristãos nestas festas].

O Natal é uma época de especial alegria. Há prendas, férias, etc. Tudo isto, *porque* comemoramos o Nascimento de Jesus Cristo em Belém. Não seria lógico ver só o aspecto material, como tão pouco o seria fazê-lo no dia de anos da nossa mãe. Por isso, para os cristãos é a época para rezar e comportar-se melhor. São dias para pensar no amor que Jesus nos tem: troca o céu pela terra; a glória pelo estábulo; a honra pela humilhação.

- c) *Descobrir e tratar com carinho a Humanidade Santíssima de Jesus Cristo* [porque fizemos o presépio? Porque assim é mais fácil ver a Jesus, Maria e José e amá-los].

Jesus faz-Se criancinha, que se pode ver e tocar para que seja mais fácil amá-Lo, para que nos possamos parecer com Ele e O imitemos melhor. O Filho de Deus permite ser envolto em panos e levado de um lugar para outro, etc., porque nos quer dar o exemplo de pobreza, humildade e obediência. Por este motivo, preparamos o presépio e rezamos aí, adoramos o Menino como fizeram os pastores, e cantamos-Lhe cânticos porque queremos agradecer ao Menino os ensinamentos que Ele nos dá no Seu presépio de Belém.

- d) *Jesus ensina-nos a sentirmo-nos filhos de Deus* [descobrir diversos pormenores sobre a filiação divina].

O Nascimento de Jesus em Belém ensina-nos que podemos chamar a Deus Pai. E para que sejamos verdadeiros filhos de Deus temos de ser muito dóceis e obedientes. Devemos tratar as pessoas com respeito, cuidar bem das coisas porque todas foram criadas por Deus, nosso Pai. Jesus quer que O imitemos; que, com a nossa humildade e pronta obediência, façamos as coisas bem feitas; que ajudemos os outros e restabeleçamos a paz e a alegria em tudo o que nos rodeia.

- e) *Jesus ensina-nos a ser generosos* [fazer-lhes notar a pobreza em que Jesus nasceu].

As circunstâncias do Nascimento do Senhor indicam-nos que devemos estar preparados para O acolher no nosso coração. Não nos podemos comportar como aqueles que estavam em Belém quando a Virgem Maria e S. José chegaram: não os receberam. Temos de procurar ser muito generosos tornando agradável a vida dos que nos rodeiam, desterrando o egoísmo e vivendo com o maior desprendimento das coisas que temos. Pensar e procurar ajudar aquelas pessoas que nestes dias sofrem.

3. Perguntas-resumo

Qual das três Pessoas da Santíssima Trindade Se fez homem? Que celebramos no Natal? Como podemos viver melhor as festas de Natal?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Toda a liturgia das festas do Natal está cheia de um sentimento de alegria e gratidão ao Senhor. Por exemplo: «Alegramo-nos todos no Senhor, porque nasceu no mundo o Nosso Salvador. Hoje desceu dos céus sobre nós a verdadeira paz».

(Cântico de entrada da Missa da Meia-noite)

2. Também a liturgia do próprio dia de Natal nos convida a um convívio delicado e contínuo com o Senhor:

«Senhor, nosso Deus, que nos dais a alegria de celebrar nestes mistérios o Nascimento de Jesus Cristo, nosso Redentor, dai-nos também a graça de merecermos, por uma vida digna, participar da Sua glória.»

(Oração depois da Comunhão)

3. Com o canto do prefácio da Missa do dia de Natal a Igreja recorda-nos a imensa gratidão que devemos sentir para com Deus pelo muito que nos ama:

«É verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação dar-vos graças, sempre e em toda a parte por Cristo Nosso Senhor. Por Ele é hoje realizado o misterioso encontro que nos redimiu: a nossa condição humana é assumida pelo Verbo, o homem mortal é elevado a uma dignidade perene e, unido a Vós em comunhão admirável, participa da Vossa vida imortal.»

4. Uma maneira simples de mostrar o nosso carinho a Jesus é beijar o Menino. Pode fazer-se na paróquia ou com o Menino que se coloca na escola ou em casa.

D) POSSIVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias expostas na sessão ilustrando-o com desenhos e fotografias.
- Aprender alguns cânticos de Natal.
- Desenhar figuras para o Presépio: recortadas ou modeladas.
- Preparar todos os elementos necessários para o Presépio que cada menino instala no seu lar familiar. Os mais velhos podem colaborar na preparação da festa de Natal da paróquia ou escola.
- Desenhar o Menino Jesus no centro da página do caderno e escrever à volta o que naquela noite Lhe diriam a Virgem Maria, S. José, os Anjos e os pastores.
- Escrever as palavras que cada um quiser dizer a Jesus.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 52, 53, 59-61.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC-E

*Tema E — Na Quaresma precisamos
de fazer penitência.*

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. A Quaresma começa na Quarta-feira de Cinzas

A pedagogia da Igreja dá muita importância a este período do Ano Litúrgico a que chamamos Quaresma. Começa com a cerimónia da imposição das cinzas benzidas, sobre a cabeça dos fiéis, com a qual nos lembra que Deus nos fez do pó da terra (cfr. Gén. 3, 19) e que um dia havemos de morrer.

Lembra-te que és pó e ao pó hás-de voltar. Esta vida passa e é uma peregrinação em direcção ao Céu. Meditando nesta realidade, o cristão humilha-se perante Deus e faz penitência pelos seus pecados, enquanto agradece este tempo de misericórdia para crescer em obras de fé, de esperança e de caridade.

Depois da homilia que se segue às leituras, o sacerdote procede à bênção e imposição das cinzas, invocando a graça de Deus para que vivamos com proveito o tempo da Quaresma e nos assemelhemos mais a Jesus Cristo: «Ó Deus, que Vos deixais comover pela nossa humildade e aplacar pelas nossas boas obras, ouvi misericordiosamente as nossas preces e derramai a graça da Vossa bênção sobre os Vossos servos aspergidos com estas cinzas para que, fiéis à observância quaresmal, mereçam chegar com

o coração purificado à celebração do mistério pascal de Vosso Filho»¹.

A partir deste dia, com a oração e a penitência, somos introduzidos no mistério da nossa Redenção, que culmina na morte de Cristo na Cruz e na Sua Ressurreição gloriosa e termina com a Ascensão do Senhor aos Céus.

2. A Quaresma é um convite à Penitência

Jesus Cristo começa o Seu ministério público com um convite à fé e à penitência: *Convertetevi-vos e acreditai no Evangelho* (Mc. 1, 14). Para que alguém se aproxime de Cristo deve arrepende-se dos seus pecados, reparar por meio da penitência o mal feito, e orientar a vida com o espírito novo do Evangelho.

Santo Agostinho, num sermão sobre a utilidade da penitência, dizia: «Quão útil e necessária é a medicina da penitência, compreendem-no muito facilmente os homens que se lembram de que são homens»². Com efeito, o homem é um ser moralmente doente que precisa do remédio da penitência; em consequência do pecado original e dos pecados pessoais, o comportamento do homem é com frequência, errado. Por isso é fundamental a penitência, que é já graça de Deus, visto que ninguém com as suas próprias forças se pode libertar do pecado por si mesmo.

«Por si mesmo, e por suas próprias forças, não há ninguém que se liberte do pecado e se eleve acima de si mesmo, ninguém absolutamente que se liberte a si mesmo da sua enfermidade, da sua solidão ou da sua escravidão, mas todos precisam de Cristo como modelo, mestre, libertador, salvador e vivificador»³.

É tão necessária esta virtude que, como o Senhor nos adverte, *se não fizerdes penitência, todos perecereis igualmente* (Lc. 13, 5).

Além disso, pela penitência somos chamados a participar na Redenção de Cristo e, conseqüentemente, na expiação de todos os pecados dos homens. Para alcançar tudo isto, a Igreja quer que, da mesma maneira que Jesus permaneceu retirado no deserto durante quarenta dias antes de iniciar a vida pública (Mt. 4, 1 ss), também os seus filhos se preparem com o jejum, a abstinência e outras obras penitenciais durante quarenta dias, dispondo-se para

¹ Oração da bênção das cinzas.

² SANTO AGOSTINHO, *Sermão*, 351, 1; PL 39, 1535.

³ VATICANO II, *Ad Gentes*, n. 8.

a celebração dos grandes mistérios que se celebram na Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Sábado Santo ⁴.

A penitência tem principalmente um carácter interior, e consiste na atitude profunda de aborrecimento do pecado como ofensa a Deus, voltando a Deus de Quem nos afastámos ao pecar. É como o regresso do filho pródigo à casa do pai (cfr. Lc. 15, 11-24). Mas a verdadeira conversão interior da mente e do coração manifesta-se necessariamente em práticas externas, já que todo o nosso ser, corpo e alma, deve participar activamente, como o fez com o pecado. Se o pecado é afastamento de Deus pela preferência das criaturas, a conversão será o afastamento das criaturas para colocar de novo Deus no lugar que Lhe corresponde na nossa vida.

As obras externas de penitência podem ser muito variadas. Com todas elas manifestamos a liberdade interior e o domínio do homem sobre si mesmo e sobre o uso das coisas materiais; a soberania de Deus sobre o homem e sobre o mundo; e a participação na acção redentora de Cristo. No entanto, a Igreja recomenda, de modo particular, a oração, o jejum e a esmola. Em dias determinados impõe como obrigação grave o jejum e a abstinência. É também muito importante aproveitar as ocasiões que nos oferece a fidelidade perseverante aos deveres do próprio estado, a aceitação das dificuldades procedentes do próprio trabalho, e a convivência humana de cada dia.

Acima de tudo isto, a melhor forma de realizar a conversão interior e de viver a Quaresma como a Igreja quer é fazer uma boa Confissão. Muitos fiéis cumprem neste tempo o preceito grave da Igreja de se confessar ao menos uma vez cada ano, que os dispõe para a comunhão pascal, também preceituada gravemente.

3. O quarto mandamento da Igreja

manda jejuar e abster-se de comer carne

Conta o Evangelho que Jesus, *depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites*, sentiu fome (Mt. 4, 2). O Senhor preparou-Se deste modo antes de começar a Sua missão Salvadora como Messias, em que daria cumprimento à Lei e aos Profetas, por meio da promulgação da Nova Lei.

Imitando o exemplo de Nosso Salvador, a Igreja deseja que os cristãos se preparem para receber de Deus graças abundantes quando revivem a Morte e Ressurreição de Cristo e concretizou

⁴ Os quarenta dias que dura a Quaresma — começa na Quarta-feira de Cinzas e termina no Sábado Santo — já estão prefigurados nos quarenta dias que estiveram Moisés e Elias no deserto, e nos quarenta anos que o povo de Israel ali passou também.

a penitência que devemos observar num mandamento que ordena «guardar abstinência e jejuar, nos dias determinados pela Igreja». Isto supõe privar-se de algumas coisas oferecendo-as a Deus como prova de um são desprendimento dos bens da terra, pois *nem só de pão vive o homem mas de toda a palavra que sai da boca de Deus* (Mt. 4, 4). Com sábia pedagogia, a Igreja pretende que, pela oração e consideração das realidades sobrenaturais, encontremos o sentido e alcance dessa outra oração dos sentidos que é o jejum.

O Evangelho recorda as severas palavras de Jesus: *Fazei penitência e acreditai no Evangelho* (Mc. 1, 14). Ao ler essa recomendação imperiosa, cada um de nós sentirá a necessidade de se perguntar: «Sim, mas como faço penitência?». Eis porque a Igreja, cumprindo a sua missão de Mãe e Mestra, fixou um mínimo para todos, uma penitência efectiva e, ao mesmo tempo, fácil de cumprir. E estabeleceu dias de abstinência nos quais se não pode comer carne, e dias de jejum, em que se deve tomar apenas uma só refeição principal, embora se possa tomar alimento duas vezes mais ao dia, algo leve pela manhã e outro tanto à noite⁵.

O preceito geral manda abster-se de comer carne todas as sextas-feiras do ano que não coincidam com festas de preceito, em recordação da Morte de Jesus Cristo que ocorreu em Sexta-feira. Se essas sextas-feiras são as do tempo da Quaresma, é preciso guardar estritamente a abstinência de carne; mas, se se trata das outras sextas-feiras do ano, pode substituir-se a abstinência, segundo a vontade livre de cada um, por outras formas de penitência também recomendadas pela Igreja⁶. (Ver nota pág. 208).

Dias de *jejum e abstinência* são a Quarta-feira de Cinzas e a Sexta-feira Santa.

A lei da abstinência obriga os fiéis, a partir dos 14 anos; o preceito do jejum, desde os vinte e um e acaba aos sessenta.

Conclusão

Este tempo de penitência, a que chamamos Quaresma, pretende levar os fiéis à conversão e a uma maior dedicação às coisas de Deus. Hoje, como sempre, continua a ser necessário o

⁵ Estão dispensados os doentes e convalescentes e outras pessoas que, em caso de dúvida, devem consultar o pároco ou confessor, que pode, por motivo justo, mudar essa penitência por outra equivalente.

⁶ É preciso ter em conta que se trata de matéria grave: «A disciplina eclesiástica sobre a penitência obriga gravemente (...). Sem dúvida que o desprezo ou a não obediência habitual dos preceitos da Igreja constitui pecado grave».

desapego das coisas da terra porque, embora sejam nobres em si mesmas, porque foram criadas por Deus, podem ser obstáculo que nos impeça a relação devida com Ele, em grau mais elevado quando ganha força uma concepção materialista e hedonista da vida. A Igreja recorda-nos que a vida na terra se acaba e que a felicidade está na posse bem-aventurada de Deus no Céu, a que aspiramos e nos dirigimos como peregrinos, e que temos de alcançar pela fé e pelas boas obras.

O espírito da Quaresma é uma excelente pedagogia que nos ajuda a consegui-lo, porque, como diz a Liturgia,

«pela penitência e pela caridade,
reprimis os vícios e elevais o espírito
infundis a fortaleza e dais a recompensa,
por Cristo Nosso Senhor»⁷.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Mostrar que o Senhor nos procura constantemente para nos dar a Sua graça, apesar dos nossos pecados.
- Conseguir uma maior sensibilidade para reparar as nossas faltas.
- Alcançar um conhecimento claro de como se cumpre o quarto mandamento da Igreja.

De Liturgia e vida cristã

- Aprender a viver o espírito da Quaresma, observando o que a Igreja impõe aos maiores de 14 anos, embora ainda não os obrigue o preceito da abstinência.
- Oferecer a Jesus com alegria e sem queixas as coisas que nos custam: dor, cansaço, frio, incómodos, etc.
- Viver o arrependimento, confessando-se com frequência e preparando bem a Confissão.
- Acabar o dia com uma súplica de perdão a Deus rezando a Confissão (Confesso a Deus todo-poderoso...) ou o Acto de contrição (Meu Deus, porque sois infinitamente bom...).

⁷ Prefácio IV da Quaresma.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Comentar a passagem evangélica das tentações de Cristo no deserto: Mateus 4, 1-11 (Mc. 1, 12-13; Lc. 4, 1-13). Destacando:

- Como Jesus também foi tentado. A tentação não é pecado.
- Como Jesus vence as tentações e nos ensina a vencê-las com a oração e a mortificação.
- Como nós também somos tentados.

No diálogo podem aparecer pormenores da passagem evangélica; sobretudo esclarecer o que é tentação e o que é pecado. Que os alunos digam o que se pode fazer para vencer as tentações.

b) Pode-se narrar a história seguinte:

Alberto e João são muito amigos, estudam na mesma escola e vão sempre juntos jogar, estudar, fazer excursões, etc.

Alberto é um «choramingas». Quando alguma coisa lhe custa, faz sempre má cara e desculpa-se com tudo, porque está cansado, porque chove e não pode ir jogar futebol ou de excursão, porque está frio no inverno... Também se lamenta e protesta quando tem de passar algum dia retido na cama ou tem uma pequena ferida. João, ao contrário, está sempre contente, embora às vezes se lhe note na cara que algo lhe custa, mas aguenta-se inclusivé até às lágrimas.

Um dia, Alberto pergunta a João o motivo da sua alegria e este responde-lhe: «É que me ensinaram que se deve estar sempre alegre para tornar os outros felizes. E quando alguma coisa me custa, procuro oferecê-la a Jesus».

Desde então, Alberto procura estar mais contente e seguir o conselho que lhe deu o seu amigo João. Algumas vezes, para aprender a ser sacrificado, procura pequenas coisas que lhe custem para as oferecer a Jesus: acabar melhor os trabalhos, fazer boa cara ao obedecer, ser «o voluntário», fazer favores, etc.

O diálogo pode fazer-se como se segue: Que diferença havia no início entre Alberto e João?: Um queixava-se por tudo e por nada e o outro não. Porquê?: João sabia oferecer a Jesus as coisas que lhe custavam, enquanto que o Alberto não.

Podemos nós seguir o conselho de João?: Sim, embora às vezes nos custe. Quando temos de fazer isso?: Sempre, mas especialmente durante esta Quaresma.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Com a imposição das cinzas, a Igreja recorda-nos quem somos* [perguntar-lhes se sabem o que significa a imposição das cinzas].

A Quaresma começa em Quarta-feira de Cinzas. Nesse dia, o sacerdote põe um pouco de cinza na cabeça dos fiéis dizendo: «Lembra-te de que és pó e em pó te hás-de converter». Assim é, todos havemos de morrer e, uma vez mortos e sepultados, o nosso corpo converter-se-á em pó e cinza. O sacerdote recorda-nos nesse dia que o corpo não vale nada; que o que de verdade tem valor é a nossa alma imortal, que está chamada para o Céu e para aí viver feliz com Deus para sempre.

- b) *O caminho que conduz ao Céu exige sacrifício* [usar o texto de Mateus 7, 13-14].

Ir para o Céu não é fácil. O caminho que a ele conduz é estreito, está cheio de obstáculos e o percorrê-lo exige sacrifícios. Jesus dizia-o aos Seus discípulos: *Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição ... Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida ...!* (Mt. 7, 13-14).

- c) *Se queremos seguir esse caminho devemos imitar Jesus e amar o sacrifício* [perguntar-lhes que coisas lhes custam].

Jesus ensinou-nos que por esse caminho estreito e apertado é que se deve levar a cruz: *Se alguém quiser vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Mt. 16, 24). Jesus levou a Cruz às costas para nos dar o exemplo e nos ensinar a amar o sacrifício. Temos de amar as coisas que nos custam, oferecendo-as a Jesus, e também procurar outras para Lhas oferecer.

- d) *A Quaresma é um tempo de especial penitência* [perguntar-lhes se conhecem o sentido da Quaresma].

As vezes esquecemo-nos de que temos de fazer penitência. Por isso, a Igreja instituiu a Quaresma para nos dar a entender a obrigação que temos de fazer penitência todo o tempo da nossa vida e nos preparar assim para a grande festa que põe fim à Quaresma: a Páscoa da Ressurreição de Jesus Cristo.

- e) *O quarto mandamento da Santa Igreja manda-nos fazer penitência nas refeições* [explicar muito bem, segundo as circunstâncias e a idade dos assistentes, as obrigações que impõe este mandamento].

Para nos ajudar a dar conta de que um cristão deve fazer penitência, a Igreja deu-nos o quarto mandamento, que nos manda jejuar e abstermo-nos de comer carne nos dias determinados pela Santa Igreja.

- *São dias de abstinência de carne* todas as Sextas-feiras da Quaresma que não coincidam com festas de preceito
- *São dias de abstinência e de jejum* a Quarta-feira de Cinzas e a Sexta-feira Santa.
- *São também dias de penitência* todas as outras Sextas-feiras do ano que não sejam festas de preceito. Mas a abstinência de carne, imposta pela lei geral, pode substituir-se, segundo a vontade livre de cada um dos fiéis, por qualquer das várias formas de penitência recomendadas pela Igreja, como são: exercícios de piedade e oração, mortificações corporais e obras de caridade*.
- A lei da abstinência obriga todas as pessoas que completaram os catorze anos.
- A lei do jejum obriga desde os vinte e um anos feitos até aos sessenta começados.

* Em Portugal, a Conferência Episcopal estabeleceu o seguinte, na Instrução Pastoral de 27-VI-1966:

«Determinamos que os fiéis sujeitos à nossa jurisdição e abrangidos pelo preceito de abstinência possam substituir a observância deste preceito em todas as sextas-feiras, exceptuados os dias de penitência da Quaresma (isto é, a Quarta-feira de Cinzas e sextas-feiras), por algum dos seguintes actos:

- a) Participação na Santa Missa;
- b) Leitura da Sagrada Escritura durante cerca de 30 minutos;
- c) Exercício da Via-Sacra;
- d) Recitação do Rosário, com a meditação dos quinze mistérios, de preferência em família.— Estes actos deverão ser realizados nos *próprios dias* em que, doutro modo, seria obrigatória a observância do preceito da abstinência.

Ou *ainda*:

- e) Contributo (obra de caridade preconizada pela Constituição Apostólica) segundo as normas que oportunamente serão publicadas, o qual terá o mesmo destino que até agora tinha o auxílio proveniente dos Indultos pontifícios.»

3. Perguntas-resumo

Que é a Quaresma? Qual é o quarto mandamento da Santa Madre Igreja? Como podemos viver melhor a Quaresma?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. O tempo da Quaresma é a melhor ocasião que a Igreja nos oferece para lutar contra os nossos defeitos e nos convertermos a Deus. Por isso a Igreja pede na Quarta-feira de Cinzas, quando começa a Quaresma:

«Concedei-nos, Senhor, a graça de começar com santo jejum este tempo da Quaresma, para que, no combate contra o espírito do mal, sejamos fortalecidos com o auxílio da temperança.»

Temos de procurar que este tempo seja para nós uma luta contra o pior dos nossos inimigos: o pecado.

2. A melhor maneira de viver o espírito de penitência no tempo da Quaresma é receber bem e frequentemente o Sacramento da Penitência ou Confissão.

Pode fazer-se uma preparação para receber este Sacramento, insistindo no exame de consciência.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas do Catecismo correspondentes ao tema.
- Fazer um breve resumo das ideias mais importantes desenvolvidas na sessão.
- Em grupo, fazer uma lista de pequenos actos de sacrifício que se possam fazer por ocasião da Quaresma.
- Realizar um cartaz simples sobre os dias de jejum e abstinência deste ano, para que falem dele em sua casa.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 110-114.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema F — A Páscoa
é o triunfo de Jesus Cristo.*

GC-F

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. Celebramos o mistério da Ressurreição de Jesus

A celebração da Páscoa é de júbilo especial para os cristãos porque voltam a reviver a Ressurreição de Jesus Cristo. Pelo Seu próprio poder, a alma santíssima de Jesus voltou a unir-se com o corpo, de que se tinha separado pela morte, e começou uma vida nova, gloriosa e imortal. A liturgia da Igreja comemora este mistério com grande solenidade.

O Evangelho relata assim o sucedido: *Passado o Sábado, ao alvorecer do primeiro dia da semana, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro. (...) O anjo tomou a palavra e disse às mulheres: «Nada receeis, sei que buscais a Jesus crucificado. Não está aqui, pois ressuscitou como havia dito (Mt. 28, 1-6).*

Este milagre da ressurreição de Jesus Cristo teve lugar às primeiras horas do Domingo, e é um acontecimento que os Evangelhos afirmam como facto verdadeiramente histórico, que foi comprovado por numerosas testemunhas¹.

¹ Cfr. Tema 11, Aspectos Doutrinais.

Em repetidas ocasiões, o Senhor tinha predito a Sua Paixão e morte assim como a Ressurreição ao terceiro dia (cfr. Mt. 20, 17-19; Mc. 10, 32-34; Lc. 18, 31-34; etc.), para salvar os homens do pecado. A profecia ficava cumprida neste dia, e era prova inequívoca da Sua Divindade: Jesus Cristo é Deus.

Na Ressurreição de Jesus Cristo há duas coisas a considerar. Em primeiro lugar, que Jesus ressuscitou pelo Seu próprio poder, como Ele mesmo o tinha dito: *Ninguém ma tira (a vida); sou Eu que a dou por Mim mesmo. Tenho poder para a dar e para tornar a tomá-la* (Jo. 10, 17-18). «Se alguma vez lemos na Sagrada Escritura que Cristo Nosso Senhor foi ressuscitado pelo Pai (cfr. Act. 2, 24; Rom. 8, 11), deve-se entender isto enquanto homem; assim como, por outro lado, se referem a Ele mesmo enquanto Deus, aqueles textos em que se diz que ressuscitou pela Sua própria virtude»². Além disso, Jesus Cristo ressuscitou com uma vida gloriosa; não voltou ao anterior estado de vida terrestre, mas o corpo participava desde então da glória que desde o princípio encheu a Sua alma (cfr. Jo. 17, 5).

A esse facto histórico plenamente atestado, corresponde a fé dos discípulos de então e dos fiéis de todos os tempos. A Ressurreição é a verdade que confirma a nossa fé católica. Como diz S. Paulo, *se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé* (1 Cor. 15, 17; cfr. 15, 14). Por isso afirma Santo Agostinho: «Não é grande coisa acreditar que Cristo morresse; porque isso também o crêem os pagãos e judeus e todos os iníquos; todos crêem que morreu. A fé dos cristãos é a Ressurreição de Cristo; isto é o que temos por coisa de valor: o crer que ressuscitou»³.

2. Na Páscoa celebramos também a nossa Redenção

Chama-se Páscoa a esta festa em memória da que o povo hebreu celebrava recordando a milagrosa libertação da sua escravidão no Egipto, como figura da liberdade que Cristo nos obtêm ao redimir-nos do pecado, do demónio e da morte. Eles celebravam essa festa sacrificando e comendo um cordeiro sem mancha; nós fazemo-lo imolando incruentemente na Missa e comendo o Corpo de Cristo, que é o verdadeiro Cordeiro que tira os pecados do mundo (cfr. Jo. 1, 29), ao carregar com os nossos pecados no sacrifício da Cruz. Aquele que não tinha nenhum pecado carregou com os nossos pecados sobre o Seu Corpo (cfr. 2 Cor. 5, 21; 1 Ped. 2, 22).

² S. PIO V, *Catecismo Romano*, I, 68.

³ SANTO AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 120.

Foi necessária a Ressurreição para completar a obra redentora, já que, como explica S. Tomás, nela se exalta a justiça divina enaltecendo O que Se humilhou até à morte de Cruz pelo amor de Deus e por obediência; confirma-se a nossa fé na divindade de Cristo; eleva-se a nossa esperança, ao ver ressuscitar a nossa Cabeça, como penhor da nossa ressurreição futura; instrui-se a vida dos fiéis, que se deve conformar com a de Cristo ressuscitado da morte do pecado; e completa-se a nossa salvação porquanto, falando com propriedade, a Paixão de Cristo abriu a nossa Salvação removendo os males, mas a Ressurreição fê-lo iniciando os bens e como modelo: *Foi entregue por causa das nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação* (Rom. 4, 25) ⁴.

O fruto do mistério da nossa Redenção aplica-se a todo o homem por meio dos sacramentos. A morte e ressurreição de Cristo exprime-se de modo particular no sacramento do Baptismo, sobretudo quando se administra por imersão, conforme explica S. Paulo: *Pelo Baptismo sepultámo-nos juntamente com Ele, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova* (Rom. 6, 4).

É muito importante que o cristão queira ressuscitar na Páscoa para uma vida nova com Jesus Cristo e isso implica abandonar o pecado lutando por desterrá-lo de nós. Como diz o Papa Paulo VI, o mistério pascal «não se reduz ao drama pessoal de Cristo, mas comunica-se; a redenção realizada por Cristo dirige-se e estende-se maravilhosamente à humanidade que a aceita e faz sua. Por que caminhos? Por dois caminhos principais: o caminho da graça, que supõe a fé, e o caminho do estilo de vida cristã» ⁵.

Trata-se de uma fé com obras que confirmam a decisão de entrega. São os sinais da nossa ressurreição com Cristo que a Igreja espera: procurar em tudo as coisas de Deus e gostar delas no interior da alma. É a consequência de reconhecer a Jesus Cristo ressuscitado como nosso Senhor e Salvador. S. Gregório Magno comenta as palavras de Jesus *Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam* (Jo. 20, 29), dizendo que «se fala de nós, mas com a condição de que as nossas acções sejam conformes com a nossa fé (...). Por isso a propósito daqueles que da fé não possuem mais do que palavras, diz S. Paulo: *afirmam conhecer a Deus, mas negam-n'Ó com as obras*» ⁶.

⁴ S. TOMÁS, *Summa Theológica*, 3, q. 53, a. 1, c e ad 3.

⁵ PAULO VI, *Ensinamentos ao povo de Deus*, n. 7, Roma, 1975, p. 42.

⁶ S. GREGÓRIO MAGNO, *In Évangelia homiliae*, 26, 9, PL 76, 1202.

3. A Páscoa é o triunfo de Cristo depois da dor que contemplamos na Semana Santa

A nossa Redenção compreende a Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus Cristo aos Céus. Vem expresso no Credo e nos Símbolos da fé. «Padeceu sob Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus que leva sobre si os pecados do mundo, morreu por nós pregado na cruz salvando-nos com o Seu sangue redentor. Foi sepultado e, pelo seu próprio poder, ressuscitou ao terceiro dia, elevando-nos com a Sua ressurreição à participação da vida divina, que é a graça. Subiu ao céu, donde virá de novo, para julgar os vivos e os mortos, cada um segundo os próprios méritos»⁷.

Durante a Semana Santa, consideramos os grandes mistérios da dor de Cristo, assistindo como espectadores activos que participam intensamente nas cerimónias da Sagrada Liturgia: «A instituição da Semana Santa tem por objecto recordar culturalmente a Paixão de Cristo desde a Sua entrada messiânica em Jerusalém»⁸. Mas, a partir da tarde de Quinta-feira Santa começa o Sagrado Tríduo Pascal, isto é, a comemoração do mistério da nossa redenção e da glorificação perfeita de Deus que se realiza com a Paixão e Ressurreição do Senhor⁹

A *Quinta-feira Santa* está centrada na instituição da Eucaristia e do Sacerdócio. Com o lava-pés recorda-se o preceito do amor cristão. No Monumento guarda-se uma píxide com partículas consagradas, para render especial adoração ao Santíssimo Sacramento e para comungar na Sexta-feira Santa, dia em que o sacerdote não consagra. Na Quinta e Sexta-feira Santas os fiéis vão visitar os Monumentos, adorando o Senhor com verdadeira piedade e não como passatempo. Depois da Missa vespertina de Quinta-feira Santa, desnudam-se os altares em recordação de Jesus despojado das Suas vestes.

A *Sexta-feira Santa* está centrada na celebração da Paixão de Jesus Cristo, cujo símbolo é a Cruz, que se adora por ser o instrumento santificado pelo Seu Sangue. Jesus morre. É o sacrifício verdadeiramente agradável que Deus Pai aceita, abrindo-nos o caminho da salvação. O ofício das leituras, a adoração da Cruz, e a comunhão deste dia fazem-nos reviver a morte do Justo que Se entregou por amor.

O *Sábado Santo* é dia de expectação, cheio desse silêncio precursor dos grandes acontecimentos. Jesus jaz no sepulcro ver-

⁷ PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 12.

⁸ *Normas para o Ano Litúrgico e Calendário*, n. 31.

⁹ Cfr. *ibidem*, n. 8.

dadeiramente morto, e a Sua alma desceu ao limbo dos justos para lhes comunicar a Boa Nova da Redenção.

Pela noite, tem lugar a celebração da soleníssima Vigília Pascal, que está carregada de simbolismo. Entre a noite e a aurora, a Igreja espera velando a Ressurreição de Cristo. O círio pascal simboliza Cristo, e renovam-se as promessas do Baptismo para crescer na fé, esperança e caridade.

4. Cristo vive e é o fundamento da verdade

Quarenta dias após a Ressurreição, Jesus subiu aos Céus e sentou-Se à direita do Pai. Este mistério ensina-nos que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem e não uma figura histórica que passou. Vive nos Céus. Além disso permanece conosco na Igreja e na Santíssima Eucaristia. O círio pascal recorda-nos esta grande alegria: que Cristo é a luz que ilumina no meio das trevas. Ele é a chave da história dos homens porque trouxe a vida de Deus à terra e tem a solução de todos os problemas humanos.

Por isso, «no terreno espiritual não há nenhuma nova época a que chegar. Já tudo se deu em Cristo, que morreu e ressuscitou, e vive, e permanece para sempre. Mas é preciso unirmo-nos a Ele pela fé, deixando que a Sua vida se manifeste em nós, de maneira que se possa dizer que cada cristão é, não já *alter Christus* mas *ipse Christus*, o próprio Cristo!»¹⁰.

Para celebrar como convém esta Páscoa temos de adorar Jesus Cristo, que vive e nos procura a cada um, para que O deixemos entrar no nosso coração.

Alcançá-lo-emos se meditarmos habitualmente a Sua vida no Evangelho, que nos entusiasmará ao vê-l'O Deus e Homem verdadeiro.

Devemos, portanto, ressuscitar espiritualmente com Ele, começando uma vida nova, segundo o espírito, renunciando ao pecado e amando tudo o que nos leva a Deus. «Cristo ressuscita em nós, se nos tornarmos participantes da Sua Cruz e da Sua Morte. Temos de amar a Cruz, a entrega, a mortificação. O optimismo cristão não é um optimismo cómodo, nem uma confiança humana em que tudo correrá bem; é um optimismo que se enraíza na consciência da liberdade e na fé na graça; é um optimismo que obriga a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder ao chamamento de Deus»¹¹.

¹⁰ J. ESCRIVA, *Cristo que passa*, n. 104.

¹¹ *Ibidem*, n. 114.

Somente então compreenderemos a alegria da Páscoa, refletida no *Aleluia*, e a alegria cristã ajudar-nos-á a cortar os apegos do coração que está atado ao pecado.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que conheçam muito bem o sentido da Semana Santa e da alegria da Páscoa, assim como os mistérios que se comemoram em cada um desses dias.
- Mostrar como a vida cristã consiste em imitar a Cristo: pela Cruz à Ressurreição.
- Acostumá-los a fazer actos de fé explícita de que Cristo ressuscitou e vive entre nós, especialmente na Santíssima Eucaristia.

De Liturgia e vida cristã

- Mostrar-lhes como uma confissão contrita e uma boa comunhão são a melhor maneira de celebrar a Páscoa.
- Conseguir que vivam muito bem esses dias, assistindo à Santa Missa e ao Tríduo Pascal. Explicar-lhes em pormenor as cerimónias da Semana Santa.
- Fazer visitas ou um momento de meditação perante o Santíssimo reservado nos Monumentos da Quinta-feira Santa.
- Recordar o jejum e a abstinência de Sexta-feira Santa.
- Estimular a assistência à Vigília Pascal.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Narrar, da forma mais viva possível, os acontecimentos que comemoramos durante a Semana Santa, especialmente a Ressurreição de Jesus Cristo. Pode ler-se o texto de S. João, cap. 18 ss:

- Domingo de Ramos: entrada triunfal em Jerusalém.
- Quinta-feira Santa: Última Ceia. Lava-pés. Mandamento do amor. Instituição da Santíssima Eucaristia. Oração no Horto das Oliveiras. Traição de Judas. Prisão de Jesus. Julgamentos perante Anás e Caifás. Negações de Simão Pedro.

- Sexta-feira Santa: Julgamento perante Pilatos e Herodes. Flagelação e coroação de espinhos. Barrabás. Condenação à morte. Jesus com a Cruz às costas. Crucifixação e morte. O lado aberto. Descida da Cruz. Sepultura.
- Sábado Santo: Jesus no sepulcro.
- Domingo de Páscoa: Ressurreiçáo. Apariçáo aos Seus discípu- los e a Maria Madalena. Falta de fé de S. Tomé e posterior acto de fé.

Abriu um diálogo com estas ou semelhantes perguntas:

- Porque chamamos Semana Santa à última semana da Qua- resma?: Porque nela se celebra a memória dos mistérios de Cristo mais importantes operados para nossa salvação.
- Quais são esses mistérios? (Ver número anterior).
- Porque se guarda na Quinta-feira Santa uma pílax com par- tículas consagradas no Monumento?: Para se adorar o Sacra- mento da Eucaristia no dia em que se instituiu e para comun- gar na Sexta-feira Santa.
- Qual é a maior festa que os cristãos celebram?: A Páscoa.
- Como devemos viver esses dias?: Com especial espírito de recolhimento, adoração, petição, reparação e acção de graças, pelo que Jesus Cristo fez por nós.

b) Poderia começar-se este tema lendo a forma breve do Precónio pascal, para estabelecer, de seguida, um diálogo-didáctico com os alunos. Se o desenvolvimento deste tema tem lugar no próprio dia de Páscoa, as cerimónias a que os alunos assistiram na noite anterior, são motivação suficiente para começar. Não obstante, o catequista deverá recordar, em grandes pinceladas e com perguntas concretas, os mistérios celebrados.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *A Páscoa é a festa mais importante do ano* [perguntar- lhes se sabem porquê].

A festa da Páscoa comemora o triunfo de Jesus Cristo ressus- citado. A Igreja celebra-a com tanta solenidade porque é o cume da nossa Redenção e o que confirma a nossa fé. Efectivamente, Jesus Cristo, com a Sua morte, livrou-nos do pecado e reconci- liou-nos com Deus, e pela Sua Ressurreiçáo nos abriu o entrada na vida eterna. A Ressurreiçáo é, além disso, o fundamento da religião cristã, porque é argumento principal da sua divindade e da verdade da nossa fé.

- b) *A Igreja quer que meditemos durante a Semana Santa nos principais mistérios da nossa fé* [perguntar-lhes quais são esses mistérios].

A liturgia da Semana Santa deve-nos ajudar a meditar nos momentos centrais da vida de Jesus Cristo: a Sua Paixão, Morte e Ressurreição. Esses são os momentos centrais da Sua vida, já que, com eles, nos redimiu dos nossos pecados e da morte eterna, alcançando-nos o Céu. Para se poder meditar nesses mistérios, a melhor maneira é assistir, com amor e devoção, ao Tríduo Pascal que se celebra em Quinta, Sexta e Sábado Santo.

- c) *Explicar pormenorizadamente o sentido do Tríduo Pascal* [ir perguntando se sabem o sentido que tem].

Lançar mão, para esta alínea, do que se disse no número 3 dos aspectos doutrinários.

- d) *Jesus Cristo vive e é o fundamento da vida cristã* [explicar o sentido que tem o círio pascal].

O círio pascal recorda-nos que Cristo é a luz do mundo. Que morreu, mas ressuscitou e vive, e permanece connosco na Igreja e na Santíssima Eucaristia. Cristo é a chave da história, porque trouxe a vida de Deus à terra e tem a solução de todos os problemas humanos. Para celebrar a Páscoa, devemos adorar a Jesus Cristo e ressuscitar espiritualmente com Ele. Do mesmo modo que Jesus, por meio da Ressurreição, começou uma vida nova, imortal e celestial, nós devemos renunciar totalmente e para sempre ao pecado e a tudo o que nos leve a ele, amando só a Deus e a tudo o que nos leva a Deus.

- e) *Em cada Domingo celebramos a Ressurreição de Jesus* [descobrir-lhes o sentido do Domingo, como dia do Senhor].

Jesus Cristo morreu na cruz na Sexta-feira Santa e ressuscitou no Domingo de Ressurreição. Chamamos domingo ao dia do Senhor porque nesse dia ressuscitou Jesus. Mas é tão grande o milagre da Ressurreição que não só o celebramos nesse dia, mas em todos os domingos do ano. Os cristãos vão à Missa todos os domingos para celebrar a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo.

3. Perguntas-resumo

Porque quis Jesus Cristo sofrer tanto na Paixão e na Cruz? Por quem padeceu e morreu Jesus? Como ressuscitou Jesus? Quando celebramos a Ressurreição de Jesus?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Pode fazer-se a renovação das promessas do Baptismo da seguinte maneira:

— *Catequista:* Renunciais a Satanás, isto é, ao pecado, ao mal, ao erro, à violência e ao egoísmo?

— *Todos:* Sim, renunciamos.

— *Catequista:* Renunciais às suas obras, que são: as invejas e os ódios; a preguiça e a indiferença; a cobardia e a tristeza; as faltas de fé, de esperança e de caridade?

— *Todos:* Sim, renunciamos.

— *Catequista:* Renunciais a todas as suas tentações, como podem ser: o crer que sois os melhores; o estar muito seguros de vós mesmos, e não saber ceder; o pensar que já sois bons de todo; o preferir outras coisas antes que a Deus?

— *Todos:* Sim, renunciamos.

De seguida podem rezar o Credo todos juntos.

Finalmente cantar: «Este é o dia que o Senhor fez...».

2. A Vigília Pascal começa com estas palavras:

«Caríssimos irmãos: Nesta noite santíssima, em que Nosso Senhor Jesus Cristo passou da morte à vida, a Igreja convida os seus filhos ... a reunirem-se em vigília e oração.»

Quando assistirmos aos diversos ofícios no Templo, estar muito atentos, pondo-nos nos primeiros bancos, e pensar nas palavras que diz o sacerdote.

3. Levar uma vela para a Vigília Pascal que tem lugar na Paróquia, para acender no círio pascal.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

— Responder às perguntas correspondentes do catecismo.

— Que façam no seu caderno de actividades um resumo breve das ideias desenvolvidas na sessão, utilizando fotografias ou desenhos para ilustrar o tema.

— Escrever no caderno uma carta à Virgem Nossa Senhora, para A acompanhar na Sua solidão.

- Compor uma breve ladainha como a que se reza na Vigília Pascal.
- Fazer um breve comentário, por escrito, às seguintes palavras:

«Morte e vida combateram,
mas o Príncipe da vida
reina vivo após a morte.»

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 63-70.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema Especial G — S. José
Nosso Pai e Senhor.*

G C - G

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. S. José é o Esposo de Maria, Mãe de Jesus

Diz o Santo Evangelho que Jesus foi assim concebido: *Estando Maria Sua Mãe, desposada com José, antes de coabitarem, achou-se que tinha concebido por virtude do Espírito Santo* (Mt. 1, 18). São, pois, duas as razões da íntima devoção com que os cristãos veneram o Patriarca S. José: foi a pessoa escolhida por Deus para esposo de Sua Mãe e fez para com Jesus Cristo as vezes de Pai.

Também nos diz o Evangelho que S. José era homem justo (cfr. Mt. 1, 19). Com isto dá-nos a entender que, do mesmo modo que Santa Maria foi enriquecida desde a Sua Imaculada Conceição com toda a espécie de dons, assim também S. José recebeu de Deus graças abundantíssimas para cumprir a sua missão.

Por isso, depois de Cristo e da Virgem Maria, S. José deve ocupar um lugar proeminente no coração dos cristãos.

Sabemos que na concepção virginal de Jesus não houve intervenção alguma de homem. Mas Deus dispôs que alguém fizesse as vezes de pai, dentro de um verdadeiro matrimônio, para que o fruto virginal não fosse considerado pelos infiéis como ilegítimo, evitando a infâmia da Mãe; para cuidar do Menino e de Maria;

para que o testemunho de José confirmasse o facto virginal declarado pela Virgem Mãe; para honra tanto da virgindade como do matrimónio; e para que a genealogia de Cristo se consignasse, conforme o costume, pela via do varão¹. Já Natan tinha profetizado, séculos atrás, que o Messias pertenceria à família de David (cfr. 2 Sam. 7, 12). Entre os Hebreus, as genealogias tinham importância capital e faziam-se por via masculina². Assim, pela paternidade legal de S. José, Jesus Cristo é o Messias descendente de David.

Quando teve lugar a Encarnação do Filho de Deus, Maria e José tinham celebrado os esponsais, momento em que se formalizava o matrimónio; embora ainda não vivessem juntos, o que não é obstáculo para que a Virgem Maria tivesse decidido consagrar a Sua virgindade a Deus. Deste modo, a Sabedoria divina preparou para o Verbo Encarnado aquela que ia ser a Sua família, unindo em verdadeiro matrimónio a José e Maria, dando a esta a dupla coroa da virgindade e maternidade, para que nascesse miraculosamente o Filho de Deus. Segundo narra S. Mateus, *estando Maria, Sua Mãe, desposada com José, antes de coabitarem, achou-se que tinha concebido por virtude do Espírito Santo* (Mt. 1, 18). S. José será Pai de Jesus *non carne, sed caritate*³, não segundo a carne mas pelo amor, conforme palavras de Santo Agostinho.

Não há razões para pensar que S. José fosse um velho, se a Virgem Maria era mulher jovem. Com frequência se quis interpretar assim para pôr em relevo o amor castíssimo entre eles, que preserva a virgindade de Maria. No entanto permanece o perigo de desvalorizar a virtude da castidade, como se não fosse possível vivê-la em plenitude por um homem jovem, quanto mais tratando-se de S. José, o maior dos Santos, depois da Virgem Maria⁴.

2. S. José é modelo de cumprimento fiel da vontade de Deus

O Evangelho conta-nos que «um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: 'José filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo'» (Mt. 1, 20). S. José considerava a Sua mulher Santa,

¹ Cfr. S. TOMAS, *Summa Theologica*, 3, q. 29, a. 1, c; a. 2 c.

² Cfr. SAGRADA BÍBLIA, I, *Evangelho de S. Mateus*, notas a Mt. 1, 18-19, Eunsa, Pamplona, 1976.

³ Cfr. SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 52, 20; PL 38, 351.

⁴ Cfr. J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 40.

embora observasse os indícios da maternidade; encontrava-se, portanto, perante um facto inexplicável por razões humanas. Por seu lado Nossa Senhora calava para não desvendar o profundo mistério da Sua maternidade, confiando na Providência de Deus. Foi uma prova tremenda a que ambos foram submetidos, e à qual corresponderam com uma fé e confiança inigualáveis. Por isso, S. José é um modelo excepcional para os cristãos no cumprimento da vontade de Deus, isto é, em entregar-se com submissão, ao que Deus quer de cada um em particular.

Esta entrega total de S. José à vontade de Deus, ao saber que o Filho de Maria foi concebido por obra do Espírito Santo, ou quando com diligente obediência deixa tudo e se dirige ao Egipto, ou quando de lá volta e se fixa em Nazaré, etc., fica resumida naquela expressão do Evangelho que o chama *homem justo* (cfr. Mt. 1, 19). «Na língua hebreia, justo quer dizer piedoso, servidor irrepreensível de Deus, cumpridor da vontade divina»⁶.

Por tudo isso, os Santos consideraram S. José como mestre da vida interior Seguindo o seu exemplo, viveremos fielmente a fé, o amor, a humildade, a obediência, o trabalho bem feito, etc. E encontrar-nos-emos com Santa Maria e com Jesus no meio das nossas ocupações vulgares.

3. S. José é o Patrono da Igreja Universal

«As causas e razões especiais pelas quais se tem em particular a S. José por Patrono da Igreja, e esta, por sua vez, espera muito da sua tutela e patrocínio, são o ter sido Esposo de Maria e pai putativo de Jesus Cristo»⁶.

Em razão desta proximidade com Santa Maria, por ser Seu Esposo, participou da Sua excelsa dignidade e «do mesmo modo só ele sobressai entre todos com uma dignidade suma tendo-o Deus assim disposto por ter sido guarda do Filho de Deus»⁷.

S. José foi quem governou e exerceu o poder paternal sobre aquele lar tão singular. Na Sagrada Família de Nazaré «estavam encerrados os princípios da Igreja nascente... dali surge a razão pela qual o ditoso Patriarca considera encomendada a si de um modo particular a multidão dos cristãos de que a Igreja é formada, isto é, essa família incontável e por todo o mundo espalhada, sobre a qual, por ser Esposo de Maria e Pai de Jesus Cristo, tem uma autoridade até certo ponto de Pai»⁸.

⁵ *Ibidem.*

⁶ LEÃO XIII, Enc. *Quamquam pluries*, 15-VIII-1889.

⁷ *Ibidem.*

⁸ *Ibidem.*

Por isso S. José é o Patrono da Igreja Universal. Deus confiou-lhe a guarda de toda a Igreja e nós encontramos-nos sob o seu patrocínio e tutela; assim dizemos na oração colecta da sua festa: «Deus todo-poderoso que na aurora dos novos tempos, confiastes a S. José a guarda dos mistérios da Salvação, concedei à Vossa Igreja, por sua intercessão, a graça de os conservar e realizar plenamente»⁹.

E assim, por esta missão recebida e realizada fielmente por S. José o Papa Pio IX proclamou-o Padroeiro Universal da Igreja¹⁰.

4. S. José é modelo para a santificação do trabalho ordinário

S. José sabe viver a sua vocação lá aonde fora chamado. É verdadeiramente Esposo de Maria e pai legal de Jesus Cristo o que constitui a mais alta dignidade depois da Mãe de Deus; e, no entanto, vive como um humilde operário que trabalha muitas horas por dia para manter a sua família, fazendo-o com perfeição humana e com amor de Deus. É o amor que o estimula a terminar os pormenores do seu trabalho.

Esse é o caminho mais frequente para desenvolver a vocação de todo o cristão: «santificar o trabalho, santificar-se no próprio trabalho, e santificar os outros através do trabalho»¹¹. Por isso, há-de imitar as virtudes de S. José e fazer as próprias tarefas com rectidão de intenção. Então não procurará a auto-afirmação pessoal mas a glória de Deus e o serviço ao próximo. Neste sentido, o Concílio Vaticano II exorta a que os cristãos, «com a sua competência nas matérias profanas, e a sua actuação interiormente elevada pela graça de Cristo, contribuam eficazmente para que os bens criados sejam valorizados pelo trabalho humano, pela técnica e pela cultura para utilidade de todos os homens, sejam melhor distribuídos entre eles e contribuam a seu modo para o progresso de todos na liberdade humana e cristã, em harmonia com o destino que lhes deu o Criador e segundo a iluminação do Verbo»¹².

5. Devoção à Sagrada Família

Jesus, Maria e José são o modelo acabado da perfeição que o homem pode alcançar na terra, não só no aspecto pessoal mas também na ordem familiar.

⁹ Missa da *Solenidade de S. José*, Oração Colecta.

¹⁰ PIO IX, Dec. *Quemadmodum Deus*, 8-XII-1870.

¹¹ Cfr. J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 47.

¹² VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 36.

Daí que, ao privar com S. José, devemos também privar com Maria e com Jesus, procurando imitar as Suas virtudes domésticas. Os Romanos Pontífices fomentaram a devoção a S. José e à Sagrada Família pondo sob a sua protecção as famílias cristãs, nestes tempos em que se põem em causa as suas leis fundamentais: o carinho, a obediência, a união familiar, a delicadeza, o trabalho, a estabilidade ...

O Papa Paulo VI convidava, por ocasião da festa de S. José, as famílias cristãs a contemplar as virtudes da família de Nazaré: «Cabe a vós, redescobrir a vossa vocação e a vossa sorte; cabe a vós preservar o carácter incomparavelmente humano e espontaneamente religioso da família cristã; cabe a vós regenerar nos vossos filhos e na sociedade o sentido do espírito que eleva ao seu nível a carne. Que S. José vos ensine o modo como o haveis de fazer. É com este objectivo que Nós hoje o invocamos juntamente convosco»¹³.

II. GUIA PEDAGÓGICO

A) OBJECTIVOS

- Conseguir que as crianças conheçam a vida e as virtudes de S. José, para aumentar a sua devoção para com ele.
- Convencê-los de que, como S. José, devemos nós obedecer em tudo à vontade de Deus, que é o melhor para nós.
- Fazer-lhes ver como devemos amar a Deus através do nosso trabalho ordinário

De Liturgia e vida cristã

- Fazer o propósito de oferecer o trabalho a Deus: ao levantar-se pela manhã, ao iniciar algum trabalho (aulas, estudo, etc.), e também quando algo custa um pouco mais.
- Motivar o convívio com Jesus e Maria, à imitação de S. José.
- Estimular o cumprimento das nossas obrigações.
- Aprender de cor alguma oração a S. José.
- Explicar-lhes alguma devoção a S. José: os sete domingos de S. José; orações para pedir uma boa morte; dedicar-lhe um dia por semana — por exemplo, a quarta-feira —, ou um mês — Março —, como faz a Igreja, etc.¹⁴.

¹³ PAULO VI, *Homilia na festa de S. José*, 19-III-1975, dirigida aos Grupos Familiares.

¹⁴ Ver em Edições CAS o folheto intitulado «S. José».

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Narrar algumas passagens da vida de S. José.

- A sua vocação e paternidade (Mt. 1, 19-20), destacando:
 - Como Deus quis que S. José fosse o Pai legal de Jesus.
 - S. José respondeu a essa chamada-vocação de Deus.
 - Cuidou de Jesus e de Maria, de modo admirável.
- A fuga para o Egito (Mateus 2, 13-15), destacando:
 - A prontidão com que obedece à voz de Deus.
 - Move-se com fé, sem pôr dificuldades.
 - Dureza da viagem para o Egito.
- A volta do Egito (Mt. 2, 19-23), destacando que S. José obedece de uma maneira inteligente, e leva a Sagrada Família a Nazaré, onde estarão mais seguros.
- Vida de trabalho de S. José (Mt. 13, 55), fazendo ver:
 - Como S. José se santificou no trabalho ordinário.
 - Ensinou a Jesus o ofício de carpinteiro.
- Morte de S. José. Embora os Evangelhos nada nos digam, a tradição cristã supõe que morreu antes de Jesus Cristo iniciar a Sua vida pública. Podemos pensar como foi a sua morte, do mesmo modo que a sua vida, acompanhado de Jesus e de Maria.

b) Estabelecer um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas:

- Porque é que a Igreja celebra com solenidade especial a festa de S. José?: Porque foi o Esposo da Virgem Maria e pai legal de Jesus e, fidelíssimo a tudo o que Deus lhe pediu. Além disso, é Patrono universal da Igreja.
- Quando é que a Igreja celebra festas para honrar S. José?: Em 19 de Março e 1 de Maio.
- Que virtudes destacarias na vida de S. José?: Ver número anterior e nos aspectos doutrinários.
- Porque se diz que S. José é mestre de vida interior?: Porque conviveu de modo especialíssimo com a Virgem Maria e com Jesus.

c) Partindo da função que desempenha o pai de família, ir descobrindo facetas da vida de S. José, na casa, no trabalho, nas suas relações sociais, etc. Perguntar às crianças em que coisas podemos imitar a S. José: cumprir em tudo a vontade de Deus, trabalho, convivência com Jesus e Maria, honradez, etc.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *A vida de S. José foi na aparência vulgar e corrente* [remeter aos pontos assinalados antes].

Deus escolheu S. José como Esposo da Virgem Maria e como pai legal de Jesus, para que cumprisse com Ela e com Seu Filho a missão de esposo e de pai na terra. Com o seu trabalho de operário na pequena aldeia de Nazaré procurou o alimento e cuidou da Virgem e de Jesus. Nele se destacam as maiores virtudes: a fé, a obediência fidelíssima a Deus, a castidade perfeita, a alegria, o amor, a delicadeza, o trabalho, etc.

- b) *S. José ensina-nos a amar em tudo a vontade de Deus* [fixar-se especialmente na fuga e volta do Egipto].

S. José correspondeu plenamente à sua vocação e cumpriu de modo perfeito o que Deus lhe encarregou: viveu sempre e em tudo a vontade de Deus. Soube descobrir o que Deus lhe ia pedindo ao longo da sua vida, e vivê-lo de uma maneira simples e generosa, fazendo esforços, já que o que Deus lhe pedia era, por vezes, muito custoso. Fruto dessa fé e entrega, S. José viveu de modo maravilhoso, servindo em todo o momento a Jesus e a Maria, e morrendo — como nos diz a tradição — nos seus braços. Daí que se considere S. José como o maior Santo depois da Virgem Maria, e tenha sido eleito Patrono Universal da Igreja.

Nós, cristãos, devemos cumprir em tudo a vontade de Deus, que quer o melhor para nós. Deste modo viveremos uma vida feliz nesta terra e na outra, embora nos tenhamos de esforçar um pouco.

- c) *S. José santificou-se através do trabalho ordinário* [perguntar-lhes se conhecem qual era o ofício de S. José].

Quando Jesus Cristo começou a pregar, a gente dizia: *Não é este o filho do carpinteiro?* (Mt. 13, 55). Devemos pensar que a vida de S. José foi de trabalho contínuo, e que foi aí precisamente onde amou a Deus e se fez Santo, ajudando também os outros. Fazia os seus trabalhos com perfeição humana, por amor a Deus e em serviço aos outros.

- d) *Também nós nos devemos santificar com o nosso trabalho* [perguntar-lhes se sabem o que significa santificar-se com o próprio trabalho].

Imitando especialmente o exemplo de Jesus Cristo, que passou 30 anos da sua vida na terra trabalhando, e também o da

Virgem e S. José, nós os cristãos santificamo-nos através do trabalho. Santificar-se com o trabalho quer dizer buscar, encontrar e amar a Deus nas coisas que fazemos, servindo assim os outros. Por isso, pode-se resumir a vida de um vulgar cristão dizendo que há-de santificar o trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros através do seu trabalho profissional. Para se conseguir isso é necessário fazer muito bem o próprio trabalho, acabado até ao último pormenor, e fazê-lo por amor a Deus.

3. Perguntas-resumo

Como respondeu S. José à chamada de Deus? Como se santificou S. José? Qual era o seu ofício? Porque foi que a Igreja o elegeu como Patrono universal?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Na festa de S. José Operário (1 de Maio), a Igreja pede com esta oração:

«Deus, Criador do Universo, que impusestes a lei do trabalho a todos os homens, concedei-nos que a exemplo de S. José e com a sua protecção, realizemos a obra que nos mandais e recebamos o prémio que nos prometeis.»

Conseguir que os alunos se habituem, mediante a oração anterior ou outra semelhante, a oferecer a Deus os seus trabalhos e encargos, familiares ou escolares.

2. Viver a devoção dos Sete Domingos de S. José. É um antigo costume para preparar a festa de S. José (19 de Março) dedicando-lhe os sete domingos anteriores à sua festividade. Através desta devoção, vamos recordando as principais alegrias e dores da vida de S. José.

Pode fazer-se do seguinte modo:

— *Oração para todos os domingos:*

Catequista: Ó glorioso S. José, Pai e protector das virgens, guarda fiel a quem Deus confiou Jesus, a própria inocência, e Maria, Virgem das virgens. Em nome de Jesus e de Maria — este duplo tesouro que vos foi tão caro —, vos suplico que me conserveis livre de toda a impureza, para que com alma pura e com corpo casto, sirva sempre, fielmente, a Jesus e a Maria.

Todos: *Amen.*

Primeira dor e alegria (Leitura de S. Mateus 1, 18-25):

Por esta dor e alegria, rogamo-vos que nos consoleis nas angústias da última hora e nos concedais uma santa morte, depois de ter vivido uma vida semelhante à vossa junto de Jesus e Maria.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Segunda dor e alegria (Leitura de S. Lucas 2, 1-7):

Por esta dor e alegria, suplicamo-vos nos alcanceis a graça de que, depois de termos seguido o nosso caminho na terra, possamos ouvir os louvores angélicos e gozar da visão da glória celestial.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Terceira dor e alegria (Leitura de S. Lucas 2, 21):

Por esta dor e alegria, rogamo-vos que nos alcanceis a graça de viver lutando contra a escravidão dos vícios, para ter a dita de morrer com o nome de Jesus nos lábios e no coração.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Quarta dor e alegria (Leitura de S. Lucas 2, 22-35):

Por esta dor e alegria, rogamo-vos que, pelos méritos de Jesus e de Maria, sejamos contados entre aqueles que hão-de ressuscitar gloriosamente.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Quinta dor e alegria (Leitura de S. Mateus 2, 13-18):

Por esta dor e alegria rogamo-vos que nos alcanceis a graça de, fugindo das ocasiões do pecado, vencermos o inimigo infernal e fazermos sair do nosso coração todos os ídolos de paixões terrenas, para que, ocupados em servir a Jesus e Maria, vivamos unicamente para eles e tenhamos uma morte feliz.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Sexta dor e alegria (Leitura de S. Mateus 2, 19-23):

Por esta dor e alegria, alcançai-nos a graça de sermos livres de temores e, gozando da paz de consciência, vivermos confiantes com Jesus e Maria e morrermos em Sua companhia.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Sétima dor e alegria (Leitura de S. Lucas 2, 40-52):

Por esta dor e alegria, suplicamo-vos que nos alcanceis a graça de não perdermos nunca Jesus pelo pecado mortal; e se por desgraça O viermos a perder fazei com que O procuremos com viva dor até que O encontremos e possamos viver na Sua amizade para gozar d'Ele, convosco, no Céu e cantar ali eternamente a Sua divina misericórdia.

— Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Catequista: S. José, rogai por nós.

Todos: Para que sejamos dignos de alcançar as promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Oração final: Ó Deus, que com inefável providência Vos dignastes escolher o bem-aventurado S. José para esposo da Vossa Santíssima Mãe, concedei-nos que, assim como o veneramos como protector na terra, mereçamos tê-lo como intercessor nos céus. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Todos: *Amen.*

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Que façam no caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.
- Compor três jaculatórias a S. José.
- Desenhar S. José que vai diante do burrinho que leva a Virgem Maria e o Menino Jesus.
- Explicar, em diálogo com o catequista, quais eram as características do trabalho de S. José, por exemplo, a que se dedicava, como fazia as coisas, a quem ajudaria, etc.
- Procurar, em revistas ou jornais, a fotografia de um edifício bem feito e acabado. Colá-la no caderno.
- Embora os Evangelhos nada digam sobre a morte de S. José, pedir aos alunos que digam como a imaginam, corrigindo os possíveis defeitos.

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Não há perguntas específicas deste tema. Pode-se aproveitar para revisões ou para desenvolver alguma actividade que tenha ficado incompleta anteriormente.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema H — No Pentecostes,
Deus Pai e Deus Filho enviam
à Sua Igreja o Espírito Santo.*

GC - H

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade que procede do Pai e do Filho

Na Última Ceia, Jesus prometeu aos Apóstolos que lhes enviaria o Espírito Santo. *Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre ... o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito* (Jo. 14, 16-26). O Espírito Santo aparece neste texto de S. João como enviado pelo Pai e, mais adiante, aparece como enviado também pelo Filho: *Digo-vos a verdade: Convém-vos que Eu vá; porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas se Eu for, enviar-vó-lo-ei* (Jo. 16, 7). Aparece pois, com clareza, que o Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho, e isso só se entende se procede do Pai e do Filho.

Depois da Ressurreição do Senhor, os Apóstolos passaram ainda quarenta dias desfrutando da Sua companhia e dos Seus ensinamentos; mas o momento da despedida estava muito próximo.

No dia da Ascensão, os Apóstolos contemplam a subida de Jesus aos Céus e voltam a Jerusalém onde, na companhia da San-

tíssima Virgem, esperam o cumprimento da promessa do Senhor. Passados dez dias, e quando estavam reunidos no Cenáculo, *subitamente ressoa, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram, então, aparecer umas línguas à maneira de fogo, que se iam dividindo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem* (Act. 2, 2-4).

O Espírito Santo é verdadeiro Deus, não uma simples virtude impessoal ou dom de Deus. Jesus Cristo apresenta-O como Paráclito ou Consolador, um ser pessoal, como vimos em S. João. Também os Actos dos Apóstolos O apresentam como pessoa que impele a Igreja nascente, referindo d'Ele manifestações pessoais: dá testemunho, instrui, habita na alma, etc. Que o Espírito Santo é Deus, revela-se com clareza na passagem de Ananias, a quem S. Pedro diz: *Por que é que Satanás invadiu o teu coração a ponto de te levar a mentir ao Espírito Santo e subtraíres uma parte do preço do terreno ...*

Não foi aos homens que tu mentiste, mas a Deus (Act. 5, 3-4).

De modo que o Espírito Santo que desceu sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, é Pessoa divina, verdadeiro Deus, como o Pai e o Filho. Por isso, deve ser adorado e glorificado, como o Pai e o Filho. A Terceira Pessoa da Santíssima Trindade é, por isso, Eterna. Esta é a fé da Igreja e «afasta-se da fé a opinião segundo a qual a Revelação nos deixaria na incerteza sobre a eternidade da Trindade, e particularmente sobre a eterna existência do Espírito Santo como pessoa distinta de Deus, do Pai e do Filho»¹.

2. O Espírito Santo

transformou a vida dos Apóstolos no Pentecostes

A fé encontra sinais da presença do Espírito Santo entre os homens e da sua acção no mundo, pois Ele foi enviado pelo Pai e o Filho para operar em nós a Santificação. *A Ele se atribui a Santificação*, pois que, embora as obras que Deus leva a efeito fora de Si mesmo (ad extra) sejam comuns, atribuem-se ao Espírito Santo as que provêm do amor infinito de Deus para connosco. Essas operações e efeitos do Espírito Santo manifestam-se nos Apóstolos, na Igreja e na alma do cristão.

¹ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração para a salvaguarda da Fé acerca de alguns erros recentes sobre os mistérios da Encarnação e da Santíssima Trindade*, 10-III-1976, n. 5.

O Espírito Santo, ao vir visivelmente sobre os Apóstolos, deu-lhes uma força nova e sobre-humana que transformou a sua vida, deixando de ser aqueles homens débeis, de Sexta-feira Santa. Além disso, começaram a dar testemunho de Jesus, falando com autoridade e eficácia inteiramente divinas. Receberam os sete dons, que lhes infundiram forças para espalhar o Reino de Deus por todo o lado (cfr. Act. 2, 14; 3, 13; 4, 13; 5, 32), compreender com plenitude os ensinamentos do Mestre e vencer os respeitos humanos, até morrerem como mártires da fé.

3. O Espírito Santo é para a Igreja como que a sua alma

O Espírito Santo actua internamente na Igreja, que sob a sua direcção e assistência cumpre com eficácia divina a missão para que foi fundada por Jesus Cristo. A Igreja, em expansão a partir do Cenáculo, é como o pequeno grão de mostarda que cresce até se converter numa árvore frondosa que cobre a terra inteira com os seus ramos. O Espírito Santo assiste hoje a Igreja para que, segundo a promessa de Jesus Cristo, os poderes do inferno não prevaleçam contra ela (Mt. 16, 18), e não possa cair no erro. Também garante a infalibilidade do Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra* e define para todos os cristãos uma verdade de fé ou costumes como Supremo Pastor da Igreja (Lc. 10, 16; 22, 32; Mt. 16, 18), e a infalibilidade do Magistério universal dos Bispos que guardam e expõem fielmente a fé recebida. «Para realizar esta missão, Cristo Nosso Senhor prometeu o Espírito Santo aos Apóstolos e enviou-O do céu no dia de Pentecostes, para, com o Seu poder, serem testemunhas perante nações, povos e reis, até aos confins da terra»².

Também assiste a Igreja santificando-a ao conceder-lhe continuamente as Suas graças através dos Sacramentos, como recorda o Prefácio do Pentecostes:

«Aquele mesmo Espírito que desde o início, foi a alma da Igreja nascente (...). E o mesmo Espírito que continua a vivificar a vossa Igreja e inspira a todos os homens de boa vontade que procuram o Vosso reino»³.

A acção do Espírito Santo sobre a Igreja faz com que não possamos confundi-la com uma sociedade simplesmente humana, com fins humanos. Mas devemos pedir insistentemente por aqueles

² VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 24.

³ *Prefácio da Missa de Pentecostes*.

que Deus colocou à sua frente para a governar: pelo Romano Pontífice, pelos Bispos em comunhão com ele, pelos Sacerdotes que colaboram com estes, para que sejam santificados, iluminados e fortalecidos com os Seus dons, e possam cumprir a grande missão que Deus lhes confiou. Assim o sentiram e viveram os filhos fiéis que amaram apaixonadamente a Igreja: «Esta nossa fé no Espírito Santo deve ser plena e completa. Não é uma crença vaga na sua presença no mundo: é uma aceitação agradecida dos sinais e realidades a que quis vincular a sua força de um modo especial. (...) É por isso que não pode haver fé no Espírito Santo se não houver fé em Cristo, na doutrina de Cristo, nos Sacramentos de Cristo, na Igreja de Cristo. Não é coerente com a fé cristã, não crê verdadeiramente no Espírito Santo, quem não ama a Igreja, quem não tem confiança nela, quem se compraz apenas em mostrar as deficiências e limitações dos que a representam, quem a julga por fora e é incapaz de se sentir seu filho»⁴. Porque o que é importante na Igreja, não é o que fazem os homens — que têm muitos defeitos e erram muitas vezes — mas o que Deus faz, o que o Espírito Santo faz nela e por ela.

4. O Espírito Santo habita na alma em graça

O Espírito Santo é quem nos santifica e está na alma em graça que é templo seu (cfr. 1 Cor. 3, 16). «Habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo e dentro deles ora e dá testemunho da adopção de filhos»⁵. A cada um concede-lhe as graças necessárias para a Salvação, se corresponder a elas, além dos sete dons e todos aqueles frutos que S. Paulo enumera (cfr. Gál. 5, 18-32), para que as obras do cristão sejam sobrenaturais e não fruto da carne.

O Espírito Santo é *princípio incriado de vida sobrenatural*, e quando toma posse da alma já no Baptismo, torna possível que produza esses frutos sobrenaturais que conduzem à santidade e à vida eterna. S. Basílio comenta: «Da mesma maneira que os corpos transparentes e lúcidos, ao receberem os raios de luz, se tornam resplandecentes e irradiam brilho, assim as almas que são conduzidas e iluminadas pelo Espírito Santo tornam-se também elas espirituais. E levam aos outros a luz da graça. Do Espírito Santo provêm (...) a alegria que nunca acaba, a perseverança em Deus, a semelhança com Deus e, o mais sublime que se possa pensar, o fazer-se Deus»⁶.

⁴ J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 130.

⁵ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 4.

⁶ S. BASÍLIO, *De Spiritu Sancto*, 9, 23; PG 32, 110.

Como somos templos vivos do Espírito Santo pela graça, importa sobretudo que, no meio dos erros humanos, procuremos mantê-la e acrescentá-la, sendo, como é, o melhor tesouro da nossa vida. O Papa Paulo VI diz que deveríamos estimar o estado de graça, como nos ensinam os Santos, «mais até que a própria vida natural»⁷.

Os acontecimentos que celebramos na festa do Pentecostes não são recordação do passado, da história da Igreja, em que Deus Se manifestou etxtraordinariamente; mas uma realidade presente pois o Espírito Santo continua a actuar na Sua Igreja e nas almas. Assiste-nos também hoje, e voltam a produzir-se milagres na vida da Igreja e no interior das almas que vivem na fé, esperança e amor. O poder de Deus não se debilitou. Mas é precisa a nossa *docilidade* para seguir as inspirações do Paráclito na nossa alma. A Igreja pede para nós na festa do Pentecostes:

«Estendei até aos confins da terra os dons do Espírito Santo, e renovai hoje na comunidade dos fiéis os prodígios que o Vosso amor operou nos primórdios da pregação do Evangelho»⁸.

II. GUIA PEDAGÓGICO

Do Espírito Santo tratam este e os temas 12 e 36. Convém ter isso em conta na hora de o programar e desenvolver.

A) OBJECTIVOS

- Aumentar o conhecimento e devoção ao Espírito Santo, aproveitando a festa do Pentecostes.
- Ensiná-los a invocar o Espírito Santo, que está na nossa alma em graça, para viverem como bons cristãos.
- Habitua-los a tratar os outros com respeito, delicadeza e amor, porque são templos do Espírito Santo.

De Liturgia e vida cristã

- A propósito da festa do Pentecostes, aconselhá-los que repitam com frequência a jaculatória, «Vem, Espírito Santo»!
- Fazer que peçam ao Espírito Santo que ilumine a Igreja: o Romano Pontífice, os Bispos, Sacerdotes e Religiosos, os pais e professores.

⁷ PAULO VI, *Homilia na Solenidade do Pentecostes*, 18-V-1975.

⁸ *Oração Colecta* na Missa do dia de Pentecostes.

— Viver com fé e devoção esta festa litúrgica dedicada ao Espírito Santo.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Fixar-se no Apóstolo S. Pedro.

Foi eleito por Jesus Cristo como cabeça da Igreja: *Tu és Pedro* — disse-lhe Ele — *e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja*. Promete ser fiel a Deus e jamais o abandonar. Apesar disso, na noite de Quinta-Feira Santa, primeiramente fica-se a dormir no Horto das Oliveiras e depois nega-O e atraiçoa-O três vezes consecutivas. Recebe a força para pregar, de maneira corajosa e decidida, que Jesus tinha ressuscitado e que era o único Salvador dos homens. Depois de pregar e sofrer muito, acabou por ser martirizado às ordens do imperador Nero.

No diálogo com as crianças convém destacar a acção do Espírito Santo em S. Pedro: era cobarde e tornou-o corajoso, impulsionando-o a pregar o Evangelho e a dar a sua vida em defesa da fé. Que as crianças apresentem casos ou momentos em que actuam como S. Pedro antes do Pentecostes e outros casos em que são corajosos como S. Pedro depois do Pentecostes.

b) Se se explicou há pouco o tema 36, o Sacramento da Confirmação, pode-se recordar brevemente o que aí se tratou da vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Se não se deu esse tema, pode-se desenvolver aqui esse acontecimento. Além do que se disse no tema 36, convém agora destacar os seguintes pontos:

- Que os Apóstolos esperam junto da Virgem Maria, rezando.
- Como se ouviu um vento impetuoso, e línguas de fogo poissaram sobre cada um deles, ficando cheios do Espírito Santo. Ocorreu 10 dias depois da Ascensão e 50 depois da Ressurreição.
- Como os Apóstolos começaram a pregar com Pedro à frente, e todos entendiam na sua própria língua o que eles diziam. Naquele dia converteram-se e foram baptizadas umas 3.000 pessoas, que se incorporaram na Igreja.

No diálogo podem sair estas e outras perguntas: Quando recebemos nós o Espírito Santo? Vê-se com os olhos da carne? Em que O notamos? Fazemos sempre caso do que nos inspira?

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Jesus promete enviar o Espírito Santo* [usar o texto de João 14, 16-26 e 16, 7].

Na Última Ceia, Jesus prometeu aos Seus Apóstolos enviar-lhes o Espírito Santo: *Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome. Esse ensinar-Vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito ...*

Convém-vos que Eu vá; porque se Eu não for, o Consolador não virá a Vós; mas se Eu for enviar-vo-l'Ó-ei.

O Espírito Santo é Deus verdadeiro, que procede do Pai e do Filho, e é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

- b) *Jesus cumpriu a Sua promessa no dia de Pentecostes* [recordar os factos narrados].

Dez dias depois da Sua Ascensão e cinquenta após a Ressurreição, Jesus Cristo cumpriu a Sua promessa e o Espírito Santo desceu sobre a Virgem Maria e os Apóstolos em forma de línguas de fogo e ficaram cheios do Espírito Santo que os transformou.

- c) *Recebemos o Espírito Santo, ao receber os Sacramentos, especialmente no da Confirmação* [perguntar-lhes os dons do Espírito Santo].

Do mesmo modo que os Apóstolos, também nós precisamos de aumentar a vida da graça que recebemos no Baptismo. Por meio dos Sacramentos recebemos também o Espírito Santo que, como os Apóstolos, nos transforma. Por isso é muito conveniente confessar-se e comungar com frequência, pois que o Espírito Santo:

- *Santifica-nos*. Pelo Baptismo perdoa-nos o pecado original e os pecados pessoais se os houver e torna-nos filhos adoptivos de Deus. Pela Confirmação dá-nos força para professar publicamente a fé e faz-nos soldados de Cristo para sempre. Pela Penitência recuperamos ou aumentamos a graça. Pela Comunhão une-nos mais a Cristo e aos cristãos, recebendo o mesmo Cristo que nos alimenta com o Seu Corpo e o Seu Sangue.
- *Ilumina-nos*, para que conheçamos a vontade de Deus.
- *Fortalece-nos*, com a Sua graça para cumprir a vontade de Deus. Quando alguma coisa nos for difícil de cumprir, devemos recorrer ao Espírito Santo para que nos fortaleça.

- d) *Somos templos do Espírito Santo* [ver o texto de S. Paulo 1 Cor. 3, 16].

Quando uma alma está em graça, é templo do Espírito Santo. Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo habitam nela.

A vida em graça é a coisa mais importante que temos. Se há alguma coisa importante acima de tudo nesta terra, é viver em graça, como filhos de Deus. E só uma coisa há a temer: separar-se de Deus pelo pecado, morrer sem a Sua graça e perder-se eternamente.

Temos que nos habituar a conviver na nossa alma em graça com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, recorrendo especialmente ao Espírito Santo para que nos santifique, ilumine e fortaleça.

Como toda a pessoa que está em graça é templo do Espírito Santo temos de tratar a todos com muito respeito e amor.

- e) *Pedir ao Espírito Santo pela Igreja, Romano Pontífice*, etc. [fazer ver a obrigação que temos de rezar pelo Romano Pontífice, Bispos, Superiores, etc.].

O Espírito Santo dirige e assiste a Igreja e as pessoas que a governam: Romano Pontífice, Bispos, Superiores, etc. Temos de pedir com frequência ao Espírito Santo que proteja sempre a Sua Igreja, para que o Papa, os Bispos e demais autoridades, nos conduzam pelo caminho do amor de Deus.

- f) *Aproveitar a festa de Pentecostes para aumentar a nossa devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade* [levá-los a concretizar alguma coisa].

Aproveitando a festa de Pentecostes que a Igreja celebra, devemos unir-nos às suas intenções, para aumentar a nossa devoção ao Espírito Santo. Podemos invocá-l'O rezando alguma jaculatória, ou recordar-nos especialmente d'Ele ao rezar alguma das orações com que O invocamos: Glória ao Pai, ao benzer-se, em algumas orações da Santa Missa, etc.

3. Perguntas-resumo

Que prometeu Jesus Cristo ao subir aos Céus? Quando enviou Jesus Cristo o Espírito Santo? Para que enviou Jesus Cristo o Espírito Santo? Quem é o Espírito Santo?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A festa de Pentecostes é uma ocasião para intimar mais com o Espírito Santo. Pode-se recordar a Sequência da Missa transcrita na alínea C b) do tema 12.

2. No Prefácio desta festa, a Igreja faz como que um resumo da actividade do Espírito Santo:

«Vós manifestaste hoje a plenitude do mistério pascal, e sobre os filhos de adopção, unidos em comunhão admirável ao Vosso Filho Unigénito derramastes o Vosso Espírito Santo, que, no princípio da Igreja nascente, revelou aos povos o mistério escondido e uniu a diversidade das línguas na profissão de uma só fé.»

Nesta festa convém agradecer ao Espírito Santo a Sua ajuda contínua que nos convida e nos impele a cumprir o que Deus quer de nós.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Que façam nos seus cadernos um bom resumo das ideias da sessão.
- Escrever com letras maiúsculas e artísticas uma jaculatória, por exemplo: «Enviai, Senhor, o Vosso Espírito».
- Fazer uma redacção sobre «O Dia de Pentecostes».
- Recitar em dois coros alternados a Sequência da Missa do Espírito Santo (tema 12).
- Aprender um cântico ao Espírito Santo, por exemplo «Espírito do Senhor», de M. Luís («Cantemos Todos», n.º 266) ou de D. Julien (idem, n.º 376) ou de M. Silva (idem, n.º 354) e «Espírito Criador», de F. Santos (idem, n.º 564).

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 76-80.

CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC-I

Tema I — A Mãe de Deus é nossa Mãe.

I. ASPECTOS DOUTRINAIS

1. A Virgem Maria é a Mãe de Jesus Cristo, e, por isso, a criatura mais formosa

O acontecimento mais importante da história é que o Filho de Deus encarnou nas puríssimas entranhas da Virgem Maria, fazendo-Se homem para habitar entre nós (cfr. Jo. 1, 14) e nos salvar do pecado (cfr. Mt. 1, 21). Nas representações da Anunciação vemos S. Gabriel a comunicar a Nossa Senhora os planos de Deus, enquanto Lhe pede com inefável delicadeza o Seu consentimento para ser a Mãe de Deus. A Virgem disse que sim: *Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em Mim segundo a tua palavra* (Lc. 1, 38), e desde aquele momento tornou-Se a Mãe de Deus.

Como diz Paulo VI no *Credo do Povo de Deus* «cremos que Maria é a Mãe sempre Virgem do Verbo Encarnado, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, e que, em consideração dos méritos do Seu Filho, foi resgatada da maneira mais sublime, preservada de toda a mancha do pecado original, e repleta do dom da graça mais do que todas as outras criaturas»¹.

¹ PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 14.

Deus na Sua Omnipotência pode fazer que uma mulher seja Virgem e Mãe ao mesmo tempo, sem mancha, cheia de graça, e de fecundidade. E na Sua misericórdia infinita dispôs que o Filho, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Se fizesse homem sem deixar de ser Deus, tomando carne no seio virginal da Sua Mãe. Deste modo, por ser homem podia merecer, e por ser Deus as Suas obras tinham um valor infinito, em ordem a reparar a ofensa que o homem tinha cometido contra o Seu Criador, quando, deixando-se arrastar pela soberba, quis ser como Deus (cfr. Gén. 3, 5-6).

Para preparar uma digna morada para o Seu Filho, Deus formou aquela que ia ser a Sua Mãe enchendo-A de dons e graças. Assim Maria foi concebida sem pecado original, é a Imaculada para receber a Deus e, sendo assim, vai ser a Mãe de Deus. Tinha-se consagrado a Deus na Sua totalidade, tinha sido eleita por Ele e deste modo, «a visão panorâmica da teologia centrada na humilde *escrava do Senhor* não deve desaparecer nunca do nosso ponto de vista espiritual se queremos compreender algo verdadeiro, autêntico, avassalador acerca da criatura privilegiada sobre a qual se descobre e detém a transcendência divina e adquire realidade humana o Verbo de Deus»².

Santa Maria é verdadeira Mãe de Deus, e esta maternidade divina é o privilégio maior com que foi enriquecida — não há dignidade entre as criaturas comparável à de ser Mãe de Deus —, e isso explica os demais privilégios com que foi ornada. Esta é a razão de ser e de aparecer aos nossos olhos como a criatura mais formosa da criação. A Ela se aplicam, em sentido acomodático, aquelas palavras do Apocalipse: *E apareceu no Céu um grande sinal: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés, e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas* (Apoc. 12, 1).

Desde os primeiros séculos da Igreja, os Santos Padres afirmam esta dignidade de Nossa Senhora. Diz S. Gregório de Nisa: «Se alguém não tomar Santa Maria por Mãe de Deus, afasta-se da divindade ... Se alguém falar de dois filhos, um de Deus, outro da Mãe, não só um mesmo e único, afasta-se daquela filiação que foi prometida aos que acreditassem fielmente»³. Por isso, quando Nestório negou esta verdade, a Igreja proclamou-a como dogma de fé: «se alguém não confessar que Deus é na verdade o Emanuel e que, por isso, a Santíssima Virgem é Mãe de Deus (pois deu à luz na carne o Verbo de Deus feito homem) seja aná-

² PAULO VI, *Alocução ao Seminário Maior de Roma*, 8-XI-1964.

³ S. GREGÓRIO DE NISA, *Ad Cledonium*, PG 37, 177 B.

tema»⁴. Quando os Bispos do Concílio de Éfeso se pronunciaram sobre esta verdade da nossa fé, toda a cidade exultou com júbilo, como indica este testemunho da história: «Quando se soube que o autor das blasfêmias tinha sido deposto, todos, numa só voz, começaram a glorificar a Deus e a aclamar o Concílio, porque tinha caído o inimigo da fé. Logo que saímos da Igreja, fomos acompanhados com círios a nossas casas. Era de noite: toda a cidade estava alegre e iluminada»⁵.

Assim se explica o amor e a devoção singular que o povo cristão professou e professa para com Nossa Senhora, através de todos os tempos; reconhecendo n'Elas a obra mestra da Criação — mais do que os Anjos, mais do que Tu, só Deus —, e o grande dom que Deus nos fez. Como Ela mesma disse, *todas as gerações Me chamarão bem-aventurada, porque fez em mim maravilhas o Omnipotente* (Lc. 1, 48-49).

2. Jesus Cristo deu-nos a Santíssima Virgem como nossa Mãe

Se Jesus Cristo é a cabeça desta humanidade redimida e formamos com Ele um Corpo Místico (cfr. Ef. 1, 22), se somos Filhos de Deus pela graça (cfr. Rom. 8, 14) e Jesus Cristo é o primogénito entre muitos irmãos (cfr. Rom. 8, 29), a Mãe de Deus é nossa Mãe e acolhemo-nos a Ela como os filhos se acolhem à Mãe. Por isso podemos invocá-l'A e dizer-Lhe com toda a confiança: «A Vossa protecção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas nas necessidades: mas livrai-nos sempre de todos os perigos, Virgem gloriosa e bendita»⁶.

Mas Jesus quis, além disso, quando estava na Cruz dar-no-l'A por Mãe: *Ao ver Sua Mãe e, junto dela, o discípulo que Ele amava, Jesus disse à Sua Mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a tua Mãe. E desde aquela hora, o discípulo recebeu-A em sua casa* (Jo. 19, 26-27). Foi junto de Jesus crucificado que Santa Maria exerceu principalmente a Sua missão Corredentora, sofrendo com o Filho e associando-Se ao Seu Sacrifício com coração de Mãe. E mereceu por isso ser Mãe de todos os homens e Medianeira universal de todas as graças.

A missão, pois, de Santa Maria, não se reduz a uma simples intercessão, mas antes, com o Seu Filho e pelo Seu Filho, mereceu

⁴ CONCÍLIO DE ÉFESO, Dz 113 (252).

⁵ KIRCH, *Enchiridion fontium historiae*, n. 794.

⁶ Liturgia das Horas, *Antífona* depois das Completas.

ser nossa Mãe e conduzir os seus filhos à pátria celestial. Bem o exprimiu um adágio antigo que diz: *Ad Jesum per Mariam*: «a Jesus por Maria» ou «por Maria a Jesus».

Essa maternidade espiritual sobre os homens, que está enraizada na maternidade divina e que foi proclamada da Cruz, juntamente com a segurança da sua protecção, ficaram reflectidas nos títulos que a liturgia e a piedade dos fiéis Lhe reconhecem: Advogada, Auxiliadora, Socorro, Mercês, Mãe ⁷.

O Concílio Vaticano II ensina a maternidade sobrenatural da Virgem para conosco, quando diz que «concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na Cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa Mãe na ordem da graça» ⁸.

Com outro título dizemos também que Santa Maria é Mãe da Igreja, conforme o proclamou o Papa Paulo VI durante o Concílio Vaticano II em 1964: «Assim, pois, para glória da Virgem Maria e nossa consolação, Nós proclamamos a Maria Santíssima Mãe da Igreja, isto é, Mãe de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores que a chamam Mãe amorosa e queremos que, de agora em diante, seja honrada e invocada por todo o povo cristão com este suavíssimo título ⁹.

3. Temos de viver muito unidos a Santa Maria no mês de Maio, melhorando a nossa devoção

Os Romanos Pontífices, especialmente os últimos, não cessaram de fomentar uma devoção filial e terna à Santíssima Virgem. É verdade que todos os dias são bons para A honrar; mas a Igreja recomenda particularmente esta devoção no Mês de Maio e nas festas que Lhe dedica. A tradição mariana do Mês de Maio começa nos fins do séc. XIII e generalizou-se desde o séc. XVIII. Paulo VI exortou a vivê-la especialmente com a sua encíclica *Mense Maio* ¹⁰. Trata-se de manifestar em cada dia que passa o carinho

⁷ Cfr. VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 62; J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 139.

⁸ VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 61.

⁹ PAULO VI, *Discurso de clausura da terceira etapa Conciliar*, n. 25.

¹⁰ PAULO VI, *Enc. Mense Maio*, 29-IV-1965: «O Mês de Maio é o mês em que dos templos e casas particulares sobe a Maria, desde o coração dos cristãos a mais fervorosa e afectuosa homenagem da sua oração e veneração».

filial à nossa Mãe com a oração, o sacrifício e outras atenções como flores postas diante de alguma imagem Sua, ou fazendo uma Romaria às suas ermidas ou santuários, etc.

Estas devoções não estão ultrapassadas. «Os que consideram ultrapassadas as devoções à Virgem Santíssima dão sinais de terem perdido o profundo sentido cristão que elas encerram e esquecido a fonte de onde nascem: a fé na vontade salvífica de Deus Pai; o Amor a Deus Filho que Se fez homem realmente e nasceu de uma mulher; a confiança em Deus Espírito Santo, que nos santifica com a Sua graça. Foi Deus quem nos deu Maria e não temos o direito de rejeitá-la, mas devemos recorrer a Ela com amor e com alegria de filhos»¹¹.

O conhecimento, cada vez mais íntimo, que produz o trato pessoal com a Santíssima Virgem, despertará sentimentos de amor que vão crescendo, como expressão conatural da relação que nos une com Ela e do agradecimento que lhe devemos pelos benefícios que recebemos dos Seus cuidados maternos. Chamamos *devoção* a essa prontidão da vontade para se entregar ao serviço de Deus; manifesta-se em actos externos de culto. Tributamos a Deus o culto supremo que chamamos *latria* ou adoração; à Virgem Maria, um culto especial que corresponde à Sua dignidade de Mãe de Deus, e se conhece como *hiperdulia*. O culto da Virgem Maria é inferior ao que se deve a Deus, mas superior ao que tributamos aos Santos ou *dulia*. Vulgarmente chamamos *devoções* ao conjunto de actos que exprimem exteriormente a nossa atitude interior de religião e piedade para com Deus, com a Mãe de Deus e com os Santos.

São muitas e variadas as devoções que o povo cristão tem a Nossa Senhora, com o denominador comum de invocação filial àquela que é Advogada nossa, como dizemos ao recitar a Salve-Rainha, e que foram vivamente recomendadas no recente Concílio Vaticano II.

Por isso recorreremos a Ela com *jaculatórias*, que são galanteios fervorosos, para A louvar e Lhe dar graças; para Lhe pedir força e protecção, para que dirija o nosso coração ao perfeito amor de Deus. Outras vezes é a contemplação de quadros e imagens suas, que a piedade cristã soube colocar em lugares oportunos. E ao meio-dia o *Angelus*, que nos faz reviver aquele momento decisivo para a história quando Santa Maria com a Sua fé humilde disse sim a Deus, dando o Seu consentimento para ser Mãe de Deus. «A nossa palavra sobre o *Angelus*, quer ser

¹¹ J. ESCRIVÁ, *o. c.*, n. 142.

somente uma simples, mas viva exortação a manter a sua reza costumada, onde e quando for possível. O *Angelus* não tem necessidade de ser restaurado: a estrutura simples, o carácter bíblico, a origem histórica que o liga com a invocação da incolumidade na paz, o ritmo quase litúrgico que santifica momentos diversos da jornada, a abertura para o mistério pascal... faz com que, à distância de séculos, conserve inalterado o seu valor e intacta a sua frescura»¹².

O Terço do Rosário — Rosário significa ramo de rosas — é a devoção mais comum do povo cristão, a mais recomendada e mais agradável à Santíssima Virgem. «Chamou-se-lhe compêndio de todo o Evangelho»¹³. Sobre o Santo Rosário os Romanos Pontífices «recomendaram, muitas vezes a sua reza frequente, favorecendo a sua difusão, ilustrando a sua natureza, reconhecendo a aptidão para desenvolver uma oração contemplativa, de louvor e de súplica ao mesmo tempo»¹⁴. Tem indulgência plenária, com as condições habituais, se se reza em família ou na igreja. Não importa que a limitação natural nos leve a repetir essas palavras divinas do Pai-Nosso, da Ave-Maria e do Glória com alguma falta involuntária de atenção. O que importa é o nosso amor, a nossa fé e a nossa boa disposição; e, por isso, procuramos manifestá-los esforçando-nos por rezar todos os dias o Terço contemplando melhor esses mistérios. Se nos distraímos, rectificamos e seguimos para diante..., e a nossa Mãe sorri no Céu.

Jesus Cristo veio até nós por Maria. D'Ela O recebemos, e o amor à Mãe redundava em glória para o Filho. Paulo VI ensinou que «o Evangelho, ao certificar-nos de que Maria é a Mãe de Deus (cfr. Lc. 1, 26 ss), dá-nos também a base granítica, que sombra alguma de dúvida poderá roçar, para prestar a Maria a honra devida e se ter para com Ela a efusão de um sentimento afectuoso que, como eco suave, repercute em honra do Filho»¹⁵.

«Finalmente, se acaso fosse necessário, desejavamos sublinhar que a finalidade última do culto à Bem-aventurada Virgem Maria é glorificar a Deus e empenhar os cristãos numa vida absolutamente conforme à Sua vontade»¹⁶.

¹² PAULO VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, n. 41.

¹³ *Ibidem*, n. 42.

¹⁴ *Ibidem*. Cfr. nn. 40-55.

¹⁵ PAULO VI, *Discurso aos participantes nos Congressos mariológicos internacionais*, 16-V-1975, in *Ensinamentos ao Povo de Deus*, Roma, 1975, p. 272.

¹⁶ PAULO VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, n. 39.

II. GUIA PEDAGÓGICO

Nota: Dos guias que compõem este Curso Elementar de Catequese, dedicam-se três temas inteiros à Santíssima Virgem: o n.º 10, o C e este, que foi pensado para preparar o Mês de Maio ou dá-lo durante este mês.

Convém, pois, ter em conta que com este guia, não se esgota o tratamento do tema. Aconselha-se aproveitar esta ocasião para fazer uma revisão geral e se dar conta do que sabem e praticam as crianças em relação à Virgem Maria.

A) OBJECTIVOS

- Dar-se bem conta de que a Virgem Maria é a nossa Mãe e de que devemos recorrer a Ela com confiança em todo o momento, e especialmente nas tentações.
- Fazer compreender que, para amar a Virgem Maria se tem de conviver com Ela, praticando alguma das devoções marianas. Conviver com Ela, sobretudo este Mês de Maio.
- Ajudar a aprofundar o sentido das devoções marianas.

De Liturgia e vida cristã

- Repetir ou aprender as orações que se referem a Nossa Senhora: Ave-Maria, Salve-Rainha, Angelus ou Rainha do Céu, Lembrai-vos, Ó Senhora minha, A vossa protecção nos acolhemos, Terço.
- Explicar as devoções marianas assinaladas no Guia. Conseguir que comecem a viver, ou vivam melhor, alguma delas durante este Mês de Maio.
- Conseguir que os alunos assistam ao Mês de Maio que se organiza na escola ou na Paróquia.
- Motivá-los para que possam oferecer ao Senhor, no Mês de Maio, por meio de Nossa Senhora, dádivas espirituais.
- Fazer uma romaria a uma ermida ou Santuário dedicado à Santíssima Virgem.

B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Começar falando da vida da Santíssima Virgem: Como Deus A escolheu desde toda a eternidade para que fosse a Mãe de Jesus e como disse que *sim* a Deus no momento da Anunciação. Depois, ao longo de toda a Sua vida, a Santíssima Virgem cumpriu perfeitamente o que Deus Lhe encarregou: no Nascimento,

na fuga para o Egipto, durante a vida oculta, em Caná e no Calvário. Depois da Ascensão, encontramos-l'A no Cenáculo cuidando dos Apóstolos.

Centrar-se logo na passagem de Maria junto à Cruz, narrada por S. João (cfr. Jo. 19, 25-27), destacando que:

- Nossa Senhora soube ser fiel neste momento da vida do Senhor, quando quase todos O abandonaram.
- Está de pé, serena, dolorosa, em silêncio, corredimindo.
- Jesus está a morrer e sofre, mas até ao fim pensa nos outros.
- Fixando-se na Sua Mãe, e no Apóstolo S. João, diz: *Mulher eis aí o Teu Filho; Filho, eis aí a tua Mãe.*
- S. João recebe Nossa Senhora e acolhe-A em sua casa.

Pode estabelecer-se um diálogo com os alunos com as seguintes perguntas ou outras semelhantes:

- Que pormenores conheces da vida de Nossa Senhora?: Ver o texto de S. João 19, 25-27.
- Que pormenor de amor tem Jesus, na Cruz, para com a Sua Mãe?: Encarregou S. João que cuidasse d'Ela.
- Que pormenores de amor podemos ter nós para com Nossa Senhora?: Fixar-se nas orações e devoções indicadas.
- Que devoções vivemos para conhecer e intimar mais com a Santíssima Virgem?: Deixá-los responder.
- Sabeis como se reza o Angelus ou o Terço?
- Sabeis o que é uma Romaria a Nossa Senhora?

b) Um breve resumo da vida da Virgem Maria pode fazer-se explicando os Mistérios do Terço, de maneira especial os gozosos e gloriosos. Seria este também um bom ponto de partida para iniciar a sessão.

2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *A Virgem Maria é nossa Mãe* [recordar o texto de S. João 19, 25-27].

A Santíssima Virgem ocupa o primeiro lugar entre todos os Anjos e Santos do Céu. É a Mãe de Jesus, nosso Redentor, e visto que Jesus é nosso irmão, a Virgem Maria é também nossa Mãe. Além disso, quando Jesus Cristo estava a morrer por nós na Cruz, deu-no-l'A como Mãe, já que S. João representava todos os homens. A Virgem Maria foi elevada ao Céu em corpo e alma, e do Céu intercede como boa Mãe, por todos nós.

- b) *Os cristãos veneram Maria de maneira muito especial* [mostrar que para amar uma pessoa é preciso conviver com ela].

O Evangelho diz-nos que S. João cuidou da Virgem Maria depois da Ascensão de Jesus ao Céu. Também nós, como bons filhos, devemos amá-l'A e venerá-l'A de modo muito especial. Assim o fizeram os cristãos ao longo dos séculos e todos os santos tiveram uma devoção especial à Virgem Maria. Daí que tenham surgido tantas devoções para A honrar; nós devemos conhecê-las e praticá-las, se queremos ter um grande amor à nossa Mãe do Céu.

- c) *Devoções marianas* [explicar-lhes pormenorizadamente cada uma delas. Dependendo da idade, fazer que vivam ou se aperfeiçoem nalguma delas: ver objectivos].

1. *Saudar a Virgem Maria ao levantar e ao deitar*

As mães gostam de ser saudadas pela manhã e à noite. Também a Virgem Maria que é nossa Mãe, gosta do mesmo. Podemos fazê-lo rezando com devoção três Ave-Marias, ao deitar e alguma oração ao levantar, por exemplo, *Ó Senhora minha, ó minha mãe ...*

2. *Saudar os quadros e imagens da Santíssima Virgem*

Nas igrejas, ruas, praças, casas, etc., os cristãos colocaram quadros e imagens da Santíssima Virgem para que nos seja fácil lembrar e recorrer com frequência a Ela. Ao ver a Sua imagem, podemos contemplá-l'A e dizer uma jaculatória. Recorrer à Sua intercessão com frequência e especialmente quando tivermos alguma tentação.

3. *O Angelus ou Rainha do Céu*

Muitos cristãos têm o costume de rezar ao meio-dia o *Angelus*, ou, no tempo pascal, o *Rainha do Céu*. Com esta oração recordamos à Virgem Maria os momentos mais importantes da sua vida.

4. *O Terço*

Vão-se repetindo as Ave-Marias enquanto se meditam os diversos mistérios da nossa Redenção. É uma tradição muito enraizada entre os cristãos e vivamente recomendada pela Igreja. Pode-nos ajudar a amar mais Nossa Senhora, e sabemos que isso Lhe agrada muito.

5. *O Mês de Maio*

Neste mês a Igreja deseja honrar de modo especial Nossa Senhora. Adornam-se os altares com flores e pode-se ter todos os dias alguma atenção para com Ela.

6. *O Escapulário de Nossa Senhora do Carmo*

A Virgem prometeu a S. Simão Stock, no século XIII, que os que morrerem com o Seu escapulário não se condenariam. O andar com ele recorda-nos a nossa Mãe e permite-nos recorrer a Ela a todo o momento.

7. *O Sábado, dia dedicado a Nossa Senhora*

A Igreja quis indicar o Sábado para que A honrássemos. Para além de vivermos melhor as devoções marianas, podemos rezar ou cantar a Salve-Rainha.

8. *As Romarias a um Santuário Mariano*

Em todo o tempo mas de modo particular no mês de Maio, os cristãos visitam os Santuários e imagens da Santíssima Virgem, para A honrar e aumentar assim a sua devoção. É costume ir rezando o Terço com espírito de recolhimento e mortificação.

9. *As festas dedicadas a Nossa Senhora*

Ao longo do ano, a Igreja celebra com júbilo as festas da Santíssima Virgem. Nós devemos unir-nos a esse júbilo, celebrando-as com alegria: As principais são:

- 1 de Janeiro: Santa Maria, Mãe de Deus.
 - 2 de Fevereiro: A Purificação de Nossa Senhora.
 - 25 de Março: a Anunciação.
 - 13 de Maio: Nossa Senhora de Fátima.
 - 15 de Agosto: A Assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma.
 - 8 de Setembro: A Natividade da Virgem Santa Maria.
 - 8 de Dezembro: A Imaculada Conceição de Nossa Senhora.
- d) *Temos de aproveitar o mês de Maio para aumentar o nosso amor à Virgem Maria [perguntar-lhes e concretizar-lhes aquilo que podem oferecer ou fazer pela Virgem durante este mês de Maio].*

Durante este mês, dedicado a Nossa Senhora, podemos aumentar o nosso amor a Ela, tratando-A com especial carinho, ofere-

cendo-Lhe coisas, recorrendo com mais prontidão à Sua poderosa intercessão, vivendo essas devoções que temos explicado. Mas não se trata só de amar Nossa Senhora durante este mês. Ao longo de todo o ano e de toda a nossa vida, o amor à Virgem Santíssima deve ser muito grande e deve ir aumentando.

3. Perguntas-resumo

Quem é a Virgem Maria? Quais são as principais festas da Santíssima Virgem? E as mais importantes devoções marianas? Porque dizemos que a Virgem Maria é Mãe de Deus? Quais são os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos do Santo Rosário?

C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Como «flores espirituais» que se podem oferecer, sugerimos umas quantas a modo de exemplo:

- Fazendo com pontualidade o trabalho, vencendo a preguiça a começar pela manhã.
- Propor guardar com esmero a pureza nos pensamentos, palavras, desejos e obras.
- Procurar ser amável com os outros.
- Participar na missa e comungar.
- Oferecer algum sacrifício pelo fruto do apostolado.
- Rezar o Terço com devoção.
- Fazer com cuidado especial o Exame de consciência à noite.
- Oferecer a Nossa Senhora algo que custe.

2. *Uma maneira simples de fazer o Mês de Maio poderia ser:*

- Cântico de entrada:
- Oração: «Ó Senhora minha, ó minha Mãe ...».
- Escolher alguma das jaculatórias da ladainha ou eleger alguma citação dos Evangelhos referida à Virgem Maria e fazer um breve comentário.
- Oração: «Lembraí-Vos ó piíssima Virgem Maria ...».
- Cântico final.

3. A Romaria a uma ermida ou Santuário dedicado à Virgem Maria entusiasmará os alunos. Para isso pode-se:

- Rezar um Terço, ou ao menos algum mistério, quando se vai ao lugar determinado.
- Rezar o Terço, correspondente ao dia escolhido, com o cântico da Salve-Rainha, na ermida ou santuário.

- Na vinda pode-se rezar o terceiro Terço.
- Convém que a Romaria tenha um sentido penitencial, fazendo pequenos sacrifícios; que se distinga claramente de uma visita cultural ou simples excursão.

4. É sinal de amor à Santíssima Virgem trazer sempre o Escapulário do Carmo, imposto por um sacerdote. É uma lembrança contínua da protecção da nossa Mãe do Céu. Ela prometeu ajudar sempre, e de modo especial na hora da morte, os que trazem com amor o Seu Escapulário.

Habituar os alunos a beijar com frequência o escapulário ou medalha que tragam, especialmente antes de adormecer à noite.

5. A Igreja dedica um dia da semana para honrar a Santíssima Virgem. Motivar os alunos a cantar ou rezar a Salve-Rainha, aos Sábados.

6. Jaculatórias a Nossa Senhora recomendadas pela Igreja:

- Doce Coração de Maria, sede a minha salvação.
- Doce Coração de Maria, Trono da Sabedoria, rogai por nós.
- Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.
- Santa Mãe de Deus, ó sempre Virgem Maria, intercedei por nós.
- Maria, Mãe de graça, Mãe de misericórdia, defendei-nos do inimigo e amparai-nos agora e na hora da nossa morte.
- Santa Maria, Mãe do Amor Formoso, ajuda os teus filhos.

D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo da sessão no caderno, ilustrando-o com fotografias e desenhos.
- Desenhar umas quantas flores e escrever com letras maiúsculas, junto do desenho, coisas que podemos oferecer a Nossa Senhora.
- Fazer uma pequena descrição de alguma ermida ou santuário conhecido da Virgem.
- Levar um ramo de flores à imagem de Nossa Senhora que há na nossa Paróquia. Adornar a imagem da Virgem no nosso quarto.
- Perguntar aos pais se nos foi imposto o Escapulário do Carmo. Se não foi, perguntar ao sacerdote da Paróquia quando pode impô-lo.
- Escrever no caderno a seguinte oração:

«À Vossa protecção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas nas necessidades: mas livrai-nos sempre de todos os perigos, Virgem gloriosa e bendita.»

— Comentar brevemente a seguinte frase: «A Jesus sempre se vai e se 'torna a ir' por Maria».

E) PERGUNTAS DO CATECISMO

Manual de Doutrina Católica, nn. 123, 125 e 219.

ÍNDICE DO VOLUME I

<i>Apresentação</i>	5
O QUE DEVEMOS ACREDITAR: O CREDO	
Tema 0 — Indicações para a utilização dos guias	7
Tema 1 — Somos cristãos	17
Tema 2 — A Fé é um dom de Deus	27
Tema 3 — Deus criou o mundo por amor	37
Tema 4 — Deus criou os Anjos	47
Tema 5 — Deus criou o Homem livre e responsável	56
Tema 6 — Os nossos primeiros pais desobedeceram a Deus e pecaram	69
Tema 7 — Jesus livra-nos dos nossos pecados e torna-nos filhos de Deus	78
Tema 8 — Jesus Cristo é o Filho de Deus: perfeito Deus e perfeito Homem	87
Tema 9 — Jesus Cristo revela-nos que Deus é nosso Pai	96
Tema 10 — Deus escolheu a Virgem Maria para Mãe de Jesus	105
Tema 11 — Jesus Cristo ressuscitou para nos salvar	115
Tema 12 — O Espírito Santo opera a nossa santificação	125
Tema 13 — A Igreja continua a missão de Jesus	134
Tema 14 — A Igreja é o Corpo Místico de Cristo	144
Tema 15 — Jesus Cristo virá de novo como Juiz no fim do mundo	154
Tema 16 — O Céu é o prémio para os que amam a Deus	163

Tema 17 — O Inferno é o castigo para os que não amaram a Deus	173
Tema 18 — As almas do Purgatório purificam-se para se unirem a Deus	182
Tema 19 — O Mistério da Santíssima Trindade	191

O QUE DEVEMOS FAZER: OS MANDAMENTOS

Tema 20 — Conhecemos a vontade de Deus pelos Mandamentos da Lei de Deus	202
Tema 21 — Conhecemos a vontade de Deus pelos Mandamentos da Santa Igreja	211
Tema 22 — Toda a Lei de Deus se resume na caridade . .	218
Tema 23 — Primeiro Mandamento: Amar a Deus sobre todas as coisas	226
Tema 24 — Segundo Mandamento: Devemos honrar o nome de Deus	234
Tema 25 — Terceiro Mandamento: O Domingo é o dia do Senhor	241
Tema 26 — Quarto Mandamento: Jesus Cristo ensina-nos a amar os nossos Pais	251
Tema 27 — Quinto Mandamento: Só Deus é o Senhor da vida	260
Tema 28 — Sexto e Nono Mandamentos: Ensinam-nos a respeitar o nosso corpo	270
Tema 29 — Sétimo e Décimo Mandamentos: Somos administradores dos bens da Terra	280
Tema 30 — Oitavo Mandamento: O amor à verdade e o respeito à boa fama	290

ÍNDICE DO VOLUME II

<i>Apresentação</i>	5
O QUE DEVEMOS PEDIR E RECEBER: ORAÇÃO E SACRAMENTOS	
Tema 31 — Adoramos a Deus na oração	7
Tema 32 — Deus ensina-nos a rezar, com o Pai-Nosso e a Ave-Maria	17
Tema 33 — Deus concede-nos a graça	26
Tema 34 — Os sacramentos cristãos significam e conferem a graça	37
Tema 35 — O Baptismo torna-nos filhos de Deus e membros vivos da Igreja	47
Tema 36 — Na Confirmação recebemos o Espírito Santo	57
Tema 37 — Pecamos quando não cumprimos a vontade de Deus	67
Tema 38 — Na Confissão, Jesus perdoa-nos por intermédio do Sacerdote	75
Tema 39 — A nossa reconciliação com Deus	84
Tema 40 — A Eucaristia. Jesus está realmente presente na Eucaristia	93
Tema 41 — A Eucaristia: A Santa Missa é o Sacrifício da Cruz	102
Tema 42 — A Eucaristia: devemos saber participar na Santa Missa	110
Tema 43 — Sacramento da Eucaristia: Recebemos Jesus Cristo na Sagrada Comunhão	122
Tema 44 — A Unção dos Doentes	131
Tema 45 — O Sacerdócio ministerial	140
Tema 46 — O Sacramento do Matrimónio	152

FESTAS E TEMPOS DO ANO LITÚRGICO

Tema A—O templo é a casa de Deus	164
Tema B—O Dia Mundial das Missões recorda-nos que todos devemos fazer apostolado	175
Tema C—Preparamo-nos para celebrar a solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria	185
Tema D—Celebramos o Natal: Jesus vem ao mundo	193
Tema E—Na Quaresma precisamos de fazer penitência	201
Tema F—A Páscoa é o triunfo de Jesus Cristo	210
Tema G—S. José Nosso Pai e Senhor	220
Tema H—No Pentecostes, Deus Pai e Deus Filho enviam à Sua Igreja o Espírito Santo	230
Tema I—A Mãe de Deus é nossa Mãe	239

Este segundo volume do *Curso Elementar de Catequese* acabou de se imprimir no dia 2 de Outubro de 1980, Memória dos «Santos Anjos da Guarda», para Ed. CAS, Rua Fundação Gulbenkian, 104 (2.º andar), 4700 Braga, na Livraria Editora Pax, Limitada, Rua do Souto, 73-77 — 4700 Braga